



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

O BRASIL NA COPA DO MUNDO:

Uma identidade redescoberta

Paulo Henrique Soares de Almeida

**Brasília - DF
2014**



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO**

O BRASIL NA COPA DO MUNDO:

Uma identidade redescoberta

Paulo Henrique Soares de Almeida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília para obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Linha de pesquisa: Jornalismo e Sociedade

Orientadora: Prof. Dra. Célia Maria Ladeira Mota

**Brasília - DF
Dezembro de 2014**

Paulo Henrique Soares de Almeida

O BRASIL NA COPA DO MUNDO:

Uma identidade redescoberta

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília para obtenção do grau de Mestre em Comunicação.

Aprovada em ___/___/___.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Célia Maria Ladeira Mota (FAC/UnB)

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Cláudia Costa Brochado (HIS/UnB)

Avaliadora

Prof^a. Dr^a. Elen Cristina Geraldês (FAC/UnB)

Avaliadora

Prof^a. Dr^a. Maria Jandyra Cavalcante Cunha (FAC/UnB)

Suplente

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora doutora Célia Maria Ladeira Mota, que tive o privilégio de conhecer e que prontamente me auxiliou neste estudo.

Aos queridos professores Dr^a. Cláudia Costa Brochado, Dr^a. Elen Cristina Geraldês e Dr^a. Maria Jandyra Cavalcante Cunha, que participaram da minha banca.

Ao amigo Lutero Leme que me incentivou nesta conquista.

E à minha mãe, Reni Divina Soares de Almeida.

RESUMO

O estudo consiste em uma análise sobre as representações da identidade brasileira na imprensa on-line estrangeira. O objetivo foi estudar o conceito de identidade nacional na comunicação contemporânea e descobrir a visão que os jornais estrangeiros têm do Brasil em tempos de globalização e mundialização da cultura. A pesquisa usa como referencial teórico a análise crítica da narrativa, conforme proposta por Motta (2013), considerando o texto jornalístico como um gênero narrativo que constrói significados sobre a realidade do Brasil atual, examinando sua etapa de crescimento econômico e seus referenciais culturais a partir do olhar do outro, o estrangeiro. Como objeto de estudo, foram analisadas reportagens publicadas nos sites *El País* e *The Guardian*, entre junho de 2013 a julho de 2014, período em que aconteceu no Brasil a Copa das Confederações, a Copa do Mundo, além de inúmeras manifestações contra esses grandes eventos. O resultado encontrado foi que a Copa do Mundo serviu para resgatar o povo brasileiro como representação da identidade do Brasil.

Palavras-chave: Narrativas. Representações Sociais. Identidade brasileira. Copa do Mundo.

ABSTRACT

The study consists of an analysis of representations of Brazilian identity in the foreign press online. The objective is to study the concept of national identity in contemporary communication and discover the view that foreign newspapers have of Brazil in times of globalization of the culture. The study uses a theoretical reference of critical analysis of narrative, as proposed by Motta (2013), considering the journalistic text as a narrative genre that constructs meanings about the reality of Brazil nowadays, examining its stage of economic growth and its cultural references from the look of the other, the stranger. As an object of study, the reports were published in the sites of El País and The Guardian from June 2013 to July 2014, when happened in Brazil the Confederations Cup, the World Cup, as well as numerous demonstrations against these big events.

Keywords: Narrative. Social Representations. Brazilian Identity. World Cup.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
INTRODUÇÃO	11
1 O OLHAR DO EUROPEU AO LONGO DOS SÉCULOS	20
1.1 O primeiro relato sobre o Brasil	20
1.2 A terra antropofágica de Hans Staden	22
1.3 A contribuição dos jesuítas	24
1.4 Os estrangeiros chegam com a Coroa Portuguesa	25
1.5 O Brasil de Zweig	29
1.6 A memória e a imagem do Brasil no exterior	33
2 O USO DOS ESTUDOS CULTURAIS NA ANÁLISE DAS NARRATIVAS	37
2.1 Estudos culturais: origem e propagação	39
2.2 O que é cultura	44
2.3 Introdução ao conceito de identidade	46
2.4 Identidade nacional e cultura brasileira	48
2.4.1 O futebol como símbolo do país	51
2.5 Representações Sociais na construção da identidade	54
2.6 A questão da globalização	59
3 NARRATIVAS	62
3.1 Narrativas jornalísticas	64
3.2 As narrativas transculturais	67
3.3 A produção da narrativa no jornalismo on-line	71
3.4 Caminhos de análise da narrativa	73
4 CORPUS DA PESQUISA E APLICAÇÃO DA METODOLOGIA	79
4.1 Objetos de estudo	79
4.1.1 <i>The Guardian</i>	80
4.1.2 <i>El País</i>	83
4.2 A metodologia empregada na análise	85
4.3 O Brasil do <i>El País</i>	86
4.3.1 Brasil, ese adolescente rebelde	88
4.3.2 La corrupción em Brasil está relacionada con el carácter de los brasileños?	91
4.3.3 El polémico 'jeitinho' brasileiro	92
4.3.4 Por qué Brasil está contra la Copa?	94
4.3.5 La Copa quebrada	96

4.3.6 Se ha cansado Brasil de ser “el país del futuro”?	97
4.3.7 Brasil es también así	99
4.3.8 Qué Brasil resurgirá de los escombros de la Copa?	103
4.3.9 A imagem do Brasil no <i>El País</i>	104
4.4 O Brasil no <i>The Guardian</i>	106
4.4.1 Favela tourism in Rio de Janeiro	107
4.4.2 A year until the 2014 World Cup begins and Brazil's unease is growing	112
4.4.3 Brazil: the world at their feet	116
4.4.4 Brazil braces for uneasy start to world Cup as striker’s protests hit São Paulo	120
4.4.5 Ready or not, it is Brazil’s time to show the world	122
4.4.6 Brazil proves perfect host to inspire soul-stirring World Cup feast	125
4.4.7 A imagem do Brasil no <i>The Guardian</i>	128
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	135
ANEXOS REPORTAGENS ANALISADAS NO <i>EL PAÍS</i> E <i>THE GUARDIAN</i>	145
ANEXO A – <i>El País</i> 05 jul. 2014	146
ANEXO B – <i>El País</i> 01 jul. 2014	148
ANEXO C – <i>El País</i> 03 ago. 2014	151
ANEXO D – <i>El País</i> 13 maio 2014	153
ANEXO E – <i>El País</i> 14 jul. 2014	156
ANEXO F – <i>El País</i> 28 jan. 2014	159
ANEXO G – <i>El País</i> 21 abr. 2014	163
ANEXO H – <i>El País</i> 31 dez. 2013	166
ANEXO I – <i>The Guardian</i> 10 jun. 2014	170
ANEXO J – <i>The Guardian</i> 11 jun. 2014	173
ANEXO K – <i>The Guardian</i> 13 jul. 2014	177
ANEXO L – <i>The Guardian</i> 31 maio 2014	181
ANEXO M – <i>The Guardian</i> 11 jun. 2013	188
ANEXO N – <i>The Guardian</i> 02 nov. 2013	191

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa estuda a nacionalidade cultural brasileira na imprensa europeia. Sou jornalista e minha proposta é contribuir com uma visão crítica de um profissional da área, que não apenas interpreta as narrativas escritas por outros colegas de profissão, mas que também compreende a rotina de trabalho que esses textos são produzidos.

A escolha do europeu se deu pelo fato de ter sido o primeiro povo a escrever uma narrativa sobre o Brasil, pois sabemos que é na Carta de Pero Vaz de Caminha que se encontram as raízes de nossas representações, contadas e recontadas ao longo dos séculos. Logo, a primeira pergunta que nos vem à mente é: por que é tão importante saber o que os outros pensam sobre nós? Por vários motivos. Na concepção do jornalista e escritor brasileiro Daniel Buarque, “se um país tem uma boa imagem, é mais fácil e barato atrair investimentos, turistas, ajuda a respeito da opinião global, além de valorizar seus produtos e seu povo em todo planeta” (BUARQUE, 2013, p. 33).

O interesse sobre o tema surgiu quando viajei para o exterior pela primeira vez, em 2000, e percebi que muitas pessoas com quem tive contato não sabiam muito sobre o Brasil. Certo dia, um repórter que estava a caminho do Rio de Janeiro me pediu algumas dicas para poder escrever seu texto. Queria saber sobre carnaval, mulheres, festas, praias e onde encontrar a melhor caipirinha. Sua viagem se resumia entre poucos dias em São Paulo e outros na Cidade Maravilhosa. Quando na volta me pediu para ler seu texto, encontrei uma narrativa mergulhada em observações superficiais e confusas, devido a muitos trocadilhos, já que ele não conseguia compreender as diferenças entre algumas pronúncias da nossa língua. Essa experiência me levou a imaginar os perigos que envolvem uma interpretação errada de uma cultura não familiar.

Por outro lado, o brasileiro sempre quis saber sobre os outros países e, principalmente, o que os outros pensam sobre ele. Buarque (2013) afirma que quando um brasileiro se vê representado em um jornal estrangeiro, por exemplo, “isso valida e reproduz a posição dele” (BUARQUE, 2013, p. 13). É a construção de uma identidade pela afirmação do outro.

No entanto, com o mundo cada vez mais globalizado e a mundialização da cultura, me despertou o interesse em estudar o que os outros pensam sobre o Brasil do século XXI. Para isso, a Copa do Mundo de 2014 foi o cenário ideal para esta pesquisa. Um período que surgiram inúmeros acontecimentos importantes com situações inéditas no país. Entre eles, podemos destacar as manifestações contra o governo iniciadas em junho de 2013, quando os brasileiros saíram às ruas para lutar por direitos à cidadania e criticar os altos investimentos

com as obras no torneio. Sedar o Mundial serviu não apenas para despertar o interesse de outras nações sobre o Brasil, como também para discutir as atuais representações da identidade do país, como o próprio futebol, por exemplo. Estaria o Brasil vivendo uma crise de representação?

O estudo dá continuidade a pesquisas que faço na Universidade de Brasília desde 2012, quando ingressei no curso de Mestrado na Faculdade de Comunicação. Entre 2012 e 2014 foram produzidos quatro trabalhos e apresentados em congressos nacionais e internacionais com orientação da professora doutora Célia Ladeira Mota. O primeiro, em 2012, foi sobre a construção da identidade do jornalista Ricardo Noblat no Twitter. A segunda pesquisa, apresentada com o apoio da Finatec em julho de 2013 no Congresso Internacional de Lusofonia, em Portugal, foi um estudo para descobrir como o brasileiro estava construindo sua identidade na rede social Instagram e se representando para o outro. O artigo rendeu ainda um capítulo no livro digital da Universidade do Minho. Em seguida, para o XVI Congresso Internacional de Humanidades, realizado na Universidade de Brasília em setembro de 2013, a professora Célia e eu escrevemos um artigo relacionado ao tema deste trabalho para saber como o *The Guardian* representou o Brasil aos seus leitores. E o quarto, apresentado no XII Congresso da Associação Latino Americana de Investigadores da Comunicação (Alaic), em agosto de 2014 em Lima, no Peru, discutiu como a cultura e a identidade brasileira influenciam a democracia e a cidadania brasileira.

Entre os resultados deste trabalho, temos que estudar a identidade do Brasil é importante para conhecermos nós mesmos, já que são os brasileiros, desde sempre, a principal referência e a representação mais admirável deste país.

INTRODUÇÃO

Os brasileiros sempre foram fascinados pelo que os outros pensam deles. Desde as ações ‘para inglês ver’ do período do Império, chegamos a uma relação dúbia com esta imagem externa. Por um lado, queremos ser vistos admirados, tentamos vender a imagem de um povo feliz, um país de festa; por outro, reclamamos quando os estrangeiros simplificam nossa nação como decorativa, terra do carnaval e, numa consciência deturpada, da sensualidade. Por um lado, reclamamos publicamente dos nossos problemas e até pedimos apoio internacional para resolvê-los; por outro ficamos ofendidos quando nossas falhas são divulgadas e discutidas pelos estrangeiros. [...] Seria interessante entender que imagem internacional o país tem, e poder apresentar isso ao público brasileiro (BUARQUE, 2013, p. 12-17).

Este trabalho consiste em uma análise sobre as representações da identidade brasileira na imprensa on-line europeia. O objetivo é estudar o conceito de identidade nacional na comunicação contemporânea e descobrir a visão que os jornais estrangeiros têm do Brasil em tempos de globalização e mundialização da cultura. O estudo usa como referencial teórico a análise crítica da narrativa conforme proposta por Motta (2013), considerando o texto jornalístico como um gênero narrativo que constrói significados sobre a realidade do Brasil atual, examinando sua etapa de crescimento econômico e seus referenciais culturais. Luiz Gonzaga Motta é professor da Universidade de Brasília (UnB) e, assim como a professora Célia Ladeira Mota, orientadora desta pesquisa, trabalha com os processos cognitivos das narrativas midiáticas, identidade, a história do presente, mídia e política.

Além desses autores, trabalhamos neste estudo com o conceito de identidade defendido por Stuart Hall (2011), com o conceito de cultura destacado por Raymond Williams (2011) e as representações sociais de Serge Moscovici (2011). Hall é um dos fundadores do Centre for Contemporary Cultural Studies, da Universidade de Birmingham, e um dos precursores dos estudos culturais, assim como Raymond Williams (2011). Já Moscovici (2011) foi o primeiro a introduzir o conceito de representações sociais na psicologia contemporânea há cerca de 40 anos.

Como objeto de estudo foram analisadas reportagens publicadas sobre o Brasil nos sites *El País* e *The Guardian* entre junho de 2013 a julho de 2014, período em que aconteceu no Brasil a Copa das Confederações, a Copa do Mundo, além de inúmeras manifestações contra esses grandes eventos.

Com base na afirmação de Hall (2011) de que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio”, a proposta do trabalho foi saber que tipo de Brasil foi apresentado lá fora: um país em desenvolvimento ou um lugar atrasado e subdesenvolvido? O olhar do estrangeiro sobre o país repete velhos estereótipos ou se aproxima mais da realidade vivida pelo Brasil?

O recorte da pesquisa se deu pela notoriedade do tema. Sediar a Copa das Confederações de 2013 e a Copa do Mundo de 2014 foi uma responsabilidade não apenas social e política, mas também cultural. Um momento em que os olhos do mundo estavam voltados para o Brasil, conhecido como a nação do futebol. Momento este em que jornais de vários países escreveram sobre o anfitrião, orientaram os turistas que vieram para assistir aos jogos e discutiram com frequência temas importantes, como investimentos, estruturas, segurança, serviços públicos, entre outros. Foi um período, entretanto, em que ressurgiu a discussão sobre a maneira de representar o país. Nas palavras de DaMatta (1986), “todas as festas – ou ocasiões extraordinárias – recriam e resgatam o tempo, o espaço e as relações sociais. As festas promovem a descoberta do talento, da beleza, da classe social, do preconceito e da alegria” (DAMATTA, 1986, 84). É, portanto, nas celebrações que tomamos consciência de coisas gratificantes e dolorosas. Quando tudo aquilo que normalmente passa despercebido é ressaltado.

Neste sentido, a escolha do período de análise da pesquisa também foi decidida pelo fato de que, durante este tempo, o país foi também palco de inúmeros protestos contra os jogos. As manifestações, iniciadas em junho de 2013, tiveram repercussões importantes, não só lá fora como também dentro do Brasil. Muitos jornais chegaram a afirmar que elas mudaram a nossa identidade, já que o brasileiro, representado sempre por ser hospitaleiro e apaixonado pelo futebol, passou a ser visto como alguém que descobriu seus direitos de cidadania e foi às ruas em protesto contra os excessos nos gastos para a Copa do Mundo.

A escolha do texto jornalístico como objeto de estudo é justificada pela afirmação de Ladeira Mota (2012), segundo a qual, a prática de construção de identidade se dá pela narrativa. O tema é também atual, já que segundo a autora, a globalização e a perspectiva pós-moderna anunciaram o fim das grandes narrativas, especialmente do funcionalismo e do marxismo como formas de organização social. “Este relativismo geral produz mudanças de profundidade na percepção e no sentido das identidades” (LADEIRA MOTA, 2012, p.206). Ladeira Mota (2012) explica que uma das consequências deste cenário pós-moderno é o surgimento de uma nova concepção de cidadania, ocasionada por estas multinarrativas. Neste panorama, “o jornalismo se torna uma prática de expor, refletir e fazer circular significados e reflexões sobre as contradições do tempo presente” (LADEIRA MOTA, 2012, p. 207).

Se o jornalismo é uma das práticas de construção de significados sobre os acontecimentos, é também por meio dele que se dá a reflexão sobre nosso tempo, nossas representações, práticas econômicas e sociais, ou seja, a base para a construção de nossa identidade. É essa a questão que discutimos neste estudo. Para ter uma ideia da importância

do tema, ao entrevistarmos 55 turistas estrangeiros que vieram para a Copa do Mundo de 2014, 70% afirmaram que os jornais de seus países não representam um Brasil verdadeiro, já que os assuntos que estão na pauta são sempre os mesmos, como samba, carnaval, futebol, além das notícias negativas, como insegurança, favela e corrupção.

O pesquisador francês Dàvid Ranc também foi contrário às inúmeras representações negativas que surgiram na mídia sobre o Brasil durante a Copa. Em artigo publicado no dia 26 de junho de 2014, no site *Football Research in Enlarged Europe (Free)*, ele classificou o Mundial de 2014 como um evento superior aos Jogos Olímpicos de 2012, realizados em Londres. No post, o autor destacou a distância entre a realidade e a percepção da imprensa estrangeira e falou sobre a memória coletiva da mídia, cada vez mais pessimista em relação aos países do sul. “Quando um evento é organizado por um país do sul, o discurso e a memória são de um fiasco em potencial, mesmo que isso não se materialize. Mas se for feito por um país do norte, o discurso e a memória são de sucesso, mesmo se tiver sido um fiasco” (RANC, 2014).

Opiniões como estas dos turistas estrangeiros e do pesquisador francês mostram que, assim como coloca Martino (2010), a construção da identidade é indissociável da narrativa, mas esse procedimento só é eficiente quando o narrador compreende o mundo ao seu redor e o transforma em um conjunto de textos adequado.

Os limites começam na linguagem e na sociedade, passando pela psicologia do narrador e pelas condições históricas de produção do discurso a respeito de qualquer coisa. A narrativa está vinculada ao tempo. Pode superar as barreiras do tempo, mas não pode superar algumas determinações da época em que nasceu. Uma narrativa pode ser imortal, mas não é eterna. O jogo de forças que enquadra os limites de uma narrativa geralmente se constitui a partir de elementos externos à história em si. As narrativas nacionais, políticas, identitárias de uma maneira geral, constituídas na literatura, nas tradições – em uma palavra, na cultura -, estão diretamente ligadas aos espaços de onde elas provêm. (MARTINO, 2010, p. 41).

Para Martino, a identidade é um problema que sempre desperta a atenção de filósofos e pesquisadores preocupados em definir o que é ser humano e como ele chega a ser quem é. E trazendo a discussão para a questão da identidade brasileira, Ortiz (2012) afirma que o tema é um antigo debate que se trava no Brasil, mas que permanece atual.

Muito tem se discutido sobre o que é ser brasileiro e como representar este país, o quinto maior do mundo em área territorial com mais de 200 milhões de habitantes. Entre suas características singulares, o Brasil é o único lugar onde se fala majoritariamente a língua portuguesa na América e o maior país lusófono do mundo, além de ser uma nação multicultural, devido a forte imigração que recebeu ao longo dos anos. Tudo isso aponta que a identidade brasileira é um processo em construção e um dos problemas para o analista é

compreender como a questão cultural se estrutura atualmente, época em que o efeito da globalização é indiscutível. “Na medida em que o capitalismo atinge novas formas de desenvolvimento, tem-se que novos tipos de organização da cultura são implantados” (ORTIZ, 2012, p. 8). A afirmação de Ortiz responde a pergunta que originou este trabalho de pesquisa. Por que estudar identidade nacional na contemporaneidade?

Hall (2012) afirma que, nos últimos anos, estamos observando “uma verdadeira explosão discursiva em torno do conceito de identidade”. Para o autor, a importância de estudar a questão na contemporaneidade pode se explicada de duas formas. A primeira consiste em observar a existência de algo que distingue a crítica desconstrutiva a qual muitos destes conceitos essencialistas têm sido submetidos e a segunda consiste em analisar a irreduzibilidade do conceito de identidade.

Penso que a resposta, neste caso, está em sua centralidade para a questão da agência e da política. Por política, entendo tanto a importância - no contexto dos movimentos políticos em suas formas modernas - do seu significante identidade e de sua relação primordial com uma política da localização, quanto as evidentes dificuldades e instabilidades que têm afetado todas as formas contemporâneas da chamada ‘política de identidade’ (HALL, 2012, p. 104-105).

De acordo com Hall (2012), a identidade é simbólica e sempre foi uma questão política. Ela está ligada a grupos sociais e ao Estado. Para ele, a identidade tem caráter de poder, é plural e construída em diferentes momentos históricos.

Um dos estudiosos sobre a representação do Brasil no exterior, Daniel Buarque (2013) pesquisou sobre a imagem do país nos Estados Unidos e concluiu que os gringos estão cada vez mais eufóricos sobre nós. De acordo com o autor, o Brasil parece ter alcançado o que há sete décadas era considerado seu futuro. “Depois de tanta coleta de informações, é possível dizer que a sensação de que o Brasil está recebendo mais atenção é unânime” (BUARQUE, 2013, p. 21).

Um dos argumentos que envolvem o debate sobre a identidade brasileira atual é a forte transformação que o Brasil está vivendo nos últimos anos. De acordo com Buarque (2013), por mais que os observadores internacionais ainda vejam muitos problemas, o avanço brasileiro nos 16 anos em que o país foi governado pelos presidentes Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva é apontado como uma enorme mudança na mentalidade política brasileira. “Os motivos para toda essa empolgação são muitos, a começar pelo fato de o Brasil ter se segurado de pé durante a crise financeira que afetou o planeta em 2008” (BUARQUE, 2013, p. 24). Soma-se a isso, o enorme crescimento da visibilidade do Brasil ao ser incluído no mesmo grupo dos BRICS, bloco de nações emergente constituído por China, Rússia, Índia e África do Sul.

Também de acordo com o Relatório do Desenvolvimento Humano de 2013, o mais recente de uma série de relatórios publicados desde 1990 pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o Brasil está produzindo avanços significativos nas últimas décadas. Segundo os dados da pesquisa, embora o país ainda ocupe o 85º lugar no ranking mundial do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), a mesma posição registrada em 2011, o país registrou melhorias em 2012. Um dos exemplos do avanço destacado é que o país conseguiu reduzir a percentagem da população em situação de pobreza de rendimentos. O número de pessoas que vivem com menos de 1,25 dólares por dia no Brasil caiu de 17,2% da população em 1990 para 6,1% em 2009.

Outro dado importante do relatório 2013 do PNUD é que, pela primeira vez em 150 anos, o produto combinado das três principais economias do mundo em desenvolvimento – o Brasil, a China e a Índia - é aproximadamente igual aos Produtos Internos Brutos (PIB) combinados das antigas potências industriais do Norte: Canadá, França, Alemanha, Itália, Reino Unido e Estados Unidos. Se em 1950, o Brasil, a China e a Índia representavam em conjunto apenas 10% da economia mundial, as projeções do relatório 2013 do PNUD preveem que, até 2050, estes três países representarão em conjunto 40% de todo o produto mundial.

Além disso, outros pontos do relatório são importantes quando analisamos a questão dos efeitos da globalização no país. De acordo com os dados, o comércio, as deslocamentos e as telecomunicações aumentaram e continuam aumentando em todo o mundo. Um dos exemplos é o número maior de turistas que o Brasil recebe a cada ano. Dados do Anuário Estatístico de Turismo 2013, elaborado pelo Ministério do Turismo, comprovam a afirmação. Segundo o anuário, em 1970 o Brasil registrava 249.900 turistas. Em 2012 esse número subiu para 5.676.843, sendo os principais países emissores, na ordem, Argentina, Estados Unidos, Alemanha, Uruguai e Chile.

Outra questão dos efeitos da modernidade são as novas comunicações. De acordo com o Media Book 2014, pesquisa produzida pelo IBOPE para compreender o cenário de consumo dos meios de comunicação na América Latina, o Brasil fechou 2013 com 60% da população acessando a internet com frequência. Neste grupo, 86% se conectavam de casa e 24% também do trabalho. Entre esses internautas, 56% pertencem à classe A e B com faixa etária predominante entre 25 a 34 anos (27%).

O Brasil também está entre os países que mais usam as redes sociais. No Facebook, por exemplo, são mais de 76 milhões de brasileiros na plataforma, abaixo apenas da Índia e dos Estados Unidos, de acordo com relatório publicado em 2013 (GOMES, 2013).

É claro que quando analisamos o Brasil, a quinta maior nação do mundo em área territorial (equivalente a 47% do território sul-americano), os avanços são significativos, mas o país ainda enfrenta grandes problemas sociais. O Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil de 2013 mostra que o índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) - que compreende indicadores de três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda - cresceu 47,5% entre 1991 e 2010, mas o IDHM Educação, por exemplo, é o que menos contribui para o IDHM do Brasil. Este índice saiu de 0,279 (1991) para 0,637 (2010), sendo classificado na faixa Médio Desenvolvimento Humano.

Portanto, apesar dos avanços já mencionados, o Brasil ainda continua com grandes desigualdades sociais, serviços precários e passa por crises políticas, como por exemplo, os protestos que começaram a tomar conta do país no período da Copa das Confederações de 2013 e ganharam notoriedade pelo mundo afora. Giddens (1991) já previa que o cenário é um reflexo das consequências da modernidade. “A despeito dos altos níveis de segurança que os mecanismos globalizados podem propiciar, o outro lado da moeda é que novos riscos surgiram: recursos ou serviços já não estão mais sob controle local” (GIDDENS, 1991, p. 128). É um dos efeitos da globalização, quando o Estado começa perder o controle de sua nação, que em um mundo conectado, busca uma nova forma de representação e identidade.

Ao discorrer sobre identidade, Bauman (2005) faz uma comparação às comunidades guarda-roupas que são reunidas apenas enquanto dura o “espetáculo” e depois desfeitas. Globalização, para o autor, significa que o Estado não tem mais o poder ou o desejo de manter uma união sólida e inabalável com a nação. “Até mesmo o patriotismo, o ativo mais zeloso preservado pelos Estados-nações, foi transferido às forças do mercado e por elas remodelado para aumentar os lucros” (BAUMAN, 2005, p. 34).

O fato é que vivemos o momento da internet. É época em que as informações midiáticas circulam de forma global e as novas tecnologias de comunicação assumem um papel importante na propagação da informação e interatividade. Para pesquisadores como Thompson (2012), os novos meios de comunicação mudam as maneiras pelas quais os indivíduos se relacionam. “O desenvolvimento da mídia cria novos campos de ação e interações que envolvem formas características de visibilidade, nos quais as relações de poder podem mudar de formas rápidas e imprevisíveis” (THOMPSON, 2012: 12). Com a internet, um jornalista que está no Brasil, por exemplo, recebe informações sobre uma guerra do outro lado mundo em questões de segundos. Ele pode pesquisar a notícia em uma rede social, ver fotos, textos, imagens, áudio e a partir de então construir seu texto sem mesmo estar presente no local do acontecimento. A mobilidade é hoje uma grande questão e com as novas

tecnologias, um site jornalístico, que carrega o poder da credibilidade, acaba assumindo um papel importante na construção da imagem de uma comunidade, lugar ou nação. “A era da compressão espaço-temporal, da ilimitada transferência de informação instantânea, é também a era de uma quase total quebra de comunicação entre elites instruídas e o populus”, (BAUMAN, 1999, p. 110). Para Hall (2011), este é momento em que as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio e isso se deve principalmente pela rapidez da comunicação.

Portanto, todas as mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais que estão acontecendo interferem na identidade do Brasil atual. Por isso, para entendermos a sociedade brasileira, de acordo com DaMatta (1986), é preciso uma chave dupla: de um lado ela é atual e do outro antiga. “É, no entanto, no saber ligar as duas faces que está concentrado o futuro da nossa identidade” (DAMATTA, 1986, p. 20).

É o que Gadamer 2006 defende como consciência histórica, ou seja, compreender o passado a partir do próprio contexto em que ele emerge. Segundo o autor, a consciência do presente assume uma posição reflexiva com relação a tudo que lhe é transmitido pela tradição. “A consciência histórica já não escuta beatificamente a voz que lhe chega do passado, mas ao refletir sobre a mesma, recoloca-a no contexto em que ela se originou, a fim de ver o significado e o valor relativos que lhe são próprios” (GADAMER 2006, p.18). De acordo com o autor, o que interessa ao conhecimento histórico hoje não é saber como os homens, os povos, os Estados se desenvolvem, mas como este homem, este povo, este Estado veio a ser o que é e como todas as coisas aconteceram para chegar onde está.

É, portanto, uma reflexão da tradição por meio da história e neste campo, esta pesquisa aponta as narrativas como objeto de estudo para este caminho. E se já dissemos que a prática de construção de identidade se dá pela narrativa, é importante ressaltar a questão da interpretação e o papel do pesquisador. Segundo Gadamer (2006), quando buscamos compreender um texto, é necessário apreendermos o sentido, o significado e toda perspectiva daquilo que nos é transmitido da maneira mais completa possível. “Somente a partir do todo, que se forma não apenas por meio de fatores objetivos, mas, em primeiro lugar, pela subjetividade do autor, que surge a compreensão” (GADAMER 2006, p.58). Os estudos de Gadamer sobre interpretação destacam ainda o papel do intérprete como mediador entre o texto e a totalidade nele submetida, onde “toda interpretação de um texto deve, pois, começar por uma reflexão do intérprete sobre as ideias preconcebidas que resultam da situação hermenêutica em que ele se encontra. Ele deve legitimá-la, isto é investigar sua origem e seu valor” (GADAMER 2006, p.59). As afirmações de Gadamer destaca um cuidado que tivemos

nesta pesquisa: a importância de buscar compreender as narrativas dentro de seu contexto, posição do autor e cultura.

Para encerrar, segue uma última questão relevante à justificativa deste trabalho. Afinal, qual a importância de um estudo sobre o a opinião do estrangeiro sobre nós? Ecoando Ortiz, Stevens (2000) acredita que o Brasil, anestesiado por séculos de subserviência ao dispositivo euro-ocidental, encontra-se atualmente em um dinâmico processo em busca de uma substância brasileira. Dentro deste processo, de acordo com a autora, é importante analisarmos o conhecimento de outras culturas para o enriquecimento de nossa própria, sobretudo no atual estágio de internacionalização do mundo moderno. Ao explicar a importância do olhar estrangeiro sobre o Brasil, a autora usa uma citação de Regina Przybycien. Ela afirma que “a nossa identidade também se molda na tensão entre o discurso do outro sobre nós e nossa resposta a esse discurso” (PRZYBYCIEN *apud* STEVENS, 2000, p. 14).

Já na visão de Buarque (2013), entender a percepção que outros países têm do Brasil é importante porque tudo o que uma nação quer fazer depende de sua imagem. “O mundo é muito grande, as pessoas não conhecem bem todos os países e baseiam suas opiniões e decisões na imagem genérica que o país tem internacionalmente” (BUARQUE, 2013, p. 34). Em relação à Copa do Mundo e as Olimpíadas, por exemplo, Simon Anholt, coordenador da Nation Brands Index (NBI), pesquisa que mede a reputação de 50 países de acordo com a percepção internacional, afirma que o sucesso do Brasil nos dois eventos depende de como o país vai aproveitar as oportunidades. Para ele, acontecimentos como estes não melhoram a imagem do país automaticamente, mas são ótimas oportunidades de se destacar na mídia global. De acordo com o consultor britânico, “Não vai ser bom para o Brasil ser visto apenas como um ótimo lugar para uma festa, pois estamos falando de uma das potências emergentes em economia e política que precisa usar esta oportunidade para mostrar que é útil, além de decorativo” (ANHOLT *apud* BUARQUE, 2013, p. 33).

Sendo assim, para entendermos como a identidade brasileira foi representada pela mídia europeia durante a Copa do Mundo de 2014 e quais recursos da narrativa são articulados nessas representações, foram feitos os seguintes passos: primeiro, um resgate histórico do olhar europeu sobre o Brasil, desde a Carta de Pero Vaz de Caminha até o século XXI, para entendermos o passado e então nos familiarizarmos com o papel que a tradição desempenha no comportamento histórico. Este estudo está no primeiro capítulo da dissertação. Em seguida, no segundo capítulo, apresentamos uma introdução sobre os Estudos Culturais e os conceitos usados neste trabalho, como cultura, identidade e representações

sociais. São afirmações defendidas por renomados pesquisadores, como Moscovici, Hall, Williams, entre outros. Depois, no terceiro capítulo, encontra-se a parte metodológica deste estudo, onde questões sobre narrativas são discutidas. A ideia foi mostrar como os estudos culturais servem de base para analisar a construção da identidade na narrativa jornalística e ainda como essas narrativas são colocadas dentro de um espaço transcultural. O corpus da pesquisa e a aplicação da metodologia estão no quarto capítulo. Nesta etapa são apresentadas as matérias selecionadas para o estudo, entrevistas com os jornalistas autores dos textos, além do caminho metodológico, que tem como ênfase o plano de expressão e as representações do Brasil no texto. Por fim, na conclusão, abordamos uma discussão sobre os efeitos da imagem do Brasil construída nesses jornais on-line durante o período em destaque.

1 O OLHAR DO EUROPEU AO LONGO DOS SÉCULOS

A história nos fornece narrativas que dizem quem somos, de onde viemos e para onde devemos ir. Segundo Liu e Hilton (2005), essas narrativas definem uma trajetória importante na construção da essência da identidade de um grupo a partir de representações sociais e culturais e apontam suas opções diante dos desafios atuais. “Essas representações são essenciais para a construção da identidade, normas e valores” (LIU, HILTON, 2005, p. 1). Para os autores, o que dá início a representação de um grupo e de sua história é, portanto, a sua carta patente, um relato de sua origem e sua missão histórica, reparada ao longo do tempo para refletir sobre circunstâncias mutáveis. De acordo com Liu e Hilton (2005), essas cartas tem a função de um mito fundador para a sociedade. Elas definem os direitos e obrigações de um grupo, legitimando sua cultura por meio da experiência compartilhada e transmitida ao longo de gerações por meio da educação e outros meios de comunicação. É pelo exame delas que a história é reconstruída pelo estrangeiro, numa leitura que mescla identidades e diferenças.

1.1 O primeiro relato sobre o Brasil

Ao buscar a origem histórica do olhar estrangeiro sobre o Brasil, temos que as narrativas de viagens são as primeiras fontes de informações sobre o país no exterior. Por aqui, na “terra dos papagaios”, como o Brasil era conhecido lá fora, este gênero literário tem início com a carta de Pero Vaz de Caminha, endereçada ao rei de Portugal, D. Manoel, contando com detalhes a viagem de Pedro Álvares Cabral e os dias inaugurais da futura nação. A partir deste documento histórico, as narrativas de viagens tornaram-se uma verdadeira fonte de informação para o leitor entender como era este novo mundo que recebeu os colonizadores em 22 de abril de 1500.

Caminha era o escrivão da frota de Cabral e estava encarregado de fazer o relato oficial do encontro com a nova terra. Sua carta ficou desaparecida por quase três séculos e só foi redescoberta em 1773, tendo sua primeira publicação em 1817. Com sete páginas, escrita com um forte tom político e diplomático, o clímax da narrativa era justamente a relação entre os portugueses e os nativos:

E estando Afonso Lopes, nosso piloto, em um daqueles navios pequenos a mandado do Capitão, por ser homem vivo e competente para isso, meteu-se logo no esquife a sondar o porto por todas as partes; e tomou então, dois daqueles homens de terra,

mancebos e de bons corpos, que estavam numa jangada. Um deles trazia um arco e seis ou sete flechas, porém deles não fizeram uso em nenhum momento. (...) A feição deles é parda, algo avermelhada, de bons rostos e bons narizes. Em geral são bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de cobrir ou mostrar suas vergonhas, e nisso são tão inocentes como quando mostram o rosto (CAMINHA *apud* CASTRO, 2013, p. 89-90).

Nota-se que os principais estereótipos, que tanto representaram e ainda representam a imagem do Brasil no exterior, já estavam presentes na carta de batismo. Além de caracterizar o país como um gigante por sua natureza, destacando minuciosamente sua beleza tropical, fauna e flora, Caminha descreve com detalhes também os nativos. Segundo a narrativa, os homens eram fortes e as mulheres, nuas, eram "tão graciosas que muitas de nossa terra, vendo-lhes tais feições, provocariam vergonha" (CAMINHA *apud* CASTRO, 2013, p. 95). Os nativos eram pacíficos, fáceis de manipular - trocavam arcos e flechas por qualquer mercadoria que fosse dada -, gentis, inocentes, alegres, festeiros, falantes e hospitaleiros. "Enquanto ali andavam, dançaram e bailaram sempre com os nossos, ao som de um tambor, como se fossem mais amigos nossos do que nós dos seus" (CAMINHA *apud* CASTRO, 2013, p. 109).

Castro (2013), ao estudar a carta de Pero Vaz de Caminha, afirma que o documento tem para o Brasil um duplo valor: serve como a memória estável dos primeiros atos de seu nascimento, permitindo aos brasileiros a consciência de uma história claramente colocada no tempo conhecido e no espaço cultural correspondente, e também serve como um importante testemunho sobre dois elementos que podem ser considerados a base do futuro indivíduo brasileiro: o português e o índio. Na concepção de Castro, soma-se ainda o fato de a carta ser uma revelação de uma terra cheia de magia, onde não importava se existia realmente ouro, prata ou pedras preciosas, mas sim a revelação do mito do paraíso perdido, tão importante na época dos descobrimentos marítimos, ou ainda o mito do Novo Mundo que, ao contrário do Velho Mundo, representado pela Europa, se torna "o lugar ideal, onde o homem reencontra a sua juventude perdida e a primitiva pureza" (CASTRO, 2013, p. 140).

Este primeiro relato sobre o Brasil é visto como uma descrição naturalista que predominará no país por muitos anos e que servirá como fonte de inspiração para muitos cronistas e viajantes interessados em revelar as maravilhas do país ao mundo. Para Castro (2013), a carta representa o futuro incondicional para a realidade brasileira. "É a tomada de consciência através da palavra. Principalmente a palavra escrita" (CASTRO, 2013, p. 121).

No entanto, depois de um tempo, o Brasil é verdadeiramente descoberto pela corrida imperialista europeia e o paraíso de Caminha começa a perder suas forças. Não demorou muito para que a busca de poder tomasse conta da relação pacífica entre colonizadores e

colonizados, dando início à formação de outras características brasileiras que também vão fazer parte da história do Brasil e representar o país mundo a fora. No começo a violência, descrita primeiramente nos episódios de morte ou expulsão dos indígenas para longe de suas terras, depois a escravidão, a entrada dos navios negreiros, o trabalho sem dignidade, a conturbada relação política, a corrupção, a miséria, as constantes mudanças econômicas, ocasionadas pela corrida do ouro, algodão, açúcar, café e tantos outros acontecimentos que foram se transformando nas principais representações deste novo mundo e que interferiram na construção de sua identidade.

Depois de Pero Vaz de Caminha, muitos outros europeus vão contar a história do Brasil. Entre eles, o francês Thevet e o alemão Hans Staden, no século XVI; o holandês Barleus, no século XVII; o italiano Antonil, no século XVIII; o inglês Southey, o alemão Humboldt e o francês Debret, no século XIX; Stefan Zweig, no século XX e outros. Cada um conta sua história a partir do seu ponto de vista e experiências. É a questão do prisma, que Cunha (2000) destaca ao estudar os autores estadunidenses John dos Passos, Errol Lincoln Uys e John Updike. De acordo com a pesquisadora, o que esses autores vêem é apenas um ângulo ou "parte da verdade que eles enxergaram de onde estavam colocados em um determinado tempo" (CUNHA, 2000, p. 76).

É o que acontece, por exemplo, com a descrição dos índios brasileiros. Enquanto Pero Vaz de Caminha vê os nativos como seres inocentes, belos, puros e propensos à catequização, Hans Staden descreve os indígenas como seres antropofágicos, contribuindo para criar no imaginário do leitor europeu do século XVI, sedento pelas novidades do Novo Mundo, a imagem de uma terra brasileira perigosa e destrutiva.

1.2 A terra antropofágica de Hans Staden

A narrativa de Hans Staden se destaca por ser a primeira literatura de viagem sobre o Brasil que combina texto e ilustrações e, de acordo com Bueno (2013), ela "espantou e extasiou a Europa letrada daquele fim de século" (BUENO, 2013, p. 10). Publicada em Marburgo, na Alemanha, em 1557, a obra descreve com muito realismo as duas viagens que Staden fez ao Brasil no século XVI. A primeira em 1547 e a segunda em 1550, quando chegou a bordo de um navio espanhol para fundar vilas castelhanas no sul do Brasil. Tendo sua missão fracassada, ele foi parar em Bertioga, onde foi aprisionado pelos Tupinambás, inimigos dos portugueses. É como prisioneiro dos indígenas que acontece o clímax de sua

narrativa, quando ele passa nove meses sendo ameaçado de ser devorado em um ritual antropofágico.

Depois de ser resgatado por um navio francês, Staden voltou a sua terra natal e publicou sua aventura com o título original: *História Verdadeira e Descrição de uma Terra de Selvagens, Nus e Cruéis Comedores de Seres Humanos, Situada no Novo Mundo da América, Desconhecida antes e depois de Jesus Cristo nas Terras de Hessen até os Dois Últimos Anos, Visto que Hans Staden, de Homberg, em Hessen, a Conheceu por Experiência Própria e agora a Traz a Público com essa Impressão*. Batizada depois de *Duas viagens ao Brasil*, a obra de Staden é importante, não só por discutir a questão da fé cristã e revelar para o mundo os detalhes da colonização portuguesa, os costumes e as crenças dos indígenas na primeira metade do século XVI, mas também mostra a importância do olhar estrangeiro sobre o Brasil daquela época e seus efeitos na construção do imaginário. É o que Bueno (2013) também destaca na introdução do livro de Staden, reeditado no Brasil em 2013:

Antropologia e antropofagia; sangue e pólvora. Cenários luxuriantes, conflitos tribais, expansão colonial, guerreiros emplumados, piratas franceses, fé e ceticismo; desamparo e esperança; lealdade e perfídia. Tudo narrado pela ótica de um homem comum, um forasteiro - um estrangeiro em um mundo estanho. A visão de um mero mercenário, um soldado da fortuna, que, ao circular entre líderes como capitão espanhol Juan Salazar, o comandante português Tomé de Sousa, os jesuítas Manoel da Nóbrega e José de Anchieta e os chefes tribais Cunhambebe e Aimberê, tornou-se, literalmente, testemunha ocular da história - e justo no momento em que o Brasil colônia ainda se retorcia nas dores do parto (BUENO, 2013, p. 8).

Para Bueno (2013), talvez o maior mérito da narrativa de Staden seja oferecer - e não só aos estarecidos leitores europeus do século XVI, mas também a nós, leitores e céticos do cínico terceiro milênio - a mais acurada e impressionante descrição do banquete antropofágico, um festim canibal, que Staden apresenta como uma cultura dos povos tupis, onde o prato principal era a deglutição do adversário e o sacramento único, a consumação de uma vingança ancestral.

Quando trazem para casa um inimigo, batem-lhe primeiro as mulheres e as crianças. A seguir colocam-lhe ao corpo penas cinzentas, raspam-lhe as sobancelhas, dançam em torno e amarram-no bem, a fim de que não possa escapar. Se o prisioneiro tem um filho, criam-no até grande matando-o e o comem quando vem à cabeça (STADEN, 2008, p. 179).

Ao narrar com detalhes e realismo sua história, o olhar de Staden se aproxima ao que Sloterdijk (2012) descreve como olhar *kynikos*, quando as coisas são mostradas como elas realmente são e sem máscaras. “O *kynikos* experimenta a verdade. Esse olhar é aberto, realista e generoso e não se incomoda em fitar a nudez, bela ou feia, contanto que ela seja natural” (SLOTERDIJK, 2012 p. 207). Podemos verificar esta afirmativa quando, por exemplo, Staden

descreve a solenidade de execução dos prisioneiros dos índios. “Depois golpeia o prisioneiro na nuca, de modo que lhe saltam os miolos, e imediatamente levam as mulheres o morto, arrastam-no para o fogo e tapando-lhe o anus com um pau, a fim de que nada dele se escape” (STADEN, 2008, p. 182). Ou seja, ao mesmo tempo em que o narrador apresenta o Brasil como uma bela terra tropical, com árvores verdes e bons frutos, ele também apresenta um lugar habitado por selvagens vingadores, que não são cristãos, mas comedores de seres humanos.

A América é uma terra vasta. Lá existem muitas tribos de homens selvagens com muitas línguas diversas e numerosos animais esquisitos. Tem um aspecto agradável. As árvores estão sempre verdes; aí não medram as semelhantes às nossas hessianas. Os habitantes andam nus [...] Existem também naquela região frutos terrestres e arbóreos dos quais se alimentam homens e animais. Os habitantes têm o corpo de cor pardo-avermelhada e isto provém do sol, que os queima muito. É gente capaz, astuta e maldosa, sempre pronta para perseguir seus inimigos e devorá-los (STADEN, 2008, p. 152).

Esta representação do Brasil como um país vasto, agradável, mas ao mesmo tempo violento, onde seus habitantes são pessoas astutas, fortes e queimadas do sol, teve tanta repercussão no imaginário de leitores em todo o mundo que ainda está presente em muitas narrativas sobre o país. Só para ter uma ideia do sucesso do testemunho de Staden, até o século XVIII sua obra já contava com mais de 70 edições. No Brasil, serviu de fonte de inspiração para muitos intelectuais, como José de Alencar, Gonçalves Dias, Candido Portinari, além de influenciar a Semana de Arte Moderna de 1922 e a juventude da época, como Tarsila do Amaral, que pintou o Abaporu - em tupi significa homem que come gente - e Oswald de Andrade, que em 1928 publica o Manifesto Antropófago, uma reflexão sobre o grande problema da identidade brasileira: além da invasão de produtos estrangeiros no país, a adoção de um olhar estrangeiro sobre nós mesmos.

Muitos pesquisadores atribuem o sucesso do livro de Staden à curiosidade europeia da época sobre o novo mundo, à mensagem religiosa do livro e à antropofagia.

1.3 A contribuição dos jesuítas

O fato é que, entre os séculos XVI e início do século XIX, não eram muitas as obras escritas por estrangeiros sobre o Brasil, já que existiam leis que proibiam a presença deles na colônia portuguesa. Até a vinda do rei D. João VI em 1808 para o Brasil, eram permitidos apenas aqueles que vinham a serviço de Portugal para trabalhar em missões de guerras, colonização ou na catequização dos nativos. Neste cenário, são os jesuítas que vão contribuir

para a maioria das representações da colônia para o mundo na época, como os padres José de Anchieta, Antônio Vieira, Manuel da Nóbrega, André João Antonil e outros.

Integrante da Companhia de Jesus, Anchieta foi um dos fundadores da cidade brasileira de São Paulo. Escreveu uma intensa obra de cartas, poemas, sermões, peças de teatros e aprendeu a língua tupi de tal maneira que escreveu a primeira gramática em tupi, chamada *Arte da Gramática da Língua Mais Falada na Costa do Brasil*, publicada em Coimbra em 1595. Antônio Vieira nasceu em Portugal e veio para o Brasil em 1617 com nove anos de idade, onde se tornou padre jesuíta. Tinha 25 anos quando foi chamado para rezar uma missa, quando comparou o trabalho dos escravos à vida no inferno.

Já o autor do clássico *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, André João Antonil era um jesuíta italiano que veio para o Brasil em 1681. Sua obra foi confiscada pela Coroa portuguesa e proibida, devido às valiosas informações que fornecia sobre a riqueza do solo brasileiro, e crítica ao trabalho escravo. Sua narrativa inova ao representar o negro como a própria cana de açúcar e assim, com um sábio jogo de palavras, contar seu testemunho.

Oh, crueldade nunca ouvida! As mesmas lágrimas do inocente se põem a ferver e a bater de novo nas tachas, as mesmas lágrimas se estilam à força de fogo e alambique; e, quando mais chora sua sorte, então tornam a dar-lhe na cara com barro, e tornam as escravas a lançar-lhe em rosto as lavagens. Sai dessa sorte do purgatório e do cárcere, tão alvo como inocentes; e sobre um baixo balcão se entrega a outras mulheres, para que lhe cortem os pés com facões (ANTONIL, 1976, p. 89).

1.4 Os estrangeiros chegam com a Coroa Portuguesa

Com exceção de poucos autores, as notas sobre o Brasil presentes em narrativas de viagens editadas entre o século XVI e início do XIX são, na sua maioria, “descrições breves, produzidas por visitantes que permaneceram poucos meses - por vezes semanas ou mesmo dias - ancorados em porto brasileiro” (FRANÇA, 2013, p. 7). De acordo com França (2013), com exceção de alguns autores, inclusive os já citados neste capítulo, os relatos da época seguem um padrão: são breves, trazem muitas informações marítimas e militares sobre os portos portugueses, descrevem poucas cidades brasileiras, concentram-se no litoral da colônia e fazem diminutas referências aos índios. Além disso, concedem um enorme espaço às riquezas do país, traçam longas e exaltadas descrições da natureza tropical e, sobretudo, “dedicam especial atenção ao mundo, físico e moral, que os colonos lusitanos estavam edificando no Novo Mundo” (FRANÇA, 2013, p. 8).

Com a chegada de D. João VI no Brasil este padrão começa a mudar, “principalmente porque os estrangeiros podiam agora desembarcar livremente, instalar-se no país e, com algumas autorizações e contatos, circular pelo território” (FRANÇA, 2013, p. 8). É a partir de 1808 que eles começam a chegar em maior número no Brasil e "sempre cheios de interesses em conhecer um lugar do qual só sabiam pela fama. Contarão suas experiências para leitores de seus países de origem, como os primeiros viajantes do século XVI" (CALDEIRA, 2008, p. 295). No entanto, suas impressões sobre o país são enquadradas por meio da perspectiva de suas próprias culturas.

França (2013), ao estudar sobre os viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro joanino, mostra que essa ruptura não ocorreu de forma brusca, mas sim como um período de transição. De acordo com o autor, eram ainda muitos os relatos de estrangeiros apressados que escreviam com as mesmas características das narrativas de viagem dos tempos coloniais. Entre as obras estudadas por França (2013), destacamos aqui as narrativas de Henry Sidney e Louis de Freycinet.

Filho de um rico comerciante londrino, Sidney foi um inglês que sonhava em fazer uma grande viagem marítima quando visitou o Rio de Janeiro e Salvador entre 1809 e 1812. Sua narrativa foi publicada em Londres no ano de 1815 com o título *The travels and extraordinary adventures of Henry Sidney in Brazil, and the interior regions of South America, in the years 1809, 1810, 1811 and 1812*. Em seu texto, reproduzido por França (2013), Sidney narra um pouco do Rio de Janeiro da época e, como muitos escritores, mostra seu encantamento pela natureza tropical do país. “O solo nas redondezas da cidade é inacreditavelmente fértil, e os produtos dos pomares, das hortas e dos vinhedos são excelentes. Um britânico é incapaz de conceber o quão viva e perfeita é a vegetação dos climas quentes e úmidos” (SIDNEY *apud* FRANÇA, 2013, p. 22).

O deslumbramento de Sidney com a paisagem brasileira se contrapõe com suas impressões sobre a cidade. Para ele, ela está debaixo de um calor imenso, as casas são extravagantes e “as ruas são regulares, mas bastante sujas, especialmente durante a estação das chuvas” (SIDNEY *apud* FRANÇA, 2013, p. 22). Quanto aos aspectos dos brasileiros, Sidney destaca a cor da pele e o fato dos homens vestirem muito preto, o que em sua concepção era uma imitação do estilo dos padres e monges. Ainda em seu relato sobre os habitantes do Brasil, Sidney chama os índios de aborígenes, apesar de destacar que alguns deles moravam na cidade com alguns privilégios. Em relação às mulheres brasileiras, o narrador as descreve como bastante singelas, mas “menos limpas que as damas de Portugal, as quais são mulheres sedutoras e notáveis” (SIDNEY *apud* FRANÇA, 2013, p. 22).

A beleza da fauna e flora brasileira também chamou atenção de Louis de Freycinet, explorador, cartógrafo e naturalista francês que chegou a baía de Guanabara em 6 de dezembro de 1817, onde ficou até 29 de janeiro de 1818 com o objetivo de realizar uma série de observações científicas sobre a região. Sua história sobre o Brasil foi publicada em Paris em 1825 em uma edição de luxo, ricamente ilustrada em diversos volumes.

França (2013) traduziu o fragmento inicial da obra de Freycinet dedicada ao Rio de Janeiro e parte do capítulo que ele dedicou à descrição de hábitos e costumes dos cariocas. No texto, o que chama primeiro a atenção do narrador francês é o fato de haver muitas cerimônias religiosas no Brasil. Para o autor, uma das coisas que o espantava, era o fato dessas celebrações parecerem mais uma festa que um encontro religioso.

Todavia, a meu ver, o que de mais surpreende, pode aí presenciar uma pessoa educada na França e, conseqüentemente, acostumada a ver os eclesiásticos manterem no altar um ar piedoso e recatado, é o comportamento do clero deste país. Ao entrarem no santuário, conversam com seus auxiliares, buscam o olhar de pessoas conhecidas, sorriem para uns, saúdam outros... É de fazer corar! (FREYCINET *apud* FRANÇA, 2013, p. 138-139).

Sobre a cidade, Freycinet registrou com detalhes suas impressões. Reclamou das obras habitacionais mal feitas, da pavimentação das ruas e até mesmo da indisciplina dos negros escravos que trabalhavam obrigados nessas atividades.

Depois da mudança do rei para o Brasil, tentou-se drenar esse pântano, (Rio de Janeiro), dotando-o de um belíssimo caminho pavimentado, abrindo alas de escoamento e aterrando as partes baixas. Algumas habitações vieram a ser construídas, mas, por uma fatalidade deplorável, essas importantes obras nunca foram concluídas e, com o passar do tempo, o que havia sido feito se tornou mais nocivo do que útil à salubridade pública. Os negros, que curiosamente são os encarregados de realizar, sob vigilância de um policial negligente, os trabalhos de pavimentação da cidade, costumam aproveitar os caminhos recentemente abertos para comodamente despejarem, nas partes ainda úmidas do terreno, as suas imundices e os animais mortos que recolhem. (...) As ruas da capital, que na sua maioria contam com um traçado muito retilíneo, cruzam-se em ângulos retos; algumas são largas e dispõem de calçadas, a maioria, porém, é mal pavimentada e não tem inclinação suficiente para escoar as águas. Assim quando as chuvas são abundantes, uma infinidade de pequenas poças se acumula pelas ruas, as quais somente o calor do sol faz secar (FREYCINET *apud* FRANÇA, 2013, p. 147-148).

Ainda na descrição do narrador francês, a casa de Misericórdia, o mais antigo edifício do Rio de Janeiro, abrigava um hospital com salas pavorosamente inapropriadas. Os leitos, sem ventilação, desconheciam os métodos de desinfecção já usados na Europa. Para Freycinet, muitos prédios importantes, até mesmo o palácio do soberano, só eram dignos de destaque pela extrema simplicidade. Até mesmo o teatro, o narrador descreve como um prédio demasiado grande para a cidade e com um ordinário número de atores amadores.

Quanto à população, de acordo com Freycinet, o Rio de Janeiro inteiro tinha na época cerca de 255 mil pessoas livres, 120 mil escravos e aproximadamente dois mil indígenas não civilizados. Em seu relato, essas pessoas eram violentas e a cidade era um dos poucos lugares no mundo onde havia o maior número de contrabandistas, ladrões e assassinos. “Os homicídios são extremamente comuns; a bebedeira, o ciúme e a propensão ao roubo, são entre as classes baixas, as principais causas dos eventos trágicos” (FREYCINET *apud* FRANÇA, 2013, p. 159).

Em resumo, o brasileiro era espirituoso, generoso, ciumento, sensual e orgulhoso, mas apenas nas classes mais altas era possível encontrar homens respeitáveis e instruídos. No entanto, o que ele mais chama a atenção em seu relato, é para o comportamento social. Na visão de Freycinet, o Brasil estava tomado por uma libertinagem sexual exagerada. Segundo ele, nem os ricos escapavam. Todos viviam em uma completa orgia, agravada ainda mais pela alimentação picante desta terra.

A ociosidade frequentemente leva as pessoas ricas a um estado de torpeza e à libertinagem exagerada, vícios que são agravados por um temperamento inflamado e uma alimentação picante. As orgias, muito apreciadas por eles e buscadas freneticamente, não respeitam nem idade, nem sexo, nem caracteres; tais indivíduos, imagina-se, preferem sempre as más companhias e desprezam as boas. As mulheres, em geral, se conduzem muito melhor, ainda que haja entre elas numerosos exemplos de depravação (FREYCINET *apud* FRANÇA, 2013, p. 159).

Os negros para ele são escravos violentos e preguiçosos. E o fato deles morarem no Rio de Janeiro agravava ainda mais estas características:

Observamos que quase todos os negros, depois de passarem a viver no Rio de Janeiro, adquirem mais vícios do que aqueles que tinham ao desembarcar. Esse progresso sombrio deve-se, na capital, ao quadro de depravação que constantemente têm diante dos olhos e às más companhias que frequentam. Nada é feito pelas autoridades para reduzir essas desgraças e melhorar os costumes, seja pelas judiciosas ações da polícia, seja pelo benefício da educação (FREYCINET *apud* FRANÇA, 2013, p. 157).

Ao analisar os depoimentos de Sidney e Freycinet reconstituídos por França (2013), nota-se que, assim como vários relatos europeus no início do século XIX sobre o Brasil, o país ainda era visto pelo estrangeiro com um olhar superior, uma visão de colonizador. Um lugar onde as cidades eram feias, atrasadas e que abrigavam um povo inculto, indolente, festeiro e sensual. Uma terra cheia de escravos negros, índios e representada principalmente pela miséria, violência e indignação.

No entanto, no século XIX começamos a perceber um aumento no número dos relatos sobre o Brasil. Caldeira (2008) aponta uma série de mudanças que justifica esta afirmativa: as revoluções europeias do final do século XVIII, que introduziram na cultura burguesa a noção

de indivíduo, a aceitação da busca pela riqueza, o romantismo literário e todo um conjunto de ideias necessário para que o testemunho pessoal seja valorizado como forma de escrever. Soma-se a isso, ao progresso tecnológico da época, como o telégrafo, o correio público e o telefone.

No Brasil, mesmo com a maioria da população analfabeta, essa mudança também é notável. A chegada das impressoras com três séculos de atraso no país é um dos exemplos. A possibilidade de publicar livros e jornais aumentou muito a circulação de ideias e incentivou a leitura e a escrita. "Mesmo antes da independência, a mudança seria notável: com o chamariz da imprensa, que publica relatos, as pessoas aprendem a contar suas experiências" (CALDEIRA, 2008, p. 295).

Ao mesmo tempo em que estas mudanças permitem que, finalmente, os brasileiros comecem a contar suas próprias histórias, elas atingem também os estrangeiros.

1.5 O Brasil de Zweig

Stevens (2000) explica que a imagem negativa do Brasil colônia modifica-se a partir da vinda de D. João VI, passando a ser descrito como um país a caminho da civilização. "Entretanto, essa visão do Brasil começa a se enfraquecer após a nossa independência, quando retornam, embora de forma modificada, as antigas imagens do Brasil colônia" (STEVENS, 2000, p. 12).

De qualquer forma, havia no século XX algumas narrativas com certo viés de progresso brasileiro e esperança. De fato, o país estava passando por mudanças sociais, políticas e econômicas positivas. "Com a República, o Brasil finalmente começou a tirar o atraso educacional; os 12% de alfabetizados do início do século se tornaram 86% ao final dele. Com três séculos de atraso em relação ao restante da América, a partir de 1934 passou a funcionar uma universidade no país" (CALDEIRA, 2008, p. 443).

Além da questão educacional, o século XX proporcionou ao Brasil o surgimento de uma indústria cultural, acompanhada pela propagação dos meios de comunicação de massa, como rádio e televisão. Essas transformações aliadas a tantas outras importantes, como a mudança da capital do Brasil para o centro do país e as instalações de fábricas estrangeiras por aqui, começavam novamente a despertar a curiosidade dos escritores estrangeiros. Um deles, Stefan Zweig, chegou a publicar, em 1941, uma narrativa que chamou atenção logo pelo título: *Brasil: um país do futuro*.

Zweig nasceu em Viena, se tornou biógrafo, ensaísta e romancista de sucesso. Em 1936 visitou o Brasil pela primeira vez e prometeu retornar em breve. Cumpriu sua promessa. Em 1941 mudou-se para Petrópolis, Rio de Janeiro, e lançou sua obra sobre o país, que fez tanto sucesso que já foi reeditada várias vezes e publicada em outras tantas línguas, como espanhol, francês, alemão e inglês. No ano seguinte, se matou junto com sua esposa.

Brasil: um país do futuro, a começar pelo título, fala de uma terra que caminha para a civilização e deve se tornar uma grande potência nos próximos anos. O Brasil, nas palavras do autor, é tão gigante, que "não deveria ser chamado de país e sim de continente" (ZWEIG, 2013, p. 15). Ao longo do livro, o autor confessa sua paixão por esta nação e critica a atitude de superioridade do outro, o estrangeiro, que sempre vê e faz relatos sobre o país com olhares preconceituosos.

No entanto, há na obra uma troca de posições entre os personagens. A Europa, acostumada a ser sempre representada como um continente modelo, é nas palavras de Zweig racista, enquanto o Brasil, embora com todos os problemas, é visto como um lugar digno de confiança para as próximas gerações. Uma análise mais crítica da narrativa percebe-se que o motivo principal dessa troca de posições entre primeiro e terceiro mundos pode ser explicado pelo contexto em que a obra está inserida, a começar pela questão da Segunda Guerra Mundial. O conflito, que durou entre 1939 e 1945, foi um dos maiores da história, envolvendo as grandes nações do mundo. Neste período, toda a capacidade econômica, industrial e científica de uma potência estava a serviço do conflito mais letal da história da humanidade. E enquanto os países do primeiro mundo guerreavam entre si, o Brasil abrigou muitos perseguidos pelo nazismo e manteve um posicionamento neutro até 1941, ano que o livro de Zweig foi publicado. Contra as consequências e o terror que a guerra causava ao mundo, Zweig oferece a paz brasileira como remédio. É, a princípio, deste ponto de vista que o narrador constrói a sua forma de representar o Brasil.

Como conseguir em nosso mundo uma convivência pacífica entre as pessoas apesar da diversidade de raças, classes, cores, religiões e convicções? Esse é o problema com que toda comunidade, todo país sempre volta a se defrontar. E a nenhum outro país senão no Brasil ele se impôs em uma constelação tão complicada, e nenhum outro país - e é como grato testemunho que escrevo este livro - conseguiu resolvê-lo de maneira tão feliz e exemplar como o Brasil. Uma maneira que, na minha opinião, não requer apenas a atenção, mas a admiração do mundo. [...] Enquanto, no nosso velho mundo, prevalece a loucura de se querer criar pessoas de raça pura, como se fossem cavalos de corrida ou cães, a nação brasileira se baseia há séculos unicamente no princípio da mistura livre e sem entraves, a total equiparação entre negros e brancos, morenos e amarelos (ZWEIG, 2013, p. 17-18)

O estrangeiro europeu, que sempre descreveu esta terra como o “país dos papagaios”, onde o olhar superior de colonizador esteve sempre em primeiro plano, agora se rende e escreve sua admiração pela terra que acabava de conhecer.

Sobre o Brasil, eu tinha a mesma imagem algo pretenciosa que têm os europeus e os norte-americanos medianos, e eu me esforço em reconstruí-la: uma daquelas repúblicas sul-americanas que não distinguimos bem umas das outras, com clima quente e insalubre, situação política instável e finanças em desordem, mal administrada e onde apenas as cidades litorâneas são relativamente civilizadas, porém geograficamente belo e com muitas possibilidades mal aproveitadas - um país, portanto, para emigrados desesperados, mas de modo algum um lugar do qual se possam esperar estímulos intelectuais. [...] Assim pensei e não me envergonho em registrar essa minha disposição tola. Acho até importante, pois essa imagem é aproximadamente a que vigora ainda hoje em nossos círculos europeus e norte-americanos. Em termos culturais, o Brasil é até hoje, a mesma terra incógnita que, no sentido geográfico, foi para os primeiros navegantes. Volta e meia me surpreendo com conceitos confusos e insuficientes que mesmo as pessoas eruditas e politicamente interessadas têm acerca desse país o qual, no entanto, indubitavelmente está fadado a ser um dos fatores mais importantes do desenvolvimento futuro do nosso mundo (ZWEIG, 2013, p. 13-14).

Sobre o contexto da obra, é ainda importante destacar que nesta época o Brasil vivia o auge do Estado Novo, regime político fundado por Getúlio Vargas entre 1937 e 1945, caracterizado pela centralização do poder, anticomunismo, autoritarismo e a valorização nacionalista. Nesta época, o país buscava pela primeira vez uma identidade própria. Gonçalves (1995) explica que embora as preocupações com a identidade brasileira existissem desde o século XIX, “é a partir dos anos 20 e 30 do século XX que elas assumem a forma de discursos oficiais sobre o chamado patrimônio histórico e artístico” (GONÇALVES, 1995, p. 236). É quando acontece a Semana de Arte Moderna de 1922, que surge o Movimento Antropofágico e Sérgio Buarque de Holanda ressalta a cordialidade do brasileiro. “Daremos ao mundo o homem cordial. A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro” (HOLANDA, 2013, p. 146). Nesta exaltação nacionalista, é também neste período que são criados importantes símbolos da representação do país, como a inauguração da estátua do Cristo Redentor no Rio de Janeiro, em 1931, o primeiro romance de Jorge Amado, O País do Carnaval, o primeiro concurso de Escolas de Samba, em 1932, entre outros.

Em 1941, o Brasil tinha aproximadamente 50 milhões de habitantes e 56% deles eram analfabetos. A maioria da população vivia em áreas rurais, e praticamente metade das exportações do país restringia-se a produtos agrícolas. O café, por exemplo, representava um terço de todas as vendas ao exterior.

É neste cenário que *Brasil: um país do futuro* é construído. No entanto, logo nas primeiras páginas, a obra pode ser vista também como uma crítica à superioridade dos países do primeiro mundo. Contra a guerra, o livro enaltece a alegria, a mistura de raça, o clima tropical e principalmente o próprio povo brasileiro, levando o narrador a suavizar graves problemas do país, como má distribuição de renda, educação precária, atraso tecnológico, deficiência no planejamento urbano, entre outros. Se para o narrador o Brasil é um lugar onde é possível respirar com alívio, em seu contexto ele também poderia ser compreendido como um lugar de fuga naquele momento da história.

Longe de mim pretender passar a ilusão de que, no Brasil, tudo já esteja no estágio ideal. Muita coisa está apenas no começo ou em transição. O nível de vida da população ainda está muito abaixo da nossa. As atividades tecnológicas e industriais desta nação de cinquenta milhões de habitantes só são comparáveis ainda às de pequenos países europeus. A máquina administrativa ainda não está azeitada e às vezes produz paradas incômodas. Quem viaja algumas centenas de milhas pra o interior ainda retrocede um século para a era primitiva. O recém-chegado terá que se adaptar a pequenas impontualidades e inexatidões na vida cotidiana, a um certo desleixo, e certos viajantes que costumam ver o mundo a partir do hotel e do carro ainda podem se dar o luxo de voltar com a sensação arrogante de pertencer a uma civilização superior, achando muita coisa no Brasil atrasada ou pouco confiável. Mas os acontecimentos dos últimos anos mudaram essencialmente nossa opinião sobre o valor das palavras civilização e cultura. Não estamos mais dispostos a equipará-las aos conceitos de organização e conforto. [...] Assim, não estamos mais dispostos a reconhecer um ranking de acordo com o poder industrial, financeiro ou militar de um povo, e sim usar como medida da superioridade de um povo o espírito pacifista e humanitário. Nesse sentido – a meu ver, o mais importante – o Brasil parece ser um dos países mais exemplares e amáveis do mundo (ZWEIG, 2013, p.20-22).

Da mesma maneira que ele se refere ao Brasil, ao descrever o Rio de Janeiro, Zweig representa a cidade como uma das impressões mais poderosas que ele tinha experimentado em toda sua vida. São palavras como estas, no superlativo, que ele usa para contar ao mundo sobre o país e a cidade que o surpreendeu. Para ele, o Rio de Janeiro era realmente maravilhoso. Havia ordem e limpeza, tanto na arquitetura, quanto nas paisagens urbanas. “O olhar excitado não se cansava de ver e, para onde olhasse, era recompensado. Fiquei possuído por um torpor de beleza e de felicidade que excitava os sentidos, crispava os nervos, dilatava o coração, ocupava o espírito e, quanto mais eu via, nunca era o bastante” (ZWEIG, 2013, p. 14).

E assim o texto segue. Com descrições exageradas sobre a imensidão do território, relatos sobre muitas possibilidades de extração de riqueza do solo, exaltação do espírito leve e hospitaleiro das pessoas e, principalmente, a harmonia em que as diferentes raças conviviam pacificamente no Brasil. Tudo isso, nas palavras de Alberto Dines, que assina o prefácio do

livro, “oferecia-se como um paradigma natural, diametralmente oposto ao rancor racial e ao desvario político imposto pelo nazifascismo” (ZWEIG, 2013, p. 7).

Mesmo com tanto otimismo, oito meses depois de lançar o livro, Stefan Zweig decide tirar a própria vida. A tristeza com a guerra, a solidão do exílio e as críticas negativas que recebera de quem dizia que ele simpatizava com a ditadura de Getúlio Vargas, foram as principais causas de sua morte. No prefácio, Alberto Dines revela que Zweig tinha mesmo feito um negócio com o governo brasileiro: “em troca do livro, receberia junto com a mulher um visto de residência permanente. Uma preciosidade num momento em que o governo trancava as portas aos que fugiam dos horrores do nazismo” (ZWIEG, 2013, p.8).

O fato é que o olhar de Zweig realmente mostrava infinitas possibilidades de um desenvolvimento político, econômico e social brasileiro. Para ele, bastava uma boa administração. Mas, nas entrelinhas, o tema central do livro, que desde então deu um sobrenome ao Brasil, é outro. Fascinado pela sociedade generosa e alegre daquela época, o que mais chamava atenção de Zweig era, na verdade, a possibilidade de um país se desenvolver sem guerras.

1.6 A memória e a imagem do Brasil no exterior

Com o objetivo de conhecer o imaginário brasileiro que os estrangeiros traziam na bagagem para a Copa do Mundo de 2014, este estudo entrevistou 55 turistas, entre 15 e 60 anos, vindos de 16 países: França, Noruega, Gana, Colômbia, Venezuela, Estados Unidos, Canadá, México, Rússia, Inglaterra, Austrália, Escócia, Suécia, China, Portugal e Japão. A pesquisa foi feita em Brasília (DF), mas os entrevistados haviam passado por outras cidades, como Rio de Janeiro (RJ), Salvador (BA), Cuiabá (MT), Anápolis (GO), Goiânia (GO), Belo Horizonte (MG), Foz do Iguaçu (PR), São Paulo (SP), Manaus (AM), Natal (RN), Porto Alegre (RS), Curitiba (PR), Búzios (RJ), Ilhéus (BA), Recife (PE), Ubatuba (SP).

Para alcançar uma variável sociológica significativa, as entrevistas foram realizadas durante dez dias, de 20 a 30 de junho de 2014, em diversas regiões da cidade, como aeroporto, hotéis e pontos turísticos.

A metodologia utilizada foi a técnica de associações de palavras, tal como proposta por Jung (LEGROS, et. al., 2007), psiquiatra e psicoterapeuta suíço fundador da psicologia analítica. Ao estudar a técnica das associações verbais de Jung na sociologia do imaginário, Legros, et. al. (2007) descrevem as seguintes etapas: (1) apresenta-se uma palavra indutora a várias pessoas, de trinta a uma centena, selecionadas aleatoriamente e seguindo variáveis

sociológicas; (2) cada sujeito deve escrever em uma folha de papel o que lhe vem à mente a partir da palavra indutora; (3) examina as respostas e classifica as palavras em ordem decrescente de frequência, destacando aquelas que mais aparecem como representações coletivas.

A pergunta feita aos turistas estrangeiros foi: antes de chegar ao país, que imagem vinha em sua mente ao pensar Brasil? De acordo com os dados, as quatro palavras que aparecem com mais frequência no imaginário do estrangeiro sobre o Brasil são, na ordem decrescente, futebol (22%), beleza (11%), festa (9%) e insegurança (7%). Além disso, os estrangeiros relacionam o país com animação, samba, maravilha, praia, natureza, alegria, hospitalidade, floresta tropical, carnaval, extravagância, exótico, descanso, mágica, garotas, espetáculo e clima.

A pesquisa quis saber também sobre a experiência. Afinal, o Brasil correspondeu às expectativas dos turistas estrangeiros? 76% afirmaram que o país é melhor do que eles esperavam. Além disso, 70% dos entrevistados acreditavam que os jornais de seus países não representam um Brasil verdadeiro, já que os assuntos que estão na pauta são sempre os mesmos, como samba, carnaval, futebol, além das notícias negativas, como insegurança, favela e corrupção.

Sobre o que mais impressionou os turistas estrangeiros no país, os brasileiros aparecem em primeiro lugar, citados por 25% dos entrevistados, a hospitalidade em segundo lugar com 13% e a organização em terceiro lugar com 9%.

Os dados da pesquisa nos mostram que as palavras usadas pelos estrangeiros do século XXI para descrever o Brasil são as mesmas encontradas nos diários de bordo, nas artes e relatos de viajantes que visitavam o país desde seu descobrimento. São representações ainda muito ligadas àquelas construídas ao longo dos anos por muitos escritores, como Caminha, Staden, Antonil e outros, que faz com que o Brasil ainda hoje seja lembrado como um Éden selvagem, uma terra com animais exóticos, florestas tropicais e muitos problemas. Um lugar onde a sensualidade e a generosidade do seu povo são os principais motivos para que o Brasil mereça uma visita. “Tem-se a impressão que a nação não tem nenhum atrativo turístico que mereça atenção e o povo é suficiente para atrair turistas” (BIGNAMI, 2002, p. 124).

Ao fazer uma análise histórica do olhar estrangeiro sobre o Brasil vimos que, desde sua descoberta, o país é considerado pelo estrangeiro como uma terra de contrastes, um paraíso e inferno. Uma nação de grandes riquezas, mas também pobre, selvagem, sensual e mística. No entanto, essa afirmativa se relaciona diretamente com a questão da memória. É ela que alimenta o imaginário social.

Cunha (2007) define a memória sob três pontos de vista. Segundo a autora, na psicologia cognitiva ela é compreendida como capacidade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos. Na psicologia analítica, são reminiscências, lembranças que ocorrem ao espírito como resultado de experiências já vividas. Enquanto que na literatura, as memórias são o relato que um escritor faz de acontecimentos dos quais ele participou ou foi testemunha. É então a memória coletiva, transmitida por diversos autores do passado, que conserva esta representação do Brasil como o país do carnaval, uma terra de desleixo, onde impera a desordem, a selvageria e apenas a cordialidade brasileira se torna um dos poucos motivos de orgulho para a nação.

De acordo com Halbwachs (1990), a memória coletiva tem uma forte tendência a transformar os fatos do passado em imagens e ideias sem rupturas. Ou seja, tende a estabelecer uma continuidade entre o que é passado e o que é presente, restabelecendo, portanto, a unidade primitiva de tudo aquilo que, no processo histórico do grupo, representou quebra ou ruptura. Desta forma, a memória coletiva apresenta-se como a solução do passado, no atual; apresenta-se como recomposição quase mágica ou terapêutica, como algo que cura as feridas do passado.

Na memória coletiva, afirma Halbwachs (1990), o passado é permanentemente reconstruído e vivificado enquanto é resignificado. Neste sentido, a memória coletiva pode ser entendida como uma forma de história vivente. A memória coletiva vive, sobretudo, na tradição, que é o quadro mais amplo onde seus conteúdos se atualizam e se articulam entre si. A memória coletiva encontra seu lugar na tradição e, ao mesmo tempo, dinamiza as tradições, num processo semelhante ao que foi descrito com relação às lembranças no contexto dos quadros sociais.

A memória coletiva é tão forte que não exerce influência apenas do exterior. Ela é também cultivada no próprio país pelos brasileiros. Bignami (2002) destaca que, quando analisamos a construção da identidade brasileira vista pelo outro e buscamos identificar quais são as representações imaginárias do nosso país que permeiam as produções midiáticas no exterior, é importante destacar duas questões principais: primeiro lembrar que esta imagem foi construída e nos foi imposta pelo outro ao longo dos séculos, basta olharmos os exemplos que foram apresentados neste capítulo. Segundo, que ela é, muitas vezes, um reflexo do que nós tomamos para nós como nosso e cultivamos. “Quando nos deparamos com imagens que revelam um país sensual no exterior, por exemplo, basta olhar para nossas televisões e ver o conteúdo dos programas para perceber que nós idealizamos um povo sensual” (BIGNAMI, 2002, p.49). Ou seja, de acordo com a autora, se a formação de uma identidade se dá por meio

de processos de conhecimento e interação entre o indivíduo e a realidade, o que ocorre no campo da comunicação é apenas o cultivo desses estereótipos pela mídia, que reafirma o que outras áreas como literatura, cinema e artes exploram. Desta forma, a percepção, bem como as opiniões que temos do mundo real, são culturais e sociais. E estas referências transbordam também na mídia do século XXI. Resta-nos compreender em quais proporções e avaliar seus efeitos.

2 O USO DOS ESTUDOS CULTURAIS NA ANÁLISE DAS NARRATIVAS

No campo teórico da Comunicação, esta pesquisa trabalha com os estudos culturais e a proposta deste capítulo é mostrar como esta teoria serve como base de análise das narrativas na construção da identidade.

Mas por que trabalhar com os estudos culturais na análise das narrativas? De acordo com Woodward (2012), os discursos, assim com as narrativas jornalísticas, as novelas, a semiótica da publicidade e todos os outros sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais eles podem falar. “A mídia nos diz como devemos ocupar uma posição-de-sujeito particular” (WOODWARD, 2012, p. 18). Para a autora, a ênfase na representação e o papel-chave da cultura na produção dos significados levam a preocupação com a identificação. Para Woodward, o conceito de identificação, que descreve o processo pelo qual nos identificamos com os outros e que destaca a questão da diferença, tem sido retomado nos estudos culturais. Na concepção de Woodward, as representações feitas pela mídia alcançam seu objetivo quando os seus consumidores se sentem familiarizados com elas, ou seja, quando eles se identificam com essas representações. “Assim a construção da identidade é tanto simbólica quanto social” (WOODWARD, 2012, p. 10).

Hall (2012) afirma que a identificação, como todas as práticas de significação, está sujeita ao jogo da diferença e por isso ela “envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas” (HALL, 2012, p. 106). Hall concentra a discussão da formação da identidade com relação à subjetividade, ou seja, para ele, as narrativas moldam a identidade ao tornar possível optar, entre várias formas de representar algo ou pessoa. Para o autor, as identidades têm a ver não tanto com as questões “quem somos” ou “de onde nós viemos”, mas com as questões “quem nós podemos nos tornar” ou “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós mesmos”. Por exemplo, o uso constante da figura simbólica da mulata e o carnaval como forma de representar o Brasil em campanhas publicitárias de turismo no exterior ou em narrativas jornalísticas ajudam a construir a identidade de um país ligado à temática de sexo fácil e festas.

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além do mais, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são assim, mais o produto da marcação

da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma identidade em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (HALL, 2012, p. 109-110).

Hall (2012) utiliza o termo identidade como ponto de encontro entre: de um lado, os discursos e as práticas que buscam nos interpelar para que assumamos nossos lugares como sujeitos sociais de discursos particulares e de outro lado, os processos que produzem subjetividades e que nos constroem como sujeitos aos quais se pode falar. Para o autor, as identidades são o resultado de uma bem-sucedida articulação do sujeito ao fluxo do discurso.

Temos então que é na prática de pensar a cultura como uma problemática de poder e construção de identidade que se baseiam os estudos culturais hoje. E entre os objetos de análise desta teoria estão as narrativas jornalísticas, como veremos mais adiante. Relacionar as práticas culturais, a ideologia, o poder das mídias e o processo de globalização com a construção da identidade tornou-se uma das principais funções dos estudos culturais na contemporaneidade. De acordo com Wolf (2012) “o objetivo dos estudos culturais é então definir o estudo da cultura própria da sociedade contemporânea como âmbito de análise conceitualmente relevante, pertinente e fundado teoricamente” (WOLF, 2012, p.103). O autor afirma ainda que os meios de comunicação de massa desenvolvem uma função importante, uma vez que agem como elementos ativos para a construção de práticas culturais e identidade.

Para Johnson (2010), isso faz sentido quando observamos a importância da crítica nesta teoria. Nesta linha de raciocínio, o pesquisador afirma que, quando analisamos a influência de Marx sobre os estudos culturais, é possível destacar três premissas:

A primeira é que os processos culturais estão intimamente vinculados com as relações sociais, especialmente com as relações e as formações de classe, com as divisões sexuais, com a estruturação racial das relações sociais e com as opressões de idade. A segunda é que a cultura envolve poder, contribuindo para produzir assimetrias nas capacidades dos indivíduos e dos grupos sociais para definir e satisfazer suas necessidades. E a terceira, que se deduz das outras, é que a cultura não é um campo autônomo nem externamente determinado, mas um local de diferenças e de lutas sociais (JOHNSON, 2010, p. 13).

Sendo assim, apresentamos neste capítulo uma introdução sobre os estudos culturais da comunicação, destacando como surgiram e como esta teoria se tornou uma perspectiva nova de olhar a mídia pelo viés da cultura. O conceito de cultura adotado é o mesmo de Raymond Williams, que como veremos mais adiante, afirma que a cultura está ligada a noção de experiência.

Este capítulo ressalta ainda a questão sobre como os estudos culturais têm se voltado mais recentemente para as pesquisas de identidade e seus efeitos com a globalização. Sendo o objeto de pesquisa deste trabalho as narrativas jornalísticas, será abordado ainda o conceito de

narrativas e como elas podem ser analisadas tendo os estudos culturais como uma grande base teórica, ou seja, como essas narrativas agem na construção de significados sobre a identidade nacional. Para examinar esta construção de significados será utilizada a análise crítica da narrativa adotada por Motta (2013).

2.1 Estudos culturais: origem e propagação

Mas afinal o que são os estudos culturais? Os estudos culturais surgiram no século XIX, quando a Inglaterra industrial viu desenvolver-se à época um debate original sobre a cultura. “A questão central era compreender como a cultura de um grupo, e inicialmente a das classes populares, funcionava como contestação da ordem social ou, contrariamente como modo de adesão às relações de poder” (MATTELART; NEVEU; 2004; p. 13). Surge então uma tradição conhecida pelo nome de “Culture and Society”, que, de acordo com Mattelart e Neveu (2004), era impulsionada pelas figuras intelectuais do humanismo romântico que tinham em comum o fato de denunciarem os estragos da vida mecanizada, como efeito da civilização moderna. “O campo deste estudo surge, de forma organizada, através do *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), diante da alteração dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-guerra” (ESCOSTEGUY, 2011, p. 151). Fundado em 1964 por Richard Hoggart, o centro estava ligado ao *English Department* da Universidade de Birmingham e tinha como eixo principal as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade.

Três textos que surgiram no final dos anos 50 são identificados como as principais fontes dos estudos culturais: Richard Hoggart com *The Uses of Literacy* (1957), Raymond Williams com *Culture and Society* (1958) e E.P. Thompson com *The making of the English working Class* (1963).

Hoggart estuda a influência da cultura difundida em meio à classe operária. A ideia central desenvolvida por ele é “que tendemos a superestimar a influência dos produtos da indústria cultural sobre as classes populares” (MATTELART; NEVEU; 2004; p. 42). Williams e Thompson estudam a questão das lutas sociais e a interação da cultura com a economia destacando que muitas formas de produção assumem também a forma de mercadorias capitalistas. É essa a principal relação entre os estudos culturais e o marxismo. De acordo com Escosteguy (2011), a visão marxista contribuiu para os estudos culturais no sentido de compreender a cultura na sua autonomia relativa, isto é, “ela não é dependente das relações econômicas, nem seu reflexo, mas tem influência e sofre consequências das relações

político-econômicas” (ESCOSTEGUY, 2011: p. 156). Ou seja, os estudos culturais não dizem respeito apenas à cultura, mas é com a visão do ponto de vista político e teórico que essa corrente de pesquisa deve ser analisada. Do ponto de vista político quando se refere aos movimentos sociais e do ponto de vista teórico, como resultado de uma insatisfação com os limites de algumas disciplinas, propondo então a inter/trans ou ainda antidisciplinaridade (ESCOSTEGUY, 2011).

A multiplicidade de objetos de investigação também caracteriza os Estudos Culturais. Isto resulta da convicção de que é impossível abstrair a análise da cultura das relações de poder e das estratégias de mudança social. A ausência de uma síntese completa sobre os períodos, enfrentamentos políticos e deslocamento teóricos contínuo de método e objetivo faz com que, de forma geral, e abrangente, o terreno de sua investigação circunscreva-se aos temas vinculados às culturas populares e aos meios de comunicação de massa e, posteriormente, a temáticas relacionadas com as identidades, sejam elas sexuais, de classe, étnicas, geracionais, etc. (ESCOSTEGUY, 2011, p. 160).

Ladeira Mota (2008) também afirma que “como bem define Hall (1980), os estudos culturais não configuram uma disciplina, mas uma área em que diferentes disciplinas interatuam, em busca de respostas para aspectos culturais da sociedade” (LADEIRA MOTA, 2008, p. 57). Ou seja, devido a sua complexidade e característica multidisciplinar, os estudos culturais não dizem respeito apenas à cultura, mas sim a questões políticas e teóricas. Completando a afirmação a respeito desta teoria, Mattelart e Neveu afirmam que os estudos culturais nascem de uma recusa do legitimismo, das hierarquias acadêmicas, dos objetos nobres e ignóbeis. Para os autores, estudar esta teoria é:

É perceber em um contexto dado, em que os sistemas de valores, as representações que eles encerram levam a estimular processos de resistência ou de aceitação do status quo, em que discursos e símbolos dão aos grupos populares uma consciência de sua identidade e de sua força, ou participam do registro alienante da aquiescência às ideias dominantes (MATTELART; NEVEU, 2004, p. 73).

No entanto, apesar de sua indefinição, os estudos culturais, que começaram com foco na temática de subculturas, como as análises das classes operárias, têm hoje entre seus compromissos principais a função de examinar a construção da identidade, a relação dos novos meios de comunicação com a globalização e o estudo sobre a comunicação de massa e sua relação com o poder.

Essa desconstrução de uma herança de pesquisa abre caminho para um último objetivo: compreender as metamorfoses da noção de cultura na última metade do século XX, questionar tanto os modos em que a cultura funciona na época da globalização como os riscos de uma visão da sociedade reduzida a um caleidoscópio de fluxos culturais que leve a esquecer que nossas sociedades também são regidas por relações econômicas, políticas, uma armadura social que não se reduz nem às

séries de televisão de grande sucesso, nem ao impacto dos reality shows (MATTELART; NEVEU, 2004, p.17).

Sobre a propagação desta teoria, Mattelart e Neveu (2004) destacam que pouco a pouco as pesquisas desta corrente ganham força. Uma primeira extensão vai se debruçar sobre a relação dos jovens dos meios populares e a academia, e depois os questionamentos dessa corrente se espalham para as mídias audiovisuais, seus programas de informação e entretenimento. Tem se então um dos pontos da decolagem desta teoria e “o questionamento sobre a cultura no cotidiano vai se espalhar concentricamente como mancha de óleo” (MATTELART; NEVEU; 2004; p. 66). De acordo com Mattelart e Neveu, trinta anos depois dos primeiros textos marcantes de Birmingham, a influência dessa corrente de pesquisa se estende cada vez mais. “Não há países onde não existam departamentos ou ensino de estudos culturais” (MATTELART; NEVEU, 2004, p. 127). De acordo com os autores, em 2002, um mecanismo de busca registrava na web mais de dois milhões e quinhentas mil referências distintas a partir do termo.

No entanto, os estudos culturais britânicos sofreram muitas críticas, principalmente no aspecto teórico metodológico. Para Kellner (2001), a própria terminologia e vocabulários, como “cultura de massa” e “cultura popular” estavam carregados de discursos ideológicos que deveriam ser evitados. Para o autor, a melhor expressão para evitar essa confusão ideológica seria adotar o termo “cultura da mídia”. “Acreditamos que, em vez de usar rótulos ideológicos como massa e popular, poderíamos simplesmente falar de cultura e comunicação, desenvolvendo um estudo cultural que abranja todo o espectro da mídia e da cultura” (KELLNER; 2001: p. 52). Segundo Kellner, uma possível medida a esta corrente multidisciplinar seria assumir a cultura em si como campo de estudo, sem divisões em superior e inferior, popular e elite e enxergar todas as formas de cultura da mídia e de comunicação como dignas de pesquisa e crítica.

A partir dos anos 70 os estudos culturais se difundem, passando pelos movimentos feministas, o trabalho em torno das diferenças de gêneros, raças e diversos tipos de práticas culturais. Com a globalização, o foco central passa a ser a reflexão sobre as novas condições de constituições de identidades sociais.

Questões como raça e etnia, o uso e a integração de novas tecnologias como vídeo e a TV, assim como seus produtos na constituição de identidades de gênero, de classe, bem como geracionais e culturais e as relações de poder nos contextos domésticos de recepção, continuam na agenda, principalmente, das análises de recepção. Destacam-se, como ênfases mais recentes neste tipo de estudo, os recortes étnicos e a incorporação de novas tecnologias (ESCOSTEGUY, 2011, p. 166).

Para Escosteguy (2011), se originalmente os estudos culturais podem ser considerados uma invenção britânica, hoje eles se espalharam por diversos países e tornaram-se “uma problemática teórica de repercussão internacional: descentrado geograficamente e múltiplo teoricamente”.

Wolf (2012) também afirma que a análise sobre a construção da identidade é uma das principais questões atuais desta corrente de pesquisa, sendo que os estudos culturais estão comprometidos com as análises de mudanças sociais a partir de uma postura crítica, tendo como objetivo o de compreender os processos culturais-ideológicos da mídia. Para Wolf, os estudos culturais reforçam a dialética contínua entre sistema, conflito e controle social.

A censura de algum tema, a ênfase sobre outros, a presença de mensagens evasivas, a deslegitimação dos pontos de vistas marginais ou alternativos são alguns dos elementos que fazem dos meios de comunicação de massa um puro e simples instrumento de hegemonia e de conspiração da elite do poder (WOLF, 2012, p.105).

Em relação à América Latina, a proposta dos estudos culturais também proporcionou uma contribuição importante, já que se refletia principalmente na luta de emancipação contra a hegemonia cultural da Europa e posteriormente dos Estados Unidos.

Mas, diferentemente dos estudos culturais britânicos, que foram inaugurados por pesquisadores provindos de uma esquerda em busca de um modelo alternativo de mudança social, os *estudios culturales* se estruturaram em uma América Latina ainda submetida aos anos de chumbo dos regimes autoritários, ou recém-saindo deles, para entrar nos anos cinza das transições democráticas, na confusão ou na desorientação das forças progressistas (MATTELART; NEVEU, 2004, p. 144).

O fato é que as questões sobre o controle social e a ideologia nos conduzem a uma dimensão propriamente sócio-política do estudo da comunicação. Além disso, é importante destacar que o assunto ganha uma proporção ainda maior à medida que surgem novos meios de comunicação e o acesso a esses meios fica ainda mais fácil. Hoje, o espaço público é demarcado pela reordenação capitalista na qual a aceleração da inovação tecnológica fornece lastro para várias reestruturações que vêm se processando desde a formatação da esfera pública burguesa. Para pesquisadores como Thompson (2012), por exemplo, os novos meios de comunicação mudam as maneiras pelas quais os indivíduos se relacionam. “O desenvolvimento da mídia cria novos campos de ação e interação que envolve formas características de visibilidade e nos quais as relações de poder podem mudar de formas rápidas e imprevisíveis” (THOMPSON, 2012: 12).

Tudo o que foi discutido até aqui ganha então uma proporção ainda maior quando entramos na questão da globalização, que nos oferece cada vez mais uma comunicação intercultural. Na pós-modernidade, a propagação de diferentes culturas e ideologia pelos

meios de comunicação nos faz pensar sobre desafios ainda maiores no campo de análise dos efeitos que esses meios exercem sobre o público. Hoje, as pessoas estão cada vez mais pensando global e recebendo informações de todo o mundo. A distância não é mais um obstáculo e o fator tempo é cada vez mais ultrapassado. Qual a concepção de identidade em relação ao constante processo de hibridação cultural? Nesta análise da identidade entra a questão das narrativas, já que de acordo com Ladeira Mota (2012), a prática de construção de identidade se dá pela narrativa. Logo, se o jornalismo é uma prática de construção de significados sobre os acontecimentos, é por meio dele que se dá a reflexão sobre nosso tempo, nossas representações, práticas econômicas, sociais, ou seja, a base para a construção de nossa identidade:

Como discurso, a notícia é um ritual simbólico por meio do qual os membros de uma cultura trocam valores e significam o próprio mundo. Pode se considerar a notícia uma porta de entrada para a cultura, ou seja, para o mito, que vai alimentar crenças e ideais. Mas antes de ver como o texto cumpre este ritual simbólico, é preciso perceber o seu processo produtivo. Logo, o primeiro passo para examinar a notícia é analisar o processo pelo qual ela é construída discursivamente. Notícia é o produto de uma prática discursiva numa atividade social institucionalizada que é a atividade jornalística (LADEIRA MOTA, 2012, p, 207).

Desta forma, os estudos culturais servem como pontos de reflexão sobre as relações de poder que se estabelecem entre a notícia e o público. A mensagem, o sistema social, político e econômico, a cultura de massa, a ideologia, as representações... tudo se relaciona e entra no campo de pesquisa desta teoria. A ideia desta corrente é fomentar uma visão crítica da cultura oferecida pela mídia.

O foco de muitos pesquisadores que usam esta corrente de pesquisa hoje é possibilitar que os cidadãos entendam a cultura e a sociedade em que vivem, principalmente nesta era globalizada, em que as pessoas têm acesso a diferentes tipos de cultura o tempo todo. Que o público saiba ver além do produto midiático, compreendendo de fato o contexto em que a mensagem está inserida. Que o público saiba criticar os meios de comunicação e não apenas ser passível a qualquer tipo de dominação cultural, mas sim que produza sua própria identidade. Como destaca Kellner (2001), utilizar os estudos culturais hoje é fomentar uma pedagogia crítica da mídia, desenvolvendo conceitos e análises que capacitam os leitores a dissecar criticamente as produções dos meios de comunicação e da cultura de consumo contemporâneo.

Neste capítulo, serão estudados a seguir os conceitos de cultura, identidade e representações sociais usados neste trabalho. A proposta que segue é discutir como a narrativa trabalha estes conceitos na construção da identidade brasileira.

2.2 O que é cultura

De acordo com Moles (1974), a noção de cultura foi proposta pelos filósofos há mais de dois séculos. No entanto, o termo é tão carregado de valores que possui mais de 250 definições. “A própria palavra recobre um conteúdo que varia com o tempo, lugar e tipo de sociedade considerada” (MOLES, 1974, p. 9). Para Moles, cultura possui uma definição aberta, sempre acessível a retoques, mas que pode ser conceituada como “um vestígio deixado pelo homem no meio artificial que ele mesmo criou para viver”. Moles representa a cultura como mosaico. Ela é aleatória, constituída por pequenos fragmentos ou peças que se reúnem por justaposição, sem pontos de referência e nenhuma ideia é única, mas sim plural.

Essa cultura não é mais principalmente o fato de uma educação universitária ou um quadro racional. É o fato do fluxo de conhecimentos que recebemos a cada dia, de uma informação permanente desordenada, pletórica, aleatória. Ela nos chega pelos meios de comunicação de massa, pela imprensa, pelo exame superficial de revistas técnicas, pelo cinema, rádio, televisão, conversa, por uma multiplicidade de meios que agem sobre nós, cuja massa nos submerge e dos quais nos sobram apenas influências transitórias, pedaços de conhecimentos, fragmentos de ideia: ficamos na superfície das coisas, somos impressionados ao acaso pelos fatos que agem mais ou menos vivamente sobre nosso espírito, não exercemos censura nem esforço e o único elemento geral que emerge nessa textura é a noção de densidade maior ou menor da rede do conhecimento” (MOLES, 1974, p. 19).

Temos então que, de acordo com Moles (1974), a cultura se origina na vida social pela educação e pela impregnação e se constitui pela soma de todos esses fragmentos que compõem sua forma de mosaico. A impregnação é feita por intermédio dos meios de comunicação de massa, que, segundo Moles, realizam a ligação entre o indivíduo e o meio humano. Ainda sobre cultura, o autor destaca duas significações: a pessoal e coletiva. A pessoal é seletiva e pode ser explicada como sendo a experiência de cada indivíduo que projeta e recebe do mundo exterior seus “estímulos-mensagem”, enquanto que a coletiva são as sociais, aquelas dos subconjuntos da humanidade aos quais pertence o indivíduo. Elas precisam estar em consenso com o grupo afim de manter a ordem social.

Já Mattelart e Neveu (2004) afirmam que a noção de cultura é daquelas que suscitaram os trabalhos mais abundantes em ciências sociais, bem como contraditórios. Para os autores, “o termo tanto pode designar um panteão de grandes obras legítimas, como tomar um sentido mais antropológico, por englobar as maneiras de viver, sentir e pensar próprias de um grupo social” (CUCHE *apud* MATTELART E NEVEU, 2004, p. 11).

No entanto, o conceito de cultura usado neste trabalho é o de Raymond Williams (2011), que como veremos adiante, define o termo de uma forma mais complexa, aliando as

ideias dos autores acima. Williams (2011) explica que embora o termo ‘cultura’ tenha recebido ao longo dos anos diferentes definições - ideia de cultivar alguma coisa, conhecimento erudito, desenvolvimento e progressos sociais - em nossa época, ela está revendo sua própria área e propondo novos caminhos. Por isso, a cultura deve ser vista hoje de uma maneira mais geral, ou seja, como uma convergência prática entre os sentidos antropológico e sociológico para indicar um modo de vida global de um determinado povo ou grupo social, mostrando que ela não se refere apenas a uma classe de elite, mas sim a toda sociedade. Isso leva a cultura a ser interpretada hoje como um sistema de significações amplo, que inclui não apenas as artes e as produções intelectuais, mas sim todas as práticas significativas, como a linguagem, a narrativa, o jornalismo, a moda, a publicidade, entre outros.

Assim, há certa convergência prática entre os sentidos antropológico e sociológico de cultura como modo de vida global distinto, dentro do qual se percebe hoje, um sistema de significações bem definido não só como essencial, mas como essencialmente envolvido em todas as formas de atividade social, e o sentido mais especializado, ainda que também mais comum, de cultura como atividades artísticas intelectuais, embora estas, devido à ênfase em um sistema de significações geral, sejam agora definidas de maneira muito mais ampla, de modo a incluir não apenas as artes e as formas de produção intelectual tradicionais, mas também todas as práticas significativas - desde a linguagem, passando pelas artes e filosofia, até o jornalismo, moda e publicidade - que agora constituem esse campo complexo e necessariamente extenso (WILLIAMS, 2011, p. 13).

Dessa forma, Williams (2011) aponta para uma teoria de cultura por um viés interdisciplinar. Ela colabora com aspectos políticos e econômicos, enfatizando o estreitamento das esferas da realidade social e sua atuação como força produtiva de significados e valores que vão interferir na organização de uma classe ou grupo. Em resumo, é o mesmo que instituições produtoras de conteúdo e seus efeitos, levando em conta a questão da ideologia. De acordo com o autor, neste caso, normalmente a questão ideológica é vista sob duas perspectivas: relacionada com as crenças formais e conscientes de um grupo social ou como visão de mundo mais geral, que inclui ainda atitudes, hábitos e sentimentos menos conscientes e menos articulados da classe. Temos então que a análise sociológica da cultura passa por esses dois caminhos e deve se preocupar ainda com alguns princípios básicos, como análise das instituições e seus produtos culturais, a história, os modos pelos quais a cultura e seus produtos são socialmente identificados e discriminados dentro da vida social e os processos de reprodução.

Logo, a convergência entre sentidos antropológicos e sociológicos destacado por Williams mostra como diferentes significados e valores organizam a vida social comum. É

neste campo que, de acordo com Woodward (2012), estão as formas pelas quais a cultura estabelece fronteiras e distingue a diferença. Nota-se que esses caminhos são fundamentais para entender o sentido de identidade. Para a autora, cada cultura tem suas próprias e diferentes formas de classificar o mundo e “é pela construção do sistema classificatório que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados” (WOODWARD, 2012, p. 42).

Sendo assim, neste trabalho adotamos cultura como prática de significação da realidade e da vida social.

2.3 Introdução ao conceito de identidade

São pelas práticas culturais que construímos identidade. Para Martino (2010), quando alguém nos pergunta quem somos, imediatamente começamos a formar um discurso, uma narrativa sobre nós mesmos. Segundo o autor, esses discursos de identidade dependem de vários fatores, a começar pela memória, pois sem ela não há discurso sobre o presente. Quando a história é contada, essas narrativas vão construindo nossa imagem na mente do interlocutor. Gestos, sinais, roupas, figuras, mitos, tudo isso contribui para a formação da nossa identidade construída a longo do tempo. Martino pensa identidade como uma questão de comunicação, resultado da interação de mensagens entre pessoas e culturas.

Identidade é algo que se produz, transformando-se em uma mensagem, reelaborada por uma pessoa. As etapas de produção dessa mensagem são os momentos de construção da identidade, e isso já implica a maneira como vamos decodificar as outras mensagens que chegaram até nós (MARTINO, 2010, p. 14).

A identidade é formada por processos sociais e a comunicação é o elemento central na articulação desses processos. Neste sentido, Martino (2010) propõe pensar identidade como um efeito de sentido produzido pela linguagem, ou seja, para ele, a atribuição da identidade está ligada à cultura de cada indivíduo.

Essa cultura permite-lhe construir uma identidade, isto é, montar uma mensagem dizendo ‘este sou eu’ para outras pessoas, e, ao mesmo tempo, ler as outras pessoas, decodificar as mensagens que elas enviam em termos de identidade. O conhecimento transformado em relações de comunicação parece ser o início e o fim do longo trabalho de construção da identidade. Daí que as relações de identidade estão ligadas ao estudo da Comunicação (MARTINO, 2010, p. 15).

Hall (2011) define identidade a partir de três concepções: *sujeito do iluminismo*, baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo centrado e unificado. “O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa”; *sujeito sociológico*, uma visão

interativa entre o eu e a sociedade, em que a identidade do indivíduo é formada a partir da relação com “outras pessoas importantes para ele”, aqui cabem os valores, sentidos e símbolos, ou seja, o indivíduo constrói sua identidade baseada na cultura relacionada; *e o sujeito pós-moderno*, resultado de um processo de construção da identidade projetada na cultura. Como nos dias de hoje, principalmente com a globalização, temos uma grande instabilidade ou variação da cultura, este processo reflete na formação da identidade. “Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma celebração móvel” (HALL, 2011, p. 13).

De acordo com este processo, na concepção de Hall, o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos:

A identidade plenamente unificada completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (HALL, 2011, p.13).

Woodward (2012) destaca que a identidade está relacionada com a questão da diferença. Ela é tanto simbólica quanto social e está ligada a inclusão e exclusão. Ao estudar identidade, a autora afirma ser preciso considerar alguns caminhos importantes, como:

- Compreender que a identidade está relacionada com a natureza, raça e tem bases materiais, sociais, políticas e econômicas.
- Que muitas vezes envolve reivindicações essencialistas, fixas e imutáveis, e características não essencialistas, aquelas que mudam com o tempo.
- Saber que a identidade é relacional e construída por meio das relações de diferenças. Se você é um brasileiro não pode ser um inglês e vice-versa). Esta diferença entre “nós” e “eles” é estabelecida por elementos simbólicos e materiais, como, por exemplo, a marca de um produto.
- Identidades são marcadas simbolicamente e são reproduzidas por meio de representações.
- Pode ser fluida. Ter em mente que, além da dimensão simbólica e social, ela está ligada a questão psíquica, onde as pessoas assumem suas posições de identidade e se identificam com elas.

“O nível psíquico também deve fazer parte da explicação; trata-se de uma dimensão que, juntamente com a simbólica e social, é necessária para completa conceitualização da identidade” (WOODWARD, 2012, p. 15). Ou seja, a ideia de Woodward é mostrar a pluralidade de elementos vinculados à identidade.

2.4 Identidade nacional e cultura brasileira

De acordo com Fiorin (2009) a identidade nacional é uma criação moderna e foi construída a partir de autodescrição da cultura. Sua formação começa no século XVIII e desenvolve plenamente no século XIX. Ela é uma herança simbólica e material de uma nação. Portanto, nasce como um postulado e invenção.

Uma nação deve apresentar um conjunto de elementos simbólicos e materiais: uma história, que estabelece uma continuidade com os ancestrais mais antigos; uma série de heróis, modelos das virtudes nacionais; uma língua; monumentos culturais; um folclore; lugares importantes e uma paisagem típica; as representações oficiais, como hino, bandeira, escudo; identificações pitorescas, como costumes, especialidades culinárias, animais e árvores-símbolo (THIESSE, 1999, p.14 *apud* FIORIN, 2009, p.117).

Mais que inventadas, Anderson (2008) define nação como uma comunidade política imaginada. É limitada - uma vez que apresenta fronteiras de extensão finitas e nenhuma delas imagina ter uma extensão da humanidade - e ao mesmo tempo soberana - já que ao sonhar em ser livre, o Estado Soberano se torna a garantia e o emblema dessa liberdade.

Comunidade no sentido de fraternidade, onde independentemente da desigualdade e da exploração efetivas que possam existir dentro dela, a nação é sempre concebida como uma profunda camaradagem horizontal. Imaginada porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conhecerão, encontrarão ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles (ANDERSON, 2008, p.32-34).

Ao discutir sobre as origens da consciência nacional, Anderson (2008) destaca a língua como um papel fundamental neste processo. Segundo o autor, com o declínio das comunidades e línguas religiosas, suscitado pela Reforma, ocorreu também uma transformação no modo de pensar o mundo como nação. Se antes as comunidades eram limitadas e mantinham apenas uma relação política com o expansionismo dinástico, o mercado capitalista exigiu uma língua oficial. Com isso, a propagação da leitura foi o cenário ideal para ao surgimento da nação moderna, originada, principalmente, pela convergência do capitalismo e da tecnologia da imprensa sobre a fatal diversidade da linguagem humana.

De acordo com Anderson (2008), foram as línguas impressas que lançaram as bases para a consciência nacional e isto aconteceu de três maneiras diferentes: primeiro que, ao criar campos unificados de intercâmbio, as pessoas puderam compreender que elas faziam parte de um campo linguístico particular e estavam ligadas entre si por meio da letra impressa. Segundo, o capitalismo tipográfico conferiu uma fixidez à língua, além de guardar o passado e sua reprodução praticamente infinita no tempo e espaço. Em terceiro lugar, Anderson destaca que o capitalismo tipográfico criou línguas oficiais diferentes, por meio de processos

inconscientes, que resultaram da interação explosiva entre capitalismo, tecnologia e a diversidade linguística humana.

Ecoando Anderson, Bauman (2005), afirma que a identidade nacional não foi naturalmente gestada e incubada na experiência humana. Ela é, antes de tudo, política. “A ideia chegou como ficção, nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o ‘deve’ e o ‘é’ e de erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia” (BAUMAN, 2005, p.26). Para o autor, a ficção da natividade do nascimento desempenhou o papel principal entre as fórmulas empregadas pelo nascente Estado moderno para legitimar a exigência da subordinação incondicional. Ou seja, o Estado e a nação precisavam um do outro e a criação da identidade nacional foi desde o início um grito de guerra.

Sobre identidade nacional, Woodward (2012) diz que a identidade de uma nação se distingue por aquilo que ela não é. Ela é marcada pela diferença e a diferença é sustentada pela exclusão. Por exemplo, se você é brasileiro não pode ser inglês ou americano. Ou seja, para criar uma identidade “é preciso adquirir uma consciência de unidade e ao mesmo tempo ter consciência em relação ao outro, a alteridade” (FIORIN, 2009, p. 117). Ecoando Woodward, Fiorin (2009) destaca que dois grandes princípios regem as culturas: o da exclusão e o da participação. Ao explicar a construção da identidade brasileira, Fiorin destaca que houve um problema, pois a independência foi proclamada por um príncipe português, que era herdeiro do trono de Portugal, sendo assim não houve de fato uma ruptura completa com o colonizador. “Na construção da identidade brasileira teria que ser levada em conta a herança portuguesa e, ao mesmo tempo, apresentar o brasileiro como alguém diferente do lusitano” (FIORIN, 2009, p.117). Ortiz (2012) ressalta ainda que “quando se afirma que o Brasil não pode ser mais uma cópia da metrópole, está subentendido que a particularidade nacional se revela através do meio e da raça” (ORTIZ, 2012, p. 16).

Assim, a identidade brasileira foi constituída com base na cultura de participação ou mistura, pois apresenta um aspecto contínuo. Para esta construção da nacionalidade brasileira alguns destaques foram importantes, entre eles, a abolição da escravatura e os romancistas. O Guarani, de José de Alencar, por exemplo, é destacado por muitos pesquisadores como um importante começo para a construção da cultura brasileira. Na obra, Alencar descreve a paisagem típica brasileira, a língua falada no Brasil e o mito de origem da nação, representada pelo casal Peri e Cecília, que se encarregam de apresentar a mistura luso-tupi. No entanto, de acordo com Ortiz, somente com o movimento abolicionista e as transformações profundas na sociedade quando o negro é então integrado às preocupações sociais, é que “pela primeira vez

pode-se afirmar, o que hoje constitui num truísmo, que o Brasil é o produto da mestiçagem de três raças: a branca, a negra e a índia” (ORTIZ, 2012, p. 38).

Já no século XX, a identidade brasileira começa a ganhar destaque. O Brasil passa por mudanças profundas, como processo de urbanização, industrialização, crescimento da classe média e o trabalhador assalariado. Gonçalves (1995) explica que, embora as preocupações com a identidade nacional brasileira existissem desde o século XIX, é a partir dos anos 20 e 30 do século XX que essas preocupações assumem a forma de discursos oficiais sobre o chamado patrimônio histórico e artístico.

É nesta época que Gilberto Freyre escreve *Casa Grande e Senzala* e aponta para o mito das três raças; que Sérgio Buarque de Holanda analisa a identidade do Brasil e caracteriza o brasileiro como o homem cordial, aquele que age movido pelo coração; e que Paulo Prado levanta questões acerca da formação da nacionalidade brasileira. É também neste período que acontece em São Paulo a Semana da Arte Moderna, em 1922, e que surgem importantes símbolos da representação brasileira, como a inauguração da estátua do Cristo Redentor no Rio de Janeiro, em 1931; do primeiro romance de Jorge Amado, *O País do Carnaval*; o primeiro concurso de Escolas de Samba, em 1932; entre outros. “Se o modernismo é considerado por muitos como um ponto de referência, é porque este movimento cultural trouxe consigo uma consciência histórica que até então se encontrava de maneira esparsa na sociedade” (ORTIZ, 2012, p. 40).

Outro ponto importante que Ortiz destaca sobre a identidade brasileira é a influência do ISEB – Instituto Superior dos Estudos Brasileiros – na remodelagem da cultura do Brasil a partir dos anos 1950. O órgão, criado em 1955 e que ganhou destaque no governo do então presidente do Brasil, Juscelino Kubitschek, era vinculado ao Ministério da Educação e Cultura. Entre seus objetivos estavam a promoção do desenvolvimento econômico, a consolidação da nacionalidade e a discussão de temas como a questão da alienação, a falta de consciência nacional e o que é nacional e popular. “As tentativas do ISEB de decifrar uma essência brasileira, as discussões em torno do que seria verdadeiramente nacional e popular correspondem a um momento em que existe uma luta ideológica que se trava em torno do Estado Novo” (ORTIZ, 2012, p. 130). Para Ortiz, o instituto, extinto em 1964 com o golpe militar, foi tão importante que não seria exagero considerar o ISEB como matriz de um tipo de pensamento que baliza a discussão da questão cultural no Brasil dos anos 1960 até hoje.

De acordo com esta pesquisa, temos então que a relação entre o popular e o nacional, ou povo e nação, é constante na história da cultura brasileira. Ortiz até usa uma fala de Nelson Werneck Sodré, quando ele afirma que só é nacional o que é popular. “Em diferenças épocas,

e sob diferentes aspectos, a problemática da cultura popular se vincula à identidade nacional” (ORTIZ, 2012, p.127).

Para Ortiz, a procura por identidade brasileira única e verdadeira é um falso problema, mas a questão a ser discutida é a que grupos sociais elas atendem, quem as constrói, como são construídas e o efeito que isso causa. Quem são os mediadores simbólicos? O pesquisador aponta os intelectuais como responsáveis por essa tarefa. Personagens como Silvio Romero, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, entre outros que tanto estudaram a identidade brasileira, são na verdade “agentes históricos que operam na transformação simbólica da realidade sintetizando-a como única e compreensível”. São eles que pegam as manifestações culturais, privilegiando alguns aspectos, e as lançam como discurso de identidade para que depois, grupos sociais mais amplos se apropriem delas, reinterpretando-as. “Os intelectuais têm neste processo um papel relevante, pois são eles os artífices deste jogo de construção simbólica” (ORTIZ, 2012, p.142).

Isso explica porque que quando estudamos a identidade brasileira, analisamos principalmente a questão racial; os símbolos ditos nacionais, como a feijoada, o carnaval, o samba e o futebol; as representações da figura do brasileiro malandro, corrupto, do pobre subindo morro da favela ou da mulher de sexo fácil, de um país tropical, selvagem, onde belas praias entram em contraste com a violência, a falta de saúde e a miséria. Essa construção da identidade é então influenciada pela memória coletiva. “A memória nacional é da ordem da ideologia, ela é o produto de uma história social, não da ritualização da tradição” (ORTIZ, 2012, p.135).

2.4.1 O futebol como símbolo do país

Um dos mais importantes símbolos da representação nacional é uma Copa do Mundo. O futebol aceita mistura de jogadores do mundo todo em um mesmo time, mas na hora de uma Copa do Mundo, só os nacionalizados podem entrar em campo pela seleção oficial de seu país. É em jogo de Copa que cantamos o Hino Nacional e vestimos uniformes com as cores da bandeira dos nossos países.

De acordo com Murad (2012), o futebol é considerado o esporte mais popular no mundo. Para ter uma ideia, a FIFA, fundada em 1904, conta com 208 países associados, sendo a maior entidade da história. É maior que a Organização das Nações Unidas (ONU), criada em 1945, e o Comitê Olímpico Internacional (COI), em 1894. A Copa do Mundo é também o

maior evento esportivo televisionado no mundo, chegando a algumas dezenas de bilhões de audiência.

No Brasil, a história do esporte foi sempre considerada parte da luta social. “Por aqui, o futebol é bem mais do que um esporte: é uma identidade, um símbolo cultural coletivo, por isso tem tanta importância e exerce tamanho impacto em nossa vida” (MURAD, 2012, p. 21).

O futebol é o esporte preferido de 70% da população brasileira (MURAD, 2012). Ecoando Moles, Murad também afirma que nossa formação cultural é um mosaico de várias fragmentações relevantes, como música, dança, literatura, festas populares, culinária, etc., que auxiliam na fixação de identidades coletivas. E o futebol, segundo o autor, é um dos mais importantes desses fragmentos que compõe o mosaico da cultura brasileira. É um caminho para entender o próprio país, no que ele tem de bom e ruim. “O intelectual, escritor e jornalista José Lins do Rego (1901-1957) afirmava que o conhecimento do Brasil passa pelo futebol e que por meio dele podemos fazer uma psicossociologia da vida brasileira, de nossas contradições sociais, de nossos dilemas culturais” (MURAD, 2012, p. 17).

Sobre sua história, Murad afirma que o esporte nasceu na Inglaterra industrial capitalista em 1863 e depois foi exportado para o resto do mundo, inclusive o Brasil. Charles Miller, brasileiro descendente de ingleses, apresentou o esporte aos brasileiros em 1894. No entanto, segundo Costa (2009), o ano de 1874 é o mais citado como o “apito inicial”. O certo é que o esporte nasceu em uma época importante para a nacionalidade brasileira. O Brasil estava saindo da escravidão, em 1888, e entrando na República, em 1889. Era uma época em que o país se encontrava em forte influência da herança colonial e escravista, levando o futebol a ser, no início, um esporte elitista, racista e excludente. Foi o começo de um longo processo de popularização e democratização, que transformaria o futebol na maior manifestação da cultura brasileira.

Nos clubes dos ricos perpetuava-se o esporte tal como chegou aqui: elitista, racista, excludente. Nas ruas, praças pobres, na várzea, na periferia das cidades, no entanto, era um movimento espontâneo dos desfavorecidos, que corriam atrás da bola como forma de afirmação social, uma vez que constatavam a possibilidade de serem bons em algo privativo das elites (MURAD, 2012, p. 76).

A popularização do futebol brasileiro, fruto da resistência e das lutas das camadas desfavorecidas da sociedade, foi consolidada nas décadas de 1940 e 1950. Segundo Murad, foram os pobres que, antes impedidos de participar, trouxeram ao esporte o “jeitinho brasileiro”, uma espécie de “estilo”, a marca própria do Brasil em campo. “É uma herança de nossas identidades culturais indígenas, portuguesas e, sobretudo, negras. No estilo brasileiro

de jogar, as raízes culturais de nossas classes oprimidas se fizeram presentes” (MURAD, 2012, p. 77).

Ao longo do tempo, o futebol foi se consolidando como uma das poucas instituições brasileiras que permitem o acesso democrático, tendo participações de pobres, analfabetos, mestiços, excluídos, entre outros. De acordo com Murad, é possível dizer que o poder social que o esporte alcançou no Brasil tem a ver com o que ele passou a simbolizar: “se ao povo brasileiro pobre forem dadas oportunidades, nosso país vai longe” (MURAD, 2012, p. 78). A partir dessa máxima entra em campo jogadores e torcedores. Esses últimos, representado muitas vezes por gente modesta, sem escolaridade, que mesmo assim discute o assunto em igualdade condições com qualquer outra pessoa.

O futebol sempre representou no Brasil as contradições sociais, os dilemas do brasileiro, e é um dos caminhos para entender nossa sociedade, desde sua formação étnica, miscigenação, musicalidade e cultura corporal, até os aspectos estruturais perversos: a concentração de renda, de poder e de oportunidades. Apesar de todos os problemas sociais, que direta ou indiretamente se refletem no futebol brasileiro, somos considerados os melhores do mundo nessa modalidade esportiva. Também é bem vista e aclamada nossa criatividade artística, musical, carnavalesca e corporal, na dança, no cinema e na literatura – reconhecimento esse que vem mais de outros países do que do próprio Brasil. Trata-se de validação internacional de nossas raízes culturais, nas quais estão em jogo símbolos e a própria identidade brasileira. E tudo isso tem muito valor, indiscutivelmente (MURAD, 2012, p. 81).

O futebol é então uma grande representação social que se revela nos campos, nas torcidas, nas comemorações e nas organizações dos torneios. Como capital simbólico do Brasil ele mostra nossas contradições sociais, paradoxos e tensões culturais.

Por um lado expressa nossa alegria, criatividade, capacidade de organização independente, possibilidades de luta, resistência, de superação, de democracia. Por outro, podem ser vistos aqui e ali, no futebol, o autoritarismo dos dirigentes (do país e dos cartolas), o descaso de autoridades, a corrupção, a impunidade, a concentração de renda e de oportunidades, a violência (MURAD, 2012, p. 81-82).

Por esses motivos, segundo Murad, o futebol no Brasil é mais que um jogo. É uma metáfora, uma imagem condensada da vida brasileira. “Desde as origens do país, o melhor que temos: o melhor açúcar, o melhor café, a melhor soja, o melhor minério, o melhor jogador de futebol” (MURAD, 2012, p. 83).

No entanto, os protestos que surgiram no país contra a Copa do Mundo de 2014 e o trágico desempenho da Seleção Brasileira em campo, perdendo de 7 a 1 para Alemanha, levaram muitos a questionar se o Brasil está mudando e se o futebol, que durante anos foi um símbolo da representação da identidade nacional, está hoje em transformação. O cenário repete uma observação de Carlos Drummond de Andrade para o jornal Correio da Manhã, em 1959:

Somos campeões do mundo, é verdade, mas isso não nos deve torturar mais do que, por exemplo, as misérias do subdesenvolvimento. O campeão não é campeão vinte e quatro horas por dia; chega a hora de calçar os chinelos, e bocejar; um tempo de ver flores; tempo de não sofrer mais do que o estritamente necessário, e desconfiar das glórias incômodas (ANDRADE, 2014, p. 29).

2.5 Representações Sociais na construção da identidade

Quando Zweig (2013), em 1941, diz que “o brasileiro adora ler e raramente se vê um operário ou um trocador de um bonde sem um jornal na mão ou um jovem estudante sem um livro” (ZWEIG, 2013, p. 145), a imagem do país que ele cria causa estranhamento no que temos como referência de Brasil, especialmente porque sabemos que na década de 30 o país possuía cerca de 60% de pessoas analfabetas e ainda hoje, de acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada em 2012 pelo Ibope Inteligência, “o brasileiro lê, em média, quatro livros por ano e 75% da população nunca frequentou uma biblioteca na vida” (ALENCASTRO, 2012). Se o olhar que Zweig tinha sobre o país era verdadeiro ou não, o fato é que os constantes problemas políticos e sociais explorados pela mídia de todo mundo fazem com que, ao pensarmos em Brasil, o que nos vêm imediatamente a nossa memória são as mesmas descrições de Pero Vaz de Caminha, de Hans Staden e inúmeros outros narradores que, ao longo dos anos, descreveram o país como um lugar imenso, repleto de belezas naturais, habitado por um povo alegre, hospitaleiro, mas desigual, atrasado e com sérios problemas econômicos e sociais.

Estas ideias de paraíso e inferno servem de exemplo para explicarmos a importância das representações sociais e como elas são fundamentais na construção da imagem e identidade de algo. Na prática, elas funcionam como um conjunto de sinais e ideias que nos remetem e nos trazem explicação sobre um acontecimento, pessoa ou objeto. Elas são resultantes de uma interação social e funcionam como códigos de um determinado grupo. As representações sociais explicam, por exemplo, porque associamos o Brasil ao futebol, ao Pelé, ao verde e amarelo, à mulata, à Bossa Nova, ao carnaval e a outras infinitudes de símbolos. São elas que explicam, por exemplo, porque quando estamos em algum lugar fora do país e notamos alguém tomando uma caipirinha, logo identificamos a pessoa como um brasileiro ou que, pelo menos, seja alguém que tenha afinidade com a nossa cultura. Interpretamos a cena de maneira deslocada, fora de sua realidade, mesmo sabendo que cachaça, vodka, gelo e limão existem em todos os lugares.

Estas reflexões ecoam Moscovici (2011), autor que produziu em 1961 na Europa a primeira base teórica das representações sociais com a obra *A Psicanálise, sua imagem e seu público*. Ao explicar a Teoria das Representações Sociais, Moscovici as considera como um fenômeno, que tem como propósito principal familiarizar o não familiar. Para o autor, as representações sociais convencionalizam objetos, pessoas ou acontecimentos, dando a eles uma forma definitiva e que será partilhada igualmente por um grupo. “Mesmo quando uma pessoa ou objeto não se adequam exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma e se tornar idêntico aos outros sob pena de não ser compreendido, nem decodificado” (MOSCOVICI, 2011, p. 34).

Moscovici estuda as representações dentro do campo da psicologia social. Para o autor, elas estão ligadas à alteridade, ou seja, devem ser analisadas não só a partir da questão do indivíduo, mas também da sociedade como um todo. E nesta concepção, as representações sociais estão ligadas diretamente com a comunicação. Para o autor, todas as interações humanas, sejam elas entre duas pessoas ou grupos, pressupõem acontecimentos que estão psicologicamente representados em cada um dos participantes. Esses acontecimentos também estão relacionados ao conhecimento, que, segundo o autor, nunca é desinteressado, mas sempre produto de um grupo específico. Assim como Jovchelovitch (2013) afirma que “são as mediações sociais, em suas mais variadas formas, que geram as representações sociais”, Moscovici defende que elas não são criadas por um indivíduo isoladamente, mas sim por pessoas e grupos no decurso da comunicação e da cooperação. Elas igualam toda imagem a uma ideia e toda ideia a uma imagem. “Uma vez criadas, as representações sociais adquirem vida própria, circulam, se encontram, se atraem, se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem” (MOSCOVICI, 2013. P. 41). E além de situar os indivíduos e os grupos no campo social, permitindo ao mesmo tempo a elaboração de uma identidade coletiva e pessoal, o ato de representar carrega sempre um sentido simbólico. Sendo assim, Moscovici define as representações sociais como:

Um sistema de valores, ideias e práticas com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (MOSCOVICI, 2011, p.21).

No entanto, uma questão importante ao estudar o tema é que nenhuma mente está livre dos efeitos de condicionamentos anteriores que lhe são impostos por suas representações, linguagem ou cultura. E apesar de, com muito esforço, tentarmos escapar dessas percepções e

preconceitos, não conseguimos nos libertar sempre de todas elas, já que as representações sociais são históricas e se impõem sobre nós com a força da tradição. “Enquanto essas representações, que são partilhadas por tantos, penetram e influenciam a mente de cada um, elas não são pensadas por eles; melhor, para sermos mais precisos, elas são re-pensadas, re-citadas e re-apresentadas” (MOSCOVICI, 2011, p. 37). É o que Bauer (2013) destaca como resistência das representações. Para o autor, ao resistir a uma inovação simbólica de representações sociais essa defesa funciona como um sistema imunológico cultural, onde “novas ideias são assimiladas às já existentes, que neutralizam a ameaça que elas representam e tanto a nova ideia, como o sistema que a hospeda, sofrem modificações nesse processo” (BAUER, 2013, p. 183).

Liu e Hilton (2005) também afirmam que a representação de um grupo e de sua história irá condicionar o sentido do seu passado, presente e futuro, sendo, portanto, essenciais para a construção de sua identidade, normas e valores. Para os autores, “representações da história ajudam a definir a identidade social dos povos, especialmente na forma como eles se relacionam com outros grupos, além de questões atuais de política internacional e diversidade interna” (LIU, HILTON, 2005, p. 1).

Temos então que as representações sociais estão ligadas diretamente a nossa memória e o que nós entendemos de mundo. “É dessa soma de experiências e memórias comuns que nós extraímos as imagens, linguagens e gestos necessários para superar o não familiar, com suas consequentes ansiedades” (MOSCOVICI, 2011, p. 78).

Neste campo, Moscovici destaca dois processos importantes para que as representações sociais se formem: a ancoragem e a objetivação. A ancoragem tem a função de classificar, dar nome a alguma coisa ou rotular, enquanto que a objetivação está ligada a reprodução de um conceito a uma imagem, funcionando como um referencial. Nas palavras de Jovchelovitch, “elas são as formas específicas em que as representações sociais estabelecem mediações, trazendo para um nível quase material a produção simbólica de uma comunidade, dando conta da concreticidade das representações sociais na vida social” (JOVCHELOVITCH, 2013, p. 69).

No entanto, sabe-se que quando um sujeito procura compreender algo desconhecido, ele busca colocá-lo dentro do seu mundo particular, em seu contexto ou cultura para dar a ele um significado. “Assim, por exemplo, uma pessoa religiosa tenta relacionar uma nova teoria ou comportamento de um estranho, a uma escala religiosa de valores” (MOSCOVICI, 2011, p. 61). Isso tem a ver, por exemplo, com o fato de que o olhar de um inglês para um desfile de escola de samba no Rio de Janeiro será diferente do olhar de um brasileiro. Para compreender

o que acontece no sambódromo, o visitante estrangeiro irá descrever o que ele está vendo a partir do seu campo familiar de conhecimento, cultura e memória. Desta forma, a ancoragem e a objetivação podem causar consequências importantes, como, por exemplo, fazer com que um objeto ou pessoa sejam interpretados de uma forma tendenciosa entre um grupo que compartilha as mesmas ideias ou ainda que pessoas ou objetos tornem-se desconhecidos de outros grupos que não compartilham a mesma cultura. Isto justifica quando Moscovici afirma que “todos nossos preconceitos, sejam nacionais, raciais, geracionais ou quaisquer que alguém tenha, somente podem ser superados pela mudança de nossas representações sociais da cultura, da natureza humana e assim por diante” (MOSCOVICI, 2011, p. 66).

Outro ponto importante na discussão de Moscovici, e que serve como base para este estudo, é que o caráter das representações sociais é revelado especialmente em tempos de crise, quando um grupo está passando por mudanças e a barreira entre o público e o privado fica confusa. Para o autor, quando há um cenário de mudanças - como o que aconteceu no Brasil durante a Copa do Mundo - as representações sociais estão mais transparentes, as pessoas estão mais dispostas a comunicar, as imagens e expressões são mais vivas, as memórias coletivas estão mais excitadas e o comportamento se torna mais espontâneo. Na visão de Moscovici, “essas tensões podem ser o resultado de novas descobertas e novas concepções” (MOSCOVICI, 2011, p. 91).

Ainda refletindo sobre o tema, é importante destacar que, além das formas orais e escritas, a memória também atua na reprodução das representações sociais durante eventos que marcam a história. Eles são, portanto, ingredientes essenciais na construção e manutenção da comunidade imaginada da nacionalidade. Destacar, por exemplo, fatos importantes sobre o Brasil, como seu descobrimento, independência, abolição da escravatura, ditadura, o movimento Diretas Já e agora as manifestações contra a Copa do Mundo de 2014, é lembrar datas que marcam gerações e funcionam como representações que invocam o passado no presente e atuam na construção da identidade. Desta forma, Liu e Hilton (2005) afirmam que a “representação de um grupo e de sua história pode explicar como o seu mundo passou a ser do jeito que é e justificar suas respostas aos desafios atuais” (LIU, HILTON, 2005, p. 2). Temos então que essas representações são ferramentas poderosas na construção de narrativas sobre identificação. Especialmente hoje, em uma sociedade cada vez mais complexa, onde a relação social é em grande parte mediada pelos canais de comunicação de massa.

Legros, et. al., (2007) destacam que, na sociologia, o conceito de representações sociais é bem mais usado que o de imaginação ou o de imaginário. No entanto, segundo os autores, enquanto a representação é um mecanismo de comunicação das imagens, a

imaginação é a criadora delas. Imagem aqui é vista sempre como uma reprodução de um original e de acordo com Samain (2012), ela sempre veicula pensamentos e memórias. “Não é possível pensar a imagem se não a situarmos no sistema no qual ela está conectada: nosso cérebro, o contexto, a própria imagem, aquele que a contempla, num tempo e num espaço histórico” (SAMAIN, 2012, p. 34). Narrar é sempre comunicar significados. É ativar o imaginário tanto do autor quanto do receptor, já que o texto carrega uma narrativa carrega uma complexidade muito maior que uma situação vivida face a face.

Legros, et. al., (2007) defendem o imaginário não como algo inexistente, falso, mentiroso ou irracional, mas tudo aquilo que se diz respeito a uma civilização, que circula através da história, das culturas e grupos sociais, ou seja, um fenômeno coletivo social. “O imaginário é o produto do pensamento mítico, concreto que, funcionando sobre o princípio da analogia, se exprime por imagens simbólicas organizadas de maneira dinâmica” (LEGROS, et. al., 2007, p. 10). Sendo assim, um estudo do imaginário social diz respeito às mitologias sociológicas e conduz ao esclarecimento dos mitos dominantes de uma determinada época, cultura, nação, classe social, entre outros. Nesta concepção, temos que, “enquanto a análise das representações sociais se estabelece, geralmente, sobre um léxico, a análise em termos de imaginário se apropria, antes, dos conceitos virtuais” (LEGROS, et. al., 2007, p. 128).

Em outras palavras, o imaginário está ligado à semiótica, aos símbolos, aos sentidos, à cultura e à metanarrativa. E considerando o texto jornalístico como um gênero que constrói significados sobre a realidade, nota-se que o imaginário se relaciona não só com a construção do texto, mas também com a hermenêutica. Por exemplo, no campo do imaginário, quando representamos o Brasil como um gigante, estamos reproduzindo as particularidades físicas de um gigante tal como ele é visto em nossa mente: tamanho, peso e força. É a representação do “gigante pela própria natureza”, como afirma a letra do Hino Nacional brasileiro, antes já destacado por Pero Vaz de Caminha, se referindo à imensidão territorial do país, ao número de habitantes e sua força econômica, política e social. No entanto, nos contos, o gigante também simboliza o monstro, o maléfico, o que está em uma posição alta, um ser fantástico, o mundo selvagem, o oposto ao cortês e ao cavalheiro. Nos contos, durante o enfrentamento entre o homem e o gigante, a história termina sempre pela afirmação da civilização progressista. “Os gigantes são, permanentemente, impelidos para regiões distantes, da mesma forma que a ignorância é rejeitada aos confins da existência” (LEGROS, et. al., 2007, p. 252).

Temos então que a imagem do Brasil representada como um gigante pode ser vista de forma positiva e negativa, onde apenas uma interpretação atenta do texto vai determinar os rumos da narrativa e o sentido dado pelo autor. É essa a importância de uma análise crítica da

narrativa para compreender o sentido real das palavras e a perspectiva daquilo que nos é transmitido. Assim como aponta Gadamer (2006), ao ler um texto, é necessário uma reflexão explícita sobre as condições que levam seu conteúdo a ter esse ou aquele significado, já que “todos os enunciados provenientes da razão são suscetíveis de interpretação, posto que o seu sentido verdadeiro ou real nos chega sempre mascarado ou deformado por ideologias” (GADAMER 2006, p.19).

2.6 A questão da globalização

Se as representações sociais são a produção cultural de uma comunidade e o mundo pós-moderno oferece uma pluralidade de culturas, a questão que relaciona os conceitos acima com o objeto de estudo desta pesquisa é justamente discutir como a identidade brasileira atual está sendo construída na mídia on-line estrangeira. Neste caminho de análise, é importante refletir sobre a questão da globalização, que ao estreitar cada vez mais as relações sociais, desloca as velhas identidades, sugerindo, em alguns grupos, novas formas de representação.

De acordo com Featherstone (1994), no mundo globalizado, a pessoa que era inquestionavelmente estranha, agora se torna o próximo e esta afirmação cabe muito bem nos dias de hoje. Basta entrarmos em uma rede social na internet, por exemplo, que estamos conectados com pessoas do mundo todo. Para Smith (1994) a cultura global que está surgindo atualmente “é uma verdadeira miscelânea de componentes distintos extraídos de todas as partes e de lugar algum, trazidos por veículos modernos dos sistemas de comunicação global” (SMITH, 1994, p. 189). Por outro lado, segundo Jovchelovitch (2013), esse estreitamento de laços e culturas pode levar a uma realidade em que os seres humanos usam diferentes territórios para refletir sobre suas identidades. Neste caso, a presença do outro pode interferir em parâmetros que definem a vida comum. Para a autora, é através da ação de sujeitos sociais agindo no mesmo espaço que a esfera pública aparece como o lugar em que uma comunidade pode desenvolver e sustentar saberes sobre ela mesma, ou seja, as representações sociais.

Bauman (2005) alerta que a identidade social entra em crise quando ela perde as âncoras que a naturalizavam. Neste caso, há então uma corrida por novas identidades e novas representações. O fato é que a construção da identidade é voltada para os meios e sua busca fica ainda maior quando a figura representada não enxerga nela sua imagem ou ainda quando esta representação perde sua validade. Por outro lado, todo este processo é mediado pela cultura popular, o que nos faz retornar ao ponto de origem. É o mesmo caso do processo de

resistência já discutido neste estudo, quando as velhas identidades ou representações acabam na verdade sendo re-citadas e re-apresentadas.

Guareschi e Jovchelovitch (2013) afirmam que a produção contemporânea oferece uma série de possibilidades para pensar a psicologia social, a prática que desenvolvemos em torno dela e a realidade social com a qual nos deparamos. Para os autores, esta discussão é especialmente necessária na América Latina, onde “pobreza, fome, miséria, violência e exploração ainda são significantes poderosos para construir nossas sociedades” (GUARESCHI, JOVCHELOVITCH, 2013, p. 20) cabendo a nós questionar as condições históricas de produção e reprodução de representações sociais e os efeitos catastróficos que elas causam na vida social.

Para Martín-Barbero (2006, p.54) dois processos estão transformando radicalmente o lugar da cultura nas sociedades latino-americanas: a revitalização das identidades e a revolução das tecnicidades. De acordo com o pesquisador colombiano, “os processos de globalização econômica e informacional estão reavivando a questão das identidades culturais, étnicas, raciais, locais, regionais”. Por sua vez, o que a revolução tecnológica introduz em nossas sociedades, segundo Martín-Barbero (2006), não é a quantidade de máquinas, mas um novo modo de relação entre os processos simbólicos, que constituem o cultural.

As velhas identidades não ficam perpetuadas por características únicas como, por exemplo, atribuir a todo o brasileiro o qualificativo de cordialidade, ou caracterizar o Brasil inteiro como o país do futebol. As identidades não têm este caráter imutável. Elas estão sujeitas a novos modos de recepção, a novas linguagens, a novos saberes. Por isso, Ortiz lembra Corbusier, para quem “a procura de uma estrutura ontológica do homem brasileiro seria na verdade a busca de uma estrutura fásica, que se rearranjaria e se modificaria no decorrer das diferentes fases da história brasileira” (ORTIZ, 2012, p.137).

Ao estudar a construção da identidade na globalização, Hall também destaca a questão do deslocamento de identidades centradas. Para o autor, a globalização produz um efeito pluralizante de identidades, tornando-as mais posicionais, mais políticas. Entretanto, Hall alerta que seu efeito geral é também contraditório já que “a globalização caminha em paralelo com um reforçamento das identidades locais. Ela é um processo desigual e tem sua própria geometria de poder” (HALL, 2011, p. 80). Ou seja, para o autor fortalecimento de identidades locais também pode ser visto como um efeito da globalização.

No entanto, em tempo de globalização, uma questão que se torna atual é saber como é hoje a representação do Brasil pelos meios de comunicação, especialmente a mídia estrangeira, que é nosso foco de estudo. A imprensa europeia ainda utiliza os mesmos velhos

símbolos e mitos da história para representar o Brasil ou houve alguma superação da resistência para construir uma nova imagem? De que maneira o Brasil atual, que passa por transformações econômicas e sociais significativas, que acorda para seus problemas sociais e vai às ruas em busca de direitos e cidadania, está sendo representado lá fora por meio das narrativas jornalísticas? Estas são as perguntas deste trabalho que serão discutidas nos capítulos seguintes.

3 NARRATIVAS

O mundo é constituído por narrativas. O homem narra ao contar uma história, ao tirar uma foto, ao escrever uma música, ao conversar... Elas estão presentes o tempo todo e formam nossas identidades. “A narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem, fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias” (BARTHES, 2009, p. 19). De acordo com Motta (2013), narrar é uma experiência enraizada na existência humana. Elas são mais que representações, são estruturas que dão sentido e significação à vida humana. São relatos de acontecimentos. Elas recriam o passado, vivem o presente e o futuro. Para o autor, narrar é explorar na imaginação possíveis desenvolvimentos. É a metáfora ou releitura da realidade:

Quando narramos algo, estamos nos produzindo e nos constituindo, construindo nossa moral, nossas leis, nossos costumes, nossos valores morais e políticos, nossas crenças e religiões, nossos mitos pessoais e coletivos, nossas instituições. Estamos dando sentido à vida. Aquilo que incluímos ou excluímos de nossas narrações depende da imagem moral que queremos construir e repassar. Através das narrativas recobrimos nossas vidas de significação. Elas reiteram e confirmam o canônico, nomeiam e explicam o desviante, legitimam e estabilizam o mundo. Na narrativa, imitamos a vida; na vida, imitamos as narrativas (MOTTA, 2013, p. 18-19).

Nesta concepção, para compreender o real sentido de uma narrativa é importante que o receptor devore a mensagem, mergulhe no seu processo de criação, cultura, contexto histórico e explore ao máximo seu significado. “É preciso que a significação seja desde princípio o critério da unidade” (BARTHES, 2009, p. 29). Para isso, é preciso interpretar a narrativa da maneira mais completa possível, como uma antropofagia do saber. Neste processo, cada peça é digerida e quebrada em pedacinhos. É o que Motta (2013) destaca como sendo a análise crítica da narrativa, que significa “assumir uma atitude analítica aguçada e compreensiva. Lançar sobre o objeto um olhar escrutinador, sistemático e rigoroso, através de processos que permitam relacioná-lo ao seu contexto de produção e de recepção” (MOTTA, 2013, p. 19). É compreender o poder da mensagem, o uso intencional da linguagem, dos fins e efeitos de sentido pretendido na relação entre quem fala e quem recebe. Nas palavras de Motta, ser crítico é suspender juízos, evitar assertivas, duvidar, indagar a realidade histórica e questionar criativamente as verdades definitivas.

Análise crítica da narrativa é o estudo metódico, orgânico, rigoroso do processo de comunicação narrativa, que nasce da dúvida sobre o preestabelecido e persegue o conhecimento sistemático a respeito das relações históricas que configuram as histórias reais ou ficcionais. Criticar, como diz Ruiz (1980), é analisar, questionar, submeter a exame, julgar a validade e a fundamentação das soluções preestabelecidas. Para ele, é necessário que se estabeleça a distinção entre o espírito

crítico e o espírito da crítica. Espírito crítico é a atitude que busca com seriedade a verdade, poderá razões, confronta motivos, situa concretamente o objeto analisado. Espírito de crítica nasce da inquietação pessoal, julga e define valorativamente, correndo o risco de levar ao ceticismo (MOTTA, 2013, p. 23).

Gadamer (2006) reforça a afirmativa ao dizer que se quisermos apreender o texto em sua autenticidade, devemos aprender seu sentido e seu significado, ou seja, a perspectiva daquilo que nos é transmitido. “Trata-se, em outros termos, de aprender o valor intrínseco dos argumentos apresentados” (GADAMER, 2006, p. 59). É isso que propomos destacar nas análises dos textos jornalísticos apresentados neste estudo.

Na história, Vladimir Propp é um dos precursores da análise da narrativa¹. Ao publicar, em 1928, a primeira edição de sua obra *Morfologia do conto maravilhoso*, Propp trabalha a cultura popular mostrando que a narratologia não se limita apenas a teoria literária ou seus pontos ficcionais, mas podendo ser levada ainda para as expressões e reflexos culturais. Nesta concepção, a narratologia desloca-se da teoria literária para tornar-se um procedimento de análise social geral. Com isso ela ganha um caráter multidisciplinar, saindo do texto para interagir com a cultura e o contexto social que ela está inserida, traduzindo o conhecimento subjetivo e objetivo do mundo em relatos carregados de significados.

Diferentemente do estruturalismo, a narratologia proposta por Motta (2013) é definida como um ramo das ciências humanas que estuda os sistemas narrativos das sociedades. Ela dedica-se ao estudo dos processos de relações humanas que produzem sentidos através de expressões narrativas, sejam elas factuais (jornalismo, história, biografias, manifestações orais, por exemplo) ou ficcionais (romances, contos, cinema, telenovelas, mitos). De acordo com o autor, ao narrar, alguém está explorando na sua imaginação possíveis desenvolvimentos (reais ou ficcionais) das condutas e comportamentos humanos, que os teóricos chamam de atividade mimética ou imitação. É a recriação de algo já existente ou já explorado. E como já foi dito no capítulo de representação social, “quando escutamos, assistimos ou lemos uma estória, recriamos a sua significação a partir da relação que fazemos com os nossos próprios valores e nossa memória cultural” (MOTTA, 2013, p. 73), ou seja, a partir de nossa visão de mundo.

Sendo assim, vamos usar neste trabalho a metodologia da narratologia tal como Motta (2013) descreve em seus estudos: como um campo de estudo antropológico que remete à cultura da sociedade e não apenas às suas expressões ficcionais. Mas por que vamos usar esta

¹ A análise da narrativa nasce vinculada ao formalismo russo e ao estruturalismo linguístico francês. As raízes desses movimentos estão fundamentadas no esforço dos críticos literários do início do século passado que rejeitavam o caráter retórico e especulativo da crítica literária historicista e humanista e de até então. (MOTTA, 2013, p. 78).

metodologia? Porque para o autor, além de análise de crítica, a narratologia pode ser usada para compreender os mitos, as fábulas, os valores subjetivos, as ideologias e a cultura política inteira de uma sociedade. De acordo com Motta, estudamos as narrativas para compreender quem nós somos e porque representamos o mundo de forma fiel e imaginável. Neste sentido, o autor classifica as narrativas como factuais e imaginárias:

Popularmente, narrativas fictícias são aquelas imaginárias ou ilusórias, inventadas e não verdadeiras, como as lendas, a literatura, a tragédia teatral e a grande maioria dos filmes. Em contraposição, as fáticas são as narrativas realistas: pretendem ser verdadeiras, como no jornalismo na biografia, na historiografia e na ciência. A primeira, implica uma suspensão temporária da descrença: animas podem falar, monstros podem existir, o tempo pode retroceder, um morto retornar à vida, etc., e ninguém contesta porque o ficcional pressupõe que o universo descrito é ilusório, irreal: é o reino do como se. A segunda reivindica uma fidelidade ao real, a veracidade e autenticidade históricas (MOTTA, 2013, p. 36).

O texto jornalístico é um exemplo de narrativa objetiva baseada no real. São narrativas factuais porque buscam estabelecer relações lógicas e cronológicas das coisas físicas e das relações humanas reais. No entanto, na concepção de Motta, a maior parte das narrativas produzidas pela mídia explora o fático e o imaginário. O fático quando quer causar o efeito de real, da objetividade e o fictício quando apela para o lado emocional.

Nota-se que os jornalistas exploram bem o discurso narrativo para causar efeito de sentido seja ele real ou emotivo. Entretanto, quando vamos analisar uma narrativa midiática é preciso preocupar-se com o processo como um todo e não apenas com o produto, como faz a narratologia literária. Fazer uma análise jornalística é o mesmo que perguntar como a história do presente está sendo construída. É recuperar o anterior e reuni-lo ao posterior para tecer os fios. É recuperar as expansões para trás e para frente da história.

A seguir, apresentamos o conceito de narrativa jornalística, passando pelas formas produtivas do jornalismo on-line, meio em que estão publicadas as notícias analisadas neste estudo. Depois, uma introdução às narrativas transculturais e em seguida destacamos os métodos de análise usados nesta pesquisa.

3.1 Narrativas jornalísticas

Ao apresentar os conceitos de narrativa jornalística, Ladeira Mota (2012) fala de uma narrativa que se volta para os fatos. "Para os historiadores e os jornalistas, a narrativa se prende ao acontecimento, ao mundo dos fatos visíveis. Já os narradores de contos populares e

literatura não se atêm aos fatos, mas constroem narrativas impregnadas de valores estéticos e morais" (LADEIRA MOTA, MOTTA e CUNHA, 2012, p. 13).

Sodré (2009) também destaca que a narrativa jornalística comporta a ideia de um evento que se destina a ser representada pelo texto. Para ele, na notícia, o acontecimento referido obriga a ser verídico e a obedecer à técnica corrente da prática do jornal. “O real da notícia é a sua factualidade, a sua condição de representar um fato por meio do acontecimento jornalístico” (SODRÉ, 2009, p. 27).

Ao buscar o conceito de fatos, Fonseca (2010) relaciona o termo com acontecimento e notícia. A autora parte do princípio que a matéria-prima do jornalismo é a informação. “Essa informação, no entanto, precisa apresentar determinadas características para ser transformada em notícia, e vários autores já se ocuparam de relacioná-las, podendo-se citar, por exemplo, as de veracidade, atualidade e interesse público” (FONSECA, 2010, p. 169). De acordo Fonseca, do ponto de vista conceitual, autores como Charaudeau (2007), Mouillaud (1997), Rodrigues (1993) e Sodré (2009) não distinguem acontecimento de fato, sendo o acontecimento jornalístico, “um fato digno de registro na forma de notícia”. Segundo a autora, embora vários autores venham se dedicando ao longo do tempo em definir notícia, as tentativas são extensas e insatisfatórias em razão da imprecisão conceitual. No entanto, Fonseca usa uma definição de Charaudeau, que explica que “notícia é o conjunto de informações que se relaciona a um mesmo espaço temático, tendo um caráter de novidade” (CHARAUDEAU *apud* FONSECA, 2010, p. 173).

Partindo desses conceitos, propõem-se então que a narrativa jornalística é um relato do acontecimento ou notícia. E sabendo que a “notícia é uma porta de entrada para a cultura” (LADEIRA MOTA, 2012), não se pode atribuir as narrativas jornalísticas apenas sua relação com a realidade pura, verdadeira e objetiva. Pelo contrário, sabemos que ela está impregnada de subjetividade mesmo quando tem o propósito principal de relatar os acontecimentos. É por isso que Ladeira Mota prefere a expressão “construções de significados da realidade” para caracterizar uma narrativa jornalística. E essa característica é fundamental para entender a importância do estudo das narrativas, já que o trabalho da narratologia é ir além do que está no texto. Ultrapassar os limites da produção, entrar no contexto da cultura, do processo histórico que está inserido, analisar os personagens, o discurso de fala, os sentidos e a intencionalidade do autor são caminhos que a narratologia propõe percorrer.

Ao responder a pergunta: O que é uma narrativa jornalística? Motta (2013) divide o jornalismo em dois gêneros de reportagens: soft e hard news. De acordo com ele, nas soft news, o repórter possui mais liberdade para escrever, criar e contar sua história em uma

linguagem quase literária. Assim, “o texto desse gênero de reportagem afasta-se do jornalismo duro do dia a dia, adquire maior dramaticidade, uma estrutura semelhante à do conto e pode ser estudado conforme qualquer outra narrativa de ficção” (MOTTA, 2013, p.95).

No entanto, de acordo com o autor, o relato jornalístico por excelência aparece nas *hard news*, ou seja, nas duras e cruas notícias do dia a dia. Entre suas características principais, estão: redação em terceira pessoa, linguagem descritiva e direta, tendência à objetividade e intenção em produzir o efeito de real. Além disso, o autor aponta o lide como a característica mais clara deste tipo de gênero. “A expressão mais visível desse estilo duro é o chamado lide jornalístico, quando o repórter relata em linguagem direta o quê, quem, onde, quando, como e o porquê do incidente reportado”, (MOTTA, 2013, p.96). Segundo Motta, a lógica narrativa só se revela nas *hard News* se observarmos como elas lidam com o tempo, que, para ele, no relato jornalístico, é difuso, anárquico e invertido. Assim, quem for analisar uma narrativa jornalística precisa prestar atenção na cronologia do enredo, já que muitas vezes a estória começa pelo final, além de identificar os conflitos, posicionar as personagens, descortinar o clímax e o desenlace da intriga. “Os acontecimentos-intrigas, oriundos do duro jornalismo do dia a dia caracterizam, a meu ver, a narrativa noticiosa por excelência, apagando a dura referencialidade e revelando uma poética jornalística” (MOTTA, 2013, p. 98). Neste sentido, é a reconfiguração do acontecimento-intriga que vai tecer a totalidade da história e garantir uma narrativa.

Embora Motta (2013) afirme que a narrativa jornalística possa aparecer tanto nas *soft* como *hard news*, o autor alerta que identificar a síntese narrativa nesta última é um processo mais complexo. Segundo o autor, ao trabalhar com as *hard news*, o analista precisa partir de uma reorganização do tempo narrativo - que vai desde a lógica da composição da história e a imposição da ordem que a intriga requer - para compreender como as notícias do dia a dia se aproximam da ficção tornando-se contos, fábulas e mitos da contemporaneidade impregnados de subjetividade. “Só recompondo as fragmentadas notícias fáticas como uma intriga temática e coerente o analista poderá realizar uma análise da narrativa jornalística enquanto um processo de coprodução de sentidos” (MOTTA, 2013, p. 102). Segundo Motta, somente depois de remontar o acontecimento-intriga é que o pesquisador poderá compreender criticamente o processo de comunicação narrativo jornalístico, as relações de poder entre os interlocutores e observar o enquadramento do texto dado pelo narrador.

Ecoando Motta, Sodré (2009) destaca ainda que cada jornal constrói uma identidade para chamar atenção de seu público. De acordo com o autor, é esta construção de relacionamento entre jornal e receptor que permite uma diferenciação frente a outros modos

jornalísticos, onde ao mesmo tempo que enunciam fatos cotidianos, também podem dar margens ao aparecimento de posições diferenciais, como pontos de vista, doutrinas, preferências políticas e outras ideologias.

Sobre o tema, Motta (2013) afirma ainda que, ao realizar uma análise da narrativa jornalística, o pesquisador deve percorrer um caminho duplo entre a análise da narrativa literária e fática, integrando elementos dessas duas vertentes em uma narrativa nova. Neste sentido, a recomposição das notícias gera sempre um produto cultural diferente, que remete a uma antropologia da notícia dedicada à compreensão da realidade imediata no transcurso cultural de uma sociedade. “Ao realizar essa recomposição do acontecimento-intriga, passamos a compreender a mimese jornalística não apenas como atividade de representação realista difusa do real fático, mas como uma atividade produtora de sentidos culturais, uma mimese histórica instituidora da realidade” (MOTTA, 2013, p. 99-100). O que o autor sugere é que, ao ler uma narrativa jornalística, o receptor interpreta o texto e constrói significados, não só a partir de elementos provenientes da notícia, como também de suas próprias experiências de vida, memória e cultura.

3.2 As narrativas transculturais

Ao propormos analisar a representação da identidade brasileira em jornais estrangeiros, estudamos textos jornalísticos construídos pelo olhar do outro. Neste campo de pesquisa, é importante discutir sobre essa narrativa que se forma tendo como viés a alteridade: o Brasil pensado de fora.

Como discutimos no capítulo dois deste estudo, a identidade é relacional e construída por meio das relações de diferenças. Sendo assim, “é apenas através do olhar de uma outra cultura que uma cultura estrangeira revela-se completamente” (BAKHTIN, *apud* STEVENS, 2000, p. 9). Mas é possível conhecer o novo sem levar na bagagem expectativas, preconceitos ou ideias pré-concebidas trazidas pelas representações e o imaginário? Como afirma Armstrong (2000), “é difícil, talvez impossível, o estudioso pensar a diferença e a criatividade de uma cultura sem recorrer a um sentimento subjetivo do que se sente como autêntico” (ARMSTRONG, 2000, p. 42). De acordo com o autor, a avaliação de outra cultura é na verdade um diálogo entre duas culturas, ou ainda, uma relação de semântica simbiótica entre duas posturas psicológicas.

Ao estudar as comunicações interculturais, Baptista (2008) destaca que na sequência das reflexões em torno da globalização versus lógicas locais, além de questões econômicas e

conflitos étnicos, a comunicação entre culturas diversas tornou-se recentemente incontornável. De acordo com o autor, compreender um objeto cultural a partir de outra cultura é admitir uma recriação, uma perspectiva que ensina a olhar a realidade de uma maneira nova e necessariamente diferente. Em suma, “trata-se sempre de uma interação entre semelhança (aquilo que culturalmente nos é familiar e próximo) e dissemelhança (o que é estranho e diverso), que exige uma atitude em grande parte recreativa e imaginária” (BAPTISTA, 2008, p. 174). Para o autor, compreender um objeto cultural alheio é sempre um desafio, sendo preciso sempre reconhecer o outro num movimento de pré-compreensão, que implica ao mesmo tempo distanciamento e pertencimento. Compreender, na concepção de Baptista (2008), é criar sentidos propostos por um objeto, o qual pode ser identificado e re-identificado por diferentes indivíduos, culturas e épocas.

A questão é que ao escrever ou ler uma história sobre um país, por exemplo, o estrangeiro ativa, mesmo que inconsciente, processos sócio-culturais de sua própria identidade para dar maior coerência à história que lê, vê ou escreve. “A coerência é obtida pela fusão de horizontes, sucessivas conexões significativas que o leitor faz procurando ligações entre fatos relatados com os seus próprios mundos possíveis e culturalmente referenciados, num processo de correferência” (MOTTA, 2013, p. 100).

Em relação ao Brasil, Schollhammer (2000) destaca que, ao chegar ao país pela primeira vez, o estrangeiro vem munido de preconceitos, desejos e temores. “Talvez ele esteja à procura de sensualidade, calor humano, liberdade e musicalidade ou tentando fugir da violência, poluição, corrupção e caos que também deve encontrar” (SCHOLLHAMMER, 2000, p. 20). De acordo com o autor, para o recém-chegado, a vivência no país pode ser única, a ponto de modificar radicalmente suas expectativas e até mesmo personalidade. No entanto, “enquanto o visitante sempre tenta mobilizar registros interpretativos próprios para absorver as aparências, ele também percebe no contato brasileiro que é recebido por esquemas de identificação que não diferem muito dos clichês que ele próprio carrega” (SCHOLLHAMMER, 2000, p. 20).

É neste caminho que destacamos as narrativas transculturais. Elas são construídas a partir de uma posição de alteridade que não pertence integralmente a uma única cultura, mas sim entre mundos distintos. Essas narrativas vão além de uma comunicação entre culturas e se desdobram em um novo produto, ou seja, elas se deslocam da superfície do intercultural passando a ser incorporadas ou apropriadas pelo grupo. Nessas narrativas, o autor busca interpretar o outro, por meio de exemplificação ou por experimentação. No primeiro, ele integra discursivamente a alteridade, observada por comparação com o sistema cultural

predominante em sua civilização, no segundo caso, o narrador cede ao impulso de se entregar e experimentar o outro, explorando seus limites subjetivos (SCHOLLHAMMER, 2000).

Entre os exemplos dessas narrativas estão os relatos dos viajantes europeus sobre o Brasil, destacados no primeiro capítulo deste estudo. Ao escrever sobre a colônia, esses viajantes já usavam elementos de suas próprias culturas como referência, não só para interpretar, como também para influenciar a nossa. Na Carta de Pero Vaz de Caminha, a maneira como o narrador europeu se coloca no lugar dos nativos para compreender a vontade dos índios e depois a autorrepresentação dos brasileiros como país exótico e gigante, tal como descrito na Carta, são exemplos dessa intersecção cultural.

Neste sentido, a partir de uma hermenêutica do outro, o transcultural transforma, modifica e, por meio da apropriação, pode formar um novo produto. É o que também ocorreu quando músicos brasileiros interpretaram os arranjos do jazz americano no final dos anos 50. Ao tomar para si elementos musicais da cultura externa da época, os artistas brasileiros inventaram a Bossa Nova, criando um novo produto para a identidade brasileira.

É neste sentido que compreendemos as narrativas transculturais como algo que vai além do diálogo entre duas culturas. Por meio da hermenêutica, mesmo que haja um limite da capacidade do narrador de posicionar-se do ponto de vista do outro e esse olhar seja parcial, essas relações transculturais modificam e transformam uma representação, mito, símbolos e identidade.

Entretanto, se as narrativas transculturais já existiam, e no Brasil ela dá início já com os primeiros relatos de viagens, no mundo pós-moderno, com a globalização e outras transformações sociais e políticas - como urbanismo, industrialização, democratização e inovações tecnológicas - essas narrativas tornam-se ainda mais comuns. Hoje, com a internet, a troca de culturas e informações entre habitantes de qualquer parte do mundo ocorre cada vez mais. Soma-se a isso a possibilidade de uma comunicação mais permanente e fluída com os lugares de origem, seja por parte dos imigrantes temporais, dos definitivos ou mesmo por parte daqueles que viajam a turismo ou a trabalho, fazendo com que a experiência da interculturalidade se produza contemporaneamente em dois principais cenários: a cidade e a indústria cultural (COGO, 2000).

Tais conflitos e dinâmicas multiculturais vão dando lugar a um rico e conflitivo diálogo a três vozes no contexto da globalização: a sociedade que pensa em si mesma como homogênea a partir de uma cultura que a sustenta (1), as vozes internas da diversidade (2) e a figura do outro/estranho/estrangeiro (3), tornando-se revelador das reconfigurações que atravessam os dois principais fundamentos da trajetória das sociedades ocidentais: a convivência com o Outro, cada vez mais homogêneo e a aceitação da mestiçagem enquanto requisitos essenciais para o

debate sobre a interculturalidade ou sobre as possibilidades de uma comunicação intercultural (COGO, 2000, p. 51-52).

Nesta concepção, Stevens (2007) observa que o que temos hoje é um movimento que se distancia cada vez mais da problemática unidade de nação e segue em direção a uma complexa articulação da diferença na construção de uma mundialização de cultura. Na análise da autora, como consequências do imperialismo europeu e efeitos pós-coloniais, os escritores contemporâneos se tornaram ao mesmo tempo criação e criadores dessa nova ordem transcultural, ocasionada por uma cultura internacional e que tem crescido a exaustão desde a última grande Guerra. O problema, de acordo com Stevens (2007), é que o autor dessas narrativas substitui a ilusão do universal pela precisão e profundidade de seu foco particular de visão. Neste caminho, além de explorar suas heranças culturais e suas especificidades históricas, o narrador trabalha intensamente com a problemática do espaço, do deslocamento, dos mitos de identidade e da autenticidade das identidades migrantes e híbridas.

As identidades culturais têm origem – elas têm história. E como tudo que é histórico, elas transformam-se constantemente, apesar de tentativas de fixação ou essencialização num passado mitificado. Esse processo dinâmico por sua vez está sujeito às influências da história, da cultura e, principalmente do poder. Na atmosfera multinacional do mundo contemporâneo, essa problemática da identidade, que pode ser caracterizada como aparentemente localizada, atinge uma dimensão de certa forma universal, uma vez que o mundo moderno é, também, migrante, híbrido; o público leitor é também diásporo, eclético. Neste mundo descentrado, o excêntrico hoje adquire novas posicionalidades (STEVENS, 2007, p. 53).

É, portanto, por meio das comunicações interculturais que chegamos à transcultural, quando o diálogo entre diferentes culturas é capaz de causar transformações. Nesta relação de poder, os grupos se apropriam de elementos um do outro, misturam suas experiências de mundo e produzem uma interpretação ao seu modo sobre o desconhecido. E neste campo de estudo, é fundamental analisar o papel do jornalista, já que, em seu lugar de fala, ele tem o poder de transformar a cultura e identidade de um povo por meio da comunicação. Logo, no cenário pós-moderno e globalizado, onde as informações estão cada vez mais rápidas, precisamos ficar atentos a essas narrativas construídas pelo lado de fora. Elas são importantes, tanto para refletirmos sobre esta realidade social que nos cerca, como para compreendermos quais elementos estão sendo transformados a partir dessas relações entre culturas. Relações estas cada vez mais dinâmicas e estreitas, devido, principalmente, as novas tecnologias.

3.3 A produção da narrativa no jornalismo on-line

A humanidade nunca assistiu a uma avalanche informativa como a produzida a partir dos anos 1970 pela combinação da digitalização com a internet. Esse fenômeno, não só está alterando os processos informativos da sociedade, como está gerando uma cultura digital que incorpora novas rotinas, crenças e valores (CASTILHO; FIALHO, 2009. p. 121).

Ao discutir sobre narrativas on-line, Castilho e Fialho (2009) destacam que esta é a segunda vez que a humanidade enfrenta um surto de produção maciça de conteúdos informativos. A primeira foi por volta de 1439, quando o alemão Johannes Gutenberg criou os tipos móveis para impressão de papel. Agora, cinco séculos depois, essa nova avalanche informativa resulta da combinação da computação eletrônica, digitalização de conteúdos, formação de uma rede mundial de computadores e da criação da interface gráfica, “elementos que transformaram a rede em um canal de produção, gestão e disseminação de informações” (CASTILHO; FIALHO, 2009, p. 121).

No jornalismo on-line, pano de fundo desta pesquisa, o conceito de narrativa permanece como na mídia tradicional, mas é preciso discutir alguns pontos importantes sobre a questão da produção e apresentação da notícia na plataforma digital. Ladeira Mota (2012) destaca que “neste percurso teórico, que situa a notícia enquanto prática discursiva com efeitos na vida social e cultural, é preciso verificar em que condições sociais e históricas a prática do jornalismo é feita hoje” (LADEIRA MOTA, 2012, p. 205).

Neste caminho, não podemos negar que, com a globalização e o crescimento tecnológico, o trabalho jornalístico passa por algumas mudanças. Se antes a produção era voltada para o público local, no on-line, a audiência passa a ser global. Isto causa impacto em questões importantes, como o alcance da comunicação ao maior número de pessoas possíveis e alterações na produção da notícia.

Jorge (2012), uma das precursoras em estudo de jornalismo digital na Universidade de Brasília, explica que ao estudar o tema é preciso considerar alguns elementos do discurso digital, como (1) hipertexto; (2) o abuso do uso do lead, onde a característica não linear do texto na internet e a constatação de que o leitor não fica navegando por muito tempo na mesma página, faz com que todas as informações importantes sejam colocadas no primeiro parágrafo; (3) interações da narrativa com outros formatos de comunicação, como vídeo, som e imagem; (4) a mudança no valor-notícia, já que no jornalismo on-line, fatores como velocidade e a atualidade dos fatos são fundamentais para definir a publicação de um acontecimento; (5) e a interação com outros meios de comunicação servindo de fonte. Nesta

categoria, é preciso levar em conta que, com a internet, cada vez mais os jornalistas usam redes sociais e sites, como fontes de informação.

Nos veículos on-line, praticam-se novas modalidades de jornalismo, com a utilização de sinergia com outros meios (rádio, jornal, impresso, TV e as próprias agências) para captação das *hard news*, cujo conteúdo é editado na redação, mas de maneira nenhuma, é exclusivo ou próprio. Acelera-se a produção, com apelo e a praticidade da pirâmide, links são anexados às matérias, inclusive com a participação de leitores, incentivados hoje a enviar suas contribuições por e-mail e celular. Usuários de sites enviam relatos e fotos, editados e publicados pelos jornalistas. Ainda se continua a iludir o leitor: ele deve acreditar que tudo o que parece na tela seja produção do portal, quando a maior parte do material vem de fontes externas (JORGE, 2012, p. 139-140).

A questão da produção colaborativa de notícias também é destaque nos estudos de Castilho e Fialho (2009). De acordo com os autores, embora essa cooperação exista desde a descoberta da imprensa, há mais de 500 anos, hoje ela é vista mais que como uma grande ferramenta. “A colaboração de notícias serve tanto para administrar a avalanche informativa, como para lograr uma contextualização mínima de notícias, fatos e dados, em um ambiente em que percepções equivocadas podem ter consequências imprevisíveis” (CASTILHO; FIALHO, 2009, p. 119). Para os autores, essa troca de informações em um ambiente comunitário permite não só captar conhecimento tácito, aquele que as pessoas adquirem por experiência, como também conhecimento explícito, publicado em forma escrita, oral ou por imagens.

Sendo assim, a interatividade fomentada pela colaboração de leitores e jornalistas por meio de sites, redes sociais, fóruns, e-mails e etc. é fundamental para o cultivo do jornalismo on-line. Os próprios correspondentes estrangeiros no Brasil, entrevistados para esta pesquisa, afirmaram que fazem uso dessas ferramentas em suas rotinas de trabalho. De acordo com eles, em um país tão grande e diverso como o nosso, ações colaborativas como estas são de suma importância para o “descobrimento” de notícias e desenvolvimento de pautas.

Ainda sobre categorias importantes do jornalismo da web, Aguiar (2009) destaca também a multimídia. “É uma característica do webjornalismo que significa a convergência dos formatos dos meios de comunicação tradicionais – jornal, rádio e televisão – para o relato do fator jornalístico” (AGUIAR, 2009, p. 169). Essa nova rotina de trabalho chama atenção ainda para as múltiplas funções exercidas pelos profissionais da área. Segundo Kischinhevsky (2009), o excesso de tarefas do jornalista do campo digital põe em xeque seu papel como mediador, já que normalmente ele é sobrecarregado de tarefas que comprometem a qualidade informativa do noticiário. Alguns autores até consideram esses jornalistas como profissionais multimídias, quando eles são obrigados a realizar ao mesmo tempo várias

funções, como escrever, fotografar e filmar. Tudo em menor tempo possível, já que a agilidade e a instantaneidade também são características importantes do jornalismo on-line e acabam refletindo nos critérios de noticiabilidade.

Embora não exista um modelo fixado com rigidez ou avaliação esquemática sobre noticiabilidade, sabemos que a publicação ou não de um acontecimento depende de uma rede complexa de critérios de seleção, como importância, interesse, notoriedade, proximidade, relevância do assunto, frequência, significatividade, além da relação entre jornalista e público. Entretanto, no campo vasto da web, onde muitos desses critérios se dissipam, como a questão da proximidade, devido ao maior alcance de leitores, a velocidade da informação se destaca como um quesito importante para definir o que será ou não publicado. Enquanto a periodicidade da produção informativa na mídia impressa acontece normalmente em 24 horas, a rápida atualização de uma informação no on-line pode mudar o rumo da história. Uma notícia divulgada um segundo na frente do concorrente pode garantir maior número de acessos, notoriedade e destaque para a empresa jornalística. Sendo assim, de acordo com Jorge, Pereira e Adghirni (2009), a diferença essencial entre jornalistas da mídia tradicional e da mídia digital está no ritmo das rotinas produtivas:

As rotinas produtivas do jornalismo on-line – que também pode tomar nomes de jornalismo digital ou ciberjornalismo – são semelhantes à coleta de informações do jornal impresso. Elas seguem a ordem: pauta, apuração, redação. A diferença é que a pressão do deadline é bem maior. Os jornalistas trabalham conectados, por meio do celular, e se comunicam o tempo todo com as chefias imediatas e as fontes. A comunicação para receber orientação editorial ainda pode ser feita por troca de mensagens. Nesses casos, o repórter que está na rua conversa com os superiores hierárquicos e envia a matéria por e-mail. (...) Os jornalistas trabalham com múltiplos horários de fechamento e a notícia é renovada no mesmo ritmo das agências. A informação cresce, palavra por palavra, linha por linha, na medida em que os acontecimentos se produzem. (JORGE, PEREIRA, ADGHIRNI, 2009, p. 78).

Essas informações sobre a produção do jornalismo on-line são introdutórias e não têm a pretensão de esgotar o tema. No entanto, são importantes para compreensão do nosso caminho de estudo. Entender a maneira como as notícias foram construídas nos sites é fundamental para uma análise mais efetiva dos textos.

3.4 Caminhos de análise da narrativa

Antes de apontarmos os caminhos para análise da narrativa, é necessário responder para que serve esta metodologia. De acordo com Motta (2013), esses estudos são realizados para compreender como se integram os sentidos fragmentados das notícias do dia a dia. Para

entender ainda “de que maneira elas se transformam, por meio de colaborações ou de enfrentamento entre os atores sociais envolvidos, em representações unitárias mais ou menos tangíveis, estórias, contos, fábulas, ideologias em ação” (MOTTA, 2013, p. 106). O fato é que as notícias estão imersas em metanarrativas que ligam a narrativa jornalística à cultura, a processos históricos e sua contextualidade. Se a função deste estudo é analisar a representação da identidade brasileira em sites jornalísticos estrangeiros, a análise da narrativa sugere o melhor caminho para execução desta tarefa, já que com ela podemos desvendar a cultura, os estereótipos, as representações e os mitos de uma comunidade. Um olhar mais atento de um pesquisador sobre um texto pode desvendar o interesse do narrador, o que há por trás das figuras de linguagem, dos personagens e a ideologia construída com o relato jornalístico.

De acordo com Motta, os acontecimentos relatados dia pós dia pelo jornalismo estão imersos em grandes narrativas maiores que recobrem de novos sentidos o fragmentado. A realidade adquire novo clímax, novos desfechos de histórias sucessivas que se encaixam subsequentemente em novas narrativas sucedâneas. É assim que percebemos e construímos a nossa realidade, a vida se transforma em arte (em narrativa dramática) e a arte se converte em um veículo através do qual a realidade se torna manifesta. “Construímos então as nossas identidades, a nossa biografia, a nossa história, o nosso passado, presente e futuro” (MOTTA, 2005, p 32).

No entanto, para percorrer o caminho da análise da narrativa jornalística é preciso, antes de tudo, que o pesquisador lance uma lupa sobre os significados que aparecem no texto e entenda toda sua estrutura. É isso que Barthes (2009) afirma ao explicar sobre os níveis de sentido para compreender a análise estrutural da narrativa. Segundo autor, a linguística é o modelo fundador, mas é preciso que as unidades estejam integradas umas as outras para que ocorra efeito de sentido. Barthes então propõem três níveis de descrição: funções, ações e o nível da narração. É uma perspectiva hierárquica onde os níveis são operações, ou seja, entender uma narrativa não é apenas passar de uma palavra à outra, mas sim ir além de seus significados passando de um nível a outro para compreender a mensagem como um todo. "A função é evidentemente, do ponto de vista linguístico, uma unidade de conteúdo: é 'o que quer dizer' um enunciado que o constitui em unidade funcional" (BARTHES, 2009, p. 30).

De acordo com Barthes, a narrativa só se compõe de funções e "não há jamais unidade perdida, por mais longo, por mais descuidado, por mais tênue que seja o fio que liga a um dos níveis da história" (BARTHES, 2009, p. 29). Segundo o autor, as unidades da narrativa são independentes das unidades linguísticas (palavras) e para compreender as unidades funcionais é preciso considerar os diferentes níveis de significação do texto, ação da narrativa,

compreender os personagens e suas características para então assim integrá-los ao nível da narração. Em suas análises, Barthes explica que a narrativa, como objeto, é alvo de uma comunicação e "não pode haver narrativa sem narrador e sem ouvinte (leitor)". Para o autor, quando analisamos uma narrativa, "o problema não é de interiorizar os motivos do narrador nem mesmo os efeitos que a narração produz sobre o leitor; é o de descrever o código através do qual narrador e leitor são significados no decorrer da própria narrativa" (BARTHES, 2009, p.49).

Ecoando Barthes, Motta (2013) explica que fazer uma análise crítica da narrativa, é:

Assumir uma atitude analítica aguçada e compreensiva: lançar sobre o objeto (a comunicação narrativa) um olhar escrutinador, sistemático e rigoroso, através de processos que permitam relacioná-lo ao seu contexto de produção e de recepção. Todo discurso é poder, um poder que se exerce na relação entre quem fala e que escuta. A análise rigorosa e sistemática da comunicação narrativa no contexto de sua configuração pode revelar esse jogo de poder, descortinar a correlação de forças que se exerce nas relações discursivas interpessoais e coletivas. Este é o espírito de uma análise crítica e esta deve ser a competência de seu método (MOTTA, 2013, p. 19).

Seguindo o caminho de análise da narrativa tal como proposto por Motta (2013), este estudo terá como foco o estudo das representações na construção da identidade. No percurso da análise, de acordo com Motta, é importante observar as três instâncias: *plano de expressão*, onde aparecem principalmente as figuras de linguagem e efeitos de sentido produzidos pelo narrador, como emoção, medo, riso e etc; *plano da estória ou conteúdo*, que Motta também chama de plano da significação, onde o analista pode encontrar a intencionalidade do narrador, conflitos principais e secundários, a intriga, o enredo, a caracterização dos personagens e etc; e o *plano da metanarrativa*, tema de fundo da narrativa, quando a análise sai do texto e entra no estudo cultural onde ele está inserido.

É importante ainda prestar atenção no tempo já que o tempo no relato jornalístico é difuso, anárquico, invertido. "Por isso, a lógica e a sintaxe narrativas só despontarão se pudermos reconfigurar os relatos como unidades temáticas, intrigas que contenham princípio, meio e final de uma estória" (MOTTA, 2013, p. 96-97). Para o autor, ao realizar este tipo de análise, é preciso reunir informações dispersas sobre um único tema, juntar as pontas, reordenar o tempo da estória, configurar a cronologia do enredo, identificar os conflitos, posicionar as personagens, descortinar o clímax e o desenlace da intriga.

Ao se propor fazer uma análise crítica da narrativa, de acordo com Motta, o pesquisador deve levar em considerações diversos fatores, como ato de fala, a identidade e a posição dos interlocutores, suas intenções e fins, alcançar as estratégias discursivas e argumentativas e a questão do campo cultural. "Entendo, portanto, como análise crítica da

narrativa o estudo metódico, orgânico, rigoroso do processo de comunicação narrativa" (MOTTA, 2013, p.23).

Neste caminho metodológico, o analista deve observar as sentenças e os elementos que identificam a formação discursiva jornalística, como lead, sublead e o foco temático. Em seguida, o analista deve destacar os processos verbais e grupos nominais, como agentes, sujeitos e fontes, além do vocabulário usado no texto, como estereótipos, neologismo e figuras de linguagens, como ironia e metáfora para entender a intencionalidade do autor.

Os dêiticos também são importantes na análise da narrativa. “Dêiticos são elementos espaço-temporais do discurso que concorrem para situar o enunciado e os sujeitos no ato de comunicação, e proporcionar referências no momento e no lugar em que ele ocorre” (MOTTA, 2013, p. 158). São exemplos de dêiticos as palavras como ali, lá ou agora, que de acordo com o autor, tem uma relevância fundamental porque têm “uma importância situacional definidora do sentido”. Em uma análise de textos publicados na internet, por exemplo, os dêiticos ganham uma importância ainda maior para entendermos o momento exato do fato, se haverá continuidade ou se a matéria foi alterada ao longo de sua publicação com novas informações.

Além disso, de acordo com esta metodologia, será feita uma análise da construção dos personagens que aparecem na narrativa, já que eles podem revelar importantes dados para o estudo, como manipulação e interesse do narrador.

[...] A personagem é, portanto, uma figura central da narrativa, é o eixo do conflito em torno do qual gira toda a intriga. [...] É pois natural que o estudo de qualquer narrativa (filme, romance, videoclipe, história em quadrinho, reportagem, etc.) ponha a categoria personagem em lugar central. Na proposta deste estudo a identificação do conflito central da estória e dos personagens que o protagonizam é um passo determinante para identificar no texto o projeto dramático, as estratégias e manobras argumentativas do narrador, os efeitos de sentido e as possíveis identificações da audiência com heróis heroínas (MOTTA, 2013, p.174).

Como o objetivo deste trabalho é o estudo da construção da identidade brasileira pela mídia estrangeira, vamos focar, portanto, na representação do Brasil no texto. Neste caminho de análise, além dos elementos destacados acima, adotamos como foco principal dois elementos: (1) a construção dos personagens que aparecem na narrativa, bem como (2) as estratégias argumentativas do texto, destacando as figuras de linguagens e adjetivos que caracterizam o Brasil.

Ao estudar os personagens, observamos, como Motta (2013) destaca, que a caracterização das personagens conduz a uma representação de sentidos fundamentais que configura uma semântica, indissociada de sentidos de extração temática e ideológica,

confirmados em função de conexões sintáticas e semânticas com outras personagens da mesma narrativa. Neste sentido, além de destacar os personagens principais, é importante lembrar que, mesmo em um texto jornalístico, os personagens das narrativas não são reais, mas sim figuras fabricadas pelo discurso.

A mídia constrói personagens de acordo com seus critérios jornalísticos e de verossimilhança. [...] Do ponto de vista da narratologia, personagem é uma construção estratégica do narrador para provocar certas impressões, sentimentos, identificações ou rejeições no receptor ou audiência a respeito da personagem (MOTTA, 2013, p. 195).

Sobre as estratégias argumentativas do texto, sabemos que quem narra tem sempre um propósito. “Quer atrair, seduzir, envolver, convencer, provocar efeitos de sentido” (MOTTA, 2013, p. 196). Neste caminho, passando pelo plano de expressão e plano da estória da narrativa, estudamos os relatos destacados neste estudo como jogos de linguagens e ações estratégicas de constituição de significações em contexto. Ao estudar a estratégia textual do narrador, Motta (2013) destaca que “toda narrativa é um permanente jogo entre efeitos de real (veracidade) e outros efeitos de sentido (a comoção, a dor, a compaixão, a ironia, o riso, etc), mas ou menos exacerbados pela linguagem dramática” (MOTTA, 2013, p. 196.). De acordo com o autor, o jornalista observa o mundo atual e ancora seu relato no presente para escrever sobre o passado e antecipar o futuro.

É, portanto, por meio dos recursos de linguagem que o jornalista se apoia para dar veracidade a suas narrativas e o que propomos neste estudo é justamente buscar compreender essas estratégias de referenciação, usadas para ancorar a significação na realidade referente.

Em suma, em meio a tantos métodos para análise crítica da narrativa tal como proposta por Motta (2013), trabalhamos neste estudo principalmente com os seguintes caminhos: (1) a identificação sistemática de lugares e de personagens, especialmente porque estamos falando da representação e construção da identidade de uma nação: o Brasil; (2) observamos a questão dos dêiticos, já que a datação confere referencialidade temporal e são importantes para proporcionar referências de tempo e lugar em que a histórica acontece, principalmente tratando-se de textos jornalísticos produzidos no on-line, onde a atualidade midiática é fundamental; (3) observamos as estatísticas, ou seja, os números que representam o país no cenário social, político e cultural, pois além de conferir veracidade ao texto, as estatísticas também são elementos de representação que influenciam na construção da identidade de um país; (4) por fim, focamos na produção de efeitos que o jornalista quer causar no leitor. Neste campo, nosso foco foi saber qual o efeito catártico principal da narrativa, ou seja, se ela promoveu surpresa, espanto, perplexidade, medo, compaixão, ironia,

deboche, riso, alegria, etc. Em nosso contexto de análise, a ideia foi também saber se esse efeito encorajou ou não os leitores a visitarem o Brasil durante a Copa do Mundo.

Depois, em uma segunda etapa, foi feita uma pesquisa no plano da metanarrativa, quando a análise sai do texto e entra no estudo cultural que ele está inserido. Como a notícia se posiciona com relação à diversidade cultural? Que cultura brasileira é essa? É uma cultura moderna? Qual foi seu processo histórico? Como esta cultura foi representada? Nesta parte, é feito um estudo para compreender como as narrativas jornalísticas, produzidas pelos sites *El País* e *The Guardian* representam social e culturalmente o brasileiro. O objetivo deste caminho metodológico é mostrar como as representações sociais são usadas na construção narrativa da realidade e compreender como esta narrativa constrói, reforça ou cria novos sentidos.

Utilizamos neste caminho o conceito de Representações Sociais tal como descrito por Moscovici (2011), destacado no capítulo dois deste estudo. Para o autor, representações sociais têm entre suas finalidades tornar familiar algo não familiar, isto é, classificar, categorizar e nomear novos acontecimentos e ideias com as quais não tínhamos tido contato anteriormente, possibilitando, assim, a compreensão e manipulação desses novos acontecimentos a partir de ideias, valores e teorias preexistentes e internalizados por nós e amplamente aceitas pela sociedade. No exame das práticas de representação, Hall (2011) lembra que ela liga o significado e a linguagem à cultura. No entanto, a linguagem usada em cada meio de comunicação tem sua intencionalidade, estilo e objetivo e a cultura é um conjunto de valores ou significados partilhados.

Temos então que, se o objetivo desta pesquisa é mostrar a representação da identidade brasileira construída lá fora pela mídia estrangeira, estudar os planos de expressão, conteúdo e metanarrativa do texto são caminhos fundamentais para compreender a construção da linha argumentativa da notícia, a posição do narrador e desvendando, por exemplo, pressuposições implícitas e não ditas. Somente com a análise minuciosa dos detalhes, personagens, contexto social, representações, símbolos e a cultura destacada nos textos jornalísticos em questão é que conseguimos alcançar o propósito deste trabalho.

4 CORPUS DA PESQUISA E APLICAÇÃO DA METODOLOGIA

Este capítulo é dividido em duas partes. Na primeira, apresentamos os objetos de estudo, o cenário, as justificativas e as relações desses objetos com o tema de análise proposto. Em seguida, aplicamos a metodologia de análise da narrativa, conforme descrita no capítulo anterior, para respondermos a pergunta principal da pesquisa, que é saber como o Brasil foi representado pela mídia estrangeira durante a Copa do Mundo de 2014.

4.1 Objetos de estudo

Os objetos de estudo que constituem o corpus deste trabalho são notícias publicadas nos sites estrangeiros *El País* e *The Guardian*, desde junho de 2013, quando começou a Copa das Confederações, até julho de 2014, com a Copa do Mundo no Brasil.

O recorte da pesquisa se deu pela notoriedade do tema. Sediara a Copa das Confederações de 2013 e a Copa do Mundo de 2014 foi uma responsabilidade não apenas social e política, mas também cultural para o Brasil. Representou um momento quando jornais de vários países escreveram sobre o anfitrião, orientaram os turistas e discutiram com frequência temas importantes, como investimentos, estruturas, segurança, serviços públicos, cultura, entre outros. Foi um período em que ressurgiu a discussão sobre a maneira de representar o país.

A escolha do recorte de análise da pesquisa também se deu pelo fato de que, durante esse tempo, o país foi palco de inúmeros protestos contra os jogos. As manifestações, iniciadas em junho de 2013, tiveram repercussões importantes, dentro e fora do Brasil. Muitos jornais chegaram a afirmar que elas mudaram a nossa identidade, já que o brasileiro, representado sempre por ser hospitaleiro e apaixonado pelo futebol, também passou a ser visto como alguém que descobriu seus direitos de cidadania e foi às ruas em protesto contra os excessos nos gastos para a Copa do Mundo. As manifestações sociais, que ganharam o nome de “Copa pra Quem?”, foram avaliadas pela imprensa nacional e estrangeira como as maiores desde o impeachment do presidente Fernando Collor, em 1992. Entre as causas, os ativistas lutavam principalmente contra o reajuste no preço das passagens de ônibus; contra a Proposta de Emenda à Constituição nº 37, que pretendia impedir o Ministério Público de conduzir investigações criminais; a homofobia; corrupção política e a insatisfação com os altos investimentos feitos em estádios. Os ativistas afirmavam que o dinheiro gasto com a

Copa do Mundo deveria ter sido direcionado a áreas mais importantes para o país, como educação, saúde e transporte público.

Portanto, o recorte da pesquisa foi definido por ser um período importante com situações inéditas. E para analisar como o Brasil foi representado pelo outro, escolhemos estudar o olhar de países europeus devido a importante relação da Europa com o Brasil, que vem desde sua descoberta, em 1.500, pelos portugueses. A representação brasileira pelos europeus é histórica e começa com a carta de Pero Vaz de Caminha, passando pelos colonizadores e viajantes curiosos sobre o Novo Mundo, conforme colocado no primeiro capítulo deste estudo.

Assim, os sites *The Guardian*, na Inglaterra e *El País*, na Espanha, foram escolhidos pela notoriedade dos mesmos. Pela importância da língua espanhola e inglesa, pela ligação com o esporte, além do grande número de matérias relevantes publicadas sobre o tema. Contribuiu ainda para a escolha de um jornal espanhol, o fato de a Espanha ter conquistado a Copa do Mundo em 2010, sendo que a comparação com o Brasil e a motivação em acompanhar as notícias sobre o mundial eram inevitáveis aos jornalistas daquele país. Da mesma forma, a Inglaterra foi escolhida por ter sido o último lugar a sediar um grande evento esportivo, as Olimpíadas de 2012, que contou com a participação brasileira na cerimônia de encerramento.

Entretanto, é importante destacar que nem todas as matérias que foram publicadas nos sites durante o período de recorte foram selecionadas. As matérias que foram escolhidas são as que proporcionam uma narrativa mais completa - início, meio e retardamento do desfecho, além de oferecer um enredo coerente com conectividade e elementos que ajudam a construir a identidade brasileira, com personagens, representações, recursos de linguagens, entre outros. De acordo com Motta, à medida que se remonta a intriga também se reconstrói o objeto. “É preciso descobrir as relações de solidariedade (relações lógicas cronológicas) que vão construindo no enredo a partir das ações relatadas” (MOTTA, 2013, p.141).

4.1.1 *The Guardian*

Jornal britânico fundado em 1821, o *The Guardian* ficou conhecido até 1959 como *The Manchester Guardian*. Hoje, é controlado pela fundação *Scott Trust* por meio do *Guardian Media Group* e oferece versões tanto impressa como digital.

A publicação on-line começou a ser desenvolvida entre 1994 e 1995 com a editoria de tecnologia, seguida de empregos, esportes e eventos. Em 1999 foi lançado o site unificado,

que em março de 2001 registrou mais de 2,4 milhões de usuários únicos. Nos últimos anos, o *The Guardian* desenvolveu-se significativamente e expandiu suas operações digitais. Entre 2009 e 2010, por exemplo, lançou uma gama de novos produtos e serviços para internet, incluindo aplicativos para *iPhone* e *iPod Touch*, *Open Platform* e *DataBlog*, o primeiro site nacional de jornalismo de dados. Em junho de 2011 anunciou planos de se tornar uma digital de primeira organização, colocando o jornalismo aberto na web no centro de sua estratégia. Hoje, o *The Guardian.com* registra mais de 6,4 milhões de leitores, sendo um dos sites mais importantes do Reino Unido (FOLHA DE SÃO PAULO, 2012).

Para este trabalho, foram selecionadas seis matérias publicadas no site *The Guardian* sobre o Brasil durante o período proposto:

1. *A year until the 2014 World Cup begins and Brazil's unease is growing*, publicada em 11 de junho de 2013, pelo jornalista Jonathan Watts.
2. *Favela tourism in Rio de Janeiro*, publicada em 2 de novembro de 2013 por Dom Phillips;
3. *Brazil: the world at their feet*, publicada em 31 de maio de 2014 por Jonathan Watts.
4. *Brazil braces for uneasy start to world Cup as striker's protests hit São Paulo*, publicada em 10 de junho de 2014 por Jonathan Watts.
5. *Ready or not, it is Brazil's time to show the world*, publicada em 11 de junho de 2014, por Jonathan Watts.
6. *Brazil proves perfect host to inspire soul-stirring World Cup feast*, publicada em 13 de julho de 2014 por Owen Gibson.

Os autores dos textos são: Dom Phillips, Owen Gibson e Jonathan Watts. Correspondente do *The Guardian* na América Latina, Watts participou de uma entrevista por e-mail, realizada em setembro de 2013 exclusivamente para esta pesquisa, onde contou sobre seu trabalho e sua relação com o Brasil:

Quantos correspondentes o *The Guardian* possui no Brasil?

Watts: Somente eu como *full-time*, embora em alguns casos especiais eu tenha assistentes.

Como é seu trabalho no Brasil?

Watts: Eu vivo e trabalho no Brasil há pouco mais de um ano. Moro no Rio de Janeiro, mas minha missão é cobrir toda a América Latina, o que significa que parte do meu trabalho é relatar e outra é coordenar. Às vezes faço ainda tarefas temporárias em outros países. O jornal tem *freelancers* na Venezuela, Argentina, Chile, Haiti, México, Colômbia, Peru, Bolívia e Nicarágua.

Como você seleciona as notícias que são publicadas?

Watts: Eu seleciono as notícias a partir de uma variedade de fontes, como dicas, redes sociais, blogs, outros meios de comunicação, revistas científicas, eventos pautados e até fofocas. São matérias escolhidas por diversas razões, o mais provável é que seja de interesse para um público internacional. Principalmente, eu estou à procura de histórias que se adequam as prioridades editoriais do *The Guardian*: socialmente liberal, ambientalmente sustentável, politicamente progressista, culturalmente inovador e internacionalista.

Que imagem de Brasil você tinha antes de chegar aqui e o que mudou?

Watts: Vinte anos de jornalismo me ensinaram que as coisas nunca saem como você espera e isso é definitivamente o caso do Brasil. Antes de eu vir, eu tinha uma visão excessivamente rosa do Brasil como um país progressista, liberal, ambientalmente atencioso, com diversidade étnica, democracia em pleno desenvolvimento, clima excelente, política externa eficaz, grande potencial econômico e uma paixão por futebol. Agora, vejo que na realidade é uma nação mais complexa e conturbada com uma burocracia ineficiente, um sistema político profundamente corrupto, serviços públicos terríveis, um governo que está virando as costas para a maior parte do progresso ambiental feito na última década, além de uma infraestrutura precária, que não pode ser adequada para os próximos megaeventos esportivos. Dito isso, eu acho que houve também ganhos em redução da pobreza e ações afirmativas nos esforços para reduzir a violência policial, embora esses pontos continuem a serem grandes problemas.

Qual a sua opinião sobre os protestos no Brasil? Surge um novo país?

Watts: Em geral, eu acredito que os protestos têm sido positivos para o Brasil. Eles trouxeram um monte de sujeiras e frustrações para a superfície em um tempo muito bom, antes das eleições e da Copa do Mundo. Eu não espero que isso inaugure um "Novo Brasil", mas eu acho que as manifestações podem fazer avançar uma agenda política mais construtiva. Se o governo e o Congresso Nacional não tomarem uma providência contra a corrupção, serviços públicos e violência, então eu espero que ocorra mais pressão social no futuro².

As respostas de Watts são importantes para compreendermos melhor o objeto de estudo e assim realizarmos uma análise de narrativa mais sólida. De acordo com Motta (2013), o narrador é “quem dispõe do poder de voz para hierarquizar, dar ao seu interlocutor as pistas e instruções de uso por meio das quais indica como pretende que seu discurso seja interpretado” (MOTTA, 2013, p. 211). Ao destacar o objeto de estudo, vale lembrar que a narrativa jornalística é uma construção discursiva mediada primeiramente pelo meio de comunicação que a veicula - o jornal, a emissora ou o portal, cada qual com suas singularidades técnicas, seus *ethos*, seus interesses comerciais e ideológicos particulares. Em segundo lugar por um corpo de profissionais corporativo, que são os jornalistas, diagramadores, fotógrafos, cinegrafistas, editores, ilustradores, webmasters etc. “São esses profissionais que hierarquizam a apresentação dos fatos, enquadram e posicionam os protagonistas na estória, de acordo com seus valores pessoais e interesses profissionais” (MOTTA, 2013. P. 220).

Para Motta, veículos, profissionais, indivíduos e grupos sociais estão assim em contínua negociação política e simbólica. Nota-se que na entrevista, Watts se definiu como um repórter que trabalha para um jornal que valoriza posições como socialmente liberal,

² WATTS, John. Entrevista concedida a Paulo Almeida por e-mail. Mensagem recebida em 7 set. 2013.

ambientalmente sustentável, politicamente progressista, culturalmente inovador e internacionalista. Estas são as linhas ideológicas propostas nos textos do *The Guardian* e o que nos interessa é saber se elas estarão ou não em confronto com as observações construídas pelos narradores sobre o Brasil.

4.1.2 *El País*

O *El País* é um jornal espanhol de propriedade do Grupo *PRISA*, fundado em 1976, período que marcou a transição para a democracia. Antes, a Espanha vivia o franquismo, regime político em vigor entre 1939 e 1976, durante a ditadura do general Francisco Franco, que morreu em 1975. Anos depois de seu lançamento, “o jornal investiu em digital e acumula hoje 15 milhões de usuários únicos por mês. Atualmente, pelo menos 40% do número total de acesso online vêm de leitores de fora da Espanha” (CARVALHO, 2013).

Caracteriza-se por ser um jornal de tendência europeísta e social democrata, além de oferecer grande destaque a informações de âmbito internacional, cultura, política e economia. Com sede em Madri, a empresa quer ser global. Já fez acordo de distribuição com diversos países, estruturou redações em Barcelona, Sevilha, Valencia, além de escritórios em Washington, Bruxelas e México. Em 26 de novembro de 2013 foi a vez do Brasil de receber a versão em português do site, que tem publicação própria e traduções da versão original. Segundo Luis Prados, diretor de redação do veículo no Brasil, o crescimento excessivo de acesso ao site espanhol por parte do público brasileiro, especialmente durante os protestos de junho de 2013, motivou a criação de uma versão em português, denominada de *El País* Brasil:

Graças às novas tecnologias, conseguimos atingir várias pessoas pela internet. Durante os protestos, por exemplo, o número de leitores brasileiros aumentou e foi uma surpresa boa. Então, pensamos junto com os executivos porque não investíamos no país. Estamos falando de 200 milhões de leitores que falam português e que nós não cobríamos. Não estávamos suficientemente globais (CARVALHO, 2013).

É importante mostrar a forte ligação do *El País* com o Brasil para justificar a escolha do objeto de estudo. No entanto, vale destacar que usamos na pesquisa as versões publicadas na edição espanhola para garantir o objetivo deste estudo, que é analisar o Brasil visto pelo outro.

Sendo assim, para este trabalho foram selecionadas oito matérias publicadas no *ElPaís.com* sobre o Brasil:

1. *Brasil, ese adolescente rebelde*, publicada em 1º de julho de 2013;

2. *¿La corrupción en Brasil está relacionada con el carácter de los brasileños?*, publicada em 3 de agosto de 2013;
3. *El polémico 'jeitinho' brasileiro*, publicada em 31 de dezembro de 2013;
4. *¿Por qué Brasil está contra la Copa?*, publicada em 28 de janeiro de 2014;
5. *La Copa quebrada*, publicada em 21 de abril de 2014;
6. *¿Se ha cansado Brasil de ser “el país del futuro”?*, publicada em 13 de maio de 2014;
7. *Brasil es también así*, publicada em 05 de julho de 2014;
8. *¿Qué Brasil resurgirá de los escombros de la Copa?*, publicada em 14 de julho de 2014.

No *El País*, todos os textos selecionados foram escritos por Juan Arias. Em seu perfil, o jornalista informa que foi correspondente por 18 anos em Roma, na Itália, onde recebeu o prêmio de cultura do governo. Há 15 anos no Brasil, também escreve suas histórias em um blog chamado *Vientos de Brasil*, hospedado no site *El País*. Embora o blog de Juan Arias seja um importante objeto de estudo sobre o Brasil, os textos selecionados nesta pesquisa são apenas os do site do jornal.

Para conhecer melhor nosso objeto de estudo, em abril de 2014 também conversamos por e-mail com o repórter:

Quantos correspondentes o *El País* tem no Brasil?

Arias: Até quatro meses atrás, fui correspondente sozinho por 12 anos e tinha que fazer toda a informação da análise política sobre Brasil. Tive apenas um colaborador, Francho Baron. No entanto, agora criamos uma edição brasileira do *El País*, em São Paulo, com uma redação de 12 jornalistas, a maioria são brasileiros. Fazemos uma edição online em português, com um volume de cerca de 50 notícias de todo o mundo, com forte ênfase na América Latina. Sobre o Brasil são criadas cerca de oito ou dez notícias diárias.

Conte-nos um pouco sobre sua experiência no Brasil:

Arias: Eu vivo no Brasil desde 1999 e sou casado com a escritora Roseana Murray. Falo português, mas não me atrevo a escrever, por respeito ao idioma. Antes de chegar aqui, o correspondente era de Buenos Aires, já que o Brasil não interessava muito à Espanha e ao resto da América Latina. No entanto, isso mudou. Hoje, tudo nos interessa saber sobre o Brasil, especialmente no que diz respeito à sociedade civil.

Quais as notícias sobre o Brasil que mais chamam atenção dos leitores do *El País*?

Arias: O gosto dos leitores é sempre um mistério e é fácil sermos surpreendidos. Geralmente interessa tudo, menos a política.

Que imagem do Brasil o senhor tinha antes de vir pra cá e o que mudou?

Eu já conhecia e amava o Brasil antes de decidir morar aqui. Visitei o país pela primeira vez, em 1980, na viagem com o Papa João Paulo II, porque fui correspondente na Itália e Vaticano. Era o fim da ditadura e a atmosfera era de emoção e alegria. Depois, fiz uma viagem de 15 dias por Mato Grosso com uma

ONG espanhola e foi uma experiência muito forte. Eu sempre fiquei impressionado com a humanidade, o calor e a criatividade do brasileiro.

O que o senhor pensa sobre os protestos no Brasil? Mudou alguma coisa? Eles foram ou estão sendo importantes? Como o senhor e os leitores do *El País* reagiram com a notícia dos protestos no Brasil durante a Copa?

Eu acho que os protestos de junho de 2013 foram fundamentais para desmentir a ideia no exterior de que o Brasil não tinha capacidade de indignação e aceitava passivamente todas as deficiências nos serviços públicos. Estou convencido de que o Brasil não será mais o mesmo depois da "revolução de junho". Sobre os protestos contra a Copa, os espanhóis são conscientes de que os brasileiros sabem distinguir entre a paixão pelo futebol, que é nacional e forte, com os desperdícios que o poder público executa.

O senhor considera o Brasil preparado para sediar grandes eventos como a Copa do Mundo?

Não há dúvida de que o Brasil estava pronto porque é a sétima economia mundial. No entanto, o que vimos é que não foi capaz ou não quis preparar a tempo todas as infraestruturas necessárias para que a Copa estivesse à altura do que o Brasil representa hoje para o mundo.

Por fim, o senhor tem um blog sobre o Brasil. De onde veio a ideia de se dedicar a um blog sobre o país? Qual a diferença do blog para suas reportagens no *El País*?

Quando o jornal criou a seção de blogs, quis logo escrever um sobre o Brasil para poder contar histórias mais pessoais e que muitas vezes não cabem em uma matéria de pura informação e *hard news*. No entanto, o blog ganhou tanta força que acabou sendo referência. O que muda em relação aos textos do site *El País* é o estilo dos temas abordados, que no blog é mais literário e pessoal.³

4.2 A metodologia empregada na análise

Como a proposta deste estudo é uma análise de um conjunto de notícias sobre o mesmo tema, que é a Copa do Mundo, integramos todas as notícias isoladas em uma história única, um acontecimento. De acordo com Motta (2010), reunir as notícias isoladas em sequências ou histórias contínuas não é mero capricho nem uma justificativa metodológica. “É assim que se move a mente do receptor” (MOTTA, 2010, p. 146). Neste caminho, as narrativas unitárias passam a ser parte de um acontecimento integral, já que o trabalho não se limita em analisar objetos isolados. Logo, tudo é relacionado como um todo, que então ganhará significação.

A análise da narrativa em questão segue a proposta dos três planos de Motta (2013) plano de expressão, onde serão examinados os personagens e certos recursos de linguagem, como ocorrência de metáforas, hipérboles, comparações, ironia e dêiticos; plano da história ou conteúdo, onde é destacado o enredo e o sentido da narrativa; e o plano da metanarrativa, tema de fundo da narrativa, quando a análise sai do texto e entra no estudo cultural em que ele está inserido.

³ ARIAS, Juan. Entrevista concedida a Paulo Almeida por e-mail. Mensagem recebida em 3 abr. 2014.

De acordo com Ladeira Mota (2008), o plano de expressão se caracteriza por uma materialidade linguística comum a toda e qualquer narrativa, incluindo a jornalística, que é o texto. É uma análise macroestrutural da narrativa, que se propõe a buscar elementos para compreender o que o texto diz. "Este como diz do texto pressupõe escolhas de pessoas, de tempo, de espaço, de vocabulário, recursos persuasivos, escolhas estas que produzem sentido" (LADEIRA MOTA, 2008, p. 162). A análise do texto que segue está ligada a estrutura textual. É pela estrutura textual que o interlocutor reconhece o tipo de discurso de uma mensagem. No plano de expressão, optamos por identificar como o Brasil foi representado por meio de conflitos, recursos da linguagem e personagens. Já de acordo com Motta, a personagem é a figura central da narrativa. "É o eixo do conflito em torno do qual gira toda a intriga" (MOTTA, 2013, p. 175). São importantes porque elas realizam o jogo das ações e revelam as manobras argumentativas dos autores.

O plano da história é uma fase interpretativa e seu objetivo é buscar os significados da narrativa em análise. "É o plano virtual da estória projetada em nossa mente pelos recursos de linguagem utilizados pelo narrador" (MOTTA, 2013, p.137). Nesta etapa, consideramos os elementos do imaginário sobre o Brasil.

Já a metanarrativa é o plano da cultura. "É a etapa da pesquisa em que os sentidos criados no texto se confrontam com os sentidos já construídos, com um interdiscurso que vem sendo elaborado, ao longo da história" (LADEIRA MOTA, 2008, p. 250). O objetivo desta parte do estudo é capturar passagens do texto que fazem referência a identidade brasileira construída ao longo da história. É o confronto entre as observações dos sites estrangeiros e aspectos da identidade nacional já cristalizados.

No procedimento da análise empírica a seguir, optamos por estudar os três planos simultaneamente.

4.3 O Brasil do *El País*

Os oito textos selecionados do *El País* foram escritos por Juan Arias, correspondente do jornal no Brasil. Em todos eles, o jornalista apresenta uma narrativa sólida em que analisa questões sociais, políticas, econômicas e culturais sobre o país sede da Copa do Mundo de 2014. Sua obsessão, no entanto, é pela questão social. Em todas as narrativas, o autor busca interpretar o Brasil por meio de conceitos e opiniões de vários personagens para compreender o passado, o presente, as mudanças e o futuro da sociedade brasileira. Seu estilo chama atenção para um texto opinativo, com posicionamento político, onde algumas partes são

escritas até mesmo em primeira pessoa. É carregado de figuras de linguagens, como metáforas, ironias e comparações.

Apesar de seus textos terem como cenário apenas as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, o narrador dá pistas de que se mistura com o povo. Conversa com personagens de todas as classes sociais, anda de ônibus, lê o jornal Folha de S. Paulo - de onde inclusive retira alguns comentários e fontes - conhece importantes autores da nossa literatura, como Sérgio Buarque de Holanda, além de autores de clássicos mundiais como Freud, Jung e Lacan.

Nota-se que, durante o recorte da pesquisa, o Brasil passava por um período turbulento. Se até pouco tempo atrás o país era visto como a casa do futebol e comemorava a chance de sediar a Copa do Mundo de 2014, a expectativa logo depois se transformou em surpresa quando o país começou a questionar os gastos com o investimento público no Mundial, seus direitos e sua condição de terceiro mundo em pleno século XXI. Neste cenário, uma metáfora muito empregada para se referir ao Brasil foi “o gigante acordou”, presumindo que um país enorme, rico em recursos humanos e naturais iria finalmente despertar, espreguiçar e começar a crescer. Foi uma referência ao Hino Nacional, onde o Brasil é representado como “deitado em berço esplêndido”.

Na maior parte dos textos, Juan Arias sugere que o país amadureceu, mas conforme caminhamos com as análises, percebemos que, embora um grande passo tenha acontecido na Copa do Mundo, essa evolução e a concretização real de um novo Brasil deve ficar para depois. O país acordou, mas ainda é um adolescente.

Ao percorrer este cenário pré e pós-Copa do Mundo no *El País*, percebemos uma representação dupla de Brasil, ora em evolução, ora atrasado. As narrativas oferecem ao leitor ricos detalhes e análises, mas devemos considerar que todas são feitas por um estrangeiro, que mesmo morando no país há 15 anos, esquematiza uma nação sob seu ponto de vista, olhar e experiência de vida. Apinhado de emoções e figuras de linguagens, o narrador deixa claro que a imagem de Brasil que ele projeta vem de terras europeias. É um gênero jornalístico que se confunde com o literário, onde a linguagem clara e simples se embarça com ironias, e muitas vezes sai do texto para mergulhar no sentido cultural.

Nota-se que os textos de Juan Arias têm a mesma visão de um Brasil promissor construído em 1963 pelo americano John dos Passos. A obra *Brazil on the Move*, analisada anos depois pelo professor californiano radicado no Brasil, Thomas Burns, foi escrita por Passos também quando o Brasil passava por um período agitado. No ano seguinte a publicação do livro, o governo seria derrubado por um golpe militar, enquanto o povo gritava nas ruas o slogan “para frente, Brasil!”. Assim, uma metáfora muito empregada para se referir

ao Brasil naquela época “era o gigante adormecido, presumindo-se que um país enorme, rico em recursos humanos e naturais, iria finalmente despertar, espreguiçar e começar a dar naturalmente, passos gigantescos” (BURNS, 2000, p. 226).

Assim como John dos Passos dava a impressão de estar ansioso para transmitir o dinamismo da sociedade, que vivia naquela época a construção de novas estradas, novas cidades, novos prédios, Juan Arias também parece estar ansioso para escrever sobre um novo país. Entretanto, o autor destaca algumas representações de Brasil, como mesmo sendo um país atrasado e de terceiro mundo, uma nação que deixou de ser criança e entra na fase da adolescência em busca de algo novo. Segundo Arias, é uma terra onde vive um povo pacífico, sábio, alegre e hospitaleiro, com tendência a fazer acordos para evitar a violência. É um povo que ao perder o medo de dizer não, começa a dar sinais de querer consolidar a imagem do gigante americano. São essas as principais representações do Brasil que norteiam os conflitos e intrigas das histórias e que foram descritas com mais detalhes em cada texto analisado.

4.3.1 Brasil, ese adolescente rebelde

Logo no primeiro texto da pesquisa, Arias chama o Brasil de adolescente rebelde. Entretanto, apesar de o título causar impressão de que o jornalista tratará o país como um jovem mimado, quando mergulhamos na narrativa, percebe-se que o adolescente que Juan Arias representa é outro. É um jovem livre, no sentido de querer se expressar, perguntar e opinar. No texto, este adolescente é tão real que tem pai e mãe, representados por Lula e Dilma Rousseff, respectivamente, segundo o jornalista espanhol.

Luiz Inácio Lula da Silva, mais conhecido como Lula, foi o trigésimo quinto presidente do Brasil, cargo que exerceu de 1º de janeiro de 2003 a 1º de janeiro de 2011, sendo sucedido na presidência por Dilma Rousseff. Fundador do Partido dos Trabalhadores (PT), Lula foi muitas vezes considerado como o político mais popular da história do Brasil. Tal fama lhe rendeu na revista Time o título de uma das 100 pessoas mais influentes do mundo em 2010, sendo chamado de o político mais bem-sucedido de seu tempo. Entre os programas de seu governo, estão o Bolsa Família e Fome Zero, com o objetivo de melhorar as condições sociais do país. São essas características positivas de Lula que percebemos na narrativa do *El País*.

No texto, Juan Arias constrói uma imagem paternalista de Lula. Representa o ex-presidente como carismático, ex-torneiro, ex-sindicalista e o chama de “pai dos pobres do Brasil”. Dilma, no entanto, é representada pelo narrador como seguidora de Lula. De acordo

com o jornalista, ela tem outro estilo, mas segue o ex-sindicalista, a quem consulta nos momentos de crise. “Se Lula foi o pai, principalmente dos pobres, Rousseff foi apresentada como a mãe que continuaria cuidando dos mais necessitados” (ARIAS, 2013a).

O objetivo principal do narrador neste primeiro texto é compreender os motivos das manifestações de junho de 2013. A intriga da narrativa é saber por que esses mesmos brasileiros que ficaram mudos e anestesiados durante oito anos do governo Lula, agora se revoltam na vez de Dilma Rousseff, sendo que os problemas como transportes, saúde e educação continuam os mesmos quando Lula era presidente.

Vale lembrar que dois anos antes, em 07 de julho de 2011, Arias escreveu dois textos na mesma data com os seguintes títulos: *¿Por qué los brasileños no reaccionan ante la corrupción de sus políticos?* e *¿Por qué Brasil no tiene indignados?*. Naquele momento, o país estava assistindo as demissões dos ministros Antônio Palocci, da Casa Civil, e Alfredo Nascimento, dos transportes, ambos herdados pela presidente Dilma de seu antecessor. Entre as principais questões levantadas pelos textos em 2011, o autor perguntava se os brasileiros não sabem reagir à hipocrisia e a falta de ética de muitos governantes. “Será que eles não se importam com os políticos que os representam no governo, no Congresso, nos estados ou municípios e que sabotam descaradamente o dinheiro público?” (ARIAS, 2011a).

De acordo com o autor, naquela época, alguns culpavam a apatia dos jovens brasileiros anestesiados por uma propaganda bem sucedida que os tinha convencido de que o Brasil era uma nação invejada pelo mundo. Ou ainda, as perguntas poderiam ser explicadas pelo viés cultural, de que os brasileiros não são pessoas que reclamam, mas que são pacíficos e gostam de viver felizes com o que têm. No entanto, em julho de 2011, o *El País* queria saber como em um mundo globalizado, onde tudo que acontece no planeta é conhecido de uma só vez, os brasileiros não lutavam para que o país, além de ser rico, fosse também mais justo, menos corrupto, mais igualitário e menos violento em todos os níveis.

Essas observações do narrador voltam dois anos depois quando começam os protestos no Brasil em junho de 2013.

É, portanto, por meio dos recursos de linguagem, como metáforas e hipérboles, que o autor dá pistas sobre como compreender os conflitos no país em plena Copa das Confederações. Ao descrever a fúria de milhares de brasileiros que foram às ruas, o narrador sugere que a resposta seja por que, na época de Lula, o Brasil era uma criança, mas que hoje ele é um adolescente tecnológico, pragmático e que não se contenta com pouco. Perdeu o medo e quer ter o direito de voz e de participação.

Além da metáfora de Brasil criança, outro recurso de linguagem muito usado pelo narrador é a ironia, quando, por exemplo, ele afirma que “o motivo de o Brasil, e até de a oposição, ter ficado mudo e anestesiado durante os oito anos de Lula, feliz de ser um país que causava inveja no planeta, pode ser explicado mais pelos sociólogos e psicólogos do que pelos economistas” (ARIAS, 2013a).

Con Lula, Brasil vivió un momento de vacas gordas, de salida de la miseria y del complejo de inferioridad frente al mundo. Pero Brasil en ese momento era aún niño. Y el niño no cuestiona al padre, lo admira, sobre todo si lo carga de juguetes, si lo convence de que tiene un padre que cuida de él, que le da lo que sabe que necesita, aunque no sea a veces lo que él desearía. Aquel niño ha crecido y se ha hecho adolescente. Le han salido la barba o los pechos. Y de repente ha tomado conciencia de que quiere más que juguetes. Quiere libertad. Quiere opinar. Quiere poder rebelarse al padre o a la madre. Freud es siempre actual (ARIAS, 2013a)⁴.

No texto, o complexo de inferioridade está relacionado com a expressão “complexo de vira-lata”, criada pelo brasileiro Nelson Rodrigues após a derrota do Brasil pelo Uruguai na Copa do Mundo de 1950, no Brasil. Na partida, em um Maracanã lotado, o Brasil precisava apenas de um empate para se sagrar campeão, mas a seleção marcou o primeiro gol, sofreu o empate e, por fim, o gol que deu o título aos uruguaios. “Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar” (RODRIGUES, 2012, p. 25). A partir daí, a derrota brasileira em casa fornece a Nelson a matriz por meio da qual ele usará o futebol como mediação para compreender o país e o homem brasileiro. O termo traduz um sentimento crônico de inferioridade nacional, inicialmente restrito ao campo de futebol e mais tarde abrangendo uma vasta gama de atividades. “Por complexo de vira-latas entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol” (RODRIGUES, 2012, p. 26).

No texto do *El País*, a questão da democracia versus ditadura também é um tema constante nas narrativas de Juan Arias. Vale lembrar que essa obsessão pelo tema pode ser explicada pelo fato de o *El País* ter sido lançado em um período que marcou na Espanha a transição da ditadura para a democracia. Em vários trechos, o narrador coloca o leitor a par de suas próprias experiências da época em que seu país vivia o período do franquismo, regime político em vigor entre 1939 e 1976, durante a ditadura do general Francisco Franco. “Quando eu era menino, o meu pai era professor rural na Galícia pobre. Era a época da ditadura. A

⁴ Com Lula, o Brasil viveu um momento de vacas gordas, saiu da miséria e perdeu o complexo de inferioridade ante o mundo. Mas naquele momento o país era uma criança. E a criança não questiona o pai, ela o admira, principalmente quando ele a enche de brinquedos, a convence de que o pai cuida dela e lhe dá o que sabe que ela precisa, embora às vezes não seja o que gostaria. Aquela criança cresceu e ficou adolescente. A barba ou os peitos cresceram. E, de repente, percebeu que quer mais que brinquedos. Quer liberdade. Quer opinar. Quer poder se rebelar contra o pai ou a mãe. Freud é sempre atual. (Tradução nossa)

palavra de ordem do regime franquista era obedecer” (ARIAS, 2013a). É também por meio de recursos de linguagem, que Arias pede para que os políticos ouçam os jovens e critica o modelo de democracia brasileira, que segundo ele está esgotado. De acordo com o narrador, os jovens brasileiros “pertencem a outro mundo e as vestes democráticas que lhes querem impor lhes parecem fora de moda” (ARIAS, 2013a).

A visão de Arias é próxima a de Sérgio Buarque de Holanda, que também criticou a democracia brasileira ao afirmar que por aqui ela foi sempre um lamentável mal entendido. “Uma aristocracia rural e semifeudal importou-a e tratou de acomodá-la, onde fosse possível, aos seus direitos ou privilégios” (HOLANDA, 2013, p. 160).

4.3.2 ¿La corrupción em Brasil está relacionada con el carácter de los brasileños?

O problema da corrupção, presente em todos os textos selecionados, ganha destaque na segunda narrativa analisada. No texto publicado no dia 03 de agosto de 2013 com o título *¿La corrupción em Brasil está relacionada con el carácter de los brasileños?*, Arias lança uma pergunta que instiga o leitor a pensar sobre o passado histórico e a identidade brasileira.

De acordo com o autor, a corrupção no Brasil deve ser compreendida a partir da contradição entre a prática social versus padrões morais. Para discutir a questão, o autor usou dois personagens principais: o atual ministro da Justiça, Eduardo Cardozo, e o ex-prefeito de Parapanema (São Paulo), Márcio Faber. Enquanto as falas de Cardozo diziam que existem no Brasil "dimensões históricas que de alguma forma criaram um terreno fértil para tais atos de corrupção", a representação de Faber era de um político que renunciou o cargo em 31 de julho de 2013 para não roubar. Médico, o salário de Faber como político, de acordo com o texto, não correspondia a 20% de sua profissão.

Para discutir a intriga principal da narrativa, Juan Arias utilizou como fonte Fernando Filgueira, professor de Ciências Políticas da Universidade Federal de Minas Gerais. Filgueira afirmou que “a corrupção no Brasil não está relacionada com aspectos do caráter brasileiro, mas com a formação de normas informais que institucionalizam certas práticas consideradas moralmente degradantes, mas rotineiramente toleradas” (ARIAS, 2013b). O jornalista do *El País* também destaca outras explicações para a tolerância à corrupção, que até junho de 2013 parecia crônica no Brasil. Para o narrador, “a tradição política não respeita a separação entre o público e o privado, sendo o patrimonialismo um legado do mundo ibérico, o resultado de uma relação entre o Estado e a sociedade, em que o primeiro oprime o segundo por meio de um sistema de "privilégios e regalias" (ARIAS, 2013b). É o que Bauman (2005) destaca ao

estudar os efeitos da globalização. Segundo o autor, estamos vivendo uma época em que o Estado-nação não é mais o depositário natural da confiança pública. “O Estado não tem mais o poder ou o desejo de manter uma união sólida e inabalável com a nação”, (BAUMAN, 2005, p. 34).

Nessa concepção, a narrativa de Arias destaca o brasileiro como um personagem capaz de uma ação inédita, que saiu do seu conforto e foi às ruas protestar contra as mazelas da política. No entanto, o jornalista questiona se os políticos estarão dispostos a construir uma sociedade com bases mais modernas e ainda se essa reação do povo brasileiro é apenas um fogo que se apagará logo ou continuará forçando os governantes a realizarem uma verdadeira metamorfose. São esses os pontos principais levantados no segundo texto de análise deste estudo, mas que também percorre outras narrativas de Juan Arias.

Vimos até aqui que a representação do brasileiro no *El País* aos poucos vai ganhando forma. Primeiro é descrita como “uma criança que aceita pequenos presentes” e fica em silêncio ao invés de reclamar de sua verdadeira realidade. Depois, o povo é descrito como um “adolescente rebelde”, que se revolta contra os pais, seus governantes, na busca pelo poder de voz e maior participação. No entanto, todo esse processo de transformação da população define o país como um gigante que começa a despertar.

4.3.3 El polémico ‘jeitinho’ brasileño

Além dos temas democracia, lutas sociais e corrupção, Juan Arias também abordou questões da cultura e do imaginário brasileiro para compreender o cenário do país na Copa do Mundo de 2014. Entre elas, o jornalista discutiu o “jeitinho brasileiro”. A pergunta, lançada logo no início do texto, discutia se esse “jeitinho” se refere à falta de caráter ou a sabedoria do nosso povo.

No texto do *El País*, o “jeitinho” aparece como uma fórmula mágica e criativa para resolver os problemas cotidianos daqueles que não têm acesso ao poder. No entanto, o jornalista deixa claro que, para ele, é uma questão de identidade e que “sempre pareceu mais próximo a uma criatividade ancestral do que a uma incapacidade de querer encarar as coisas legalmente” (ARIAS, 2013c)

Mucho se ha denigrado ese jeitinho, que en realidad no es más que, como alguien ha escrito, la “salida para una situación sin salida”, y por tanto, con grandes dotes de ingenio. Según Sérgio Buarque de Hollanda, es lo que acuñó al brasileño como “el

hombre cordial”, que busca siempre agradar y que no acepta lo imposible (ARIAS, 2013c)⁵.

Em sua narrativa, nota-se que Arias busca elementos dessa identidade brasileira para dramatizar o tema. Destacamos a citação do brasileiro como o “homem cordial”, já definido por Sérgio Buarque de Holanda, na qual Arias se apoia para discutir os estereótipos da alegria, cordialidade, pacificidade e hospitalidade brasileira. Além disso, o narrador também utiliza de vários recursos de linguagens, inclusive, intervenções e uso de expressões do tipo “me explico” para reafirmar seu ponto de vista. Neste campo da alteridade, novamente Arias analisa o Brasil a partir de suas experiências. Entre as partes do texto que justificam esta posição, citamos a comparação que ele faz do brasileiro com os espanhóis e também quando o jornalista cita sua experiência na época da Guerra Civil espanhola, em que ele diz que tinha que “procurar saídas à necessidade e inclusive à fome que só os que já sofreram são capazes de explicar” (ARIAS, 2013c).

Los brasileños poseen una característica especial que podría ser malinterpretada en el exterior: parecen hechos de goma. Me explico: por ejemplo, es difícil enfadarse con un brasileño. Nosotros, los españoles, al revés, nos enfadamos a la primera de cambio y soltamos enseguida un: “Y tú más”. El español va directo al tiro. El brasileño prefiere la curva.

Os brasileiros possuem uma característica especial que poderia ser mal interpretada no exterior: parecem feitos de borracha. Explico: por exemplo, é difícil ficar bravo com um brasileiro. Nós, espanhóis, ao contrário, ficamos com raiva na primeira oportunidade e soltamos logo um: "E você pior ainda." O espanhol vai direto ao ponto. O brasileiro prefere a curva. (ARIAS, 2013c).

A narrativa de Arias evoca o passado histórico do Brasil. Descreve a opressão colonial como uma “força maldita de uma escravidão, que foi a última a desaparecer do globo (em 1888)”; destaca que mesmo com a abolição, “os escravos foram abandonados à sua sorte” e compara o salário mínimo no Brasil com o “mendrugo”, pão que se dá aos mendigos. É assim que, por meio das desigualdades sociais, o autor justifica o jeitinho brasileiro, que para ele, “só os que vivem esta realidade ou quem sofreu sobre seus ombros o peso de uma desigualdade sangrenta que ainda hoje é das maiores do mundo, é capaz de inventar esse jeitinho que de alguma forma o alivia das angústias cotidianas” (ARIAS, 2013c).

Por fim, apesar de o jornalista usar no título a expressão “polêmico” para se referir ao ‘jeitinho’, de dizer logo no primeiro parágrafo que o brasileiro parece “feito de borracha” e de representá-lo como um povo que se contenta com pouco, o texto do *El País* termina dizendo

⁵ Muito se denegriu esse *jeitinho*, que na verdade não é nada mais do que, como escreveu alguém, a "saída para uma situação sem saída" e, portanto, com grandes doses de engenho que, segundo Sérgio Buarque de Holanda, é o que cunhou o brasileiro como "o homem cordial", que procura sempre agradar e que não aceita o impossível. (Tradução nossa)

que esse jeitinho se refere mais à sabedoria brasileira de não exigir uma mudança radical. “Uma sabedoria, entretanto, que os responsáveis políticos, os que hoje usam e abusam tantas vezes da paciência dos cidadãos, devem tratar com respeito, já que, do contrário, essa sabedoria poderia se revelar um vulcão que eles acreditavam definitivamente extinto” (ARIAS, 2013c).

Figuras de linguagens, principalmente a ironia, como na expressão “a ira dos mansos”, marcam a insistência do autor em destacar o brasileiro como um povo pacífico, que não gosta de guerra, mas que, no entanto, está amadurecendo e cada vez mais exigindo seus direitos. É a continuação da representação de um Brasil adolescente e que está em fase de mudança. Era uma criança, mas agora está em crescimento. “Por isso, não lhes bastará ganhar a Copa do Mundo. Querem poder jogar e ganhar com outras bolas e em outros estádios. E querem fazê-lo de outro jeito, exigindo aquilo que de verdade lhes pertence e que o poder lhes foi sistematicamente negando” (ARIAS, 2013c).

4.3.4 ¿Por qué Brasil está contra la Copa?

Na quarta narrativa analisada, o *El País* quer saber “por que o Brasil, a meca do futebol, um país cujos cidadãos levam no DNA a paixão pela bola que contagiou o planeta, mostra-se contra a celebração da Copa” (ARIAS, 2014a). Apesar do texto no início destacar novamente a questão da democracia e criticar a ação violenta dos policiais nas manifestações contra o Mundial, a intriga da narrativa se concentra na crítica contra o futebol, representado como um esporte que hoje foi arrancado das mãos dos torcedores, tornando-se um grande mercado financeiro. “Uma verdadeira feira de astros cujo valor humano, artístico e até cultural foi trocado por frias cifras de milhões de dólares” (ARIAS, 2014a). Para o narrador, ao contrário de uma festa saudável e alegre, o esporte hoje substituiu a guerra, onde países se enfrentam violentamente, tanto no campo, quanto nas arquibancadas. Essa relação do futebol com a guerra, uma metáfora, é também destacada na nossa literatura por muitos brasileiros. Darcy Ribeiro, por exemplo, já havia afirmado que “os brasileiros todos torcem nas Copas do Mundo com um sentimento tão profundo como se tratasse de guerra de nosso povo contra todos os povos do mundo. As vitórias são festejadas em cada família e as derrotas sofridas como vergonhas pessoais” (RIBEIRO, 1995, p. 243).

Entretanto, para responder a pergunta do título, “por que o Brasil está contra a Copa?” Juan Arias percorre três caminhos. Primeiro, representa a FIFA como uma organização desprestigiada, envolta em suspeitas de escândalos de corrupção e “movidada pelo pior dos

capitalismos”. Segundo, de acordo com o autor, nada mais justo que o país do futebol, como ele mesmo representa o Brasil, ter a coragem de enviar ao mundo uma mensagem para se precaver contra a degeneração desse evento mundial, que, como ele mesmo afirma, “se tornou objeto de suspeitas e ameaça ao verdadeiro futebol”. Terceiro, Arias destaca que o Brasil está convencido de que o futebol, paixão coletiva, deve voltar às origens, aquelas em que os jogadores davam a alma e o coração em campo, não tanto pelo dinheiro, mas pelo prazer de vencer e de fazer a torcida vibrar. “É como se o Brasil estivesse dizendo que, tal qual andam as coisas nesse campo, não lhe interessa a Copa, nem jogá-la nem ganhá-la. Que a paixão pelo esporte está sendo trocada por uma operação capitalista cuja máxima expressão são as tramoias da Fifa, as quais estão matando o verdadeiro futebol” (ARIAS, 2014a).

Com jogos de palavras, recurso explorado constantemente por Arias, a FIFA é representada no *El País* como um rei que sacrifica o bezerro de ouro, o futebol. A atitude dos brasileiros de estarem contra a FIFA e também de expor os problemas da corrupção dentro do futebol mundial é interpretada no *El País* como uma “aposta arriscada, criativa, valente, sobretudo dos jovens excluídos dos subúrbios das grandes urbes, que hoje estudam e que foram sempre, curiosamente, os que mais paixão manifestaram pela magia e o mistério da bola, que já é parte da cultura popular deste povo privilegiado” (ARIAS, 2014a). O eixo temático da narrativa é completado em outro texto publicado no dia 19/06/14, quando Arias afirma ainda que o futebol brasileiro de hoje se globalizou, ficou uniforme e a Seleção não entusiasma mais o mundo como antes, nem sequer os de casa. Para o autor, “apenas os que ainda resistem em aceitar que o Brasil está se transformando graças a uma complexa obrigação de sentar à mesa da modernidade, parecem incrédulos e deprimidos com o Brasil, que já não é somente futebol ou que o futebol já não é o melhor dele” (ARIAS, 2014d).

Em *¿Por qué Brasil está contra la Copa?*, o narrador destaca também a preocupação do brasileiro com a opinião do estrangeiro. Caracterizando um texto escrito por alguém de fora, a narrativa mostra que a relação entre colonizador e colonizado ainda persiste até hoje. Segundo o narrador, o brasileiro tem consciência de que as promessas de melhorias de infraestruturas no país não foram cumpridas e não seriam concretizadas a tempo, causando o medo de passar vergonha perante os turistas internacionais que pudessem encontrar um país com serviços ineficazes. “Até a FIFA, aliás, chegou a pôr em xeque a capacidade brasileira de organizar tal acontecimento, diante do atraso nos preparativos” (ARIAS, 2014a). Em relação à alteridade, uma das passagens do texto que mostra a interpretação do Brasil pelo olhar do narrador pode ser destacada quando Arias, ao discutir a questão da democracia versus

ditadura, novamente descreve sua experiência durante o período de ditadura espanhola para buscar compreender a nossa realidade:

El fútbol, y el deporte en general, han sido siempre usados y abusados por el poder en las dictaduras y en las democracias como opio del pueblo o como "hipnotismo" que decía el gran Sócrates. En las dictaduras de forma descarada y zafia, como cuando durante el franquismo, el feroz dictador Franco asistió al partido España-Rusia para recibir de pie el grito del estadio: "¡Franco, Franco, Franco!" como si hubiera sido el generalísimo y no el jugador del Zaragoza, Marcelino, el que marcó un gol contra la Rusia "comunista" (ARIAS, 2014a)⁶.

A imagem do Brasil que Juan Arias projeta nesta narrativa é de uma nação mais madura, que saiu da inércia e ganhou “um estado de consciência crítica” contra os problemas sociais do país. Uma consciência nova que nega ao político o uso indevido de faturar sobre as vitórias do futebol. É essa representação de Brasil que o jornalista esmiúça no próximo texto analisado.

4.3.5 La Copa quebrada

“Aqui, ‘seu’ jornalista, desta vez não há clima de Copa. Estamos preocupados com outras coisas” (ARIAS, 2014b). Em *La Copa Quebrada*, Arias tem uma visão positiva e negativa do Brasil como sede da Copa do Mundo. Para o autor, o país perdeu e ganhou com o Mundial. Ganhou fora dos estádios, porque amadureceu e deseja algo além do futebol, mas perdeu com os atrasos nas obras e estádios milionários, remendados de última hora e com alto gasto de dinheiro público. Os trechos “a população, além disso, não obteve vantagens das prometidas novas infraestruturas, sobretudo as de transportes” e “nos aeroportos ainda há obras que deverão ser ocultadas dos turistas”, mostram a construção de uma imagem de país de terceiro mundo, atrasado e enganado pelos poderosos governantes.

Nas palavras de Arias, ao invés de festa, a Copa estava sendo tratada no Brasil como guerra e faltava pouco para que o evento acabasse como “um dos mais mal organizados e mais criticados até pelos anfitriões”:

Se ha perdido el Mundial antes de disputarlo, algo que, según escuché en un autobús donde viajaba gente de clase media, avergüenza a los brasileños. Sentí en el aire el eco del complejo de perro callejero que durante tanto tiempo sufrió este gran país,

⁶ O futebol, e o esporte em geral, sempre foram usados e abusados pelo poder nas ditaduras e nas democracias como ópio do povo ou como “hipnotismo”, como dizia o grande Sócrates. Nas ditaduras, de forma descarada e grosseira, como quando, durante o franquismo, o feroz ditador Franco assistiu à partida Espanha x Rússia para receber de pé o grito do estádio: “Franco, Franco, Franco!”. Como se tivesse sido o generalíssimo, e não Marcelino, jogador do Zaragoza, quem marcou um gol contra a Rússia “comunista”. (Tradução nossa)

rico y de gentes envidiables por su capacidad de acogida y resistencia al dolor. (ARIAS, 2014b)⁷.

Por outro lado, Arias também faz uma análise positiva do Brasil. Para ele, o país ganhou com o Mundial pelo único fato de os brasileiros, apesar de carregarem o futebol no seu DNA, como o jornalista mesmo descreve, também querer algo além da Copa. De acordo com o narrador, o país “tomou consciência de que não deve ser amado e admirado no mundo só porque sabe chutar uma bola como poucos, mas também porque é capaz de exigir o que lhe pertence e o que merece” (ARIAS, 2014b). Arias descreve como um dos exemplos de que o Brasil começou a mostrar sinais de transformação foi o fato de ele ter escutado, “inclusive de pessoas com origens modestas”, que hoje os pais não sonham mais que seus filhos sigam a carreira de jogador. Para o autor, ouvir isso de um brasileiro, sobretudo de classe baixa, “é uma mudança de paradigma que revela, mais do que muitos levantamentos científicos, como este país mudou” (ARIAS, 2014b).

Na narrativa do *El País*, os brasileiros desfrutam hoje de outras coisas além do futebol, como o desejo de se superar, de ganhar o tempo perdido, reciclar profissionalmente e estimular os seus filhos a não perpetuarem a fatalidade da pobreza material e cultural de seus pais e avós.

4.3.6 ¿Se ha cansado Brasil de ser “el país del futuro”?

Com jogo de palavras, o narrador relaciona a metáfora “país do futuro” com a figura da criança. Neste sentido, o título poderia muito bem ser “o Brasil está cansado de ser criança? Ou cansado de ser tratado como tal?”. A pergunta de Juan Arias novamente representa um país gigante que está amadurecendo e entrando na juventude e, como todos os jovens, quer ser atual, moderno e viver o hoje. Neste sentido, quando faltava exatamente um mês para o Mundial, Arias afirmou que “73% dos brasileiros desejam mudanças, inclusive radicais” (ARIAS, 2014c). A palavra “inclusive” colocada no texto refere-se a uma mudança de posicionamento do observador em relação às atitudes dos brasileiros. Se antes o jornalista afirmava que éramos mansos e queríamos mudanças, mas não severas, tanto que o autor mostra pesquisas em que a presidente Dilma é apontada como favorita para as eleições de 2014, agora o *El País* dá sinais de que mudou de opinião. O Brasil que começa a ser

⁷ Perdeu-se a Copa antes de disputá-la, algo que, conforme escutei em um ônibus onde viajava gente de classe média, envergonha os brasileiros. Senti no ar o eco da volta do complexo de vira-latas que durante tanto tempo assolou este país grande, rico e de gente invejável por sua capacidade de acolhimento e resistência à dor. A Copa, de certa forma, já foi perdida. (Tradução nossa).

construído na narrativa é um país que amadureceu e quer fazer parte do hoje. Não quer ser julgado pelo seu famoso jeitinho, mas quer encontrar saída e soluções para um futuro que chegou.

Como vimos no primeiro capítulo deste estudo, quando discutimos o olhar do estrangeiro sobre o Brasil ao longo dos séculos, a visão do Brasil como país do futuro foi empregada primeiramente em 1941 por Stefan Zweig, outro europeu.

Fugindo da guerra que aterrorizava a Europa, Zweig passou seus últimos anos de vida no Rio de Janeiro, onde morreu em Petrópolis com sua mulher, logo depois da publicação de sua obra que rendeu ao Brasil esse codinome. O livro é, portanto, um retrato esperançoso e otimista de um país gigante que segundo Zweig, estava “indubitavelmente fadado a ser um dos fatores mais importantes do desenvolvimento futuro do nosso mundo” (ZWEIG, 2013, p. 14). Sabemos que muitas das previsões feitas pelo autor não se concretizaram, mas é interessante perceber como Zweig pensava no futuro do Brasil analisando a criatividade, a alegria e a pacificidade do povo brasileiro. Esse olhar de Zweig também é notado constantemente nos textos de Juan Arias, quando, por exemplo, ele fala que o brasileiro tem “aversão a guerra” ou que é impossível um estrangeiro entender como “um povo apaixonado por futebol e pacífico pode se manifestar na rua”. “Sempre destaquei que os brasileiros acabam conquistando os estrangeiros por sua capacidade de acolhimento, por sua paciência, sua elasticidade e por sua falta de agressividade, algo que, por exemplo, afeta mais a nós espanhóis, mais impacientes” (ARIAS, 2014f).

No entanto, de acordo com o jornalista do *El País*, qualificar o Brasil como país do futuro acarretava implicitamente que ele ainda não era um país adulto, e sim uma criança. “Embalados por esse mantra, os brasileiros se sentiram esperançados, mesmo sofrendo as garras da realidade presente, cheia de injustiça social, desigualdades dramáticas e serviços públicos de Terceiro Mundo” (ARIAS, 2014c). Na concepção de Arias, agora, os brasileiros querem ser adultos e não querem esperar esse futuro incerto, “porque além do mais, o relógio da História se acelerou, e seus filhos e netos – que serão, esses sim, o futuro do Brasil – nascem já com o pé no acelerador e a mão no smartphone” (ARIAS, 2014c).

É com esse olhar que Arias analisa o desencanto que toma as ruas brasileiras às vésperas da Copa do Mundo, um evento que até pouco tempo atrás era esperado por todos com muito entusiasmo. Para o autor, em uma democracia imperfeita como a brasileira, os jovens representam um impulso para a mudança.

Escrita em 13 de maio, Dia da Abolição da Escravatura no Brasil, a narrativa de Arias nos influencia a ver a imagem do jovem brasileiro construída com traços de Princesa Isabel.

Enquanto esta libertava os escravos em 1888, são os jovens de hoje que dão sinais de que estão dispostos a libertar o Brasil da exploração dos verdugos governantes poderosos. É inclusive essa intriga entre os jovens e políticos que permeia o tema central desta sexta narrativa analisada do *El País*. Para o autor, “os jovens costumam ser agregadores, grupais, ao passo que, muitas vezes, os políticos os separam e discriminam a ponto de os considerarem seus adversários e inimigos” (ARIAS, 2014c).

Quizás los gobernantes deberían estudiar un poco más de psicología, un poco más a Freud, Jung o Lacan, para no dormirse sobre los laureles en la vana esperanza de que los jóvenes en democracia nunca pretenderán ser impertinentes con el poder. O de que se les pueda doblegar con el miedo o el soborno. La rebeldía sigue anidada en el subconsciente del joven, pronta siempre a estallar (ARIAS, 2014c)⁸.

Enquanto a Segunda Guerra fazia com que Zweig visse o Brasil com um futuro promissor, as manifestações contra a Copa também faziam com que Juan Arias enxergasse o Brasil como uma nação em crescimento. Apesar das desigualdades sociais e todos os outros problemas, era como se o país estivesse caminhando para o novo. E nesta imagem de Brasil que o jornalista começa a construir, são os jovens os principais responsáveis pelos primeiros sinais de mudança.

4.3.7 Brasil es también así

Brasil acaba siempre sorprendiendo, algo que muchas veces no entienden los europeos más racionales. En el fútbol y en la vida de sus gentes aparece como un enigma. Cuando creemos que se va a hundir, que se está ahogando, sabe levantar la cabeza. Hace sufrir, a veces desespera y desconcierta, pero al final tenemos que admitir que acaba teniendo suerte. ¿Es solo suerte o forma parte de la idiosincrasia de los brasileños? (ARIAS, 2014e)⁹.

As palavras que destacamos no fragmento do texto *Brasil es también así*, escrito por Juan Arias, resumem a construção da representação do Brasil no *El País* durante o período de recorte da pesquisa. Nesta penúltima narrativa analisada, a nação que já foi chamada no século XVI pelos europeus até mesmo de “terra dos papagaios”, é vista hoje como um enigma, palavra chave na tentativa de explicar no Brasil. Como um país que “quando pensamos que vai afundar, que está se afogando, sabe levantar a cabeça”. Essas inconstâncias

⁸ Talvez os governantes devessem estudar um pouco mais de psicologia, um pouco mais de Freud, Jung e Lacan, para não dormirem sobre os louros na vã esperança de que os jovens numa democracia jamais pretenderão ser impertinentes com o poder. Ou de que seja possível curvá-los pelo medo ou o suborno. A rebeldia continua aninhada no subconsciente do jovem, pronta sempre para estourar. (Tradução nossa).

⁹ O Brasil acaba sempre surpreendendo, algo que muitas vezes os europeus, mais racionais, não entendem. No futebol e na vida de sua gente, aparece como um enigma. Quando pensamos que vai afundar, que está se afogando, sabe levantar a cabeça. Faz sofrer, às vezes desespera e desconcierta, mas ao final temos que admitir que acaba tendo sorte. É apenas sorte ou faz parte da idiosincrasia dos brasileiros? (Tradução nossa).

nas formas de representar e analisar a identidade brasileira no *El País* ecoam as observações de Bauman (2005) de que nós, habitantes do mundo globalizado, que ele chama de líquido moderno, somos fluídos. “Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento” (BAUMAN, 2005, p.32).

Essas são também as considerações de Scheyerl e Siqueira (2008) ao estudar o Brasil pelo olhar do outro nos dias de hoje. Em suas pesquisas, os autores afirmam existir no século XXI diferentes modos e não mais uma única forma de se ser brasileiro. De acordo Scheyerl e Siqueira (2008), se antes havia uma figura idealizada ou mesmo caricata do nosso povo, surge no mundo globalizado uma tendência que esboça interpretações mais realistas, enxergando para além da imagem estereotipada os muitos brasis.

São essas questões que aparecem no *El País*, especialmente em muitos textos de Juan Arias. A começar pelo título, suas narrativas sugerem essa identidade em movimento, como em *Brasil está con dolores de parto* (ARIAS, 2014f), onde o narrador afirma que nunca foi fácil entender o Brasil, um país-continente rico em complexidades, com uma sociedade que acumula diversidades e ao mesmo tempo com uma unidade que faz inveja, mas que “hoje então parece duplamente difícil analisar a crise real ou aparente que ele está atravessando” (ARIAS, 2014f).

Para Bauman, ajustar peças e pedaços para formar um todo consistente e coeso chamado identidade não parece ser a principal preocupação de nossos contemporâneos, já que estamos agora passando da fase sólida da modernidade para a fase líquida. “E os fluídos são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo” (BAUMAN, 2005, p. 57). Por outro lado, o autor também aponta que estamos inseguros quanto à maneira de construir os relacionamentos que desejamos. Talvez seja por isso, que apesar de plurais e fluidas, as identidades estão sempre baseadas no conhecimento coletivo, especialmente sobre a narrativa da nação, tão contada e recontada na mídia e cultura popular. “Essas fornecem uma série de histórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação” (HALL, 2011, p. 52).

Trazendo a reflexão para o texto do *El País*, percebemos que apesar de o Brasil que Juan Arias constrói ser a representação de um país em transformação, as narrativas do autor partem e voltam sempre para os temas habituais. Ou seja, ao mesmo tempo em que a representação da identidade do Brasil sugere algo novo, ela está sempre ancorada no seu passado. Isso quer dizer que embora muitos textos do *El País*, a começar pelos títulos,

sugerirem um novo Brasil, as representações deste Brasil são construídas em um enquadramento específico de compreender e comunicar o que é familiar.

É o que Moscovici (2011) afirma quando diz que a própria linguagem localiza-se no meio do caminho entre a linguagem de observação e a linguagem da lógica. A primeira expressando puros fatos – se tais fatos existem – e a segunda, expressando símbolos abstratos. “Este é, talvez, um dos mais marcantes fenômenos de nosso tempo – a união da linguagem e da representação” (MOSCOVICI, 2011, p. 46). Entre as hipóteses sobre as representações sociais levantadas pelo autor, é que elas são criadas para filtrar a informação que provém do ambiente social e dessa maneira controlar o comportamento individual. Entre as hipóteses de Moscovici, é que essas representações podem funcionar como manipulação de pensamento e estrutura da realidade, semelhante às propagandas que exercem uma coerção forçada em todos aqueles a que estão dirigidas. “Tais hipóteses não estão totalmente desprovidas de verdade. As representações sociais podem, na verdade, responder a determinada necessidade; podem responder a um estado de desequilíbrio; e podem, também, favorecer a dominação impopular, mas impossível de erradicar, de uma parte da sociedade sobre a outra” (MOSCOVICI, 2011, p. 54). No entanto, o que comprovamos no texto do *El País*, assim como Moscovici observa em seus estudos, é que “as imagens, ideias e a linguagem compartilhadas por um determinado grupo sempre parece ditar a direção e o expediente iniciais, com os quais o grupo tenta se acertar com o não familiar” (MOSCOVICI, 2011, p. 57).

É neste caminho tênue entre o familiar e o não familiar que percorre o principal eixo de análise da representação do Brasil no *El País*. Em seus textos, Juan Arias começa dando sinais de descrever um país diferente e novo. Apresenta a metáfora de um Brasil que sai da fase de criança e entra na adolescência, trazendo consigo todos os sinais da puberdade: mudança de corpo, de opinião, aborrece, enche os adultos de perguntas e quer viver o hoje sem pensar no amanhã. Ora quer ser independente e continuar na casa dos pais, ora defende mudanças radicais e quer seguir seu próprio caminho. No entanto, as opiniões de Arias sobre o Brasil, mesmo em alguns casos com ricos detalhes e aprofundamento de análise, são carregadas de ideias pré-concebidas e estereótipos, com poucas mudanças de referências e estilo. A imagem de Brasil que Arias constrói tem a princípio uma aparência diferente, mas em suma é enquadrada no mesmo foco do olhar europeu ao longo dos séculos. A começar pelos títulos de suas narrativas, como *El polémico ‘jeitinho’ brasileiro* ou *¿Se ha cansado Brasil de ser “el país del futuro”?*. Seus temas escolhidos, embora tenham um cenário mais atual e moderno, fazem parte de uma representação já pré-fabricada, que a ciência justifica. “Quando tudo é dito e feito, as representações que nós fabricamos – de uma teoria científica,

de uma nação, de um objeto, etc. são sempre o resultado de um esforço constante de tornar comum e real algo que é incomum” (MOSCOVICI, 2011, p. 58). Ou seja, como completa Moscovici em sua análise, sempre que algo mostrado visualmente pretende ser representativo de algum objeto comum, mas contém características que são incomuns à comunidade, “essas características invariavelmente sofrem transformações em direção ao que é familiar” (BARTLETT *apud* MOSCOVICI, 2011, p. 59).

Além disso, percebe-se ao longo da análise nas narrativas do *El País* que os eixos temáticos são sempre os mesmos: corrupção, desigualdades sociais, fragilidade das instituições democráticas, lutas por melhores condições de vida, o brasileiro como um povo alegre, hospitalidade, e etc. Neste penúltimo texto, por exemplo, o autor destaca o gigantismo e a riqueza brasileira que se contrapõem com a questão da briga pela sobrevivência. Este paraíso-inferno, como o país sempre foi visto pelos outros, é representado no texto como um “difícil equilíbrio, entre sentir-se um império, que é, e suportar o peso de um atávico complexo de vira-lata” (ARIAS, 2014e). Para justificar sua posição, Arias compara ainda o país com a Torre de Pisa, na Itália, “que leva séculos inclinando-se, mas que nunca cai” e as águas de Veneza, que “há centenas de anos ameaçam afundar a mágica cidade que, no entanto, segue viva e em pé” (ARIAS, 2014e).

Na narrativa, o texto representa um Brasil que se sustenta, principalmente, pelo povo brasileiro. Um povo que, de acordo com o *El País*, pode ter muitos defeitos, mas não o da arrogância. “Não foi à toa que se ofenderam apenas quando o treinador Felipe Scolari mandou com arrogância ao inferno os jornalistas que o questionavam. Essa arrogância é um impedimento que os brasileiros acabam desprezando e punindo” (ARIAS, 2014e). É essa alegria, simpatia e hospitalidade brasileira, descrita pela primeira vez na Carta de Pero Vaz de Caminha, que até hoje chama atenção dos estrangeiros. Durante a Copa, por exemplo, muitos constataram e repetiram esse ponto da nossa identidade. “Os jornalistas estrangeiros que estão no Brasil para a cobertura da Copa do Mundo se mostraram satisfeitos com a acolhida que tiveram do povo brasileiro, com a sensação geral de segurança e com a organização do Mundial” (PESQUISÃO, 2014).

Portanto, nos textos do *El País* a identidade brasileira é representada de forma plural: ora como algo em transformação e novo, “um enigma”, “um adolescente”, ora ancorada em seu passado histórico, observado pelo viés da desigualdade social, o jeito malandro e pacífico do brasileiro, a paixão pelo futebol, etc. São os efeitos da globalização destacados por Hall (2011), que analisa as consequências dos aspectos globais por meio de três eixos. Para o autor

As identidades nacionais estão se desintegrando, como resultado do crescimento da homogeneização cultural e do pós-moderno global; As identidades nacionais e outras identidades locais ou particularistas estão sendo reforçadas pela resistência à globalização; e as identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas estão tomando seu lugar. (HALL, 2011, p. 69).

Assim, a forma de representação brasileira acompanha esses efeitos pós-modernos. Sabemos que a identidade não muda de uma hora para outra, especialmente a nacional que é imaginada e tem caráter de pertencimento. Porém, o que ocorre hoje por conta da globalização - e todos os efeitos do mundo moderno e tecnológico, inclusive a propagação das informações digitais, que levam a um estreitamento do tempo e espaço - é um deslocamento da identidade a caminho de um novo e ao mesmo tempo um fortalecimento das identidades nacionais. Como Juan Arias justifica a pluralidade da identidade brasileira: “assim é o Brasil. E é talvez sua ausência de ângulos de intemperança, o que os torna simpáticos fora do país” (ARIAS, 2014e). Resta saber como será nosso futuro.

4.3.8 ¿Qué Brasil resurgirá de los escombros de la Copa?

Hubo Copa, pero no hubo equipo. Hubo Copa, pero no obras que aliviaran la vida de los ciudadanos. Hubo alegría y pasión siguiendo los juegos porque el fútbol corre por las venas de los brasileños, pero les dejó con la boca amarga a dos pasos de volver a precipitar por la pendiente del complejo de perro callejero que parecía haber sido sepultado para siempre. No hubo hexa, pero de las cenizas de la derrota podrá ahora surgir un país más maduro, quizás más crítico, más resistente en el futuro contra quienes pretendan de nuevo engañarle. Las derrotas pueden hundirnos o hacernos resurgir con mayor fuerza. Brasil tiene hoy una baza a su favor: ha perdido el miedo a cambiar y ha aprendido a decir no (ARIAS, 2014g)¹⁰.

Na narrativa que analisa o Brasil logo depois da Copa do Mundo, Juan Arias diz que a imagem do país após o Mundial "foi reduzida a escombros" por ter perdido de 7 a 1 para a Alemanha durante o torneio. Logo, o “escombros” faz referência ao mito do Brasil ser o país do futebol. De acordo com o narrador, "foram os brasileiros comuns que realmente ganharam o hexa por seu comportamento exemplar de país civilizado e acolhedor" (ARIAS, 2014g).

A construção da imagem do Brasil feita nesta análise pós-Copa está relacionada diretamente com questões da realidade versus imaginário brasileiro, já que a Copa no Brasil tem um significado muito maior que um simples acontecimento de um evento esportivo. Ela engloba questões políticas, sociais, culturais e se funde com a identidade do país. No entanto,

¹⁰ Teve Copa, mas não teve time. Teve Copa, mas não obras que aliviaram a vida dos cidadãos. Teve alegria e paixão acompanhando os jogos porque o futebol corre nas veias dos brasileiros, mas ficaram com a boca amarga a dois passos de rolar pela ladeira do complexo de vira-lata que parecia ter sido enterrado para sempre. Não teve hexa, mas a partir das cinzas da derrota agora poderá surgir um país mais maduro, talvez mais crítico, mais resistente no futuro contra os que pretenderem enganá-lo novamente. As derrotas podem afundar-nos ou nos fazer ressurgir mais fortes O Brasil tem hoje um grande trunfo a seu favor: perdeu o medo de mudar e aprendeu a dizer não. (Tradução nossa)

ao contrário da derrota brasileira na Copa do Mundo de 1950, quando Nelson Rodrigues criou a expressão “complexo de vira-lata” para traduzir um sentimento crônico de inferioridade nacional, a derrota atual encontrou o brasileiro diferente, sem complexo, mas que luta para ser reconhecido além do futebol.

Portanto, se estruturalmente o Brasil pós-Copa do *El País* continua o mesmo antes do Mundial, como no trecho “todos sabem que hoje, depois da Copa, os brasileiros não vão se deslocar para o trabalho com maior comodidade. Tudo continuará igual porque seu único legado foram os estádios e não os novos metrô ou trens” (ARIAS, 2014g), o que muda depois do Mundial é o resgate da simpatia do povo brasileiro e a visão de que, se eles quiserem, é possível construir algo diferente da realidade em que vive, já que o principal já foi superado: “perdeu o medo de dizer não” (ARIAS, 2014g).

Neste sentido, a construção da representação do Brasil se mistura com a representação do povo brasileiro. As duas imagens se juntam para projetar uma só: a de um país que quer ser diferente, ousado, criativo, moderno e que possa surpreender o mundo além do seu futebol, que já não encanta mais. É neste caminho que a narrativa sugere que, apesar de todos os problemas que o país enfrentou com o evento - como obras atrasadas, alto investimento do dinheiro público, corrupção e também o vexame da Seleção Brasileira, que perdeu de 7 a 1 para Alemanha nas semifinais - o legado da Copa do Mundo no Brasil em 2014 foi mostrar que o país sede amadureceu. Mostrou que está alerta e que, ao contrário do que todos pensavam, tem consciência política. É um Brasil que ainda não mudou de forma significativa, mas caminha para o novo. É nesta colisão entre realidade e futuro, que o texto sugere a imaginação de uma outra sociedade. É o imaginário da esperança. “Que ninguém, nem governo nem oposição, pretendam se fazer de surdos, porque este país cordial está aprendendo também a rugir” (ARIAS, 2014g).

4.3.9 A imagem do Brasil no *El País*

Em resumo, temos que a imagem do Brasil no *El País* durante o período de recorte da pesquisa pode ser dividida em três grandes eixos: pré-manifestações (período antes de junho de 2013), pré-Copa (de junho de 2013 a junho de 2014) e pós-Copa (julho de 2014).

Pré-manifestações: neste período, o Brasil é representado como uma criança que sonha em ser o país do futuro. É apático com a corrupção, veste uma democracia fora de moda e tem profunda desigualdade social, vista pelos próprios europeus como “uma herança maldita do processo de colonização”. O Brasil é descrito como uma nação emergente, com

saúde e infraestrutura precária, onde o transporte parece “de carregar gado”, mas que mesmo assim não quer uma transformação radical. Quer mudança, mas prefere que ela aconteça dentro do mesmo formato oferecido pelo ex-presidente Lula da Silva, quando algumas camadas mais pobres da população saíram da miséria com alguns programas de governos. No plano cultural, o Brasil ainda é representado pelo futebol, visto ainda como um mito e importante símbolo nacional para o país.

Pré-Copa: a construção da imagem do Brasil nesta fase, que se caracteriza pelo início dos protestos de junho de 2013 até o início do Mundial, se confunde com a própria representação do brasileiro. Dessa forma, o Brasil é visto como um adolescente rebelde que sempre quer mais. A nação começa a deixar para trás seu complexo de inferioridade, triste herança da escravatura e de políticas arcaicas, e se ver admirada e observada com interesse até pelas grandes potências mundiais. Quer se consolidar como o “gigante americano” e não apenas ser reconhecido como o país do futebol. Fato que o jornalista comprova com trechos onde as pessoas já não têm mais o sonho de terem filhos seguindo o estrelato da bola. Nesta fase, o *El País* mostra um Brasil cansado de passar vergonha perante aos turistas. No entanto, busca por liberdade, quer ser tratado como adulto e luta por um poder de voz. É um país que sempre surpreende. Um enigma. E ao contrário da primeira fase, quer mudança radical e não quer mais ser enganado. Tomou consciência de seu poder real dentro e fora de suas fronteiras, de suas riquezas e possibilidades. Cresceu uma forte consciência coletiva que exige melhorias a todos os níveis e maior ética política. Um possível nascimento de um Brasil inconformado com parte de seu passado e que deseja um futuro melhor.

Pós-Copa: de acordo com o *El País*, o Brasil que sai da Copa do Mundo é um país que ganhou e perdeu com o Mundial. Perdeu no setor econômico, com os altos investimentos sem retorno para o público; perdeu no campo político e cultural, onde até o futebol desencantou ao ser envergonhado com um placar de 7 a 1 no jogo contra a Alemanha nas semifinais. Em suma, uma imagem “reduzida a escombros”. Por outro lado, o Brasil depois da Copa do Mundo não é o mesmo de um passado ainda recente porque agora não renuncia ao poder ser melhor do que foi. É uma nação que foi resgatada pelos próprios brasileiros.

Neste plano cultural, temos a reafirmação de uma terra povoada por uma gente alegre, simpática, hospitaleira, capaz de render-se aos encantos dos estrangeiros e recebê-los de braços abertos. Segundo o jornal espanhol, são os brasileiros os maiores vencedores da Copa do Mundo. São eles ainda que vão exercer uma consciência coletiva e lutar por um país melhor e mais moderno. Uma nação que amadureceu, globalizou-se e quer ser reconhecida além do futebol. Um país que não quer mais ser apenas o mito do “gigante americano”, mas

sim uma imagem real dessa metáfora. Neste caminho, de acordo com o *El País*, a única certeza é que o primeiro passo já foi dado. Segundo o jornal espanhol, o maior legado do Brasil na Copa do Mundo foi mostrar ao mundo que o país perdeu o medo de dizer não.

4.4 O Brasil no *The Guardian*

No *The Guardian*, analisamos os textos dos jornalistas britânicos Dom Phillips, Jonathan Watts e Owen Gibson.

Residente no Brasil desde 2007, Dom Phillips é correspondente do jornal americano *Washington Post*, mas também escreve para outros meios, como *The Times* (UK), *People Magazine* (USA) e *The Guardian* (UK). Sua reportagem *Favela tourism in Rio de Janeiro*, publicada em 2 de novembro de 2013, no *The Guardian*, tem como objetivo orientar os turistas estrangeiros sobre as comunidades que vivem nos morros, destacando seus costumes e experiências. No entanto, ao narrar a visita a quatro favelas pacificadas no Rio de Janeiro, o uso constante de figuras de linguagens, como metáforas e hipérboles, transformam a narrativa em uma aventura que beira ao jornalismo literário, tratando a experiência como um novo “descobrimento” do Brasil.

The alleyways got narrower as we descended. Chickens clucked in a drain. Purple flowers sprouted near bags of gravel. Children in flip-flops pushed past talking football. An old woman was carried past on a chair. Humanity teemed in the narrow alleys. Everything was tiny: a barber shop, an electrical products stall, a bedroom with three small bunk beds (PHILLIPS, 2013)¹¹.

Neste cenário, Phillips constrói uma representação do Brasil por um viés predominantemente sociocultural. No entanto, mesmo buscando projetar uma imagem de país emergente, seu texto não consegue fugir de clichês, como a beleza da paisagem brasileira, as festas, a hospitalidade, a violência, os contrastes sociais e a idealização do brasileiro a tudo que vem de fora. “Tours como os que Thiago oferece é um vislumbre do outro lado da vida brasileira. Mas os turistas devem estar cientes de que estes são os passeios a lugares onde as pessoas muito pobres vivem e alguns podem encontrar dificuldades” (PHILLIPS, 2013).

Já o jornalista Jonathan Watts é correspondente do *The Guardian* na América Latina e mora no Rio de Janeiro desde 2012. Em seus quatro textos analisados nesta pesquisa, Watts traça uma representação de Brasil tendo como plano de fundo a discussão sobre a paixão do

¹¹ As vielas ficam mais estreitas enquanto descíamos. Galinhas passeavam em um dreno. Flores roxas brotaram perto de sacos de cascalho. Crianças de chinelo falavam sobre futebol. Uma mulher idosa passou carregada em uma cadeira. Humanidade fervilhava nas vielas estreitas. Tudo era pequeno: uma barbearia, uma barraca de produtos elétricos, um quarto com três camas de beliche pequenas. (Tradução nossa)

país pelo futebol. Sua metodologia consiste em uma pesquisa construída a partir do conhecimento das condições sociais, econômicas e políticas da nossa sociedade. Para isso, o jornalista vai a campo e analisa diferentes tipos de personagens brasileiros, desde o sul ao norte do país. O resultado é uma imagem de Brasil projetada principalmente pelo sentido político cultural. A representação de Watts é um país em meio a um caos, que passa por um período turbulento, com crise, greves e violentos protestos. Uma nação desacreditada com o futebol, com o governo e com os dirigentes da Copa do Mundo.

O último texto analisado é do jornalista Owen Gibson, correspondente de esporte do *The Guardian*, enviado especialmente para a cobertura da Copa do Mundo de 2014. Sua narrativa, *Brazil proves perfect host to inspire soul-stirring World Cup feast*, publicada em 13 de julho de 2014, é um balanço final da Copa do Mundo e traz como eixo central a afirmação das representações da identidade brasileira, principalmente a questão da hospitalidade. Ao afirmar, por exemplo, que “julgado pelos seus próprios termos, o Brasil deu conta do recado”, o texto enaltece a figura do povo brasileiro e traz uma visão mais otimista sobre o Brasil que as reportagens de Watts.

4.4.1 Favela tourism in Rio de Janeiro

No léxico político e cultural brasileiro, favela é uma palavra importante cujo emprego inicialmente ocorreu no Rio de Janeiro, no começo do século XX, para descrever o bairro popular formado no morro da providência. A palavra vem assumindo múltiplos sentidos ao longo da história e de acordo com variações regionais e conjunturais. No Rio, o termo preferido, em geral, nas últimas décadas, é comunidade. Por vezes, favela e favelado equivalem a categorias de acusação, que estigmatizam a dimensão social da geografia e estendem preconceitos a toda população (MEIRELLES, ATHAYDE, 2014, p. 7).

O trecho acima faz parte do livro *Um País Chamado Favela: a maior pesquisa já feita sobre favela brasileira*, dos autores Renato Meirelles e Celso Athayde (2014), que investigaram 63 comunidades em dez regiões metropolitanas do Brasil e ouviram duas mil pessoas, em 2013. Renato é presidente do instituto Data Popular, primeiro de pesquisa no Brasil especializado em mercados emergentes, e Celso é produtor cultural e ativista social, especializado em favelas e periferias.

De acordo com Meirelles e Athayde (2014), no século XX, favela foi sinônimo de problema que o poder público deveria antes remover em vez de resolver. No entanto, se nas primeiras décadas do século XX o termo esteve sempre associado à precariedade de condições higiênicas e sanitárias, com metáfora alusiva à insalubridade, hoje esta realidade está em transformação. Os dados tabulados do estudo ainda mostram cenários heterogêneos, mas

apesar desta dicotomia, “uma análise geral dos resultados exhibe uma favela muito menos pobre do que se imaginava, mais conectada e ansiosa por completar processos de inclusão social e econômica” (MEIRELLES, ATHAYDE, 2014, p. 29).

Entre as avaliações, os pesquisadores registraram que 76% das pessoas que moram em comunidades consideram que a vida melhorou no período imediatamente anterior à pesquisa - apesar de poucas atribuírem esse avanço às políticas públicas ou aos empregadores. Além disso, o estudo descreve singularidades do cotidiano destes locais, como 47% das famílias já dispõem de pelo menos um televisor de tela plana; os imóveis e veículos são os itens de consumo mais valorizados para a maior parte dos moradores; em 2013 a média salarial do favelado era de 1.068 reais contra apenas 603 reais, em 2003; no fim de 2013, 85% dos internautas das favelas já tinham conta no Facebook; cerca de 20% se sustentam de pequenos negócios, entre eles, os albergues para turistas interessados nas paisagens dos morros e centros comerciais erguidos a partir do talento empreendedor de alguns moradores.

A pesquisa mostra ainda que 75% dos habitantes de favelas são favoráveis à pacificação pela polícia. No livro, Luiz Soares, especialista em segurança pública e professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), verificou evidente redução de homicídios dolosos em regiões de UPP, que são as polícias pacificadoras, principalmente na fase inicial. Embora, de acordo com o especialista, “a seleção das favelas que recebem essas UPPs não atendem as necessidade intrínsecas das comunidades, mas a projetos da metrópole, orientados para a valorização imobiliária especulativa” (MEIRELLES, ATHAYDE, 2014, p. 141). O professor lembra que o projeto inicial previa o cumprimento dos deveres do Estado em outras áreas, como saúde e educação, mas que acabou não acontecendo.

A obra de Meirelles e Athayde (2014) descreve um lugar com 11.7 milhões de habitantes movimentando R\$ 63 bilhões por ano, onde grande parte da população foi introduzida ao mercado consumidor na última década. No entanto, os autores afirmam que “o livro pode parecer surpreendente se adotarmos como baliza de conhecimento o estereótipo midiático, em que os moradores de comunidades, de modo invariável, figuram como miseráveis incultos, indolentes e bárbaros” (MEIRELLES, ATHAYDE, 2014, p. 29).

Os dados destacados acima são importantes para analisarmos o primeiro texto do *The Guardian*, *Favela tourism in Rio de Janeiro*/Turismo nas favelas do Rio de Janeiro, publicado em 2 de novembro de 2013, pelo jornalista britânico Dom Phillips. Morando no Brasil desde 2007, Phillips escreve para vários jornais estrangeiros como freelancer, entre eles o *The Guardian*.

No texto em questão, o narrador traça um perfil de quatro favelas cariocas - Santa Marta, Vidigal, Tavares Bastos e Complexo do Alemão. Em todas elas, o autor dimensiona as transformações sociais e econômicas destacadas na obra de Meirelles e Athayde (2014), mostrando um lugar em desenvolvimento e com pontos turísticos tão icônicos quanto outros tradicionais, espalhados pela cidade maravilhosa. Entre os destaques, estão as visitas guiadas e as noites de música em bares dentro das comunidades. “Durante décadas, muitas favelas montanhosas do Rio estavam fora de controle, mas agora, algumas são seguras e dão boas-vindas aos turistas, oferecendo-lhes uma vista única da cidade” (PHILLIPS, 2013). No entanto, ao mesmo tempo em que o autor mostra avanços sociais, ele também descreve a experiência de visitar as favelas como estar em “um safari”, “um zoológico”, “um reality show” destacando a diferença entre morador e o visitante. Um olhar de superioridade de quem está do lado de fora, onde o “nós” e “eles” não se misturam.

Tourist Alejandro Barreneche, 31, from Colombia, stopped to buy beer at a hole-in-the-wall bar. "It's like going into a reality TV show," he said, "like a zoo feeling. But again, it allows you to be closer to reality." Barman Leoni Franco, 24, shrugged: "It's good that tourists come. After pacification it is 100% better." Other residents seemed more surprised by the visitors than the visitors were by them. Police were patrolling the streets, hands on the triggers of their automatic weapons, like an occupying army. Residents averted their eyes: from them, from us. (PHILLIPS, 2013).¹²

O texto do *The Guardian* lembra a Carta de Pero Vaz de Caminha, primeira narrativa escrita sobre nós pelos descobridores europeus. Na Carta, Caminha relata que os nativos, “andavam todos tão bem dispostos, tão bem feitos e galantes que muito agradavam. E estavam já mais mansos e mais seguros entre nós do que nós estávamos entre eles”, (CASTRO, 2013, p. 108).

É, portanto, a questão da alteridade, destacada desde a Carta de Pero Vaz de Caminha, que também se baseia o fio condutor da narrativa do *The Guardian*. Essa relação de sociabilidade e diferença que só existe a partir do outro, entre estrangeiro e brasileiro, nós e “eles” e a exaltação de tudo que é de fora, é conduzida na reportagem em vários trechos. Ao escrever sobre Santa Marta, por exemplo, primeira favela do Rio de Janeiro a ser pacificada pela polícia, em 2008, a matéria faz menção ao projeto de arte *Favela Painting*, criado pela dupla holandesa Haas & Hahn, que tem 34 casas pintadas em um arco-íris de cores brilhantes

¹² Turista Alejandro Barreneche, 31, da Colômbia, parou para comprar cerveja em um bar em um buraco na parede. “É como entrar em um reality show”, disse ele, “como se sentir no zoológico. Mas, novamente, isto permite que você seja mais próximo da realidade.” Barman Leoni Franco, 24, balança os ombros: “É bom que os turistas vêm Depois da pacificação é 100% melhor.”. Outros residentes pareciam mais surpresos com os visitantes do que os visitantes eram por eles. A polícia estava patrulhando as ruas, as mãos sobre os gatilhos de suas armas automáticas, como um exército de ocupação. Moradores desviavam os olhos: deles, de nós. (Tradução nossa).

com o objetivo de reforçar o orgulho da comunidade. Além disso, o texto menciona a comoção causada pela visita do cantor americano Michael Jackson, que em 1996 esteve no lugar para gravar o vídeo *They Don't Care About Us*. Além de fotos e imagens ainda espalhadas pelo local, foi construída na praça de Santa Marta uma estátua de bronze de Michael Jackson, onde os moradores eternizaram orgulhosos a visita do artista. O próprio título do vídeo de Michael, *Eles não se importam com a gente*, enfatiza esta relação com o outro.

They are proud of the bronze Michael Jackson statue that stands on the edge of a little square in the Santa Marta favela in Rio de Janeiro. "It's the only one in Rio," said 32-year-old Thiago Firmino, DJ, local resident and our tour guide. Its arms stretch out to embrace a dizzying view of Rio, and of the shanty town that tumbles down the hillside below. On the wall behind it is a Michael Jackson mosaic (PHILLIPS, 2013).¹³

Na reportagem, Santa Marta representa um Brasil emergente, sendo apontada hoje como modelo de favela-comunidade visitada por muitas celebridades internacionais, como Madonna, Beyoncé e Alicia Keys, que vêm “para ver os efeitos da pacificação: creches, casas novas e escadas de concretos, em vez de ruas lamacentas e perigosas” (PHILLIPS, 2013). A expressão “efeitos da pacificação” e a locução prepositiva “em vez de”, empregadas no texto, mostram o sentido de mudanças.

They come to see the effects of pacification: creches, new houses, concrete steps instead of treacherous muddy tracks, and a free tram that glides up at a 45% angle to help its 6,500 or so residents get up and down what is essentially a 1,000m mountain covered in rough brick, breezeblock and even wooden houses, just below the Christ the Redeemer statue. (PHILLIPS, 2013)¹⁴.

No entanto, nota-se que ao descrever as favelas, o autor analisa os espaços como um voyeurismo, uma prática de prazer pela observação.

É assim que ele narra o passeio de dois turistas holandeses no morro de Santa Marta. Guiados por um morador local de 32 anos, Thiago Firmino, e um tradutor de 18 anos, o estudante Pedro Monteiro, o texto mostra que “the dutch visitors wandered wide-eyed through the favela/os visitantes holandeses andaram com olhos arregalados pela favela”, (PHILLIPS, 2013). A palavra “wide-eyed” é importante para entendermos o efeito de sentido que o

¹³ Eles são orgulhosos da estátua de bronze de Michael Jackson que está à beira de uma pequena praça na favela Santa Marta, no Rio de Janeiro. "É a única no Rio", disse Thiago Firmino, DJ de 32 anos, residente local e nosso guia. Seus braços se esticam para abraçar uma visão estonteante do Rio, e da favela que despenca ladeira abaixo. Na parede por trás dele há um mosaico do Michael Jackson. (Tradução nossa).

¹⁴ Eles vêm para ver os efeitos de pacificação: creches, casas novas, medidas concretas em vez de pistas lamacentas e traiçoeiras, e um bonde que desliza para cima em um ângulo de 45% para ajudar seus 6.500 ou mais residentes a subir e descer o que é essencialmente uma montanha de mil metros coberta de tijolo áspero e até mesmo casas de madeira, logo abaixo da estátua do Cristo Redentor. (Tradução nossa)

narrador quis empregar na narrativa: o contraste, não só da favela com regiões nobres do Rio de Janeiro, mas principalmente entre as experiências vividas pelos estrangeiros em seus países de origem. É por este viés que o jornalista constrói seu texto e prende a atenção do leitor. Um cenário onde “os edifícios são estranhos”, “flores brotam perto de sacos de cascalho” e “crianças de chinelo falam de futebol”. O uso de termos como “espiam impressionados”, justificam nossa observação.

The alleyways got narrower as we descended. Chickens clucked in a drain. Purple flowers sprouted near bags of gravel. Children in flip-flops pushed past talking football. An old woman was carried past on a chair. Humanity teemed in the narrow alleys. Everything was tiny: a barber shop, an electrical products stall, a bedroom with three small bunk beds. "I like it very much," said Mirko van Denderen, 33, a teacher. "The strange buildings ..." Both peeked into Thiago's house, impressed by the contrast between its rugged raw-brick exterior, and its neat living room, fitted kitchen and flat-screen TV. "The majority of houses are cool inside, all done up," said Thiago. "It demystifies it" (PHILLIPS, 2013)¹⁵.

Neste sentido, apesar de o texto afirmar ser impossível deixar de lado os problemas sociais das favelas, como os protestos e a violência contra as remoções forçadas de moradias instaladas precariamente no topo das comunidades, observamos que o narrador descreve um lugar próximo ao cenário emergente apontado por Meirelles e Athayde (2014). O trecho em que Phillips destaca a “elegante sala de estar com cozinha equipada e a televisão de tela plana” do personagem Thiago, morador da favela, é um exemplo desta observação. O campo cultural também é interpretado pelo olhar da experiência vivida, como o trecho em que o autor compara as pousadas do Vidigal aos bares de Ibiza, na Espanha - com dança ao ar livre, festas todas as noites e aos domingos de sol.

No *The Guardian*, os morros representam um lugar com cenários heterogêneos, onde uma análise geral dos resultados exhibe uma favela menos pobre, a caminho de mudanças. Por outro lado, também um lugar que recebe bem os turistas para que eles possam conhecer de perto uma “outra” realidade que eles ainda não vivenciam.

¹⁵ As vielas ficam mais estreitas enquanto descíamos. Galinhas passeavam em um dreno. Flores roxas brotaram perto de sacos de cascalho. Crianças de chinelos falavam sobre futebol. Uma mulher idosa passou carregada em uma cadeira. Humanidade fervilhava nas vielas estreitas. Tudo era pequena: uma barbearia, uma barraca de produtos elétricos, um quarto com três camas de beliche pequenas (...) "Eu gostei muito", disse Mirko van Denderen, 33, professor. "Os edifícios são estranhos..." Os dois espriaram a casa de Thiago, impressionados com o contraste entre a parte externa de tijolos e sua elegante sala de estar com cozinha equipada e televisão de tela plana. "A maioria das casas são legais por dentro, tudo bem feito", disse Thiago, deixando isso claro. (Tradução nossa)

4.4.2 A year until the 2014 World Cup begins and Brazil's unease is growing

O jornalista Jonathan Watts, correspondente do *The Guardian* na América Latina, é o autor de quatro narrativas analisadas no jornal britânico. Em todas elas, o tema principal é a discussão sobre a paixão do brasileiro pelo futebol e a expectativa para a Copa do Mundo. Os textos, portanto, trabalham a questão da identidade brasileira representada pelo esporte como uma visão “antropofágica” da apropriação da cultura inglesa, mas que conseguiu vencer uma resistência e se tornar esteticamente nacionalista. Em um trecho, por exemplo, o autor destaca que “a Inglaterra gosta de dizer que é a casa do futebol porque ela escreveu as regras, mas a paixão está aqui no Brasil. Em termos de sucesso, estilo e diversão, o Brasil estabeleceu a marca que outras nações têm seguido” (WATTS, 2013b).

Essa paixão dos brasileiros pelo futebol que está no imaginário coletivo foi também registrada em várias obras da nossa literatura. Entre os escritores que abordaram o tema, Carlos Drummond de Andrade escreveu durante anos sobre o esporte como manifestação popular e metáfora que nos ajuda a entender a realidade brasileira:

A necessidade brasileira de esquecer os problemas agudos do país, difíceis de encarar, ou pelo menos de suavizá-los com uma cota de despreocupação e alegria, fez com que o futebol se tornasse a felicidade do povo. Pobres e ricos param de pensar para se encantar com ele. E os grandes jogadores convertem-se em espécie de irmão da gente, que detestamos ou amamos na medida em que nos frustram ou nos proporcionam o prazer de um espetáculo de noventa minutos, prolongado indefinidamente nas conversas e mesmo na solidão das lembranças (ANDRADE, 2014, p. 152).

Este trecho de Drummond, escrito no *Jornal do Brasil* em 22 de janeiro de 1983, é um exemplo da significação do esporte para os brasileiros e também como os jogadores Mané Garrincha, Pelé, Tostão e tantos outros ídolos nacionais, contribuíram para solidificar esta imagem do Brasil como país do futebol.

No entanto, diferente da representação feita por Drummond há 30 anos, a relação do Brasil com o futebol hoje é descrita no *The Guardian* como algo em processo de ruptura. Entre os motivos desta mudança, o autor expõe sérios problemas políticos e sociais, a violência nos estádios, corrupção entre os organizadores dos torneios e a própria Seleção Brasileira, que como ele mesmo descreve, não encanta mais a todos como no passado. “A violência, a corrupção, a gentrificação e a insatisfatória forma que a Seleção Brasileira se encontra corroeram a confiança no futebol brasileiro, que está passando por uma transição dolorosa” (WATTS, 2013b).

Na primeira reportagem da pesquisa, escrita em 11 de junho de 2013, exatamente um ano para a Copa do Mundo, Watts usa Recife como cenário e traz o título *Um ano até a Copa do Mundo de 2014 e o mal-estar do Brasil está crescendo*. Frases como “o estádio vibra com aplausos”, “torcedores em clima festivo” e até palavras estereotipadas, como carnaval, bateria, churrasco e “muitas garrafas de Skol” estão presentes na narrativa para contar a história do time de Santa Cruz, que o jornalista descreve como o “clube brasileiro da série C do Nordeste que conta com os fãs mais devotos no país e talvez até do mundo” (WATTS, 2013b).

É com os torcedores do time de Santa Cruz que Watts conversa para mostrar a inquietação sobre as mudanças que estão acontecendo antes da Copa do Mundo de 2014. Com texto jornalístico, fontes, referências e linguagem simples, o autor busca explicações sobre o atual descontentamento do brasileiro com a bola. Entre as queixas, estão questões como os gastos exorbitantes com o dinheiro público nas obras da Copa, a elitização dos estádios para o Mundial, a falta de acesso aos ingressos e a revolta dos torcedores com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), que enfrentava acusações sobre corrupção e má gestão dos preparativos para 2014.

I'm not really interested in the national team, complains another fan, Jesus Tricolor, who has been coming to games for 12 years dressed as the Messiah. At the top level it is too corrupt so I have given up on them. Now football is all about money. The World Cup contributes nothing to society. It's just for the elite (WATTS, 2013b)¹⁶.

O enquadramento principal da narrativa de Watts sugere a magia do futebol brasileiro como algo que foi tirado das mãos dos torcedores por organizações poderosas. É o mesmo olhar do jornalista escocês Andrew Jennings. Em sua obra *Um jogo cada vez mais sujo* (2014), Jennings arma uma guerra contra a Federação Internacional de Futebol (Fifa) ao criticar os jogos da Copa no Brasil, bem como os responsáveis pela CBF.

Bem vindo ao Rio de Janeiro, cidade em que os homens de colarinho branco, usando como armas advogados e políticos, estão travando uma batalha para se apoderar da riqueza que a Copa do Mundo e as Olimpíadas podem propiciar. A batalha bem visível – aquela da Avenida das Américas – é mais um episódio nas guerras por territórios em curso no Rio: as disputas de uma organização dividida em facções que rosnam e arreganham os dentes na tentativa de comandar os lucros da contravenção da cidade, exploração do jogo do bicho, das máquinas caça-níqueis e do tráfico de cocaína... A terra é uma das mercadorias mais preciosas da cidade, e, se for preciso, vão derrubar casas com escavadeiras de terraplanagem – é isso que se faz para construir uma economia de primeiro mundo e esconder os lucros em bancos do Caribe (JENNINGS, 2014, p. 9).

¹⁶ Eu não estou realmente interessado na Seleção Brasileira, reclama outro torcedor, Jesus Tricolor, que tem vindo aos jogos por 12 anos vestido como o Messias. O nível lá em cima é corrupto demais e eu me cansei deles. Agora o futebol é tudo sobre dinheiro. A Copa do Mundo não contribui em nada para a sociedade. É apenas para a elite. (Tradução nossa)

Repórter investigativo e apresentador de um programa na emissora de TV inglesa BBC, Jennings trava uma briga com a Fifa desde 1999. Na história, virou inimigo número um dos dirigentes ao revelar como as eleições internas da Copa são manipuladas, como funciona a compra dos direitos de transmissão dos jogos, além de descrever as negociações para escolha dos países-sedes da Copa. De acordo com o autor, seu livro *Jogo Sujo*, lançado em 2011 e transformado até mesmo em documentário na BBC, ajudou a tirar do poder João Havelange, ex-presidente da Fifa, e Ricardo Teixeira, genro de Havelange e presidente da CBF.

Assim como Jennings, Watts também descreve hoje um futebol mergulhado em problemas e falta de gerência, destacando como responsáveis os mesmos personagens do livro do autor escocês. Na narrativa do *The Guardian*, a CBF e a Fifa também estão associadas com nepotismo e corrupção, sendo a CBF representada como uma das instituições mais odiadas do país.

Like many, Tostão blames the CBF. Long associated with nepotism and corruption, growing evidence of incompetence has made this organisation one of the most reviled institutions in the country. For decades it was headed by Ricardo Teixeira (the son-in-law of former Fifa kingpin João Havelange) but he was forced to resign last year amid a bribery scandal. His successor, José Maria Marin, who is accused of collaborating with the dictatorship that ruled the country until 1985, is thought to be under Teixeira's influence. Marin declined requests for an interview and the CBF has not responded to *the Guardian's* request for a comment (WATTS, 2013b)¹⁷.

Problemas com a Fifa e a CBF, os gastos excessivos com a construção dos estádios - que o jornal faz questão de destacar em diversos textos que teve um custo de 180 milhões de libras - são temas centrais da narrativa de Watts para justificar porque a Copa do Mundo não empolga mais os brasileiros como antes.

Neste cenário, o *The Guardian* também representa um país coagido pela violência nos estádios. “Em grande parte como resultado dos confrontos entre torcidas organizadas e armadas, com mais de 150 mortes no futebol desde 1988” (WATTS, 2013b). Para ter uma ideia desse impacto, Watts afirma que em 2012 o Brasil teve uma queda de 13,6% de público nos estádios durante os jogos da série A, em relação ao ano anterior.

One thing that surprised me here in Brazil was how few people go to the stadium, the former Holland midfielder Clarence Seedorf said after moving to Botafogo last

¹⁷ Como muitos, Tostão culpa a CBF. Há muito tempo associada com o nepotismo e a corrupção, cada vez mais provas de incompetência faz esta organização uma das instituições mais odiadas do país. Durante décadas foi liderado por Ricardo Teixeira (o genro-de ex-chefão da Fifa João Havelange), mas ele foi forçado a renunciar no ano passado em meio a um escândalo de corrupção. Seu sucessor, José Maria Marin, que é acusado de colaborar com a ditadura que governou o país até 1985, é suspeito de estar sob a influência de Teixeira. Marin recusou pedidos de entrevista e a CBF não respondeu ao pedido do *The Guardian* para comentar o assunto. (Tradução nossa)

year. The main reason is violence, which is starting to define the stadium experience just as it did in England in the 1970s and '80s (WATTS, 2013b)¹⁸.

Além das questões já discutidas, o jornalista do *The Guardian* também aponta a Seleção Brasileira como um dos motivos pelo desencanto do futebol no país. No entanto, apesar de Watts descrever o time brasileiro como “o mais fraco em 60 anos, após constantes cortes e mudanças de jogadores e gerentes”, o jornalista também destaca que o empenho da equipe ainda não acabou totalmente com a esperança do governo em pensar que a Copa possa ter um impacto positivo e marcar uma virada do futebol contra a violência, dívidas e escândalos.

Por outro lado, os torcedores de Santa Cruz alertam que os altos preços dos ingressos na Copa, adotados como medidas de segurança para coibir atos violentos e manifestações de massa durante o Mundial, podem agravar ainda mais a desigualdade social, no sentido de corroborar para uma separação de classes entre os ricos, que podem ter acesso aos estádios na Copa do Mundo e os pobres, que ficam fora do espetáculo.

The concern at Santa Cruz, who were the first club in Brazil to accept black players, is that the core support may be left behind and the inequality that this tournament is supposed to address might grow worse. "More than 100 years after the abolition of slavery, I see the World Cup as a means of integrating society. It is training people to raise standards. Brazil will show its best side to the world," said Sylvio Ferreira, a former player-turned-psychology professor who heads the Santa Cruz advisory council. "But it is also true that the World Cup is not for the lower class, it is for the middle class. That is the global trend. It's very cruel" (WATTS, 2013b)¹⁹.

É uma visão diferente da que Drummond escrevia em suas histórias, quando a representação do futebol no Brasil era de um símbolo capaz de unir brasileiros de diferentes classes e raças em prol de um amor pelo seu time e país. “De repente o Brasil ficou unido. Contento de existir. Trocando a morte, o ódio, a pobreza, a doença e o atraso triste por um momento puro de grandeza e afirmação no esporte” (DRUMMOND, 2014, p. 74).

Para discutir melhor a mudança e a identificação do brasileiro no século XXI com o futebol, o jornalista do *The Guardian*, Jonathan Watts, percorreu de carro várias regiões do Brasil. A análise de sua narrativa é o próximo item deste estudo.

¹⁸ Uma coisa que me surpreendeu aqui no Brasil foi como poucas pessoas vão ao estádio, disse o jogador de meio de campo da Holanda, Clarence Seedorf, depois de se mudar para Botafogo no ano passado. O principal motivo é a violência, que está começando a definir a experiência do estádio, tal como aconteceu na Inglaterra nos anos 1970 e 80. (Tradução nossa)

¹⁹ A preocupação em Santa Cruz, que foi o primeiro clube no Brasil a aceitar jogadores negros, é que o apoio dos torcedores pode ser deixado de lado e a desigualdade que este torneio causa possa piorar a situação. "Mais de 100 anos após a abolição da escravidão, eu vejo a Copa do Mundo como uma forma de integrar a sociedade. Estão treinando pessoas para elevar os padrões. Brasil vai mostrar seu melhor lado para o mundo", disse Sylvio Ferreira, um ex-jogador e professor que lidera o conselho de Santa Cruz. "Mas também é verdade que a Copa do Mundo não é para a classe mais baixa, é para a classe média. Essa é a tendência mundial. É muito cruel". (Tradução nossa)

4.4.3 Brazil: the world at their feet

Helal e Gordon Jr. (2001) apontam a identidade nacional como uma construção que o discurso intelectual e o estado-nação essencializam, produzindo um resultado prático quando interagem no imaginário coletivo. No entanto, de acordo com os autores, mesmo que construídos, o futebol e a Copa do Mundo são exemplos poderosos de identidade nacional.

É também por este viés de análise que identificamos o eixo central da segunda narrativa de Watts. Em um relato de viagem escrito em primeira pessoa, o jornalista publica no *The Guardian*, em 31 de maio de 2014, sua excursão pelo Brasil para compreender o atual significado do futebol e a força desse símbolo para o povo brasileiro. O título *Brasil: o mundo a seus pés* traz logo no início a seguinte pergunta: “será que a Copa do Mundo unirá uma nação?”.

Em busca de resposta, Watts faz uma viagem de 11.000 km atravessando diversos campos de futebol do Brasil. Na companhia de dois fotógrafos suíços - Mathias Braschler e Monika Fischer - o filho deles dois anos de idade, um brasileiro produtor e um tradutor, Watts percorreu 10 cidades-sede da Copa, durante um mês de carro, entre regiões da Amazônia, pampas, sertão e cerrado.

Ao analisar a representação do Brasil no texto produzido pelo jornalista do *The Guardian*, notamos que a narrativa se concentra em três eixos principais: a ideia do futebol como salvação para os brasileiros; a imagem de um Brasil imerso em problemas de desigualdades sociais e lutas de classes; e também a pluralidade cultural de um país gigante, com mistura de etnias e paisagens naturais.

Our journey started in Rio de Janeiro, the resort that is largely responsible for the world's image of happy Samba football. But views of football depend on where you live. Few places in the world allow the poor to look down on the rich, but here, the inverse relationship between altitude and wealth has long been a fact of life. Favela shanty towns are perched high above the upmarket resorts of Ipanema, Leblon and Copacabana; as well as enjoying vastly superior panoramas, some residents also claim a loftier appreciation of football. Looking at the beaches and resort hotels below, Paulo Cezar Bento, a physical instruction teacher in the Vidigal favela, describes the "them and us" differences in striking terms. "People here see salvation in football. Down there, it's just leisure," he says. "Football is very important in this community. It's the biggest tool for integration. It's an escape valve. People try to get together in the church and they can't. People try to get together in politics and they can't. But football is like cement" (WATTS, 2014a)²⁰.

²⁰ Nossa jornada começou no Rio de Janeiro, o resort que é o grande responsável pela imagem do mundo feliz de samba e futebol. Mas a visão sobre o futebol depende de onde você mora. Poucos lugares no mundo permitem que os pobres olhem para baixo sobre os ricos, mas, aqui, a relação inversa entre altitude e riqueza tem sido um fato de vida. Favelas são empoleiradas no alto dos resorts de luxo de Ipanema, Leblon e Copacabana. Assim como os moradores desfrutam de panoramas e vistas muito superiores, alguns moradores também reivindicam a

A visão do futebol como salvação para as classes baixas no Brasil é constante também na literatura brasileira. Em seus estudos, Soares (2001) lembra que “o futebol teria se tornado, por volta de 1950, um meio de mobilidade social e econômica para aqueles que pertenciam à metade inferior da sociedade” (SOARES, 2001. P. 40).

Em o *Negro no Futebol Brasileiro*, obra publicada pela primeira vez em 1947, Mario Filho também traça um interessantíssimo painel do desenvolvimento do futebol brasileiro e afirma que o futebol só se interessou os jornais depois de se tornar uma paixão do povo. A obra mostra o esporte no início do século XX sendo praticado quase que exclusivamente por clubes de engenheiros, técnicos ingleses e famílias aristocratas e também como esta estrutura elitista, que dominou o início do futebol brasileiro, veio a ser quebrada. No Rio de Janeiro, capital do Brasil na época, os marcos desta ruptura foram os triunfos do Vasco da Gama no campeonato de 1923, do São Cristóvão no de 1926, e do Bangu no de 1933. “Todos eram clubes de origem popular, com sedes no que então eram considerados bairros periféricos da cidade e contavam com numerosos jogadores negros, mulatos e de origem humilde”, (FILHO, 2010, p. 11).

De acordo com Gilberto Freyre, que assina em 1947 o prefácio da obra de Mario Filho, “não é novidade nenhuma dizer que, por trás da instituição considerável que o futebol tornou-se em nosso país, se condensam e se acumulam, há anos, velhas energias psíquicas e irracionais do homem brasileiro em busca de sublimação” (FILHO, 2010, 24):

Sublimando tanto do que é mais primitivo, mais jovem, mais elementar em nossa cultura. Era natural que o futebol, no Brasil, ao engrandecer-se em instituição nacional, engrandecesse também o negro, o descendente de negro, o mulato, o cafuzo, o mestiço. E entre os meios mais recentes – isto é, dos últimos vinte ou trinta anos – de ascensão social do negro ou do mulato ou do cafuzo no Brasil, nenhum excede em importância, ao futebol (FILHO, 2010, p. 25).

É em busca de histórias que ainda revelam esta sublimação destacada no olhar de Mario Filho e Gilberto Freyre que Watts faz questão de percorrer o Brasil de carro. Uma aventura que ele mesmo julga perigosa, tanto pelas estradas brasileiras - que ele faz questão de descrever com detalhes destacando a enorme falta de infraestrutura e segurança - quanto pela chance de apresentar uma interpretação equivocada, observada pelos olhos de um estrangeiro.

valorização mais elevada de futebol. Olhando para as praias e hotéis resort abaixo, Paulo Cezar Bento, um professor de instrução física na favela do Vidigal, descreve os "nós e eles" diferenças em termos impressionantes. "As pessoas aqui veem o futebol, como salvação. Lá em baixo, é só lazer", diz ele. "O futebol é muito importante para esta comunidade. É a maior ferramenta para a integração. É uma válvula de escape. Pessoas tentam ficar juntos na igreja e não podem. Pessoas tentam ficar juntos na política e não podem. Mas o futebol é como cimento". (Tradução nossa)

Most travel websites advise against driving in Brazil due to the poor state of the roads, low safety standards (more than 40,000 people die in motoring accidents each year), vast distances, dire signage and speed bumps that are often unmarked and arrive with a thud that feels more like a collision with a tank trap. But the bigger peril was misinterpreting a game that arguably means more to Brazil than any other country (WATTS, 2014a)²¹.

Em sua aventura, Watts apresenta diversos personagens que mostram como o futebol pode contribuir para amenizar problemas de exclusão social no Brasil. Entre elas, a história de Josemir Pedro da Silva, um pastor em Recife que diz ter recebido uma visão de Deus para construir um campo de futebol em um manguezal e ajudar crianças a ficarem longe das drogas.

Na narrativa, o jornalista compara o campo de futebol cheio de água no manguezal de Recife com o luxuoso estádio Arena Pernambuco. “Os dois campos são tão diferentes que poderia muito bem ser em planetas separados” (WATTS, 2014a).

Both, however, serve to distract, unify and paper over bigger problems. When the planet's premier football tournament kicks off on 12 June, all the attention will be on the millionaire Galácticos, globe-trotting Fifa executives and the multinational corporations that sponsor the event. For weeks, media organisations have been bombarding viewers with images of beach resorts and carnival dancers. Headlines are declaring Brazil the home of Samba football and the *jogo bonito* (beautiful game). But in Recife's swamp, there is a very different mood. "We see so many needy people going hungry here. We need hospitals. Kids need better schools. These new stadiums benefited people with money at the expense of poor communities" Da Silva said (WATTS, 2014a)²².

Além de Da Silva, que consta na citação, o texto de Watts apresenta outros personagens que viram no futebol um meio para esquecer os problemas sociais, como uma família pobre no Paraná que já investiu mais em aulas de futebol e chuteiras para seus filhos do que na educação, um grupo de índios do Amazonas, particularmente obcecado com o jogo, crianças em Goiás jogando bola em um terreno de terras improdutivas e ainda a história dos presos no Complexo Penitenciário de Curado, em Recife. Descrita como uma das piores prisões no Brasil com registros de inúmeras revoltas ao longo dos anos e mortes, o jornalista

²¹ A maioria dos sites de viagens desaconselham dirigir no Brasil devido ao mau estado das estradas, baixos padrões de segurança (mais de 40.000 pessoas morrem em acidentes de automobilismo a cada ano), grandes distâncias, sinalização e redutores de velocidade que muitas vezes estão apagados e chegam com um baque que se sente mais como uma colisão e armadilha para o tanque. Mas o risco maior era interpretar mal um jogo que significa, sem dúvida, mais para o Brasil do que para qualquer outro país. (Tradução nossa).

²² Ambos, no entanto, servem para distrair, unificar e embrulhar problemas maiores. Quando principal torneio de futebol do planeta começar em 12 de junho, toda a atenção estará nos milionários executivos da Fifa e as corporações multinacionais que patrocinam o evento. Durante semanas, organizações de mídia estarão bombardeando os espectadores com imagens de resorts de praia e dançarinos do carnaval. Em destaque declarando o Brasil como a casa do Samba, do futebol e do *jogo bonito*. Mas no pântano do Recife, há um estado de espírito muito diferente. "Nós vemos tantas pessoas carentes passando fome aqui. Precisamos de hospitais. Crianças precisam de melhores escolas. Estes novos estádios beneficiam pessoas com dinheiro à custa das comunidades pobres", disse Da Silva. (Tradução nossa).

destaca que os prisioneiros e guardas disseram que a violência na penitenciária seria pior sem o futebol.

No entanto, mesmo com essas referências, Watts conta que um fato lhe chamou atenção durante a viagem: “apesar de tantos expressarem paixão pelo jogo, descobrimos que é surpreendentemente difícil encontrar pessoas jogando”:

"I don't play. Nobody plays any more. All the pitches are abandoned," said one young boy on the road between Balsa Nova and Lapa. The next person we approached outside a nearby church said it was a generation shift. "The old guys used to play but their children aren't interested." Others blamed the internet, computer games and TV. Certainly, it sometimes felt that the reality of football in today's Brazil is not so much the dynamic beautiful game (WATTS, 2014a)²³.

Ao percorrer diversas regiões brasileiras, onde diferentes paisagens, culturas e características dos habitantes são detalhadas neste registro de viagem, Jonathan Watts conclui que “unir uma nação tão grande, diversificada e jovem como o Brasil não é uma tarefa fácil”. Entretanto, apesar de todos os problemas já apontados no primeiro texto, o autor ainda representa o futebol como um ponto de encontro e referência para muitos brasileiros da classe baixa, além de turistas e estrangeiros.

A imagem de Brasil projetada nesta narrativa do *The Guardian* é de um país latino americano gigante com cidadania subdesenvolvida. A cultura é vista como uma adequação de estruturas sócio-econômicas materiais profunda. Uma nação de contraste, onde de um lado estão os pobres, a grande massa da população, e do outro os ricos e governantes alienados, donos de propriedades e que ditam as leis no país. É uma representação da exploração da classe baixa pela classe alta, onde neste jogo capitalista, operado pela constante busca de poder e lucros, até mesmo os símbolos da identidade nacional são sacrificados:

The Arena da Amazonia stadium has been designed in the shape of an indigenous basket in a supposed show of respect to Indian culture, but the community have been denied permission to sell their handicrafts at the venue. "They're exploiting us... The government puts indigenous images on the walls as if everyone is included. But in reality, we're not," Awyató says (WATTS, 2014a)²⁴.

²³ "Eu não jogo. Ninguém está jogando mais. Todos os campos são abandonados", disse um rapaz na estrada entre Balsa Nova e Lapa. A próxima pessoa que se aproximou de fora de uma igreja vizinha disse que foi uma mudança de geração. "Os caras mais velhos jogavam, mas seus filhos não estão interessados." Outros culpam a internet, jogos de computador e TV. Certamente, às vezes sentia que a realidade do futebol no Brasil de hoje não é mais o belo jogo dinâmico. (Tradução nossa)

²⁴ O estádio Arena da Amazônia foi desenhado na forma de uma cesta indígena em uma suposta demonstração de respeito à cultura indígena, mas a comunidade tem sido negada a permissão para vender seus artesanatos no local. "Eles estão nos explorando... O governo coloca imagens indígenas nas paredes como se todos estivessem incluídos. Mas, na realidade, nós não estamos", diz Awyató. (Tradução nossa)

4.4.4 Brazil braces for uneasy start to world Cup as striker's protests hit São Paulo

Less than four days before it hosts the opening game of the World Cup, São Paulo became the scene of protests, street fires and teargas on Monday as striking subway workers brought chaos to the city. The strike – which disrupted half the metro stations and worsened traffic in South America's most populous city – was the latest headache for organisers as national teams from the United States, Spain and Argentina flew in for the start of the tournament on Thursday. Security is also a major concern, particularly in Rio de Janeiro – the base of the England team – following a recent flare-up of unrest in the city's favelas. Players from Roy Hodgson's England squad were due to visit Rocinha, the nearest shanty town to their hotel, on Monday night as part of an outreach programme. (...) opponents have launched anti-Fifa campaigns on social networks, trade unions have organised strikes and activists have mounted protests in city centres and close to the 12 World Cup stadiums – several of which are still the focus of frantic last-minute construction work (WATTS, 2014b)²⁵.

Toda narrativa tem um significado, um propósito e um objetivo. E para entender seu real sentido é necessário avaliar detalhes, buscar referências, olhar além do texto, contextualizar presente e passado. As narrativas são importantes porque elas representam, dão formas e constroem identidades. Elas estão carregadas de símbolos e poder, além de uma visão ideológica.

Poucos dias para começar a Copa do Mundo no Brasil, Jonathan Watts publica uma reportagem no *The Guardian* descrevendo um país imerso em um caos, com protestos, greves, obras inacabadas e problemas de segurança. Um país revoltado com o custo de \$11 bilhões para sediar um torneio associado à corrupção, ineficiência, despejos e prioridades equivocadas. Na narrativa, o jornalista afirma que, embora as manifestações fossem muito menores do que os protestos que tomaram conta do país em junho de 2013, elas continuavam “a sacudir o governo” (WATTS, 2014b).

No registro feito pelo jornalista, trabalhadores do metrô de São Paulo estavam no quinto dia de greve por aumento salarial de 12% e recebiam apoio de ativistas do Movimento dos Trabalhadores Rurais do Sem Terra. “Eles bloquearam estradas e ocuparam uma estação no centro da cidade, até serem dispersos pela polícia, que usavam granadas” (WATTS, 2014b).

²⁵ Menos de quatro dias antes do jogo de abertura da Copa do Mundo, São Paulo se tornou palco de protestos, incêndios de rua e gás lacrimogêneo. Na segunda-feira a greve dos metroviários também trouxe o caos para a cidade. A greve - que interrompeu a metade das estações de metro e piorou o tráfego na cidade mais populosa da América do Sul - foi a mais recente dor de cabeça para os organizadores e equipes dos Estados Unidos, Espanha e Argentina que voarem para o início do torneio, na quinta-feira. A segurança também é uma grande preocupação, especialmente no Rio de Janeiro - a base da equipe da Inglaterra - na sequência de um recente surto de agitação em favelas da cidade. Jogadores da Seleção Inglesa da turma de Roy Hodgson foram visitar a Rocinha, a favela mais próxima ao seu hotel, na segunda-feira à noite, como parte de um programa de extensão. (...) os opositores lançaram campanhas anti-Fifa em redes sociais, os sindicatos organizaram greves e ativistas montaram protestos no centro da cidade e perto dos 12 estádios da Copa do Mundo - muitos dos quais ainda estão em trabalho frenético de última hora construção. (Tradução nossa)

Watts relata ainda a rebelião dos indígenas em Brasília, capital federal, com detalhes para as cenas de disparos de flechas contra policiais durante um impasse sobre o direito da terra. Também faz referência à Seleção Brasileira, que segundo o autor, tinha sido vaiada por uma multidão durante um “monótono” jogo de esquentar contra a Sérvia.

The government insists it will be able to maintain security during the event. Almost 100,000 police and 57,000 troops will be deployed to protect stadium perimeters, team hotels and training areas, in addition to the private security inside the grounds. With 500,000 foreign fans now starting to arrive, another challenge will be to countering street crime. Police in Rio are several years into a long-term pacification programme to reassert control over favelas that were long the domain of armed gangsters, but the policy has shown signs of unravelling in recent months following several high-profile cases of police brutality. [...] Earlier in the month indigenous protesters in the capital, Brasília, fired arrows at police during a standoff over land rights (WATTS, 2014b)²⁶.

As palavras *protests, street fires, teargas, striking, chaos, security, worsened traffic, headache, favelas, Rocinha, street crime, pacification programme, armed gangsters, police brutality, indigenous, fired arrows*, que retiramos dos fragmentos acima, mostram a construção da imagem de um país em revolução, onde as intervenções do Estado não são suficientes. No entanto, percebe-se também uma narrativa presa aos estereótipos brasileiros. As palavras favelas, segurança, policiais, greves e índios, por exemplo, aparecem várias vezes no texto.

É fato que o Brasil estava passando (e ainda passa) por um momento turbulento, porém, a representação que Watts projeta é uma desconstrução das inegáveis conquistas sociais que o país enfrentou nos últimos anos em relação ao combate à desigualdade, à miséria e à pobreza. Ao citar o programa de pacificação nas favelas, por exemplo, a narrativa diz que a polícia tem mostrado sinais de confusão nos últimos meses, com registros de vários casos de brutalidade policial, destacando a história do pedreiro Amarildo²⁷. A referência está longe do primeiro texto do *The Guardian* analisado neste estudo, *Favela tourism in Rio de Janeiro*, quando o autor afirma que “durante décadas, muitas favelas montanhosas do Rio

²⁶ O governo insiste que será capaz de manter a segurança durante o evento. Quase 100 mil policiais e 57 mil soldados estarão mobilizados para proteger os perímetros de estádios, hotéis e áreas de formação da equipe, além da segurança privada dentro dos estádios. Com 500 mil torcedores estrangeiros já começaram a chegar, outro desafio será combater o crime de rua. Polícias no Rio trabalham há vários anos em um programa de pacificação de longo prazo para reafirmar o controle sobre as favelas que foram por muito tempo o domínio de bandidos armados, mas a polícia tem mostrado sinais de confusão nos últimos meses, com vários casos de brutalidade policial. [...] No início do mês os manifestantes indígenas na capital, Brasília, disparou flechas contra a polícia durante um impasse sobre o direito a terra. (Tradução nossa)

²⁷ Amarildo ficou conhecido nacionalmente por conta de seu desaparecimento, desde o dia 14 de julho de 2013, após ter sido detido por policiais militares na porta de sua casa, na Favela da Rocinha, em direção a sede da Unidade de Polícia Pacificadora do bairro. Seu desaparecimento tornou-se símbolo de casos de abuso de autoridade e violência policial. Os principais suspeitos no desaparecimento de Amarildo são da própria polícia. (Tradução nossa)

estavam fora de controle, mas algumas agora são seguras e dão boas-vindas aos turistas, oferecendo-lhes uma vista única da cidade” (PHILLIPS, 2013).

No entanto, é arriscado representar o Brasil superficialmente e não contextualizar seu cenário político, econômico e social como um todo. Principalmente quando a história tem o propósito de ser narrada para quem está do lado de fora e pouco ou nada conhece sobre a nossa realidade. Foram os próprios estrangeiros que vieram para a Copa do Mundo que fizeram esta observação²⁸. Ao conversarmos com 55 turistas que contribuíram para esta pesquisa, 76% afirmaram que o Brasil é melhor do que eles esperavam e 70% acreditavam que os jornais de seus países não representam um Brasil verdadeiro, já que os assuntos que estão na pauta são sempre os mesmos, como samba, carnaval, futebol, além das notícias negativas, como insegurança, favela e corrupção. Estas observações confirmam a fala de Motta (2013) que os narradores recriam na imaginação suas próprias significações a partir do que ouve, leem ou veem. E isso é ainda mais forte com a globalização, onde a mobilidade se torna uma grande questão. O próprio Watts afirmou (ver entrevista apresentada no início deste capítulo) que suas notícias são selecionadas a partir de diversas fontes, como redes sociais, blogs, revistas científicas e etc. Como efeito dessa realidade, suas representações sobre o Brasil estão claramente embutidas em atividade mimética.

Portanto, ao escrever sobre o Brasil, Watts apresenta um país oposto das prioridades editoriais do *The Guardian*: socialmente liberal, ambientalmente sustentável, politicamente progressista, culturalmente inovador e internacionalista. O efeito de sentido produzido foi de um Brasil atrasado, selvagem, onde o Estado não se relaciona com a população. Uma nação violenta, sem rumo, mergulhada em uma profunda crise econômica, social e política. Essa maneira de Watts enxergar o Brasil segue em seu próximo texto, publicado em 11/06/14, com o título: *Ready or not, it is Brazil's time to show the world*.

4.4.5 Ready or not, it is Brazil's time to show the world

The countdown clocks have clicked down towards zero. The air force is on alert. Navy frigates patrol the coastline and an army of 147,000 police and soldiers has been mobilised. Roads usually choked with traffic are emptying of cars. Schools have been closed. Offices are finishing early. Hundreds of millions of TV sets are being tuned in to the same event. By 5pm on Thursday, Brazil should finally be ready for the moment this football-obsessed nation has been dreaming of – and dreading – for the past seven years: the kickoff of the World Cup finals. (...) The

²⁸ Com o objetivo de conhecer o imaginário brasileiro que os estrangeiros traziam na bagagem para a Copa do Mundo de 2014 e a experiência que eles tiveram no país, este estudo entrevistou 55 turistas, entre 15 e 60 anos, vindos de 16 países. As entrevistas foram realizadas durante dez dias, de 20 a 30 de junho de 2014, em diversos pontos da cidade de Brasília. (Tradução nossa).

World Cup is now considered so perilous and important that the air force will send 24 Super Tucano counter-insurgency planes, three radar aircraft and 11 helicopters to ward off any threat from the skies. Navy vessels are patrolling the coast – part of a deployment of four frigates, one corvette, 21 launches and 13,000 personnel mobilised to defend the tournament. Wars have been fought with smaller displays of force (WATTS, 2014c)²⁹.

Motta (2013) nos orienta a prosseguir a análise prestando atenção ainda maior à articulação interna das partes da narrativa, compreendendo o contexto comunicativo como um projeto dramático de construção da realidade. “Na análise crítica aqui sugerida, parto do princípio de que um narrador, ao fazer uso da comunicação narrativa, utiliza estratégica e astuciosamente os recursos de linguagem para construir um discurso argumentativo na relação com seu interlocutor” (MOTTA, 2013, p. 147). Ou seja, de acordo com Motta, toda narrativa é um permanente jogo entre efeitos de real (veracidade) e efeitos de sentido (comoção, compaixão, dor, riso, medo, etc), sendo utilizado para atrair, seduzir, persuadir, convencer e satisfazer a um desejo ou um projeto discursivo do narrador.

É neste sentido que analisamos o quarto texto de Watts, *Ready or not, it is Brazil's time to show the world*, publicado em 11 de junho de 2014. Para dar significado à construção da realidade de um país do futebol em meio a um caos na véspera da Copa do Mundo, o jornalista usa figuras de linguagem, especialmente a hipérbole. Frases, como “Estradas geralmente sufocadas com tráfego estão esvaziando de carros”, “a Copa do Mundo é agora considerada tão perigosa e importante que a Força Aérea vai enviar 24 Super Tucano, três aviões radar e 11 helicópteros para afastar qualquer ameaça dos céus” e “guerras foram travadas com aparatos menores de força”, são exemplos de hipérbolos, usadas como um projeto dramático de construção da realidade para produzir efeito de sentido de comoção, medo, espanto, etc. “A hipérbole é outra figura de linguagem fartamente utilizada na retórica jornalista. Seu uso exarceba e enfatiza os fatos, produzindo o efeito de surpresa, espanto, incredulidade, etc.” (MOTTA, 2013, p. 136).

No entanto, ao enfatizar tais recursos de linguagem, Watts cria uma narrativa que pode ser interpretada como suspense. De acordo com Motta (2013), o suspense é um recurso dramático chave, associado às histórias de aventuras conhecidas como thriller, onde o herói é

²⁹ Os relógios de contagem regressiva estão no zero. A Força Aérea está em alerta. A Marinha patrulham a costa e um exército de 147 mil policiais e soldados foram mobilizados. Estradas geralmente sufocadas com tráfego estão esvaziando de carros. Escolas foram fechadas. Escritórios estão terminando mais cedo. Centenas de milhões de aparelhos de TV estão sendo sintonizado em um mesmo evento. Às 17h na quinta-feira, o Brasil deve finalmente estar pronto para o momento em que esta nação obcecada pelo futebol tem sonhando - e temendo - durante os últimos sete anos: o pontapé inicial da Copa do Mundo. A Copa do Mundo é agora considerada tão perigosa e importante que a Força Aérea vai enviar 24 Super Tucano aviões de contra-insurgência, três aviões radar e 11 helicópteros para afastar qualquer ameaça dos céus. Navios da Marinha estão patrulhando a costa - parte de uma implantação de quatro fragatas, uma corveta, 21 lançamentos e 13 mil pessoas foram mobilizadas para defender o torneio. Guerras foram travadas com aparatos menores de força. (Tradução nossa).

colocado em situações constantes de extremo perigo, uma atrás da outra, levando o leitor ou espectador a compartilhar os medos do herói e ficar ansioso em relação ao desfecho. É um exagero do dramático. É como se o narrador estivesse escrevendo: “será que vai ter Copa? Será que vai acontecer alguma tragédia? Como essa história terminará?”. Entre os exemplos de recursos dramáticos no texto para criar o suspense, podemos citar: “manifestantes nas ruas planejam”, “trabalhadores de outras cidades-sede ainda estão lutando com os toques finais em projetos de construção que estão atrasados, acima do orçamento e fatalmente mal gerenciados”, “pelo menos três grupos de manifestantes estão chamando para uma nova rodada de manifestações contra a Copa do Mundo na quinta-feira”, “Dilma deu a entender em uma conspiração pré-eleitoral contra ela”, “ativistas contra a pobreza estão em campanha para garantir que esta é a última Copa do Mundo onde a Fifa pode mudar tanto o país anfitrião”, “na Arena da Amazônia, onde a Inglaterra vai jogar seu jogo de estreia contra a Itália, no sábado, os trabalhadores ainda estão asphaltando o chão fora do estádio, colocando portas e cabos de energia no vestiário” ou “o campo recém-construído já está mostrando sinais de degradação”, entre outros.

O suspense, no entanto, é saber se o Mundial vai ou não acontecer no país do futebol e em que circunstâncias. Este é o conflito dramático ou o frame cognitivo da narrativa de Jonathan Watts. É esse o enquadramento ou perspectiva por meio do qual ele organiza a difusa e confusa realidade que pretende relatar. No entanto, novamente, destacamos a afirmação de Motta de que o suspense é um recurso de linguagem e da história que tem finalidade de produzir efeitos de sentido. “Ou seja, o clímax não está nos fatos reais, mas na narrativa que criamos a respeito deles” (MOTTA, 2013, p. 157). O recurso dramático de Watts foi usado de tal maneira, que o *The Guardian* publica em 27 de junho de 2014 a matéria com o título: *Five things they said would go wrong in Brazil*, em português, “Cinco coisas que eles disseram que sairiam erradas no Brasil”, para amenizar a exagerada imagem de caos no país que foi reproduzida pelo jornal.

Somente no 18º parágrafo, no total de 26 que o texto de Watts possui, que o jornalista começa a dar pistas de um anticlímax para sua história. A partir da expressão “mas, apesar destas preocupações, a excitação está se formando...”, o narrador coloca na história alguns personagens para mostrar que “apesar dessas preocupações”, aos poucos as pessoas estão se animando para os jogos:

Geography teacher Wesley Lima Rios said that he and his seven-months pregnant wife will drive three hours to see a match. "It's a once-in-a-lifetime opportunity," he said. "People were a bit wary due to the negative campaign that has been done against the Cup, mainly in the mainstream media ... But the perception is starting to

change on the eve of the Cup. Now it is getting going. (...) Another fan, Michel Silva, said: "I'm not so excited, not like I was for the cup in 2002. I hope the team does well, but I don't agree with the high investments that the federal government made in the stadiums. Brazil has a huge deficit in the areas of healthcare, education and urban transport." (WATTS, 2014c)³⁰.

Depois de um texto dramático de 26 parágrafos, onde os problemas do Brasil são escancarados e a imagem do país vai além de um campo de batalha, já que o autor descreve que no mundo, “guerras foram travadas com aparatos menores de força”, o narrador coloca duas linhas completas positivas em relação à expectativa da Copa.

But there is excitement too: "We've got a well-oiled team, the stadiums are ready and urban transport is good. It's just joyous," said a fan, Silas Lima (WATTS, 2014c)³¹.

O texto termina com a representação de um Brasil desanimado com sua realidade, seu time e principalmente com a Copa, mas que ainda usa o futebol como remédio para aliviar suas tensões.

Veteran fans acknowledge how fickle support has been in the past. Thiago Santos, 77, remembers the misery of Brazil's defeat in the 1950 final at the Maracanã and the unease that many felt about supporting the 1970 team during the dictatorship. But he said moods change along with results. "We always live in a crisis, but the football comes along and we forget everything" (WATTS, 2014c)³².

4.4.6 Brazil proves perfect host to inspire soul-stirring World Cup feast

De acordo com DaMatta (1986), a identidade brasileira se constrói duplamente. “Por meio dos dados quantitativos, onde somos sempre uma coletividade que deixa a desejar; e por meio de dados sensíveis e qualitativos, onde nos podemos ver a nós mesmo como algo que vale a pena”, (DAMATTA, 1986, p. 19). São essas mesmas reflexões do autor brasileiro que são levantadas pelo jornalista Owen Gibson, correspondente esportivo do *The Guardian*, enviado especialmente ao Brasil para cobrir a Copa do Mundo de 2014.

³⁰ Professor de geografia Wesley Lima Rios disse que ele e sua mulher grávida de sete meses vão dirigir por três horas para ver um jogo. "É uma oportunidade única na vida", disse ele. "As pessoas estavam um pouco cautelosas, devido à campanha negativa que tem sido feito contra a Copa, principalmente na grande mídia ... Mas a percepção começa a mudar na véspera da Copa. Agora vai". Outro fã, Michel Silva, disse: "Eu não estou tão animado, não como eu estava na Copa em 2002, espero que a equipe faça o melhor, mas eu não concordo com os altos investimentos que o governo federal fez nos estádios. Brasil tem um enorme déficit nas áreas de saúde, educação e transporte urbano". (Tradução nossa)

³¹ Mas há emoção também: "Temos uma equipe bem afinada, os estádios estão prontos e transporte urbano é bom. É só alegria", disse um torcedor, Silas Lima. (Tradução nossa)

³² Fãs veteranos reconhecem que o apoio ficou no passado. Thiago Santos, 77, lembra-se do sofrimento da derrota do Brasil na final de 1950, no Maracanã, e o desconforto que muitos sentiram sobre o apoio da equipe de 1970, durante a ditadura. Mas ele disse que humor muda juntamente com os resultados. "Nós sempre vivemos em uma crise, mas o futebol vem e nos esquecemos de tudo." (Tradução nossa)

Publicada em 13 de julho de 2014, último dia do Mundial, a matéria mostra que apesar da goleada de 7 a 1 que o Brasil levou da Alemanha no torneio, levantando a discussão sobre o fim do mito brasileiro de ser o país do futebol, a Copa do Mundo no Brasil serviu para reforçar as representações da identidade do país anfitrião. Entre elas, a narrativa destaca o costume do brasileiro de deixar tudo para última hora e as desigualdades sociais. Expressões como “indecentemente às pressas” para se referir às obras da Copa terminadas de última hora e “despejos em nome do progresso” reforçam o efeito de sentido de um país desorganizado e com problemas sociais.

How and why a tournament that was seven years in the planning was delivered with indecent haste is worthy of further debate, as are the evictions in host cities that displaced families in the name of progress. The collapse of an overpass in Belo Horizonte, killing two people, was a reminder of the human cost of a last-minute construction dash that also cost the lives of eight workers battling to get the stadiums finished in time (GIBSON, 2014)³³.

Com linguagem jornalística, porém dramática, o texto chama atenção para fato de o torneio ter sido direcionado à elite, ficando a grande parcela da população com direito de participar apenas de eventos gratuitos, como as Fan Fest, uma festa em que os torcedores assistiam aos jogos nas ruas. Trechos como “67% dos torcedores dentro dos estádios da Copa eram brancos em um país onde mais da metade da população se descrevem como negros ou pardos” ou “nove dos 10 torcedores eram de classes econômicas superiores do Brasil”, comprovam nossas observações sobre a questão social.

Além disso, a reportagem faz um resumo dos principais acontecimentos do torneio, como a vaia que a presidente do Brasil, Dilma Rousseff, recebeu no jogo de abertura, os protestos de rua, as acusações de corrupção contra a FIFA, a morte de oito operários durante as construções dos estádios, a queda do viaduto em Belo Horizonte, Minas Gerais, que resultou na morte de duas pessoas, entre outros episódios. Discussões como o que acontecerá com as obras construídas para sediar o evento em cidades como Manaus e Natal, “onde os novos estádios não têm uso sustentavelmente óbvio”, são também levantadas por Gibson na narrativa.

Por outro lado, o texto destaca que as expectativas ruins em relação ao caos aéreo do transporte brasileiro, as manifestações de ruas e o desinteresse do Brasil pelo futebol, foram

³³ Como e por que um torneio que tinha sete anos de planejamento foi entregue indecentemente às pressas, é digno de um debate mais aprofundado, como os despejos em cidades-sede de famílias que foram deslocadas de suas casas em nome do progresso. O desmoronamento de um viaduto em Belo Horizonte, matando duas pessoas, foi um lembrete do custo humano de um traço de construção de última hora que também custou a vida de oito trabalhadores que lutavam para conseguir os estádios prontos a tempo. (Tradução nossa).

fatos que não se concretizaram no país sede. Em vez disso, de acordo com o *The Guardian*, o povo brasileiro, que está sempre aberto ao diálogo, soube, sabiamente, separar seus problemas com a FIFA e o governo para receber todos os visitantes de braços abertos e realizar uma grande festa. Segundo o texto, fatos como os brasileiros terem questionado o alto investimento na Copa do Mundo – onde a maioria da população afirmavam que o dinheiro poderia ter sido melhor aproveitado em serviços públicos, saúde e educação de qualidade – e estarem desacreditados com a FIFA e com os dirigentes do futebol brasileiro, não atrapalharam o povo de receber bem os convidados. “Isso foi em parte porque a população em geral colocou as suas preocupações de lado e resolveu curtir a festa” (GIBSON, 2014).

But judged on its own terms, Brazil delivered. The stadiums were finished and full. (...) Huge tribes of American “Outlaws”, Colombians, Costa Ricans, Uruguayans, Mexicans and – most visibly – Argentinians slept on the beaches, on benches, in hostels and upmarket hotels. They all went away with a better understanding of the country and it of them (GIBSON, 2014)³⁴.

É, portanto, a hospitalidade brasileira que permeia o tema central desta narrativa. Assim como observa DaMatta (1986), é por meio deste dado sensível e qualitativo, que nossa representação é construída como algo que vale a pena. A começar pelo título, *Brasil prova ser um perfeito anfitrião para inspirar comovente festa de Copa do Mundo*, o texto reforça positivamente uma das principais representações da identidade do Brasil, que é a cordialidade, já enraizada por Sérgio Buarque de Holanda. “A contribuição brasileira para a civilização será a cordialidade. Daremos ao mundo o homem cordial. A lhanza no trato, a hospitalidade, a generosidade. Virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter do brasileiro” (HOLANDA, 2013, p. 146). São essas mesmas observações de Holanda (2013), que encontramos no texto do *The Guardian*:

Whatever their underlying reservations about Fifa and their government, Brazilians welcomed them all with open arms. This vast, complex, engaging country is well capable of separating arguments about public-spending priorities from its attachment to the Seleção and the welcome it affords overseas visitors (GIBSON, 2014)³⁵. Tens of thousands of Argentinians mingled with Brazilians and international fans on Copacabana, drinking, dancing and singing. Families in Brazil shirts waved

³⁴ Mas julgado pelos seus próprios termos, o Brasil deu conta do recado. Os estádios estavam acabados e cheios. (...) Tribos enormes de americanos “fora-da-lei”, colombianos, costa-riquenhos, uruguaios, mexicanos e - mais visivelmente - argentinos dormiam nas praias, nos bancos, em pousadas e hotéis de luxo. Todos eles foram embora com uma melhor compreensão do país e este deles. (Tradução nossa).

³⁵ Quaisquer que sejam as suas considerações subjacentes sobre Fifa e seu governo, os brasileiros receberam todos de braços abertos. Este vasto, complexo, engajado país foi capaz de separar os argumentos sobre as prioridades de gastos públicos do seu apego à Seleção e proporcionar as boas-vindas aos visitantes estrangeiros. (Tradução nossa)

Germany flags and makeshift bars sold endless beers and caipirinhas (GIBSON, 2014)³⁶.

Depois de elogiar a receptividade brasileira, Gibson afirma na narrativa que o legado da Copa do Mundo no Brasil “pode ser um movimento mais amplo por trás da mensagem: amo o futebol, odeio a FIFA” (GIBSON, 2014). No entanto, segundo o narrador “a Copa do Mundo trouxe para a casa do futebol habilidade para unir e proporcionar momentos inesperados de pura alegria. Por isso, o Brasil merece agradecimentos eternos” (GIBSON, 2014).

Em suma, a representação do Brasil construída neste último texto do *The Guardian* pode ser vista sob a mesma interpretação de DaMatta (1986). “O que faz o Brasil, Brasil, não é mais a vergonha do regime ou a inflação galopante e sem-vergonha, mas a comida deliciosa, a música envolvente, a saudade que humaniza o tempo e a morte, e os amigos que permitem resistir a tudo” (DAMATTA, 1986, p. 19). E como já afirmava Nelson Rodrigues (1977), “a verdade é o seguinte: quando o brasileiro acredita em si mesmo, é imbatível” (RODRIGUES, 2012, p. 62).

4.4.7 A imagem do Brasil no *The Guardian*

Embora todos os autores do *The Guardian* tenham se baseado em clichês (país do carnaval, do futebol, do contraste, etc.) para construírem a imagem do Brasil durante a Copa do Mundo de 2014, podemos concluir que, em resumo, foram projetadas duas figuras diferentes do país no jornal Britânico: de um lado, um Brasil que reflete o caos, a pobreza, a miséria, a desordem, a insegurança e suas identidades e representações estão em declínio. Do outro, um Brasil alegre, cordial, festivo e emergente, em meio a positivas transformações sociais, econômicas e políticas. Um país onde o futebol já não é mais uma sólida representação de sua identidade, mas, por outro lado, reafirma outros aspectos de sua essência, como, principalmente, a hospitalidade.

Jonathan Watts é responsável por uma visão pessimista de Brasil. Em todos seus textos, o autor traça um perfil de uma nação em meio a um terrível caos com grandes contrastes sociais e culturais. Um país gigante, desigual, com infraestrutura, estradas e meios de transportes precários. Como novidade da representação do Brasil, Watts questiona a paixão

³⁶ Dezenas de milhares de argentinos se misturaram com os brasileiros e torcedores internacionais em Copacabana, bebendo, dançando e cantando. Famílias brasileiras vestiram e acenaram bandeiras da Alemanha e bares improvisados venderam inúmeras cervejas e caipirinhas. (Tradução nossa)

do brasileiro pelo futebol e descreve, em detalhes, o descontentamento do povo com o esporte, com o governo e com os dirigentes da Copa do Mundo. No entanto, vale destacar que Watts errou e acertou. Errou quando projetou em sua narrativa uma imagem exagerada de um caos que tomou conta do Brasil pré-Copa. Onde problemas como greves, protestos, questões de transportes públicos e obras atrasadas transformaram o país em um campo de batalha. No entanto, por fim, nada disso se concretizou. Por outro lado, o jornalista acertou ao discutir, antes mesmo do trágico jogo que o Brasil perdeu para Alemanha por 7 a 1, que a representação do futebol como identidade nacional estava em declínio. De acordo com o autor, apesar do esporte ainda ser um ponto de encontro e sublimação para muitos brasileiros, especialmente os da classe baixa, e turistas estrangeiros, a paixão do país pelo futebol é hoje questionável.

Já o Brasil de Dom Phillips é uma nação submissa aos países de primeiro mundo e que, desde a época de seu descobrimento, idolatra tudo que vem de fora. É o país do jeitinho, cordial e que recebe bem os turistas. A novidade que o jornalista traz é mostrar o crescimento econômico e as transformações sociais, políticas e culturais vividas nos últimos anos pelas favelas pacificadas do Rio de Janeiro. E apesar de ainda ligar a imagem das comunidades do morro a questões de insegurança, violência e pobreza, Phillips busca reproduzir uma visão mais romântica do local ao descrever o dia-a-dia dos moradores das favelas. Uma representação de desenvolvimento urbano, avanços sociais e melhores condições de trabalho, apesar de ainda existir um forte contraste social. No Brasil de Phillips, o país ainda não foi descoberto totalmente, nem mesmo pelos próprios brasileiros. A vista para belas paisagens tropicais que os morros proporcionam aos visitantes, por exemplo, são prazeres que apenas os moradores dessas regiões conheciam, mas que, atualmente, estão atraindo cada vez mais turistas. É uma representação mais positiva do Brasil, que se assemelha a visão do jornalista Owen Gibson.

Ao olhar para o Brasil, Gibson suaviza os problemas sociais do país ao destacar a figura do brasileiro. Para o jornalista, o Brasil é o seu povo. Uma nação emergente, alegre, festiva e acolhedora. Terra de gente sábia, que foi capaz de separar os problemas que enfrentavam com o governo, com os dirigentes do Mundial e até com seu próprio futebol para receber todos os turistas de braços abertos e realizar uma grande festa de Copa do Mundo. Um país maduro e consciente, a quem o narrador envia “agradecimentos eternos”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Hall (2011, p. 51), “as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a nação, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades”. Esses sentidos, no entanto, estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. Assim como afirma Anderson (2008), a identidade nacional é imaginada e construída pelas diferenças entre uma cultura e outra, sendo os canais de comunicação os meios técnicos ideais para representá-las. Neste sentido, de acordo com Anderson (2008), a partir do momento que uma cultura nacional é imaginada, resta nos compreender como ela é então modelada, adaptada e transformada já que não há evento social que seja totalmente imune à história.

Usando esses conceitos como base, este estudo teve como objetivo principal estudar a atual representação da identidade brasileira na imprensa europeia. E analisar esse objeto tendo como plano de fundo a Copa do Mundo de 2014 foi fundamental para alcançarmos a meta desta pesquisa. Ao mesmo tempo em que o Mundial fez com que os olhos do mundo se voltassem para o anfitrião, discutindo sua cultura, política e economia para o mundo, foi também um momento em que a identidade do país foi questionada, quando surgiram protestos e manifestações contra sediar o evento no país. Se a identidade nacional é imaginada, contada e recontada ao longo da história, nosso problema de pesquisa foi, portanto, estudar como a nação brasileira foi imaginada durante a Copa do Mundo. Que elementos de sua representação foram usados na construção de sua identidade? Que imagem foi projetada na mídia estrangeira europeia e que manterá viva na memória por meio das narrativas?

Nem mesmo o mais otimista imaginava que, na Copa, seria assim. Se é que haveria Copa. O mau humor escancarado da véspera deu lugar à empolgação pelo Mundial estar sendo disputado no Brasil, sem tempo para envergonhar-se (se você esquecer o humilhante massacre de 7 a 1 imposto pelos alemães na semifinal, claro) (SILVA, 2014).

Neste trabalho, confirmamos a afirmação de Moscovici (2011) ao mostrar “que o caráter das representações sociais é revelado especialmente em tempos de crise e insurreição, quando um grupo, ou suas imagens está passando por mudanças” (MOSCOVICI, 2011, p. 91). Para o autor, é neste período de transformações que as pessoas estão mais dispostas a falar, as imagens e expressões são mais vivas, as memórias coletivas são excitadas e o comportamento se torna mais espontâneo. “Os indivíduos são motivados por seu desejo de entender um mundo cada vez mais não familiar e perturbado” (MOSCOVICI, 2011, p. 91). De acordo com o autor, quando uma pessoa ou ideia não se enquadra nas representações que

fazemos dela, então somos obrigados a refletir sobre os motivos desse comportamento. E foi esse cenário de mudança ou deslocamento das identidades brasileiras que conduziu o principal eixo das narrativas analisadas neste estudo.

A principal inquietação dos jornais de todo mundo era entender os motivos que levaram o “país do futebol” a manifestar-se contra ser a sede da Copa do Mundo de 2014, um evento que o país aguardava desde 1950 quando perdeu para o Uruguai no Rio de Janeiro. Era não só a chance de se redimir pela derrota de 50, mas também de mostrar ao mundo que ele se consolidava como o gigante, uma ideia tão defendida, principalmente nos últimos anos. No entanto, enquanto todos esperavam uma grande festa, surgiram as manifestações de rua, os protestos contra o Mundial e o governo. Essas inquietações foram, portanto, os principais motivos que levaram todos a questionar a identidade brasileira. “O que acontecia com o Brasil? Cansou de ser o país do futuro?”, perguntava o *El País*. “No Brasil, ainda existe a paixão pelo futebol?”, “Por que razão o Brasil se comporta desse modo?”, questionava o *The Guardian*. No entanto, vimos na pesquisa que essas tensões foram resultados de novas descobertas e novas concepções, especialmente na consciência coletiva.

Para quem esperava o pior, a Copa do Mundo no Brasil foi cenário de 32 dias intensos. Não houve caos nos aeroportos e o índice de atrasos nos voos foi inferior até mesmo ao de terminais europeus. Os protestos contra os gastos excessivos do Mundial diminuíram e o clima de “não vai ter Copa” durou apenas até o apito inicial do torneio. No setor econômico também foi um sucesso. Mesmo com a limitação de transporte público em muitas regiões, como até mesmo no Rio de Janeiro e São Paulo, em geral o saldo foi positivo. A paranoia era tão grande que assustou o mundo, mas “quando a imprensa estrangeira chegou, viu que não era bem assim” (SILVA, 2014).

Na concepção do *El País*, o Brasil amadureceu desde o período pré-Copa até o final do torneio. Se antes era representado como uma criança que sonhava em ser o país do futuro, mas mergulhado em extrema corrupção e uma democracia fora de moda, o Brasil que sai da Copa não é o mesmo de um passado ainda recente porque, de acordo com jornal espanhol, ele agora perdeu o medo de lutar para um futuro melhor. É uma nação que foi resgatada pelos próprios brasileiros.

Neste plano cultural, temos a reafirmação de uma terra povoada por uma gente alegre, simpática, hospitaleira, capaz de render-se aos encantos dos estrangeiros e recebê-los de braços abertos. Segundo o jornal espanhol, são os brasileiros os maiores vencedores da Copa do Mundo. São eles ainda que vão exercer uma consciência coletiva e lutar por um país melhor e mais moderno. Uma nação que amadureceu, globalizou-se e quer ser reconhecida

além do futebol. Um país que não quer mais ser apenas o mito do “gigante americano”, mas sim uma imagem real dessa metáfora. Segundo o jornal espanhol, o maior legado do Brasil na Copa do Mundo foi mostrar ao mundo que o país perdeu o medo de dizer não.

Essa representação de um país mais maduro e hospitaleiro foi também construída no *The Guardian*. No entanto, é possível descrever algumas diferenças entre os textos.

As narrativas do *El País* escritas pelo jornalista Juan Arias, correspondente no Brasil há 15 anos, mostram uma análise mais aprofundada sobre o Brasil em comparação as do *The Guardian*. Enquanto o jornal espanhol mergulha no imaginário e na identidade, os ingleses permaneceram nas práticas sociais. Foram nós os leitores, que interpretamos as narrativas do *The Guardian* como marcas da nossa identidade.

No *El País*, embora o narrador ainda se mostre preso aos estereótipos, como desigualdades sociais, desordem, corrupção política, violência e futebol, as análises de Juan Arias são opinativas e nos orienta a imaginar um Brasil mais próximo do real, mesmo com alguns exageros e sob uma visão interpretada de alguém de fora. O uso constante de figuras de linguagens, como hipérboles e metáforas, reforçam nossa observação. Porém, a maneira como o narrador expõe as mazelas brasileiras e discute alguns elementos próprios da cultura do país como o “complexo de vira-latas”, “o jeitinho brasileiro” e a expressão “país do futuro”, nos leva a pensar sobre nossa própria imagem a partir da visão do “outro”. Entre as questões levantadas, Arias questiona se a corrupção é um problema do caráter brasileiro ou por que os anfitriões ficaram calados por tanto tempo, “deitados em berço esplêndido”, ao invés de lutar contra a exploração de seus governantes e os gastos excessivos com o dinheiro público.

Entretanto, a imagem de Brasil projetada no *El País*, desde a expectativa para o Mundial até no final com a vitória da Alemanha, nos permite ver um país em transformação, que saiu da inércia e perdeu o medo de lutar contra seus ideais. Se no início da preparação para a Copa o jornal representava o Brasil como um “adolescente rebelde”, ao longo do tempo o que vimos foi a construção de um país mais sólido, que sai do Mundial carregado pelo seu próprio povo, representado como o grande vencedor da Copa do Mundo. Para o *El País*, o torneio serviu para o Brasil crescer. Não ganhou em campo, também não ganhou ao aproveitar os investimentos em infraestruturas como deveria, mas venceu ao mostrar ao mundo que não está conformado com a realidade em que vive, que não se contenta com pouco e quer ser visto além do seu futebol e estereótipos. De acordo com as representações de Brasil projetadas no jornal espanhol, a imagem da nação que sediou a Copa do Mundo de 2014 é

uma incógnita, mas que será lembrada como um país que perdeu o medo de lutar por um futuro melhor em busca de mais cidadania.

Já no *The Guardian*, temos dois tipos de Brasil. De um lado, uma imagem pessimista, construída pelas narrativas de Jonathan Watts, do outro uma imagem de país emergente, em crescimento, projetada pelos jornalistas Dom Phillips e Owen Gibson.

Em seus quatro textos analisados, Watts escancara com exageros os problemas que o país enfrentava com a Copa do Mundo, como greves, protestos e atrasos nas obras do Mundial. A reflexão da imagem de Brasil projetada pelo jornalista no jornal britânico é de um país subdesenvolvido, atrasado, com extrema desigualdade social e que não merecia sediar um evento tão grande como a Copa do Mundo. Uma nação que vivia além de um cenário de guerra, revoltada com o governo, os dirigentes do Mundial e a elite do país.

Quanto à imagem do futebol no Brasil, o autor mostrou que, apesar do esporte ainda ser um ponto de encontro e sublimação para muitos brasileiros, especialmente os da classe baixa, a paixão do país pelo futebol é hoje questionável, devido seu descontentamento com sua seleção e a extrema onda de violência nos estádios. Soma-se a isso, o placar de 7 a 1 que o Brasil levou da Alemanha nas semifinais do torneio, narrado por vários jornais do mundo como o “maior vexame na Copa”. No entanto, assim como coloca Juan Arias, no *El País*, esse descontentamento não teve o mesmo efeito que existiu durante a Copa do Mundo de 1950, quando os brasileiros perderam a final do Mundial no Rio de Janeiro para o Uruguai. Na Copa de 50, os anfitriões ficaram tão arrasados que mergulharam em um profundo complexo de inferioridade, caracterizado depois por Nelson Rodrigues como complexo de “vira-latas”.

Já a imagem de Brasil projetada por Dom Phillips e Owen Gibson no *The Guardian* é uma representação mais positiva do país. Ao olhar para o Brasil, os narradores falam sobre problemas sociais, econômicos e políticos, porém de maneira mais suavizada. Enquanto Phillips destaca a transformação social nas favelas pacificadas do Rio de Janeiro, Gibson enaltece a figura do brasileiro como a grande representação de um Brasil promissor e até inspirador para as próximas Copas. Para os jornalistas do *The Guardian*, o Brasil é representado pelo próprio povo. Uma nação emergente, alegre, festiva e acolhedora. Terra de gente sábia, que foi capaz de separar os problemas que enfrentavam com o governo, com os dirigentes do Mundial e até com seu próprio futebol para receber todos os turistas de braços abertos e realizar uma grande festa de Copa do Mundo. Um país maduro e consciente. Um olhar mais próximo do *El País*, que vê o Brasil como um adolescente que caminha sem medo em busca das transformações que estão lutando.

Assim como coloca Bauman (2005), em nosso mundo fluido, “somos incessantemente forçados a torcer e moldar as nossas identidades, sem ser permitidos que nos fixemos a uma delas” (BAUMAN, 2005, p. 96). É essa a principal resposta para as perguntas dos jornais sobre o Brasil na Copa do Mundo. O país aproveitou a chance de estar em uma vitrine para mostrar que não quer mais ser reconhecido apenas pelo futebol, carnaval, festa, pobreza e corrupção política. Quer ser visto e reconhecido como um país do presente, sério, com educação, saúde e infraestrutura de qualidade. Um país com menos problemas e contrastes sociais. O Mundial trouxe mais confiança ao seu povo, que saiu da inércia para lutar pelos seus direitos de cidadania. São esses os sentidos principais que estão contidos nas histórias que serão contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. Nas palavras de Darcy Ribeiro:

Estamos nos construindo na luta para florescer amanhã como uma nova civilização, mestiça, tropical e orgulhosa de si mesma. Mais alegre, porque mais sofrida. Melhor, porque incorpora em si mais humanidades. Mais generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da Terra (RIBEIRO, 1995, p.455).

Portanto, a Copa do Mundo serviu para resgatar o povo brasileiro como representação da identidade do Brasil. A mesma imagem de hospitalidade, alegria e cordialidade descrita desde a Carta Pero Vaz de Caminha, em 1500. Um discurso que ultrapassa os séculos e continua vivo na memória coletiva por meio das narrativas, seja ela local ou global, impressa ou digital.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel. A validade dos critérios de noticiabilidade no jornalismo digital. In: RODRIGUES, Carla (org.) **Jornalismo on-line: modo de fazer**. Rio de Janeiro: Editora Sulinas, 2009.

ALENCASTRO, Catarina. Brasileiro lê, em média, quatro livros por ano, revela pesquisa **O globo**. 2012. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/brasileiro-le-em-media-quatro-livros-por-ano-revela-pesquisa-4436899>>. Acesso em: 8 ago. 2014.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Quando é dia de futebol**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ARMSTRONG, Piers. Evolução de uma dinâmica relacional: a hermenêutica do pensar a cultura brasileira a partir dos EUA. In: STEVENS, Cristina (org.). **Quando o Tio Sam Pegar no Tamborim: uma perspectiva transcultural do Brasil**. Brasília: Editora Plano: Oficina Editorial do Instituto de Letras UnB. 2000.

ARIAS, Juan; PEREGIL, Francisco. Rousseff, recibida com silbidos en el esta dio de Brasilia. **El País**, internacional, 16 jun. 2013. Disponível em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2013/06/15/actualidad/1371319612_054455.html>. Acesso em: 5 ago. 2013.

ARIAS, Juan. Brasil, ese adolescente rebelde. **El país**. Caderno internacional, 1 jul. 2013. 2013a. Disponível em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2013/07/01/actualidad/1372685928_585892.html>. Acesso em: 28 ago. 2014.

_____. ¿Por qué los brasileños no reaccionan ante la corrupción de sus políticos?. **El país**. Caderno internacional, 7 jul. 2011. 2011a. Disponível em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2011/07/07/actualidad/1309989617_850215.html>. Acesso em: 28 ago. 2014.

_____. ¿Por qué Brasil no tiene indignados?. **El país**. Caderno internacional, 7 jul. 2011. 2011b. Disponível em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2011/07/07/actualidad/1309989609_850215.html>. Acesso em: 28 ago. 2014.

_____. ¿La corrupción en Brasil está relacionada con el carácter de los brasileños?. **El país**. Caderno internacional, 3 ago. 2013. 2013b. Disponible em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2013/08/03/actualidad/1375564219_020706.html>. Acesso em: 8 set. 2014.

_____. El polémico ‘jeitinho’ brasileño. **El país**. Caderno internacional, 31 dez. 2013. 2013c. Disponible em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2013/12/31/actualidad/1388459018_030121.html>. Acesso em: 5 set. 2014.

_____. ¿Por qué Brasil está contra la Copa?. **El país**. Caderno internacional, 28 jan. 2014. 2014a. Disponible em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2014/01/28/actualidad/1390865170_116679.html>. Acesso em: 30 ago. 2014.

_____. La Copa quebrada. **El país**. Caderno internacional, 21 abr. 2014. 2014b. Disponible em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2014/04/21/actualidad/1398104300_727095.html>. Acesso em: 15 set. 2014.

_____. ¿Se ha cansado Brasil de ser “el país del futuro”? **El país**. Caderno internacional, 13 maio 2014. 2014c. Disponible em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2014/05/13/actualidad/1400006669_073402.html>. Acesso em: 14 set. 2014.

_____. La Copa metáfora del nuevo Brasil. **El país**. Caderno deportes, 19 jun. 2014. 2014d. Disponible em: <http://deportes.elpais.com/deportes/2014/06/19/actualidad/1403133941_059326.html>. Acesso em: 17 set. 2014.

_____. Brasil es también así. **El país**. Caderno internacional, 5 jul. 2014. 2014e. Disponible em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2014/07/05/actualidad/1404569780_522750.html>. Acesso em: 12 set. 2014.

_____. Brasil está con dolores de parto. **El país**. Caderno internacional, 17 fev. 2014. 2014f. Disponible em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2014/02/17/actualidad/1392658494_429515.html>. Acesso em: 12 set. 2014.

_____. Como será o Brasil que renascerá das ruínas?. **El país**. Opinião, 14 jul. 2014. 2014g. Disponible em: <

http://brasil.elpais.com/brasil/2014/07/14/opinion/1405339624_866621.html>. Acesso em: 15 set. 2014.

BARTHES, Roland. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

BAPTISTA, Maria Manuel. Símbolo, metáfora e mito na comunicação intercultural. In: ROSA, Cabecinhas; Cunha, Luís (eds.). **Comunicação intercultural: perspectivas, dilema e desafios**. Porto: Campo das Letras, 2008.

BAUER, Martin. A popularização da ciência como imunização cultural: a função de resistência das Representações Sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BIGNAMI, Rosana. **A imagem do Brasil no turismo: construção, desafios e vantagem competitiva**. São Paulo: Aleph, 2002.

BUARQUE, Daniel. **Brasil, um país do presente: a imagem internacional do país do futuro**. São Paulo: Alameda, 2013.

BUENO, Eduardo. Como era gostoso Hans Staden: um livro para devorar. In: STADEN, Hans. **Dois viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

BURNS, Tom. O gigante adormecido desperta: o Brasil de John dos Passos. In: STEVENS, Cristina (org.). **Quando o Tio Sam Pegar no Tamborim: uma perspectiva transcultural do Brasil**. Brasília. Editora Plano Oficina Editorial do Instituto de Letras UnB. 2000.

CALDEIRA, Jorge (org). **Brasil: a história contada por quem viu**. São Paulo: Mameluco, 2008.

CARVALHO, Nathália. “Não acredito em jornalismo cidadão”, diz diretor do El País no Brasil. **Portal comunique-se**. 2013. Disponível em: <<http://portal.comunique-se.com.br/index.php/entrevistas-e-especiais/73341-nao-acredito-em-jornalismo-cidadao-diz-diretor-do-el-pais-no-brasil>>. Acesso em: 5 set. 2014.

CASTILHO, Carlos; FIALHO, Francisco. O jornalismo ingressa na era da produção colaborativa de notícias. In: RODRIGUES, Carla (org.) **Jornalismo on-line: modo de fazer**. Rio de Janeiro: Editora Sulinas, 2009.

CASTRO, Silvio. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

COGO, Denise. Multiculturalismo e campo midiático: narrativas sobre as identidades nos 500 anos de Descobrimento do Brasil. In: ESTEVES, João Pissarra; COGO, Denise; NETO, Antônio Fausto; FRAGOSO, Suely; GOMES, Pedro Gilberto; MALDONADO, Alberto Efendy; BRAGA, José Luiz. **Mídias e processos socioculturais**. São Leopoldo, RS: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2000.

COSTA, Guilherme. O futebol chegou ao Brasil em 1874. **Portal 2014**. 20 mar. 2009. Disponível em: <<http://www.portal2014.org.br/noticias/81/O+FUTEBOL+CHEGOU+AO+BRASIL+EM+1874.html>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

CUNHA, Maria Jandyra. Visões de Brasil na alternância de código de Updike, dos Passos e Uys. In: STEVENS, Cristina (org.). **Quando o Tio Sam Pegar no Tamborim: uma perspectiva transcultural do Brasil**. Brasília. Editora Plano Oficina Editorial do Instituto de Letras UnB. 2000.

CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti. Memórias da migração: a identidade em pentimento. In: CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti; et. al. **Migração e identidade: olhares sobre o tema**. São Paulo: Centauro, 2007.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os estudos culturais. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz. C.; FRANÇA, Vera Veiga. (Org.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FIORIN, José Luiz. A construção da identidade nacional brasileira. **Bakhtiniana**, São Paulo, v.1, n.1, 1º sem., 2009.

FOLHA DE SÃO PAULO. “Guardian” é o jornal mais lido do Reino Unido. **Folha de São Paulo**, 17. out. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/1154566-guardian-e-o-jornal-mais-lido-do-reino-unido.shtml>>. Acesso em: 18 out. 2013.

FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. O acontecimento como notícia: do conceito à prática profissional. In: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira (orgs.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro joanino: antologia de textos 1809-1818**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro: editora FGV, 2006.

GIBSON, Owen. World Cup 2014: five things they said would go wrong in Brazil. **The guardian**. Sport, 27 jun. 2014. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/football/2014/jun/27/world-cup-2014-five-things-go-wrong>>. Acesso em: 11 set. 2014.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GOMES, Helton Simões. Brasil é o segundo país com mais usuários que entram diariamente no facebook. **G1**. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/09/brasil-e-o-2-pais-com-mais-usuarios-que-entram-diariamente-no-facebook.html>>. Acesso em: 18 ago. 2014.

GONÇALVES, J. Em busca da autenticidade: ideologias culturais e concepções de nação no Brasil. In: VILLAS BÔAS, G. & GONÇALVES, M. (eds.). **O Brasil na virada do século: o debate dos cientistas sociais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. (Orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

HELAL, Ronaldo; GORDON Jr. Cesar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In HELAL Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge;

HOLANDA, Sérgio Buarque. **O homem cordial**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2013.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, estudos culturais?. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org e trad.). **O que é, afinal, estudos culturais?**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

JORGE, Thais de Mendonça. Pirâmide e hipernotícia: elementos para uma discussão sobre o texto no jornalismo digital. In: PEREIRA, Fábio Henrique; MOURA, Dione OLIVEIRA; ADGHIRNI, Zélia Leal (orgs.). **Jornalismo e sociedade: teorias e metodologias**. Florianópolis: Insular, 2012.

JORGE, Thais de Mendonça; PEREIRA, Fábio Henrique; ADGHIRNI, Zélia Leal. Jornalismo na internet: desafios e perspectivas no trinômio formação, universidade, mercado. In: RODRIGUES, Carla (org.) **Jornalismo on-line: modo de fazer**. Rio de Janeiro: Editora Sulinas, 2009.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Convergência nas redações: mapeando os impactos do novo cenário midiático sobre o fazer jornalismo. In: RODRIGUES, Carla (org.) **Jornalismo on-line: modo de fazer**. Rio de Janeiro: Editora Sulinas, 2009.

LADEIRA MOTA, Célia Maria. Jornalismo: discurso, narrativa e cultura. In: PEREIRA Fábio Henrique; MOURA, Dione Oliveira; ADGHIRNI, Zélia Leal (Orgs.). **Jornalismo e Sociedade: teorias e metodologias**. Florianópolis: Insular, 2012.

LADEIRA MOTA, Célia Maria; MOTTA Luiz Gonzaga; CUNHA, Maria Jandyra (Orgs). **Narrativas midiáticas**. Florianópolis: Insular, 2012.

LADEIRA MOTA, Célia Maria. **Representações da identidade nacional na notícia da TV**. 2008. 329 f., il. Tese (Doutorado em Comunicação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

LEGROS, Patrick; et. al. **Sociologia do imaginário**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LIU, James H.; HILTON, Denis J. How the past weighs on the present: social representations of history and their role in identity politics. In: **British Journal of Social Psychology**, 44, 2005.

LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Comunicação e identidade: quem você pensa que é?** São Paulo: Paulus, 2010.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MEIRELLES, Renato; ATHAYDE, Celso. **Um país chamado favela: a maior pesquisa já feita sobre favela brasileira**. São Paulo: Editora Gente, 2014.

MOLES, Abraham A. **Sociodinâmica da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

_____. **Narratologia: teoria e análise da narrativa**. Brasília: Casa das Musas, 2005.

_____. Análise pragmática da narrativa jornalística. In. LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MURAD, Maurício. **A violência no futebol**. São Paulo: Saraiva, 2012.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

PESQUISA UOL copa: jornalistas gringos veem povo como o “melhor do Brasil”. **UOL**. 27 jun. 2014. Disponível em:

<<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/06/27/pesquisa-uol-copa-jornalistas-gringos-veem-povo-como-o-melhor-do-brasil.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2014.

PHILLIPS, Dom. Favela tourism in Rio de Janeiro. **The guardian**. Travel, 2 nov. 2013. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/travel/2013/nov/04/rio-de-janeiro-brazil-favela-tourism>>. Acesso em: 8 set. 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Relatório do Desenvolvimento Humano de 2013**. Disponível em: <<http://www.un.org/files/HDR2013%20Report%20Portuguese.pdf>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

RANC, Dàvid. The World Cup in Brazil better organizes than the Olympics in London 2012. Free. 24 jun. 2014. Disponível em: < <http://www.free-project.eu/Blog/post/the-world-cup-2014-in-brazil-better-organised-than-the-olympics-in-london-2012-1928.htm>>. Acesso em: 22. Ago. 2014.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, Nelson. **Brasil em Campo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

SCHEYERL, Denise; SIQUEIRA, Sávio. O Brasil pelo olhar do outro: representações de estrangeiros sobre os brasileiros de hoje. **Trabalhos em linguística aplicada**, v. 47, n. 2. Campinas, jul/dez, 2008. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-18132008000200007&script=sci_arttext>. Acesso em: 6 set. 2014.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. Representações do exótico nos relatos de viagem. In: In: STEVENS, Cristina (org.). **Quando o Tio Sam Pegar no Tamborim: uma perspectiva transcultural do Brasil**. Brasília: Editora Plano: Oficina Editorial do Instituto de Letras UnB. 2000.

SILVA, Marcos Sérgio. Teve muita copa. **Placar**, n. 1392, jul., 2014.

SLOTEDIJK, Peter. **Crítica da razão cínica**. São Paulo: Estação da Liberdade, 2012.

SOARES, Antonio J. A história e a invenção de tradições no futebol brasileiro. in: HELAL Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: mauad, 2001.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil**. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2008.

STEVENS, Cristina (org.). **Quando o Tio Sam Pegar no Tamborim**: uma perspectiva transcultural do Brasil. Brasília: Editora Plano: Oficina Editorial do Instituto de Letras UnB. 2000.

STEVENS, Cristina. Imagi-nações: literatura e identidade migrantes. In: CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti, et. al. **Migração e identidade**: olhares sobre o tema. São Paulo: Centauro, 2007.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.

WATTS, Jonathan. 10 top tips for the early Brazil world cup traveler. **The Guardian**. Travel, 10 jun. 2013. 2013a. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/travel/2013/jun/10/10-tips-early-world-cup-traveller>>. Acesso em: 7 set. 2013.

_____. A year until the 2014 World Cup begins and Brazil's unease is growing. **The guardian**. Sport, 11 jun. 2013. 2013b. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/football/blog/2013/jun/11/world-cup-2014-brazil-host>>. Acesso em: 9 set. 2014.

_____. Brazil: the world at their feet. **The guardian**. Football, 31 maio 2014. 2014a. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/football/2014/may/31/-sp-brazil-2014-world-cup-photo-essay>>. Acesso em: 10 set. 2014.

_____. Brazil braces for uneasy start to world cup as strikes' protest hit São Paulo. **The guardian**. News, 10 jun. 2014. 2014b. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2014/jun/09/brazil-uneasy-start-world-cup-striker-protests-sao-paulo>>. Acesso em: 13 set. 2014.

_____. World Cup 2014: ready or not, it is Brazil's time to show the world. **The guardian**. Sport, 11 jun. 2014. 2014c. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/football/2014/jun/11/world-cup-protest-politics-brazil-kickoff>>. Acesso em: 9 set. 2014.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ZWEIG, Stefan. **Brasil, o país do futuro**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.

ANEXOS

REPORTAGENS ANALISADAS EL PAÍS E THE GUARDIAN

ANEXO A – El País 05 jul. 2014

INTERNACIONAL

EUROPA EE UU MÉXICO AMÉRICA LATINA ORIENTE PRÓXIMO ASIA ÁFRICA BLOQUE

▶ TEMAS DEL DÍA Hong Kong Estado Islámico Crisis en Ucrania Elecciones Brasil

COLUMNA

Brasil es también así

Los brasileños han creado una especie de armazón que les salva cuando parece que van a sucumbir

JUAN ARIAS | 5 JUL 2014 - 23:39 CEST 4

Archivado en: [Opinión](#) [Mundial 2014](#) [Fase final](#) [Mundial fútbol](#) [Brasil](#) [Fútbol](#) [Copa del Mundo](#)
[Sudamérica](#) [Latinoamérica](#) [Campeonato mundial](#) [América](#) [Competiciones](#) [Deportes](#)

Brasil acaba siempre sorprendiendo, algo que muchas veces no entienden los europeos más racionales. En el fútbol y en la vida de sus gentes aparece como un enigma. Cuando creemos que se va a hundir, que se está ahogando, sabe levantar la cabeza. Hace sufrir, a veces desespera y desconcierta, pero al final tenemos que admitir que acaba teniendo suerte.

¿Es solo suerte o forma parte de la idiosincrasia de los brasileños?

Lo discutía, el día antes de arrancar la Copa, con Raúl Costa, director de SportTV. Me explicaba en su despacho de Río -y estuve de acuerdo con él- que una de las características de este pueblo que vibró con la victoria de la selección, primero entusiasmando con su juego de garra y al final haciendo sufrir, es su capacidad de saber driblar las dificultades con la fuerza de su creatividad y de su pasión.

Brasil ha vivido siempre en esa dura pelea por la supervivencia, teniendo que hacer frente a injusticias y desigualdades. En ese difícil equilibrio, entre sentirse un imperio, que lo es, y soportar el peso de un atávico complejo de perro callejero (en la ya clásica expresión de Nelson Rodrigues), los brasileños han creado una especie de armazón que les salva cuando parece que van a sucumbir.

Son precisamente los pueblos y las gentes de las que se piensa que van a fracasar, los que al final nos revelan que en la vida no todo es línea recta. Existe también la curva, los pases mágicos, las sorpresas que acaban rescatándoles.

Cuando viví en Italia, la del arte y la moda, se decía de los italianos algo parecido a lo que escucho decir tantas veces de los brasileños: que se doblan fácilmente. Italia posee, sin embargo, dos ejemplos que expresan mejor que nada que es más segura de lo que parece: la famosa Torre de Pisa, que lleva siglos inclinándose pero que nunca se cae, y las aguas que llevan cientos de años amenazando con hundir a la mágica Venecia, que sin embargo sigue viva y en pie.

De los europeos, los italianos son quizás los mejores cultivadores de la curva, que es más femenina que masculina, pero al final más fuerte y segura.

Los jugadores brasileños tienen también en su juego y en sus sentimientos más curvas que ángulos. Quizás por eso lloran más, pero al final esas lágrimas acaban llevándoles a la victoria cuando menos lo esperábamos. Y cuando pierden, sufren también menos, porque estaban acostumbrados a otras derrotas en la vida y porque tienen el arte de refugiarse, en las horas oscuras, en la fiesta y la alegría.

La arrogancia no es una planta que nazca en la fértil tierra de Brasil, por lo menos no entre su gente común. Los brasileños podrán tener muchos defectos, pero no ese. Lo dejaron patente ayer por la tarde cuando los jugadores victoriosos nos ofrecieron aquel maravilloso espectáculo de abrazarse, consolando a los perdedores colombianos. Y lo he visto de cerca todas estas semanas en las crónicas de los críticos de fútbol, que nunca han exagerado las cosas y han sabido respetar con elegancia a las demás selecciones.

No es una casualidad que se hayan sentido dolidos cuando el seleccionador Felipe Scolari mandó al infierno a los periodistas que lo interpelaban. Esa arrogancia es un fuera de juego que los brasileños acaban despreciando y castigando.

Así es este Brasil. Y es quizás su ausencia de ángulos de intemperancia lo que les hace simpáticos fuera del país, ganen o pierdan.

ANEXO B – El País 01 jul. 2014

INTERNACIONAL

EUROPA
EE UU
MÉXICO
AMÉRICA LATINA
ORIENTE PRÓXIMO
ASIA
ÁFRICA
BLOG

▶ TEMAS DEL DÍA
Hong Kong
Estado Islámico
Crisis en Ucrania
Elecciones Brasil

ANÁLISIS

Brasil, ese adolescente rebelde

Con Lula, Brasil vivió un momento de vacas gordas, de salida de la miseria y del complejo de inferioridad frente al mundo

Varios heridos en las protestas en los alrededores de Maracanã

JUAN ARIAS | 1 JUL 2013 - 15:38 CET 73

Archivado en: [Lula da Silva](#) [Dilma Rousseff](#) [Opinión](#) [Brasil](#) [Protestas sociales](#) [Juventud](#) [Sudamérica](#) [Latinoamérica](#) [Malestar social](#) [Problemas sociales](#) [América](#) [Sociedad](#)



Los altercados han continuado en las calles de Río de Janeiro durante todo el encuentro de la final de la Copa Confederaciones. / AFP

[Brasil está en plena rebeldía](#). Es un adolescente que se ha rebelado a los padres, los políticos. Dicen que nadie sabe lo que quiere porque lo quiere todo. Y de repente. Y sin esperar, sale quebrando el mundo.

El incendio que vive la sociedad [está sacando a la calle sobre todo a adolescentes](#) y jóvenes que nunca vivieron una dictadura ni una protesta callejera masiva sin la protección de un partido o institución política. Se han echado solos al ruedo.

Lo curioso es que el llamado "padre de los pobres" de Brasil, el carismático extornero y expresidente Lula, sería [el único que ganaría hoy las elecciones](#) en la primera vuelta. Y el grito "¡Vuelve, Lula!" ya empieza a resonar, aunque él sigue desmintiendo su deseo de presentarse.

¿Es que Rousseff lo está haciendo peor que Lula? Seguramente, no. Su estilo es otro, pero ella además es una seguidora del exsindicalista con quién se consulta en los momentos de crisis. Si Lula fue el padre, sobre todo de los pobres, Rousseff fue presentada como la madre que seguiría cuidando de los más necesitados.

¿Es que con Lula la corrupción política fue menor que con Rousseff? No. Ella intentó incluso, por lo menos al inicio, poner un dique a la presa que se desbordaba.

¿Es que con Lula los transportes públicos funcionaban mejor? No, igual. ¿Y los hospitales, las escuelas y el orden público, funcionaban mejor? No. Si acaso con los dos mejoraron, pero no les ha bastado a los brasileños que han descubierto el gusto adolescente de la rebeldía y de la protesta.

La pregunta entonces es por qué la credibilidad de la presidenta se hunde y la calle quiere la vuelta de Lula. Quizás deberían explicarlo los psicólogos.

El porqué durante los ocho años de Lula, Brasil estuvo mudo, anestesiado, incluso la oposición política, feliz de ser un país envidia del planeta, podrían explicarlo mejor sociólogos y psicólogos que economistas.

Con [Lula](#), Brasil vivió un momento de vacas gordas, de salida de la miseria y del complejo de inferioridad frente al mundo. Pero Brasil en ese momento era aún niño. Y el niño no cuestiona al padre, lo admira, sobre todo si lo carga de juguetes, si lo convence de que tiene un padre que cuida de él, que le da lo que sabe que necesita, aunque no sea a veces lo que él desearía.

Aquel niño ha crecido y se ha hecho adolescente. Le han salido la barba o los pechos. Y de repente ha tomado conciencia de que quiere más que juguetes. Quiere libertad. Quiere opinar. Quiere poder rebelarse al padre o a la madre. Freud es siempre actual.

La ecologista Marina Silva ha comentado que Brasil ha "recuperado la voz" y que "quiere más, pero lo quiere de otro modo". Lo quiere como adulto. No quiere sólo que le den respuestas a sus deseos, quiere él hacer las preguntas.

Y cuando los niños y los jóvenes empiezan a preguntar, los adultos tiemblan, se desconciertan.

En mi infancia, mi padre era maestro rural en la Galicia pobre. Eran tiempos de dictadura. La palabra de orden del régimen franquista era "obedecer". Mi padre que intuyó que aquellos jóvenes un día saldríamos del túnel de la dictadura y deberíamos construir una democracia, nos estimulaba en la escuela a "preguntar". Nos decía: "No os canséis nunca de hacer preguntas a los adultos". Nos explicaba que sólo las preguntas abrían caminos nuevos y ayudaban a crecer.

Un día le llegó una carta del Gobierno. Había sido castigado porque, según el régimen, los alumnos que salían de su escuela e iban a estudiar el bachillerato "hacían demasiadas preguntas", y además "se resistían a obedecer órdenes".

Brasil no vive una dictadura. Su democracia es sólida, y sin embargo aquellos niños de Lula han crecido y han aprendido que se les ofrecen respuestas a preguntas que ellos no han hecho, mientras deberían en este momento escuchar sus preguntas.

El silencio y la prohibición de preguntar son típicos de las dictaduras, mientras que el ruido de las preguntas y de las protestas de la calle, con todos los peligros que pueda encerrar, son síntomas de crecimiento de los valores democráticos. Y sólo la democracia puede hoy asegurar la defensa de los derechos humanos y de los deseos de un Brasil que se ha hecho adulto de repente y por eso quiere ser tratado como tal.

El problema es qué democracia quiere el Brasil adolescente rebelde. Ciertamente a las nuevas generaciones no le basta la de sus padres. El modelo está agotado. Ellos pertenecen a otro mundo y hasta el traje de la democracia que se les quiere imponer, se les queda fuera de moda.

Ellos no piden lo imposible, como sus antecesores rebeldes del 68. Son tecnológicos y pragmáticos. Quieren sencillamente lo posible. ¿Cómo no darles la razón?

ANEXO C – El País 03 ago. 2014

INTERNACIONAL

EUROPA EE UU MÉXICO AMÉRICA LATINA ORIENTE PRÓXIMO ASIA ÁFRICA BLO

► TEMAS DEL DÍA > Hong Kong Estado Islámico Crisis en Ucrania Elecciones Brasil

ANÁLISIS

¿La corrupción en Brasil está relacionada con el carácter de los brasileños?

JUAN ARIAS | Río de Janeiro | 3 AGO 2013 - 23:10 CET

14

Archivado en: Dilma Rousseff Opinión Eduardo Cardozo Brasil Protestas sociales
Corrupción política Sudamérica Latinoamérica Corrupción Malestar social Opinión pública Delitos





 Enviar
 Imprimir
 Guardar

El ministro de Justicia brasileño, Eduardo Cardozo, ha levantado un avispero al criticar a la opinión pública del país por tener una idea “maniquea, superficial y simplista” de la corrupción política. “A los agentes públicos descubiertos en actos de corrupción se exigen castigos como si ellos fuesen los únicos autores”, ha dicho Cardozo.

¿Quiénes serían entonces los otros responsables? Para él existen “dimensiones históricas que de alguna forma crean el caldo de cultivo de esos actos de corrupción” que la opinión pública trata, según él, sin una “reflexión profunda”.

Las palabras del ministro de Justicia, que ya había iniciado meses atrás otra polémica al afirmar que prefería morir que ingresar en una de las cárceles de Brasil, de las que él es responsable directo, han sorprendido a los ciudadanos que desde junio se están manifestando en las calles contra la corrupción política y contra el despilfarro de los recursos públicos que, según algunos, impiden a la sociedad gozar de unos servicios públicos dignos.

“¿Será que el ministro de Justicia está insinuando que al detectar un acto de corrupción en un agente público las causas históricas deberían ser consideradas como atenuantes?” se pregunta Tacarijú Thomé de Paula Filho, en el diario *O Globo*, y añade: “Si fuese así, mi indignación se transformaría en pavor por el futuro de mis nietos”.

Las palabras del ministro Cardoso se han cruzado con una noticia emblemática: Márcio Faber, alcalde de la ciudad de Paranapanema, en el Estado de São Paulo, ha renunciado a su cargo después de ocho meses al frente del municipio “para no tener que robar”.

Se apuntan también otras explicaciones para justificar esa tolerancia con la corrupción que parecía crónica en Brasil- donde no existían *indignados* hasta que en junio pasado, cuando como en una catarsis colectiva, millones de personas se echaron a la calle contra la corrupción-. Se piensa, por ejemplo, que la tradición política no respeta la separación entre público y privado por no ser aún el país un Estado moderno legitimado por normas impersonales y racionales. El vicio de origen del brasileño sería, según el jurista Raimundo Faoro, el llamado "patrimonialismo", herencia del mundo ibérico, y que es el resultado de una relación entre el Estado y la sociedad, en la que el primero oprime a la segunda a través de un sistema de "privilegios y prebendas" destinadas a los que actúan en la burocracia estatal. El resultado del patrimonialismo sería que la corrupción formaría parte de un cotidiano de la constitución histórica brasileña. En esta situación, a la sociedad solo le quedaría intentar acceder los privilegios de los políticos y burócratas aún a sabiendas de que son ilícitos, y aceptarían corromperse en vez de levantarse contra ellos.

Así parecía, hasta las manifestaciones de protesta de junio pasado, cuando el gigante se despertó. Muchos políticos, en efecto, se están ahora golpeando el pecho, confesando que se han equivocado, que no supieron "dialogar con la calle", como acaba de confesar el gobernador del Estado de Río, Sérgio Cabral, quien recordando al papa Francisco ha aceptado que las críticas le han servido como "lección de humildad".

¿Serán las protestas solo un fuego que acabará apagándose pronto, o el incendio continuará hasta obligar a los responsables políticos a llevar a cabo una verdadera metamorfosis? Y los políticos, ¿estarán dispuestos a rehacer la sociedad bajo otras bases más modernas que las del viejo patrimonialismo? ¿Serán sus promesas de cambio sinceras o estarán más bien en la línea del Gattopardo de Lampedusa de "cambiarlo todo para que todo siga igual"? Esa es la gran incógnita del momento.

Faber es médico y, al llegar a la alcaldía, se ha dado cuenta que su sueldo de 5.800 reales no era ni el 20% de lo que ganaba con su profesión. Le explicaron que el sueldo era solo simbólico y que un alcalde puede ganar dinero de muchos otros modos. El alcalde ha preferido, dice, "ganarse la vida honradamente". Hay quien asegura que ese gesto, que llama la atención por lo inusitado, puede ser ya un resultado de las protestas que exigen transparencia en la vida pública.

Según algunos profesores de Ciencias Políticas, como Fernando Filgueira, de la Universidad Federal de Minas Gerais, el problema de la corrupción en Brasil hay que analizarlo, sin embargo, a partir de la contradicción entre "normas morales y práctica social". El analista político defiende la hipótesis de que "la corrupción en Brasil no está relacionada con los aspectos del carácter del brasileño, sino con la constitución de normas informales que institucionalizan ciertas prácticas consideradas moralmente degradantes, pero cotidianamente toleradas".

La corrupción, que en Brasil es práctica cotidiana en el mundo de la política y con el agravante de la impunidad, se explicaría por el foso que separa los aspectos morales de la vida y la cultura política. Ello, afirma Filgueiras, "arrastra una tolerancia con la corrupción que está incrustada en la base de la democracia brasileña".

ANEXO D – El País 13 maio 2014

INTERNACIONAL

EUROPA EE UU MÉXICO AMÉRICA LATINA ORIENTE PRÓXIMO ASIA ÁFRICA BLO

▶ TEMAS DEL DÍA > Hong Kong Estado Islámico Crisis en Ucrania Elecciones Brasil

COLUMNA

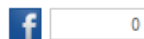
¿Se ha cansado Brasil de ser “el país del futuro”?

Los políticos brasileños deben mantenerse vigilantes ante un descontento difuso y una revolución silenciosa que ha estallado en el país y que puede ser un presagio de tormentas mayores

JUAN ARIAS | 13 MAY 2014 - 20:44 CET

60

Archivado en: Desigualdad económica Crecimiento económico Calidad vida Desigualdad social Bienestar social Jóvenes Política social Protestas sociales Juventud Brasil Coyuntura económica



0



0



0



13



Enviar

Imprimir

Guardar

Brasil, el gigante americano, está en una encrucijada. Para algunos con peligro de derrapar en la próxima curva. En este momento todo el mundo está crispado y casi incrédulo. “Brasil es un caos”, es la frase que más se escucha en la calle.

Lo cierto es que Brasil forcejea por salir de una situación que ha comenzado a incomodarlo: se ha hartado de ser “el país del futuro” y quiere serlo del presente, ahora. No le bastan promesas, y menos incumplidas. Y quiere un hoy con calidad de vida. El 73% de los brasileños quiere “cambios”, incluso radicales.

Se repitió durante mucho tiempo que Brasil era el “país del futuro” y se presentaba a la empresa Petrobras como la joya de la corona, el emblema de la eficiencia empresarial, una empresa modelo en el mundo a la que hoy se le están viendo sus pies de barro.

Calificar a Brasil de país del futuro llevaba implícito que aún no era un país adulto sino más bien un adolescente. Acunados por ese mantra, los brasileños se sintieron esperanzados aún sufriendo las garras de la realidad presente, llena de injusticia social, desigualdades dramáticas y servicios públicos de tercer mundo.

Ahora, los brasileños quieren ser adultos, sin esperar ese futuro incierto, porque además el reloj de la Historia se ha acelerado y sus hijos y nietos -que sí serán el futuro Brasil- nacen ya con el pie en el acelerador y la mano en el *smartphone*.

Bajo esta óptica es necesario analizar ese escozor, ese desencanto y hasta esos pruritos de violencia repentina y de desasosiego generalizado de gentes que no se sienten ya a gusto y quieren cambiarlo todo, aunque sin saber aún cómo hacerlo.

Brasil debería, en este momento, mirarse sobre todo en el espejo de los países hermanos contagiados por el virus de un populismo trasnochado y corrupto, rayano en el autoritarismo dictatorial, como ha denunciado en este diario con dureza el escritor Mario Vargas Llosa refiriéndose al socialismo bolivariano de Venezuela.

Es sintomático que en todos los países donde se ha desencadenado con violencia un movimiento de protesta para cambiar las cosas, dicha revuelta ha sido capitaneada sobre todo por los jóvenes, que han acabado arrastrando a su causa a otros sectores de la sociedad que confraternizan con sus aspiraciones.

¿Y en Brasil? Algo que deberían tener en cuenta los que gobiernan los países, incluso los que viven en una democracia decente aunque siempre imperfecta como la brasileña, es que los jóvenes representan un impulso hacia el cambio.

Los jóvenes necesitan estar en primera fila cuando se trata de cambiar las cosas porque llevan en su sangre caliente el aguijón de la prisa y el apremio por lo nuevo. Y soportan, por ejemplo, peor que los adultos la corrupción política porque aún no están viciados en esa peligrosa ruleta.

Los poderes pueden a veces cooptar a esos jóvenes con falsos ideales que les presentan como revolucionarios o progresistas. Se trata muchas veces, de operaciones populistas y engañosas que acabarán un día explotando y rebelándose contra dichos poderes. Los jóvenes suelen ser agregadores, grupales, mientras que, muchas veces, los políticos separan y discriminan hasta considerar enemigos a los adversarios.

Los gobiernos de algunos países ya están pagando el precio de haber engañado a los jóvenes impidiéndoles participar en plena libertad de los cambios de época. Y cuando los jóvenes se despiertan de las pesadillas autoritarias que les fueron impuestas, resurgen en sus protestas con una fuerza renovada y hasta peligrosa, como estamos viendo en varias latitudes del mundo.

Quizás los gobernantes deberían estudiar un poco más de psicología, un poco más a Freud, Jung o Lacan, para no dormirse sobre los laureles en la vana esperanza de que los jóvenes en democracia nunca pretenderán ser impertinentes con el poder. O de que se les pueda doblegar con el miedo o el soborno. La rebeldía sigue anidada en el subconsciente del joven, pronta siempre a estallar.

Cuando aquí en Brasil los jóvenes empiezan a dar señales de desasosiego que se reflejan cada vez más en acciones de vandalismo, en el resurgir de gestos racistas en los estadios de fútbol, que parecían desaparecidos, o en formas peligrosas de tomar la justicia por su mano. Ello podría significar que las aguas del inconformismo y el anhelo de crear algo mejor han llegado al nivel de alarma.

Los síntomas son estudiados en Medicina como pronósticos de posibles enfermedades graves. La fiebre es tan necesaria para la seguridad de nuestro organismo que, según la ciencia, sin ella, moriríamos ante la primera enfermedad grave.

Querer curar la fiebre quebrando el termómetro es la misma práctica estúpida del avestruz de esconde la cabeza ante el peligro en vez de enfrentarlo a cara descubierta.

Los políticos deben hoy más que nunca mantenerse vigilantes ante un descontento difuso y una revolución silenciosa que ha estallado en el país y que suele ser presagio de tormentas mayores.

Y para conseguir lo que quieren, los jóvenes no lo harán como hijos buenos, educados y obedientes. Fueron siempre, y lo siguen siendo hoy, iconoclastas, idealistas y pragmáticos a la vez, por paradójico que parezca. ¡Ojo a la Copa!

Todo ello es, al mismo tiempo, una alerta y una esperanza, para Brasil y para todo el continente latinoamericano, ya que mientras las aguas desbordadas pueden ser benéficas o devastadoras, las estancadas acaban siempre pudriéndose.

Quedarse inactivo, además de imposible, suele resultar peligroso.

Los jóvenes hoy, son ecuménicos. Quieren ser, como ha escrito en este mismo diario Nathan Gardeis, "ciudadanos del Planeta" . Son hijos del presente. Ignorarlo es jugar con fuego. Brasil será juzgado por el hoy, no por el ayer ni por un futuro mesiánico.

Y las elecciones están a la puerta. Y ya hay rugidos de alerta.

ANEXO E – El País 14 jul. 2014

INTERNACIONAL

EUROPA EE UU MÉXICO AMÉRICA LATINA ORIENTE PRÓXIMO ASIA ÁFRICA BL

▶ TEMAS DEL DÍA > Hong Kong Estado Islámico Crisis en Ucrania Elecciones Brasil

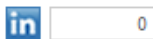
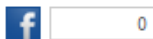
TRIBUNA

¿Qué Brasil resurgirá de los escombros de la Copa?

El Mundail era la ocasión para revitalizar las infraestructuras de movilidad urbana que no corresponden, con sus deficiencias crónicas de tercer mundo, al Brasil de la modernidad

JUAN ARIAS | 14 JUL 2014 - 17:20 CEST

Archivado en: Mundial 2014 Fase final Mundial fútbol Copa del Mundo Fútbol Brasil
Campeonato mundial Sudamérica Latinoamérica Competiciones América Deportes



Enviar

Imprimir

Guardar

¿Cómo será el Brasil que renacerá de las ruinas de la Copa?

Por muchos esfuerzos que se quieran hacer, la imagen de Brasil ha quedado hecha escombros después de la Copa que debería haber servido para consagrar definitivamente la fuerza del mayor país del continente latinoamericano con un triunfo final en el recinto sagrado del Maracanã.

Si es cierto, y lo es, que fueron los brasileños de a pie los que de verdad ganaron el hexa por su ejemplar comportamiento de país civilizado y acogedor, deberían ser también ellos y no los perdedores los que limpien los escombros y empiecen a reconstruir una nueva imagen del fútbol y de Brasil.

Brasil no perdió una guerra, pero perdió la oportunidad de demostrar dentro y fuera del país que la imagen creada del "gigante americano" era verdadera.

¿Pero el fútbol y la Copa no son sólo un juego? No, y menos en Brasil donde el balón se ha identificado con su idiosincrasia, con su cultura. El fútbol es parte consustancial de la metáfora brasileña.

En Brasil, esta Copa, jugada en casa después de 64 años, llegó revestida de política. Lula la conquistó como premio, se dijo, al resurgir del nuevo Brasil económico ya sin pobres y con ganas de contar en la geopolítica mundial.

Ganar la Copa hubiese sido refrendar la imagen boyante de Brasil.

La Copa debía haber sido también la ocasión para revitalizar las infraestructuras de movilidad urbana que no corresponden, con sus deficiencias crónicas de tercer mundo, al Brasil de la modernidad.

Todos saben que hoy, después de la Copa, los brasileños no van a moverse para ir al trabajo con mayor comodidad. Todo será igual porque su único legado han sido los estadios y no los nuevos metros o los nuevos trenes.

Los brasileños de a pie, que ganaron la Copa con su sentido común que les hizo aparcar las protestas para poder disfrutar de la fiesta que era de todos, ahora seguirán con sus mismas angustias para poder moverse en los avisperos embotellados de las ciudades.

Toca a hora a esos brasileños, alabados en todas las lenguas por los turistas llegados para la Copa, poner las bases para que lo que se ha revelado ser sólo un sueño se convierta ahora en realidad.

Nada en los pueblos se ha construido de grande sin el esfuerzo de la sociedad que puede ser o connivente con los poderes o resistente y rebelde para abrir nuevas esperanzas.

Brasil perdió la Copa en los palacios y la ganó en la calle. Ahora deberán ser estimulados los habitantes de esos palacios para que en las próximas elecciones, que será la disputa de otra Copa y más importante que la del fútbol, en vez de sueños y promesas huecas, presenten programas concretos capaces de transformar la vida de los brasileños en una alegría y felicidad parecida a la que vivieron disfrutando en los estadios.

Ahora se trata de ganar la Copa de la vida, que esa no es cada cuatro años, es cada mañana que amanece. Es la Copa de la realidad cotidiana, la que preparará a nuestros hijos para una sociedad más igual, con jerarquías de valores, con conquistas quizás menos espectaculares pero más realistas, con más humildad y menos fantasías de grandezas.

Al final, lo que desean los brasileños es vivir sin agobios económicos y sin deudas, trabajar para vivir y no vivir para trabajar y saber disfrutar no sólo de las construcciones faraónicas sino de las pequeñas felicidades de cada día.

Los brasileños perdieron la Copa, que era un sueño de grandeza. Ahora deben conquistar- y si quieren saben hacerlo- un Brasil más moderno, donde el vivir cotidiano no se convierta para la gran mayoría en pesadilla y martirio.

Ese será el nuevo Brasil que ya había empezado a ser distinto y más consciente después de las manifestaciones de protesta de hace un año, y que sale de nuevo transformado por el dolor y el luto, no tanto de haber perdido la Copa sino por la amarga sensación de haber sido engañado.

Hubo Copa, pero no hubo equipo. Hubo Copa, pero no obras que aliviaran la vida de los ciudadanos. Hubo alegría y pasión siguiendo los juegos porque el fútbol corre por las venas de los brasileños, pero les dejó con la boca amarga a dos pasos de volver a precipitar por la pendiente del complejo de perro callejero que parecía haber sido sepultado para siempre.

No hubo hexa, pero de las cenizas de la derrota podrá ahora surgir un país más maduro, quizás más crítico, más resistente en el futuro contra quienes pretendan de nuevo engañarle.

Las derrotas pueden hundirnos o hacernos resurgir con mayor fuerza. Brasil tiene hoy una baza a su favor: ha perdido el miedo a cambiar y ha aprendido a decir no. Y como decía el Nobel de Literatura portugués, José Saramago, "el no puede ser a veces más eficaz y más constructivo que el sí".

ANEXO F – El País 28 jan. 2014

INTERNACIONAL

EUROPA EE UU MÉXICO AMÉRICA LATINA ORIENTE PRÓXIMO ASIA ÁFRICA BLO

▶ TEMAS DEL DÍA > Hong Kong Estado Islámico Crisis en Ucrania Elecciones Brasil

COLUMNA

¿Por qué Brasil está contra la Copa?

Detrás de las protestas, el país podría estar enviando al mundo un mensaje contra la deterioración de ese evento mundial

JUAN ARIAS | 28 ENE 2014 - 00:40 CET

Archivado en: Opinión Mundial 2014 Mundial fútbol Brasil Fútbol Sudamérica Latinoamérica Competiciones América Deportes



0



0



0



6



Enviar

Imprimir

Guardar

Entre incrédulo y atónito, el mundo se pregunta por qué Brasil, la meca del fútbol, un país cuyos ciudadanos llevan en el ADN la pasión por el balón que ha contagiado al planeta, se muestra contra la celebración de la Copa, un acontecimiento que tantos hubieran ansiado. Y la respuesta quizá entrañe una sorpresa inesperada.

Las imágenes de la primera manifestación callejera contra la Copa, ocurrida el sábado en São Paulo, ciudad donde arrancaron también las primeras protestas masivas en junio pasado -cuando se dijo que el gigante Brasil "se había despertado" - han recorrido las primeras páginas internacionales tanto por la violencia de los manifestantes como por la de la policía que disparó a un joven de 22 años, algo impensable en un régimen democrático porque evoca los fantasmas de la dictadura.

Existe un suspense general sobre lo que ocurrirá dentro de cinco meses. Quizá no pase nada o quizá sí. El lema de los manifestantes, Não vai ter Copa (No va a haber Mundial), ha movilizado hasta a la presidenta de la República, Dilma Rousseff, que se ha tomado en serio la amenaza y ha colocado enseguida en las redes sociales su *hashtag*: VaiterCopa (Va a haber Copa).

La perplejidad dentro y fuera del país frente a este rechazo de la celebración de la Copa y la consecuente pregunta: "¿Cómo es esto posible en Brasil?" es de difícil respuesta. Me atrevería a decir que el resultado final podría sorprender positivamente al mundo. Y eso, independientemente de que haya o no Copa (que la habrá) y no tendrá que ver con que Brasil gane por sexta vez (ojalá) el precioso trofeo o repita la dolorosa hazaña del último Mundial celebrado aquí en 1950 en aquel aciago partido contra Uruguay en el mítico Maracanã de Río.

No importa en este punto si habrá o no nuevas y violentas manifestaciones como las que se registraron durante la Copa de las Confederaciones, cuando en los alrededores del nuevo y millonario estadio de Brasilia había más gente protestando fuera que dentro viendo el partido.

Las fichas del juego ya están echadas. Brasil ha sido capaz de crear un estado de conciencia crítica, más allá de las motivaciones concretas que han podido despertar las protestas que son, en muchos casos reales, como el despilfarro de dinero público, el descuido en la creación de infraestructuras o el temor de que Brasil pueda "hacer el ridículo" ante los extranjeros que podrían encontrarse un país con unos servicios ineficaces. Hasta la FIFA, en efecto, llegó a poner en tela de juicio la capacidad brasileña para organizar tal acontecimiento ante el retraso de los preparativos.

El fútbol, y el deporte en general, han sido siempre usados y abusados por el poder en las dictaduras y en las democracias como opio del pueblo o como "hipnotismo" que decía el gran Sócrates. En las dictaduras de forma descarada y zafia, como cuando durante el franquismo, el feroz dictador Franco asistió al partido España-Rusia para recibir de pie el grito del estadio: "¡Franco, Franco, Franco!" como si hubiera sido el generalísimo y no el jugador del Zaragoza, Marcelino, el que marcó un gol contra la Rusia "comunista". El agudo periodista e historiador, Elio Gaspari, acaba de recordar que durante la Copa de 1970, "cuando la dictadura afianzaba su popularidad con los éxitos de la selección", hubo días en que los militantes de Alianza Libertadora Nacional (de izquierda) celebraban los goles "con los tiros de Winchester".

Que Rouseff, responsable de presidir un Gobierno en una democracia consolidada, se preocupe por la imagen negativa que posibles protestas contra la Copa pueda ofrecer al exterior, es justo y normal. Y ha acuñado el eslógan de que Brasil va a realizar la "Copa de las Copas", superando a todas las celebradas hasta ahora.

Se me ocurre, a la luz de todo lo que está ocurriendo, con las protestas contra el Mundial, que la presidenta ha podido ser profeta sin quererlo. Es posible que esa sorpresa, que dije podría dar este país al mundo con la Copa, se refiera al hecho de que este Mundial sea quizás el último. Y podría ser Brasil, que conserva intacta en sus entrañas, a pesar de todo, la pasión del fútbol, el que obligue a una FIFA desprestigiada, involucrada en sospechas de escándalos de corrupción, movida por el peor de los capitalismo, a mudar de piel.

Brasil podría estar enviando un mensaje al mundo para ponerlo en guardia sobre la degeneración de ese evento mundial que se ha convertido en objeto de sospechas y amenaza al verdadero fútbol, un deporte que está conquistando hasta a Estados Unidos.

Es como si Brasil estuviera diciendo que tal y como van las cosas en este campo, no le interesa la Copa, ni jugarla ni ganarla. Que la pasión por el deporte se está cambiando por una operación capitalista cuya máxima expresión son los enjuagues de la FIFA que está matando al verdadero fútbol.

Existe, sobre todo entre los jóvenes, y más entre los que llegan hasta el centro rico de las ciudades desde los guetos excluidos del festín - de donde proviene buena parte de los astros mundiales del balón - la convicción, quizá ni siquiera explícita, de que el fútbol, esa pasión colectiva, debe volver a los orígenes, aquellos en los que los jugadores daban el alma y el corazón en el campo, no tanto por dinero cuanto por el placer de vencer y de hacer vibrar a la afición.

Esos jóvenes intuyen que el mundo del fútbol se ha convertido en el gran mercado de las vacas, donde los jugadores son objetos de disputa entre las grandes financieras y a cuyas espaldas hasta los funcionarios de los clubes se enriquecen ilícitamente, como parece ocurrir con el triste y emblemático caso de la "venta" de Neymar que ha obligado a dimitir al presidente del Barcelona.

Como me ha recordado el mallorquín afianzado en Brasil, Saturnino Pesquero, que enseñó en la Universidad Federal de Goiás y es uno de los grandes expertos en Leonardo da Vinci, si es cierto que el hombre creó el lenguaje, no es menos cierto que el lenguaje acaba marcando al hombre. Basta leer un artículo sobre la economía del fútbol para que aparezcan, refiriéndose a los jugadores, palabras emblemáticas como comprar, vender, revender, inversores, dueños de los jugadores cuyos derechos acaban siendo "propiedad de terceros". Una verdadera feria de estrellas cuyo valor humano, artístico y hasta cultural se ha cambiado por un frío guarismo de millones de dólares.

Se ha dicho, con razón, que el fútbol y, en general, las grandes manifestaciones deportivas se han convertido en un sustituto de la guerra. Se enfrentan España y Francia o Brasil y Argentina, no con la fuerza de los cañones y los ejércitos, sino en los estadios, donde se intercambian las antiguas banderas de conquista, ahora como trofeos de paz.

Hoy, la violencia en los estadios entre adversarios acaba con frecuencia, también aquí en Brasil, en vandalismo y violencia con muertos y heridos. Vuelve la guerra a las gradas. ¿No tendrá que ver esa triste metamorfosis con la degeneración general de un deporte que ha acabado aprisionado en manos del gran capital especulativo mundial tras habérselo robado a los verdaderos aficionados?

Es posible que Brasil que, en estos últimos 20 años, ha dado muestras de un elogiado progreso no sólo económico, sino también democrático, salga crecido, más maduro hasta en sus valores de libertad y humanidad justamente con su rechazo a la Copa. Hizo bien, por ejemplo, la presidenta Dilma al despreciar el caviar y champagne que le ofrecía la FIFA en el palco de honor desde el que presenciaba un partido de la Copa de las Confederaciones. "¡Pero qué es esto en un estadio de fútbol!" y pidió una cerveza, como los simples aficionados.

Brasil, más maduro hoy que durante el último Mundial celebrado en su suelo, se hace la misma pregunta, que es casi natural entre los jóvenes: "¿Pero qué es esto?". Como si dijeran: "No queremos una Copa así. Queremos que nos devuelvan el fútbol"

Brasil ha desnudado a la Copa ante el mundo. El rey se ha quedado desnudo y es muy probable que un día las crónicas recuerden que fueron los magos del balón los que tuvieron la osadía de decir NO a su prostitución.

Quizá el mundo, ahora perplejo ante esa postura brasileña inesperada, acabe mañana aplaudiendo a este país del fútbol para concederle otro galardón más precioso: el de haber arrancado al gran deporte de las garras de los verdugos que lo estaban sacrificando en el altar del nuevo becerro de oro.

Algo que no deberían olvidar los políticos ni del Gobierno ni de la oposición porque está en juego algo mucho más importante que las próximas elecciones. Las protestas contra la Copa habían empezado ya en 2009. Que no caigan en la tentación de jugar a reprimir las manifestaciones con métodos de antiguas dictaduras; que no minimicen una protesta que ya ha alcanzado interés y expectativa internacional, y menos aún que no pretendan usar una protesta llamada quizás a ennoblecer a este país en pro de sus pequeños intereses electorales.

La apuesta es mucho mayor y más importante. Para todos. Equivocarse podría llevar a la sorpresa de que salga el tiro por la culata. Está en juego una apuesta arriesgada, creativa, valiente, sobre todo de los jóvenes excluidos de los suburbios de las grandes urbes que hoy estudian y que han sido siempre, curiosamente, los que más pasión han manifestado por la magia y el misterio del balón, que es parte ya de la cultura popular de este pueblo privilegiado. Y quizás, por ello lo defienda con mayor ahínco.

ANEXO G – El País 21 abr. 2014

INTERNACIONAL

EUROPA EE UU MÉXICO AMÉRICA LATINA ORIENTE PRÓXIMO ASIA ÁFRICA BL

▶ TEMAS DEL DÍA > Hong Kong Estado Islámico Crisis en Ucrania Elecciones Brasil

COLUMNA

La Copa quebrada

Brasil ya ha perdido y ganado el Mundial

JUAN ARIAS | 21 ABR 2014 - 20:18 CET

7

Archivado en: [Río de Janeiro](#) [Dilma Rousseff](#) [Estado Rio de Janeiro](#) [Mundial 2014](#) [Desigualdad social](#)
[Presidente Brasil](#) [FIFA](#) [Mundial fútbol](#) [Protestas sociales](#) [Brasil](#) [Fútbol](#) [Malestar social](#)



0



0



0



1



Enviar

Imprimir

Guardar

Brasil ya ha perdido y ganado la Copa al mismo tiempo, lo que no supone una tragedia. La ha ganado, fuera de los estadios, porque el país ha madurado y desea algo más que fútbol. Quiere una vida mejor y más digna, con el Mundial o sin él.

La ha perdido porque ya no es un secreto que el país del fútbol ha llegado tarde, con estadios -además de millonarios- remendados en el último momento, con posible despilfarro de dinero público, cuando la promesa era que los gastos los sufragarían las empresas privadas. La población, además, no ha obtenido ventajas de las prometidas nuevas infraestructuras, sobre todo de transportes, llevadas a cabo en las ciudades sede de las competiciones. Y en los aeropuertos aún hay obras que deberán ser ocultadas a los turistas.

Y por si fuera poco, como anota de manera aguda Vinicius Torres Freire en su columna del diario *Folha de S. Paulo*, el Mundial, que estaba llamado a ser una ocasión de fiesta, "está siendo tratado literalmente como una operación de guerra". Se anuncia hasta el uso del Ejército en las calles por miedo a las protestas violentas y, según algunos, hasta una especie de "Estado de excepción blanco" durante el mes de la competición. ¿Puede la FIFA gobernar un país, aunque sea por unas semanas?

Brasil estaba predestinado a hacer la mejor de las Copas de la historia y le falta poco para que acabe siendo una de las peor organizadas y más criticadas, hasta por los anfitriones. Se ha perdido el Mundial antes de disputarlo, algo que, según escuché en un autobús donde viajaba gente de clase media, avergüenza a los brasileños. Sentí en el aire el eco del complejo de perro callejero que durante tanto tiempo sufrió este gran país, rico y de gentes envidiables por su capacidad de acogida y resistencia al dolor.

Pero Brasil también ha ganado el Mundial, haya o no manifestaciones callejeras en contra. Lo ha ganado por una razón muy simple y hasta paradójica: porque la mayoría de los brasileños ha revelado que, si pudieran decidir, no votaría para que el campeonato se celebrara aquí, 64 años después del de 1950, tristemente famoso por el gol con el que Uruguay ganó a Brasil en el Maracanã recién estrenado.

El hecho de que los brasileños, sin renunciar a su pasión por el balón - que llevan impresa en su ADN, en su sangre y en su cultura- ya no se sientan solo hijos del fútbol y sueñen más alto, es más que ganar el Mundial.

Es un país que ha crecido, ha madurado, se ha desarrollado económicamente desde aquel fatídico 1950, y ha tomado conciencia de que no debe ser amado y admirado en el mundo solo porque sabe chutar como pocos un balón, sino también porque es capaz de exigir lo que le pertenece y merece.

Aún hay familias pobres de las favelas que sueñan con la posibilidad de que alguno de sus hijos pueda ser un nuevo crack del fútbol para sacarlas de apuros económicos. La mayoría, sin embargo, tiene otros sueños para sus hijos. He escuchado incluso de gentes de familias sencillas que hay dos cosas que ya no querrían para sus hijos: que fueran policías o futbolistas. Es un cambio de paradigma que revela, más que muchos sondeos científicos, cómo ha cambiado este país.

Las autoridades están cada día más nerviosas por temor a las manifestaciones. Temen también los políticos que Brasil pueda, de nuevo, perder la Copa.

Ese miedo indica que no han entendido que para este país ya no es esa la mayor preocupación en la calle, donde un grupo de pescadores a los que les pregunté si estaban nerviosos por el campeonato me respondieron: "Aquí, señor periodista, esta vez no hay clima de Copa. Nos preocupan otras cosas".

Seguro que esta vez, si Brasil vuelve a perder -y otra vez en el Maracanã- no veríamos a nadie tirarse desesperado de un puente. Brasil sufre hoy con la inflación disparada y la precariedad de los servicios públicos. Preocupa la barbarie de los linchamientos que revelan también una falta de credibilidad en las autoridades del Estado incapaces de proteger.

Los brasileños disfrutan hoy con el deseo de superarse, de ganar el tiempo perdido reciclándose profesionalmente para poder dar un salto social y, de ese modo, estimular a sus hijos a no perpetuar la fatalidad de la pobreza material y cultural de sus padres y abuelos.

Hoy, que se hacen sondeos sobre todo lo habido y por haber -hasta sobre las minifaldas de las mujeres que *provocan* a los hombres- sería interesante que preguntaran a los brasileños con qué sueñan despiertos, si es con ganar la Copa o con poder tener una vida sin agobios económicos, con un Gobierno que les devuelva en servicios decentes el sacrificio de tantos impuestos, un futuro con menos violencia, con menos desigualdades insultantes. O la posibilidad de poder disfrutar de algunas de las cosas materiales o espirituales que, hasta ahora, solo han visto aprovechar a un puñado de privilegiados.

En todo el mundo los dictadores, de derechas e izquierdas, han usado el deporte, y especialmente el fútbol, para emborrachar a la gente y distraerla de sus verdaderos problemas y anhelos.

Hoy los brasileños no cambiarían, sin embargo, ganar el Mundial a costa de seguir sufriendo las garras de la pobreza y la exclusión que los atenazaron tantos años. Prefieren perderlo si ello supusiera poder disfrutar de una mayor democracia.

¿Y si la ganara? Entonces la ganaría dos veces, pero la Copa no sería la razón principal de su felicidad. Sería solo un buen postre después del plato principal. Y ese plato es un Brasil que ya no aceptaría volver a perder su democracia para hundirse de nuevo en el túnel de la dictadura; un país que, a pesar de estar viviendo un momento difícil en su economía, sigue siendo uno de los países más ricos del planeta y aspira a ganar muchas otras batallas. Si fuera necesario, volvería a salir a la calle para hacerse escuchar.

ANEXO H – El País 31 dez. 2013

INTERNACIONAL

EUROPA EE UU MÉXICO AMÉRICA LATINA ORIENTE PRÓXIMO ASIA ÁFRICA BLO

► TEMAS DEL DÍA > Hong Kong Estado Islámico Crisis en Ucrania Elecciones Brasil

COLUMNA






El polémico 'jeitinho' brasileño

A los brasileños les cuesta salir a protestar, por ejemplo, más que a los argentinos. ¿Falta de carácter, como algunos apuntan, o más bien sabiduría?

JUAN ARIAS | 31 DIC 2013 - 04:31 CET

24

Archivado en: Dilma Rousseff Desigualdad económica Presidente Brasil Brasil Protestas sociales Sudamérica Latinoamérica Malestar social Presidencia Brasil Problemas sociales Gobierno Brasil

 0
 0
 0
 9


 Enviar
 Imprimir
 Guardar

Los brasileños poseen una característica especial que podría ser malinterpretada en el exterior: parecen hechos de goma. Me explico: por ejemplo, es difícil enfadarse con un brasileño. Nosotros, los españoles, al revés, nos enfadamos a la primera de cambio y soltamos enseguida un: "Y tú más". El español va directo al tiro. El brasileño prefiere la curva.

A los brasileños les cuesta salir a protestar, por ejemplo, más que a los argentinos. ¿Falta de carácter, como algunos apuntan, o más bien sabiduría?

El *jeitinho* brasileño, esa fórmula mágica y creativa para resolver los problemas cotidianos de los que no tienen acceso al poder, siempre me ha parecido más cercano a una creatividad ancestral que a una incapacidad de querer encarar las cosas legalmente. Mucho se ha denigrado ese *jeitinho*, que en realidad no es más que, como alguien ha escrito, la "salida para una situación sin salida", y por tanto, con grandes dotes de ingenio. Según Sérgio Buarque de Holanda, es lo que acuñó al brasileño como "el hombre cordial", que busca siempre agradar y que no acepta lo imposible.

Quien quizás mejor ha defendido el tan denostado *jeitinho* brasileño ha sido la filósofa Fernanda Carlos Borges en su obra *A Filosofia do Jeito*. Según ella, ese modo característico de conducta (sobre todo del brasileño pobre, pero que también contaminó a los ricos), "no es la consecuencia de un atraso", como siempre se ha dicho, sino que revela más bien "un criterio ético y una axiología sobre un modo de ser en el mundo que acepta la participación de lo imprevisible, de la fragilidad, de la afectividad y de la invención dentro de la organización".

Solo, en efecto, el que ha sufrido por siglos la fuerza de la opresión colonial, la herencia maldita de una esclavitud que fue la última a desaparecer del globo (en 1888), cuyos esclavos fueron abandonados a su suerte, o el que sufrió sobre sus hombros la losa de una desigualdad sangrante que aún hoy es de la mayores del mundo, es capaz de inventar ese *jeitinho* que de alguna forma le alivia de las angustias cotidianas.

Los que han sufrido una contienda sangrienta saben muy bien lo que significa hacer *economía de guerra*, conformarse con lo esencial, buscar salidas a la necesidad e incluso al hambre que solo quienes la han sufrido son capaces de explicar. Y solo ellos pueden sentir mejor la sensación de redención cuando el hambre empieza a desaparecer.

Recuerdo que ya de mayor, después de haber sufrido de niño las garras de la Guerra Civil española, yo seguía soñando con un horno del que salía un pan caliente, máximo objeto de deseo nunca del todo satisfecho de mis días y noches de hambre.

Los brasileños más pobres, que han sido siempre mayoría, y a los que no les quedaba otra tabla de salvación que el *jeitinho*, no pueden hoy ser acusados de resignados, por no rebelarse, cuando el poder les sigue negando aún a veces hasta lo esencial, como el de vivir en una sociedad con igualdad de derechos, donde se le conceda a todos lo que necesitan para ser ciudadanos con dignidad.

Podrían salir a la calle, como en otros lugares, dispuestos a derribar al poder de turno; podrían aliarse masivamente a la desobediencia civil. Hay quien preconiza, en efecto, con una imagen dura, que toda esa masa de pobres que se hacina en las favelas o vive en las marginalidad, con salarios que para Europa serían de hambre, podrían salir un día de sus madrigueras y, como un ejército de ratas llegadas de los alcantarillados, ocupar la ciudad rica, la de los privilegiados, la de aquellos que no necesitan de *jeitinho* para sobrevivir porque les sobran recursos y apoyos políticos o judiciales.

No lo harán, porque los brasileños llevan en su ADN esa sabiduría de que "mejor pájaro en mano que ciento volando".

Y es ese pájaro en mano lo que les ofrece hoy la sensación de estar mejorando, aunque aún sumergidos en el piso de abajo. El salario mínimo, con el que cualquier político se moriría de hambre, es poco. Pero hoy, con sus pequeños aumentos anuales, es suficiente para que los que nunca tuvieron nada puedan empezar a soñar. Era el pedazo de pan duro que me daba mi madre, que en español tiene un nombre muy sonoro y despectivo: mendrugo, el que se le daba a los mendigos. A veces el mendrugo estaba acompañado de un pedazo de tocino, cuyo colesterol hoy nos asusta y que entonces era una fiesta. No sabíamos lo que era el jamón, que mi padre vendía cuando matábamos el cerdo para poder comprar medicinas.

Es posible que los brasileños, paso a paso, vayan tomando conciencia cada vez con mayor fuerza -como ocurrió en las manifestaciones de junio pasado- de que mejor que el *jeitinho* sería poder actuar como los ciudadanos con plenos derechos y deberes en una sociedad en la que la ley funcione para todos.

Será sin embargo un camino largo. En la realidad actual, con una clase media que trasladada a Europa o a los Estados Unidos sería calificada aún como de pobre, el 68% de los brasileños dicen sin embargo en las encuestas que creen que sus hijos vivirán mejor que ellos. Me recuerda lo que los meteorólogos dicen sobre la temperatura ambiente, cuando distinguen entre la real y la sensación de frío o de calor, que puede ser muy diferente.

El brasileño pobre ha sufrido tantos desencantos, tantas opresiones por parte del poder, se le han ofrecido tan pocas oportunidades de salir del túnel de la pobreza real, que hoy se acoge con facilidad y hasta con alivio a esa sensación de que las cosas están mejorando, más que a su realidad concreta.

Es lo que noto cada vez que me encuentro y charlo con esas gentes de la clase baja. Inclinan la cabeza cuando se les recuerdan los abusos, las corrupciones, la falta de decoro y sensibilidad de los que les gobiernan, desde la alcaldía del pueblo a lo más alto del poder, con un presidente del Senado, por ejemplo, viajando en un avión oficial, a cargo de los contribuyentes, para hacerse un trasplante de pelo. Y explican: "Lo sabemos muy bien, pero siempre fue así". Y preguntan: "¿y es que otros lo harían diferente y mejor?", recordando que fueron siempre engañados por todos. La Historia les ha enseñado en efecto que los poderosos siempre usaron y abusaron de su poder para provecho propio.

Pero enseguida miran alrededor y ven aparcado a la puerta de su casa el cochecito que siempre vieron como un sueño prohibido para ellos, o a su mujer disfrutando de la novela en un televisor que han podido comprar a crédito y que hasta es igual a la de su patrón, o ven con orgullo a la hija frecuentando una facultad online, aunque siga limpiando casas.

¿Creen que eso les basta? Saben muy bien que no; y a su modo seguirán luchando para que el horno de pan siga encendido y puedan seguir comiendo cada vez mejor, hasta yogur, que era un sueño prohibido como el jamón de mi infancia.

Y, por el momento, a la espera de que esa corriente de mejoría que se ha inaugurado siga su curso, ponen en juego la sabiduría de sus antepasados de que es mejor no pedir lo imposible para no caer en la trampa de perder lo posible. Es un *jeito* de actuar.

Los brasileños no parecen inclinados a revoluciones radicales y violentas, quizás porque una experiencia de siglos y de pueblos vecinos les han enseñado que, al final, los poderosos salen siempre más fuertes y ellos, más pobres y humillados.

Por primera vez en un sondeo nacional ha aparecido una cifra casi cabalística que trae de cabeza a los políticos: el 66% de los ciudadanos pide cambios, pero al mismo tiempo, la persona que está en el poder dirigiendo los destinos de la nación, la presidenta Dilma Rousseff, aparece como favorita absoluta en las elecciones, mientras que la oposición, la que podría hipotéticamente cambiar la situación y hacer esos cambios, no crece ni es, por el momento, objeto de grandes ilusiones.

Es como si dijeran: queremos más, lo queremos mejor, pero preferimos que las cosas no se quiebren del todo, que vayan mejorando con seguridad. Que haya cambios, pero que los hagan los que ya nos han empezado a dar pan caliente y algunas de las cosas que siempre enviábamos a los ricos.

Por eso, ni siquiera en las inesperadas protestas de junio, los brasileños exigieron una revolución, ni un cambio de régimen político, ni una nueva Constitución. Pidieron solo mayor respeto por sus derechos y una distribución más justa de esas riquezas que un país como Brasil posee de modo privilegiado y que serían suficientes para que todos pudieran vivir en una casa digna que las primeras lluvias no arrastren como si fuera papel de fumar; para poder moverse en unos transportes públicos que no parezcan más para transportar ganado que personas; o que sus hijos puedan estudiar en escuelas que no se clasifiquen entre las peores del mundo, o poder curarse en hospitales decentes y sin meses de espera, hoy privilegio de unos pocos.

¿De goma? ¿Incapaces de indignarse, como yo mismo llegué a escribir en este diario? Un día la historia nos descubrirá que los brasileños, en su aparente incapacidad para reaccionar ante la corrupción y la injusticia, lo que revelan es una gran capacidad de sabiduría y pragmatismo.

Una sabiduría, sin embargo, que los responsables políticos, los que hoy usan y abusan tantas veces de la paciencia de los ciudadanos, deben tratar con respeto, ya que de lo contrario podría revelarse un volcán que creían definitivamente apagado cuando en verdad estaba en erupción. Y como alguien escribió hace siglos, nada es más peligroso y revolucionario que "la ira de los mansos".

Y junio vuelve a estar ahí a la esquina. Y las calles podrían de nuevo llenarse de descontentos. Y esta vez, si ocurriera, quizás no veamos ya el eslogan que recorrió el mundo y que decía: "Éramos infelices felices y no lo sabíamos". Hoy, los sabios y jeitosos brasileños saben que les falta aún mucho para ser verdaderamente felices y ciudadanos de primera categoría. Por eso, no les bastará con ganar la Copa. Quieren poder jugar y ganar con otros balones y en otros estadios. Y lo quieren hacer de otro jeito, exigiendo lo que de verdad les pertenece y el poder les ha ido sistemáticamente negando.

ANEXO I – The Guardian 10 jun. 2014

Brazil braces for uneasy start to World Cup as strikers' protests hit São Paulo

Teargas fired by police at transport workers as mood about hosting tournament remains sour among many

- [Brazil's anti-World Cup street art – in pictures](#)
- [What is the mood in Brazil ahead of the world cup?](#)

Jonathan Watts in Rio de Janeiro
The Guardian, Tuesday 10 June 2014

 [Jump to comments \(492\)](#)



Demonstrators run from teargas fired by police on the fifth day of a subway strike in São Paulo, which will host the first World Cup match. Photograph: Reuters

[+ Contribute to this article](#)

guardianwitness

powered
by EE 

Less than four days before it hosts the opening game of the World Cup, São Paulo became the scene of protests, street fires and teargas on Monday as striking subway workers brought chaos to the city.

The strike – which disrupted half the metro stations and worsened traffic in South America's most populous city – was the latest headache for organisers as national teams from the United States, Spain and Argentina flew in for the start of the tournament on Thursday.

Security is also a major concern, particularly in Rio de Janeiro – the base of the England team – following a recent flare-up of unrest in the city's favelas. Players from Roy Hodgson's England squad were due to visit Roçinha, the nearest shanty town to their hotel, on Monday night as part of an outreach programme.

On Monday night the subway workers' unions announced the strike was being suspended for two days, with a vote to be held to decide whether it would resume on Thursday, when the tournament's first match is due to be played in São Paulo.

Excitement about the tournament is steadily building among the Brazilian public – evident in the growing number of flags in windows and bunting on the streets – but many Brazilians are still uneasy about the \$11bn (£6.5bn) costs of hosting the tournament and associate the [World Cup](#) with corruption, inefficiency, evictions and misplaced priorities.

Opponents have launched anti-Fifa campaigns on social networks, trade unions have organised strikes and activists have mounted protests in city centres and close to the 12 World Cup stadiums – several of which are still the focus of frantic last-minute construction work.

Although the demonstrations are far smaller than [last June's protests of more than a million people](#), they continue to rattle the government.

The Brazilian president, Dilma Rousseff, who faces re-election in October, has declared security to be a priority, suggesting unnamed forces are conspiring against her.

"Today, there is a systematic campaign against the World Cup – or rather, it is not against the World Cup but rather a systematic campaign against us," the president said during a speech in the host city of Porto Alegre at the weekend.

Trade union leaders feel the imminent start of the tournament will strengthen their hand against a government that will not want to be embarrassed by disruptions when the eyes of the world are on the country.

Subway workers in São Paulo on Monday went into the fifth day of a strike for a 12% wage increase. Station closures forced commuters on to the road and led to 125 miles of traffic jams last week – the worst congestion of the year.



Anti-World Cup graffiti on a building near São Paulo's Arena Corinthians, which was marched on by about 10,000 activists. Photograph: Mario Tama/Getty

Their protest was being supported by activists from the Landless Workers' Movement, who blocked roads and occupied a station in the centre of the city until they were dispersed by riot police using percussion grenades.

The union president, Altino Melo dos Prazeres, said the tough response from the authorities could lead to a further escalation. "If the beating continues we are going to talk to all the sectors. If our people bleed we are going to ask for help from the metalworkers, from the bank workers, and have a day of general strike at the opening of the cup," he said.

The industrial action followed a march last week by about 10,000 activists on the Arena Corinthians, which will host the opening match between [Brazil](#) and Croatia. Earlier in the month indigenous protesters in the capital, Brasilia, fired arrows at police during a standoff over land rights.

The Brazilian team has also come under pressure. Last month their bus was attacked by demonstrators; last week the team was booed by sections of the crowd during a drab warm-up game against Serbia.

The government insists it will be able to maintain security during the event. Almost 100,000 police and 57,000 troops will be deployed to protect stadium perimeters, team hotels and training areas, in addition to the private security inside the grounds.

With 500,000 foreign fans now starting to arrive, another challenge will be to countering street crime. Police in Rio are several years into a long-term pacification programme to reassert control over favelas that were long the domain of armed gangsters, but the policy has shown signs of unravelling in recent months following several high-profile cases of police brutality.

Last year thousands of residents from Rocinha took to the streets to protest about the disappearance of [Amarildo de Souza](#), a bricklayer who was last seen at police headquarters being interrogated with electric shocks and asphyxiation.

Ten officers were subsequently arrested, but this case – and several others since then – have added to a sense of anger among many favela residents about the brutal actions of police in trying to "pacify" their communities in time for the World Cup.

- This article was amended on 10 June 2014 to correct the spelling of Rocinha.

ANEXO J– The Guardian 11 jun. 2014

World Cup 2014: ready or not, it is Brazil's time to show the world

Tournament in football-obsessed nation has potential to be both the greatest and the worst in the history of the sport

Jonathan Watts in Rio de Janeiro
The Guardian, Wednesday 11 June 2014 21.02 BST

 [Jump to comments \(234\)](#)



Fifa has declared all 12 venues ready and once the football starts, it will hope attention shifts to the pitch rather than the streets. Photograph: Paul Hanna/Reuters

The countdown clocks have clicked down towards zero. The air force is on alert. Navy frigates patrol the coastline and an army of 147,000 police and soldiers has been mobilised. Roads usually choked with traffic are emptying of cars. Schools have been closed. Offices are finishing early. Hundreds of millions of TV sets are being tuned in to the same event.

By 5pm on Thursday, [Brazil](#) should finally be ready for the moment this football-obsessed nation has been dreaming of – and dreading – for the past seven years: the kickoff of the [World Cup](#) finals.

The biggest, costliest and arguably most controversial tournament in the sport's history will get under way at the Itaquerao stadium with a star-studded ceremony and a match between the host nation and Croatia.

But all is not well in the global football family. Parting with protocol, the host president, Dilma Rousseff, and [Fifa](#) head, [Sepp Blatter](#), will not give a speech because they fear a repeat of last year's Confederations Cup opening when their words were drowned out by jeers and whistles.

While Pitbull, Claudia Leitte and Jennifer Lopez perform the official song, We are One, demonstrators on the streets are planning to chant a discordant message about inequality, forced evictions and overspending on the \$11.5bn event.

And as Neymar, Paulinho, Hulk, Fred and their compatriots file through the stadium tunnel in São Paulo, workers in other host cities are still wrestling with the final touches on construction projects that are chronically late, over budget and fatally ill managed. Fifa, though, has declared all 12 venues ready and once the football starts, it will hope that attention shifts to the pitch rather than the streets.

This tournament has the potential to be both the greatest and the worst in the history of the sport. Brazil is arguably the most football-obsessed nation on Earth, with the most successful record in World Cup history and a reputation as a party capital. But this tournament is more than usually heavy with political significance, coming as it does in the midst of a crisis of confidence in the way that both Brazil and global football are run.

Earlier this week, Blatter came under attack at the Fifa congress for presiding over an organisation mired in corruption scandals, deeply unpopular with the global public and struggling to explain how Qatar was awarded the 2022 tournament – a decision that the president now acknowledges was a "mistake". The host nation too is deep in a funk that shows no sign of abating, even as Rousseff prepares for a re-election bid in October. The economy is in the doldrums, opinion polls suggest 72% of the electorate is dissatisfied with the government, and the authorities have failed to mollify a protest movement that brought more than a million people on to the streets during the Confederations Cup.

"There has never been a World Cup so important in Brazil's history," said Euclides de Freitas Couto, professor of social sciences at the Federal University of São João del-Rei-Brasil. "The extensive politicisation of the tournament has triggered a popular backlash against the football team. This is unheard of."

Recent protests have been far smaller than the million-plus crowds that marched in 50 cities last year, but some have been violent and disruptive. Earlier this week, São Paulo was the scene of teargas volleys, street fires and dire traffic congestion during a subway workers' strike that was timed to embarrass the authorities into concessions before the World Cup.

Graffiti in many cities asks "*Copa pra quem?*" ("Who is this cup for?") and several giant murals have appeared in recent weeks depicting the suffering caused by the tournament. At least [three groups of protesters](#) are calling for a new round of anti-World Cup demonstrations on Thursday. One planned for Copacabana beach is publicised by the image of black-masked protesters holding a banner reading "[Fifa Killers Fuck Off. Long Live Favela Riots](#)".

Rousseff has hinted darkly at a pre-election conspiracy against her. To ensure minimal disruption, the authorities will mount an \$850m operation to guard the perimeters of the stadiums and ensure the safety of the teams. The World Cup is now considered so perilous and important that the air force will send 24 Super Tucano counter-insurgency planes, three radar aircraft and 11 helicopters to ward off any threat from the skies. Navy vessels are patrolling the coast – part of a deployment of four frigates, one corvette, 21 launches and 13,000 personnel mobilised to defend the tournament. Wars have been fought with smaller displays of force.

But this is only a fraction of the outlay on this World Cup. Spending so far is estimated at \$11.5bn – a sum bigger than the GDP of a quarter of the world's countries. Most of that money has been poured into concrete and steel – new and upgraded stadiums and transport infrastructure. The government promised no public money would be used to build arenas, but close to \$3bn ended up coming from the taxpayer's purse after delays and overspending prompted government intervention.

Odebrecht – the biggest construction firm in Brazil and a major contributor to Rousseff's Workers party – looks to be among the major financial beneficiaries of the tournament. Fifa is also expecting a boost, with \$4bn income from ticket sales, sponsorship and broadcasting rights. At Fifa's insistence, this will be tax exempt. Brazil's inland revenue estimates the loss to government coffers at about \$242million, even as host cities fall deeper into debt to pay for stadiums and infrastructure.

Anti-poverty activists are now campaigning to ensure that this is the last World Cup where Fifa can shift so much of the burden on to the host nation.

"This is a clear example of how the eradication of poverty and inequality is a political decision. The World Cup tax exemptions hinder the achievement of a successful future for Latin America and the Caribbean," said Christian Aid.

Even now, builders are labouring to finish the external areas at several sites and the Itaquerão stadium was so late that it has yet to stage a full-scale test event. The opening match will be the first time the venue will be used to its full 61,606 capacity. At the Arena Amazonia, where England will play their opening game against Italy on Saturday, workers are still asphaltting the ground outside the stadium, fitting doors and fixing power cables in the changing room. [The newly laid pitch is already showing signs of degradation.](#)

But despite these concerns, excitement is building. An influx of visiting fans and players has injected a much needed buzz to the host nation. Foreign languages are increasingly heard in the bars of Rio, pasty skin is more evident on the beach, and a cosmopolitan festival vibe is descending on the streets. More Brazilian flags are appearing in windows and on cars, though not nearly as many as during previous World Cups.

First-timers at the tournament are impressed. "It's just starting to hit home this week. Come to the country and you start to feel the buzz. It's increasing each day," said the England midfielder Adam Lallana on a visit to the Rocinha favela.

Brazil's mood-making football columnist Juca Kfoury entered into the spirit with a piece headed [Butterflies in my stomach](#). "As the games approach, on the eve of each of them, we're overtaken by qualms, the exaggerated respect, the risk of embarrassment, the fear of pain, of humiliation. That is inevitable," he writes.

Much will now depend on the home team's performance. A victory in the opening match could further lift spirits. If – one month and 64 games from now – Brazil can emerge as victors, this tournament may yet be seen as a success. But the alternative could lead to more than just disappointment, according to Marcos Guterman, author of *Football Explains Brazil*.

"If Brazil gets eliminated from the tournament before the final, I predict big problems," he says. "The World Cup is a measurement of our capacity, on and off the field. For years everyone's been saying, 'We're going to give the cup of cups and that this will show we're capable,' but now that the cup is actually happening, there have been so many problems in the planning – so many delays, promised projects not happening, public transportation works that haven't even started, incomplete stadiums – if Brazil does not make it to the final I have no doubt that all these problems will be exacerbated. They will seem much worse."

Diogo Barbosa, a fan in Rio, said: "I will watch the games and I will support my team, but there are more important things to watch – like the course the protests will take, the image Brazil will leave, and whether the effect of hosting will be positive for Brazil ... If you mix up everything that's happened, it's likely that Brazil will grow from this situation, if not in money, [then] in spirit."

Another fan, Michel Silva, said: "I'm not so excited, not like I was for the cup in 2002. I hope the team does well, but I don't agree with the high investments that the federal government made in the stadiums. Brazil has a huge deficit in the areas of healthcare, education and urban transport." But there is excitement too: "We've got a well-oiled team, the stadiums are ready and urban transport is good. It's just joyous," said a fan, Silas Lima.

Joyce Rocha, a football player, said: "People are less excited this year because of what's happening in the country, but Brazil has always been like this. With or without the Cup, education and health care has always been terrible because the politicians put all the money in their own pockets. But I'm going to support our team with the same force as always. What else can we do but cheer?" Geography teacher Wesley Lima Rios said and his seven-months pregnant wife will drive three hours to see a match. "It's a once-in-a-lifetime opportunity," he said. "People were a bit wary due to the negative campaign that has been done against the Cup, mainly in the mainstream media ... But the perception is starting to change on the eve of the Cup. Now it is getting going."

Veteran fans acknowledge how fickle support has been in the past. Thiago Santos, 77, remembers the misery of Brazil's defeat in the 1950 final at the Maracanã and the unease that many felt about supporting the 1970 team during the dictatorship. But he said moods change along with results. "We always live in a crisis, but the football comes along and we forget everything."

Additional reporting by Anna Kaiser

ANEXO K– The Guardian 13 jul. 2014

Brazil proves perfect host to inspire soul-stirring World Cup feast

Tournament brought home football's ability to unite and Brazil delivered on its promises, but only time will tell if \$13.5bn of public funds was money well spent

Owen Gibson in Rio de Janeiro
The Guardian, Sunday 13 July 2014 14.03 BST

 Jump to comments (235)



Huge tribes of American "Outlaws", Colombians, above, Costa Ricans, Uruguayans, Mexicans and – most visibly – Argentinians went away with a better understanding of Brazil and it of them. Photograph: Gabriel Rossi/Getty Images

As the sound of helicopters and the tang of teargas filled the air on the first day of a World Cup that had proved more divisive among its own people than any other, initial signs in Brazil were not promising. Inside the security cordon at the barely finished Arena Corinthians, President Dilma Rousseff had promised a "*Copa das Copas*" – the Cup of Cups.

She left with obscene chants ringing in her ears as the national team needed the help of the referee to deliver an unconvincing victory. But four weeks on, it is hard to argue Brazil has not delivered, even if Luiz Felipe Scolari's emotional side ultimately came off the rails in spectacular fashion.

By the eve of the final the atmosphere was very different. Tens of thousands of Argentinians mingled with Brazilians and international fans on Copacabana, drinking, dancing and singing. Families in Brazil shirts waved Germany flags and makeshift bars sold endless beers and caipirinhas.

"We showed that our people know how to have good interaction not only among ourselves but with the foreigners that we received," said Rousseff on the eve of the final. "We competently maintained peace and order, as well as having good airport administration, among other successes."

Rousseff, desperate for a successful tournament to boost her re-election chances in October, added: "We've eliminated the doubts of all who didn't believe in us."

She was right: Brazil was an intoxicating and welcoming but not unquestioning host, providing the platform for a soul-stirring football feast. Fears of transport chaos and operational dysfunction were unfounded.

But she was also wrong: the argument over whether \$13.5bn of public money invested in the tournament was well spent in a country with many other pressing needs will continue long after the Fifa circus has left town. That is particularly the case in places such as the Amazonian jungle destination of Manaus or the coastal city of Natal where new stadiums have no obvious sustainable use.

Across the vast country, road, rail and infrastructure projects that formed part of the rationale for holding the tournament in the first place lie unfinished.

How and why a tournament that was seven years in the planning was delivered with indecent haste is worthy of further debate, as are the evictions in host cities that displaced families in the name of progress. The collapse of an overpass in Belo Horizonte, killing two people, was a reminder of the human cost of a last-minute construction dash that also cost the lives of eight workers battling to get the stadiums finished in time.

But judged on its own terms, Brazil delivered. The stadiums were finished and full. As is so often the case with increasingly overblown "mega events", the unpaid volunteers recruited to deal with the public smoothed over many cracks.

Fans actually revelled in some of the rough edges. The ongoing attempt to ensure a cookie-cutter experience for sponsors and hospitality guests has robbed the World Cup of its charm over decades.

But probably scared of a possible backlash, the branding from sponsors felt less overt here and the policing of Fifa's "rights" less draconian than at previous tournaments. For many, the so-called "fan fests" remain airless experiences.

But the millions packing them under sunny skies in often stunning locations did not seem to care. And at least they offered those unable to afford the often eye-watering ticket prices an opportunity to grab their slice of the (heavily sponsored) World Cup experience.

For the sponsors bounced into registering their concern over the corruption allegations washing over Fifa before the World Cup, it was largely business as usual.

And as is always the case with World Cups, particularly those blessed with a country with as many natural advantages as Brazil, it was the people who made the atmosphere and the football that dictated the mood.

Argentinian camper vans parked up along Copacabana, Chilean chants filled the night sky in São Paulo, Mexicans flooded into Fortaleza and Costa Ricans set up camp in Salvador.

Rio was the melting pot for fans from around the world. If Germany in 2006 felt like a good-natured, beer-drenched gathering of the European clans then Brazil was its equivalent for South and Central America.

The night that Colombia beat Uruguay and Brazil squeezed past Chile the streets of Rio became a huge impromptu party. In the northern coastal cities of Fortaleza and Salvador, there was an abandon sometimes absent in the vast megalopolis of São Paulo.

Huge tribes of American "Outlaws", Colombians, Costa Ricans, Uruguayans, Mexicans and – most visibly – Argentinians slept on the beaches, on benches, in hostels and upmarket hotels. They all went away with a better understanding of the country and it of them. Whatever their underlying reservations about Fifa and their government, Brazilians welcomed them all with open arms.

While stadiums were full, the occupants of the seats excited much debate. The Brazilians filling the seats were almost exclusively white and well off. A poll taken at Brazil's narrow victory over Chile by the *Folha de S Paulo* newspaper found that 67% of fans were white in a country where more than half the population describe themselves as black or mixed race. Nine out of 10 came from Brazil's top economic classes.

That is a pattern repeated at every major sporting event around the world. But if Fifa is to make a virtue of taking its flagship event to new, fast-developing markets that have huge disparities between rich and poor, surely it is duty-bound to find better ways of allowing more people to experience the event they are ultimately paying for?

Underpinning it all was an organising committee and a government desperate to pull off the first of two "mega events" in the space of two years and paddling furiously beneath the water. Holding a World Cup and an Olympics back to back is unprecedented. Attempting to do so in a country like Brazil, with its three layers of government and endemic corruption issues and social problems, is bound to create tension.

This vast, complex, engaging country is well capable of separating arguments about public-spending priorities from its attachment to the *Seleção* and the welcome it affords overseas visitors.

The Fifa president, Sepp Blatter, wisely kept his head down throughout and desperately hoped the dogged police investigation into a \$100m ticket-touting ring would not spiral into a major embarrassment.

It can sometimes feel like there are two Fifas. One was on show the week before the tournament, when the discredited and dysfunctional executive committee sat onstage at Fifa's Congress as corruption claims besieged the walls of a São Paulo conference centre. The other is the army of highly efficient staff who make sure the tournament runs smoothly. The way they keep things running on the ground and package the World Cup for global consumption is impressive.

swooping in and creating a slick, temporary bubble in which the World Cup takes place. But it then gathers up its \$4bn in revenues from each World Cup cycle and moves on. The host country is left counting up its white-elephant stadiums and counting the cost of the event.

The mass protests that occurred during the Confederations Cup were not repeated. That was partly because the wider population put their concerns aside and resolved to enjoy the party.

But it was also because public areas were flooded with police and the military and because a range of worrying tactics were used to suppress protest.

Human rights groups registered concern that protest organisers and lawyers had been arrested and intimidated, while those who did manage to protest often found themselves facing heavy-handed policing involving the use of rubber bullets and teargas.

Public feelings towards the World Cup were bound up in underlying concerns about government corruption, the level of investment in public services and the quality of healthcare and education.

But they were also bound up in distaste, fermented over many years, not only for Fifa but for the men who run the sport in Brazil. The hope is that defeat to Germany will act as a long-overdue catalyst for change.

It is not too melodramatic to say that the action on the pitch has rescued the World Cup as we know it, and perhaps even international football itself.

But Fifa and the Brazilian authorities should not be allowed to get away with using it to whitewash their deeper issues. This World Cup's greatest legacy might be a wider movement behind the message scrawled on walls throughout Brazil: love football, hate Fifa. And, by extension, much of the corporate machinery that surrounds modern football.

Paradoxically, given the big business around it and the political questions that framed it, this felt like a World Cup that brought home football's ability to unite and to provide moments of unexpected, unalloyed joy. For that, Brazil deserves eternal thanks.

ANEXO L– The Guardian 31 maio 2014

 [sign in](#)

[join us](#)

 [search](#)

[jobs](#) [soulmates](#) [more](#) [edition: UK](#)

theguardian

[home](#)

[UK](#)

[world](#)

[sport](#)

[football](#)

[comment](#)

[culture](#)

[economy](#)

[life](#)

[fashion](#)

[environment](#)

[tech](#)

[money](#)

[travel](#)
all

[home](#)

[football](#)

[live scores](#)

[tables](#)

[competitions](#)

[results](#)

[fixtures](#)

[clubs](#)

football
World Cup special

Brazil: the world at their feet

For Brazilians, football can mean salvation. It can also mean violence and corruption. Will the World Cup unite a nation? Jonathan Watts hits the road to find out. Photography by Mathias Braschler and Monika Fischer

[Click here to see more photographs, and find out more about the story behind them](#)



Photograph by Mathias Braschler and Monika Fischer

Jonathan Watts

Saturday 31 May 2014 09.00 BST



When the crack addictions, robberies and begging started to get out of hand among the swamp dwellers of Recife, Josemir Pedro da Silva says he received a vision from God to build a football pitch. The evangelical pastor knew he faced an almighty task. There was no space among the mangroves. The ground was usually flooded during high tides and local people from one of the poorest communities in [Brazil](#) would not be easy to entice down from their stilted homes to clear the land.

Yet that is what they did - ignoring the bites of the swamp flies to uproot the mangrove trees one by one, erect goalposts and build a dam. The result may be the most water-logged pitch on Earth, inundated for most of the month (the dam failed) by knee-high, brackish water; but children still manage keep-ups, volleys and overhead kicks, landing with a splash that sends crabs and shards of reflected sunlight scattering in all directions.



Video produced by Mathias Braschle, Monika Fischer and Jonathan Watts. Interpretation by Karina Vieira. To watch more videos in this series please [click here](#)

"Football was the only way we found to take kids away from drugs," says Da Silva as children at his Saber Viver (Know How to Live) football school giggle at his anecdotes. "I want them to play football as much as possible and keep their minds busy."

There are only a few dozen miles from the swamp to the new 530m reas (£142m) [Arena Pernambuco](#) World Cup

stadium, but the two pitches are so different they might as well be on separate planets. Both, however, serve to distract, unify and paper over bigger problems. When the planet's premier football tournament kicks off on 12 June, all the attention will be on the millionaire Galácticos, globe-trotting Fifa executives and the multinational corporations that sponsor the event. For weeks, media organisations have been bombarding viewers with images of beach resorts and carnival dancers. Headlines are declaring Brazil the home of Samba football and the jogo bonito (beautiful game). But in Recife's swamp, there is a very different mood.

"We see so many needy people going hungry here. We need hospitals. Kids need better schools. These new stadiums benefited people with money at the expense of poor communities," Da Silva said.

I met Da Silva during an 11,000km reporting trip across the football pitches of Brazil. In the company of two Swiss photographers, Mathias Braschler and Monika Fischer, we passed through 10 [World Cup](#) host cities, the Amazon, the Pampas, the Sertão and the Cerrado, stopping only to eat, sleep, photograph and talk to the players and fans we met along the way.

It was a squeeze. Not only were we trying to cram as much of the country into a month as possible, we were pushing the capacity of a rented Fiat Doblo to the max by jamming in the two photographers, their two-year-old son, Elias, a Brazilian producer, a translator, and this lanky writer as well as a trunkful of cameras, lights, battery packs, tripods, video and audio equipment.



Pedro Luna, Santa Cruz fan known as Tricolor Jesus, Recife.
Photograph by Mathias Braschler and Monika Fischer

Most travel websites advise against driving in Brazil due to the poor state of the roads, low safety standards (more than 40,000 people die in motoring accidents each year), vast distances, dire signage and speed bumps that are often unmarked and arrive with a thud that feels more like a collision with a tank trap. But the bigger peril was misinterpreting a game that arguably means more to [Brazil](#) than any other country.

Our journey started in Rio de Janeiro, the resort that is largely responsible for the world's image of happy Samba football. But views of football depend on where you live. Few places in the world allow the poor to look down on the rich, but here, the inverse relationship between altitude and wealth has long been a fact of life. Favela shanty towns are perched high above the upmarket resorts of Ipanema, Leblon and Copacabana; as well as enjoying vastly superior panoramas, some residents also claim a loftier appreciation of football.

Looking at the beaches and resort hotels below, Paulo Cezar Bento, a physical instruction teacher in the Vidigal favela, describes the "them and us" differences in striking terms. "People here see salvation in football. Down there, it's just leisure," he says. "Football is very important in this community. It's the biggest tool for integration. It's an escape valve. People try to get together in the church and they can't. People try to get together in politics and they can't. But football is like cement."

Cypa - as Bento is better known - played professionally for a while and now coaches local kids. He feels distant from the tournament. "The World Cup is not for us. It's for foreigners," he says. "I don't think anyone here in Vidigal has a ticket to watch a match." We hear similar sentiments at our next stop, São Paulo - the biggest city in Latin America.



Video produced by Mathias Braschle, Monika Fischer and Jonathan Watts. Interpretation by Karina Vieira. To watch more videos in this series please [click here](#)

From there, we head south into the countryside where the mega-highways give way first to single-lane roads through rolling hills and then, steeper slopes of eucalyptus plantations. Shortly before dusk, on the road to Apiaí, we come across a group of teenagers kicking a ball through thick mud amid a small community of rundown wooden shacks. The children crowd around, laughing, and launch into that global substitute for conversation - name-checking famous players: Neymar, Lionel Messi, Cristiano Ronaldo, Frank Lampard. It becomes a game as we trade ever less globally recognised celebrities. One boy is able to name almost the entire England team. When I ask which nation will win, they erupt into chants: "Brazil, Brazil, [Brazil](#)."

Locals apologise for their miserable living conditions. One family of two adults and nine children are crammed into a small two-bedroom home that is flooded three or four times a year. "We decided to move our home so the kids could have a football pitch," said the father, José Bueno dos Santos. "The whole community helped. All the kids wanted it and kids are worth more than gold." It is not the last time we hear stories of immense sacrifice for football. One poor family in Paraná tell us they invest more in football classes and new boots for their sons than in education. Others quit school early so they can concentrate on football. Despite this, the chances of success are as minuscule as winning the lottery. Of the estimated 30 million football players in Brazil, only 30,700 are professionals. Even among this much-envied group, a staggering 82% earn only the minimum wage of 724 reais (£195) per month.

And however poorly paid, players are expected to live up to the expectations of fans. This can be dangerous. The country's passion for football is indisputable, but it can get out of hand, particularly in the domestic leagues. Players feel so intimidated they have threatened to strike. Referees have been killed by irate fans and officials in many places have to be escorted off the pitch by guards.

In Curitiba, we came across the drinking den of the "Os Fanáticos", as we scouted the city's World Cup stadium. With its wall-sized mural of a skull and crossbones and the slogan "Atlético Até a Morte" (Atlético Until Death), it was impossible not to notice the bar, which is the base of the torcedores organizados - or supporters' club - of Atlético Paranaense. Fans stand outside drinking beer and smoking marijuana. They are engagingly friendly.



João Marcos Santana Melo, 22, cable TV technician, Ondina, Salvador.

Photograph by Mathias Braschler and Monika Fischer

The mood was very different last December. Two days after the World Cup draw, Atlético fans clashed with supporters of a visiting team, Vasco da Gama, and the violence spread across the stands and then the pitch, forcing the game to be halted. One fanático was so badly injured he had to be airlifted from the field by helicopter.

"He was so traumatised by the experience that he no longer goes to games," said his friend Valmir Xavier. "It's sad for Brazil. We are a football nation, but the fighting among fans is getting worse."

Yet despite the passion so many expressed for the game, we found it surprisingly hard to find people playing. On our first day out of São Paulo, we felt we might have just been unlucky. Then, we attributed the absence of footballers to the fact that it was a week day. But when Saturday came and we found players on only three of the 20 pitches we saw along the road, we began to ask what was going on.

"I don't play. Nobody plays any more. All the pitches are abandoned," said one young boy on the road between Balsa Nova and Lapa. The next person we approached outside a nearby church said it was a generation shift. "The old guys used to play but their children aren't interested." Others blamed the internet, computer games and TV. Certainly, it sometimes felt that the reality of football in today's Brazil is not so much the dynamic, beautiful game as the passive consumer experience: people soak up the action on flat-screen TVs in bars and on sofas, in between commercial breaks for beer and petrol. No matter where or what time of day we stopped at a service station, there always seemed to be a screen showing a live match. The commentary formed a steady background track to the hubbub of conversation among the drivers.



Luiz Carlos Beskow, 60, Rio Grande do Sul.
Photograph by Mathias Braschler and Monika Fischer

As we travelled south, the vistas along the road changed and so did the appearance of the people we met. From 1,000-metre-high forested ridges, the altitude dropped to the rolling hills of Paraná and then finally down to the Pampas flatlands close to the border with Uruguay. The further south we went, the whiter the ethnic mix. Located close to Porto Alegre (another World Cup host city) this southernmost area was largely settled

by poor European migrants. Their descendants have kept alive the traditions - and sometimes even the languages - of their German, Polish, Italian and Russian forebears for several generations. The gaúchos of Rio Grande do Sul have a fiercely independent spirit. Some, like Luiz Carlos Beskow, feel more loyalty to their ancestors' homelands than to their own - a sentiment that colours their support during the World Cup. "Since I am of German descent like many other gaúchos, I will root for Germany," he said.

It is no easy task to unite a nation as big, diverse and young as Brazil. After the dictatorship era (which ended in 1985), schools gradually stopped requiring students to swear an oath of allegiance. Many liberals feel uneasy about waving the flag outside World Cup years. But the Seleção (national team) remains a rallying point, and an informal means of assimilation for outsiders and for those who lived in Brazil long before the settlers started to arrive. Nowhere is this more dramatically illustrated than in the Amazon.

After an onslaught of guns, viruses and land grabs for the past 400 years, less than one in 200 of Brazil's population is indigenous. Most of the surviving tribes live in the world's biggest forest in the north, but the pressure on them to enter modern society is ever harder to resist. Football comes as part of the incentive package.

One group - the Sateré-Mawé - are particularly besotted with the game. Based about an hour's motor-canoe ride outside of Manaus, their chief Awyató (Jaguar) has claimed his tribe is the most football-loving ethnic group in the region. There are several pitches in their community and local players send teams to Manaus tournaments - an attempt, says Awyató, to challenge prejudices.



Awyató (Jaguar), 41, chief of the Sateré-Mawés indigenous group, Amazon.
 Photograph by Mathias Braschler and Monika Fischer

"Football is an opportunity for us Indians to show that we're also capable of organising a team," he says. "It's also good in terms of social work, as we show kids this sport and try to take them out of the world of drugs and alcohol that has affected our community so much."

The sport took off among community members when they were relocated to Manaus. It was a difficult transition, Awyató recalled, and football was a welcome distraction. There are now inter-tribal tournaments at which the winning prize can be an ox, a pig or crates of chickens. Players also participate in the huge "peladão" scratch football tournaments in Manaus, where teams progress not just on their performance on the pitch, but on the fortunes of the woman they partner with in the parallel Peladão Queen beauty contest.



Brenda Carioca Pontes, Peladão Queen, 19, Manaus.
 Photograph by Mathias Braschler and Monika Fischer

The Arena da Amazonia stadium has been designed in the shape of an indigenous basket in a supposed show of respect to Indian culture, but the community have been denied permission to sell their handicrafts at the venue. "They're exploiting us... The government puts indigenous images on the walls as if everyone is included. But in reality, we're not," Awyató says.

Our next leg of the journey is from Salvador, through Alagoas, to Pernambuco and Natal - the north-east region where slaves once toiled in the sugar cane fields. To address the continued poverty of the area, the government has upped investment in development projects, including a number of World Cup stadiums - though it is far from clear the benefits are going where intended.

As we drive through this flatter, hotter landscape, the infrastructure upgrades are apparent in new highways and bridges in Alagoas, and a giant port development project called Suape in Pernambuco. But judging by the many heavily loaded lorries full of sugar cane on the roads, the plantations remain a mainstay of the local economy.

We stop at a beachfront in Recife, one of Brazil's five biggest cities and another World Cup host. This is a cultural centre, famous for writers, film-makers and the sounds of the maracatu, cavalo-marinho and frevo. During carnival, its hedonists put on some of the wildest parties in the nation. Levels of violence, crack addiction and crime are also staggeringly high.

Local teams such as Santa Cruz may be in low divisions, but the fervour of their fans is unmatched. Unlike in the south, it is also easy to find people playing by the roadside. Our objective, though, is one of the less accessible pitches in the country: the exercise ground of the massive Curado prison complex.



This dusty pitch is surrounded by high walls, barbed wire and watchtowers. Almost all of the players are bare-chested and heavily tattooed with symbols of affiliation to different gangs, girlfriends and football clubs. Rival gangs form rival teams and bet on the result with soft drinks or cigarettes.

The games are intense - tackles flying in hard and fast as the ball is punted and dribbled back and forth, often with great skill. One goalkeeper - a convicted murderer serving 16 years - has only one eye because the other was lost in a shooting. "If they'd let us, we'd play all day long, from early morning until they close the cell block," says Barbeiro, a football fanatic who is two-and-a-half years into his sentence for drug trafficking and homicide. "It's a way of forgetting about my problems." The Curado is known as one of the worst prisons in Brazil. There have been numerous riots over the years and many deaths, but both prisoners and guards say the violence would be worse without football.

My last day on the road takes me through the Cerrado on the road from the capital Brasília to Belo Horizonte. Compared with the congestion of Rio and São Paulo, the winding mountain roads of the south and the uneven, dusty tracks of the north-east, the drive is a breeze. An hour before dusk, we see children having a kickaround on a plot of unused land in Cristalina. Their bikes are thrown to the ground and flip-flops scattered where they have been kicked off. A battered ball is belted past a waist-high goal made of rusty iron strips, across the sun-baked mud and into the long grass on the wing. It is then hunted down with joyful intensity by two opposing packs of neighbourhood friends. Some are fast, others slow. There are young and old, fat and thin, black and white and everything in between.

"There's all types here - even people I've never seen before," says Luis dos Santos, 20. "They just show up and we make teams," he says. "We have to be a bit extra careful with the young ones so they don't get hurt." All of them are driven by the same, unimportant goals - to score, sometimes to win, but most of all, simply to play.

Additional reporting by Karina Vieira

ANEXO M – The Guardian 11 jun. 2013

A year until the 2014 World Cup begins and Brazil's unease is growing

Across the host nation's heartlands there is little love for tournament due to high ticket prices and low politics



Jonathan Watts in Recife
The Guardian, Tuesday 11 June 2013 23:00 BST
[Jump to comments \(206\)](#)



Jesus Tricolor, one of Santa Cruz's most famous fans, believes the 2014 World Cup is 'just for the elite'. Photograph: Jonathan Watts for the Guardian

In the heart of Recife, a stadium pulsates with the cheers, chants and boos of more than 50,000 fans in belligerent, festive mood. Most are in their team colours, filling the ground with black, white and red, but a handful wear fancy dress: there's an Elvis, Jesus, Superman, Centurion and Cobra (complete with giant plastic snake) adding to the carnival atmosphere already created by the *batéria* drummers and the pre-match barbecues and copious bottles of Skol.

The football is not bad either, with occasional touches of skill that would not be out of place at the highest level. Yet this is the home of Santa Cruz, a Serie C (third-division) Brazilian club from the north-east who claim the most devoted fans in the country, perhaps even the world. More often than not, this lowly team draw more fans than giants like Flamengo, Botafogo or Fluminense. For big derbies, attendances often outstrip those of Stamford Bridge or the Etihad.

But it is also in this heartland of Brazilian and world football that you can feel the greatest unease about the changes being wrought before next year's World Cup finals. Violence, corruption, gentrification and the poor form of the national team have eroded confidence in Brazilian football, which is undergoing a painfully accelerated transition as a result of next year's tournament. Attendances are down, violence is rampant, and the Brazilian Football Confederation (CBF) is fending off allegations of corruption, secrecy and mismanagement of the preparations for 2014.

Recife will host five World Cup games at a new £180m stadium being built in the suburbs. It should help to develop one of the poorest areas in Brazil. But many inner-city fans feel distant – geographically, financially and culturally.

"I can't afford a ticket. I'm poor. I live among the poor. I don't know anyone who is going to a World Cup game," said Santa Cruz's most famous fan, Bacalhau, who has worn nothing but his team's colours for 38 years and had all his teeth extracted and replaced with tri-coloured dentures.

"I'm not really interested in the national team," complains another fan, Jesus Tricolor, who has been coming to games for 12 years dressed as the Messiah. "At the top level it is too corrupt so I have given up on them. Now football is all about money. The World Cup contributes nothing to society. It's just for the elite."

Fans in all countries love to grumble, but disappointment and suspicion about the way football is run in Brazil threatens to diminish what ought to be the best tournament in history. Over the past half century, Brazil has defined world football. In terms of success, style and fun, it has set the benchmarks that other nations have followed. We expect it to be the best and most passionately supported.

"England likes to say it is the home of football because it wrote down the rules, but the passion is here in Brazil. This is as good as it gets," said Walter de Gregorie, FIFA communications director.

That may once have been true, but at the moment it is anything but. Clubs like Santa Cruz are becoming an exception. In the Serie A, the average attendance plunged to 13,196 in 2012, down by 13.6% on the previous year. Japan's J League and Major League Soccer now attract higher crowds. Banks of empty seats are now the norm to the shock of many newcomers. "One thing that surprised me here in Brazil was how few people go to the stadium," the former Holland midfielder Clarence Seedorf said after moving to Botafogo last year.

The main reason is violence, which is starting to define the stadium experience just as it did in England in the 1970s and '80s.

Before the 2002 World Cup, the British embassy in Tokyo organised public talks to ease Japanese fears about English football hooligans. In Brazil, such an operation would be redundant because violence in stadiums here is far deadlier than anything in the UK.

Largely as a result of clashes between armed *organizadas* (supporters groups), there have been more than 150 killings in football since 1988. At Santa Cruz a fan was shot three months ago and fell into a coma. By one estimate, the death count in Brazil is now the highest in the world.

As in the UK, the authorities are trying to push the game upmarket to draw in more revenue and squeeze out unruly elements. Ticket prices have risen sharply, stadiums are being modernised and TV-rights sales are surging as more people watch pay-per-view TV rather than go to the ground. Yet clubs are deeply indebted and the best players continue to move to Europe, as the national team's biggest star, Neymar, has just done with a transfer to Barcelona.

"Brazilian clubs have never had so much money," said Tostão, a World Cup winner in 1970, told the Guardian. "But they also have never spent as much – far more than they receive. The management of Brazilian football lacks proficiency and seriousness."

Like many, Tostão blames the CBF. Long associated with nepotism and corruption, growing evidence of incompetence has made this organisation one of the most reviled institutions in the country. For decades it was headed by Ricardo Teixeira (the son-in-law of former Fifa kingpin João Havelange) but he was forced to resign last year amid a bribery scandal. His successor, José Maria Marin, who is accused of collaborating with the dictatorship that ruled the country until 1985, is thought to be under Teixeira's influence. Marin declined requests for an interview and the CBF has not responded to the Guardian's request for a comment.

The government has made little secret of its frustration with the CBF. (President Dilma Rousseff, who was tortured during the dictatorship era, is said to be very reluctant to share a public stage with Marin).

"There is little the government can do to interfere with an independent, private organisation like the CBF, but it supports the "professionalisation" of Brazilian football clubs, which means higher standards of transparency, accountability and due process," said Luis Fernandes, vice minister for sport. The former Brazil striker Romario has started a petition calling for Marin to stand down.

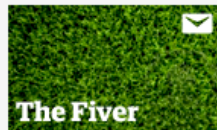
All might be forgiven if the national team were playing like world beaters, but the current squad is arguably the weakest in 60 years after the constant chopping and changing of players and manager. The five-time world champions have won only two of their six games since Luiz Felipe Scolari replaced Mano Menezes as coach in November and last week, Brazil slipped to a historic low of 22 in Fifa's rankings, below Ecuador, Bosnia-Herzegovina and Ghana. Impatient supporters have booed the team off the pitch.

The public are desperate for the hosts to win next year and shake off the ghost of the last World Cup here in 1950 (when Brazil lost to Uruguay in the final), but it is hard to find anyone who believes that is possible. "The group of players we have now look unlikely to win the World Cup, even with home support," said the legendary Zico. "We are a year from the World Cup and still don't know who the first XI is. The Brazil team is still very young. A whole new generation came in at once. So now you get all the responsibility on a player like Neymar, who is only 21 and has never even played in a World Cup qualifier before. We need some players who have been there and done that so the spotlight is on them rather than the young, up and coming players."

The team's struggles have not stopped the authorities in Recife from hoping 2014 can prove positive and mark a turn away from football's descent into violence, debt and scandal. Ricardo Leita, the head of the local organising committee said the city's first all-seater stadium can help improve behaviour. "After the World Cup, we think the fans might change," he said. "We hope they will be different – calmer and less aggressive. That's our goal – to make football more civilised." But he acknowledges something essential will also be lost: "The supporters will be different. There won't be the same passion as you can see at a game between Santa Cruz and Sport [another local side]."

The concern at Santa Cruz, who were the first club in Brazil to accept black players, is that the core support may be left behind and the inequality that this tournament is supposed to address might grow worse. "More than 100 years after the abolition of slavery, I see the World Cup as a means of integrating society. It is training people to raise standards. Brazil will show its best side to the world," said Sylvio Ferreira, a former player-turned-psychology professor who heads the Santa Cruz advisory council.

"But it is also true that the World Cup is not for the lower class, it is for the middle class. That is the global trend. It's very cruel."



[Sign up for The Fiver email](#)

The Guardian's free football email, delivered every weekday at around 5pm - hence the name.

[Sign up for The Fiver email](#)

ANEXO N – The Guardian 02 nov. 2013

theguardian

News | Sport | Comment | Culture | Business | Money | Life & style

Travel > Rio de Janeiro

Favela tourism in Rio de Janeiro

For decades, many of Rio's mountainside favelas were off limits, but some are now safe and welcome tourists, offering them a unique view of the city. Dom Phillips reports from four of them

High societies: Rio's favelas in pictures

Dom Phillips

The Guardian, Saturday 2 November 2013

 Jump to comments (38)



The Favela Painting art project in Santa Marta, Rio. Photograph: Peeter Viisimaa/Getty Images

Santa Marta

They are proud of the bronze Michael Jackson statue that stands on the edge of a little square in the Santa Marta favela in Rio de Janeiro. "It's the only one in Rio," said 32-year-old Thiago Firmino, DJ, local resident and our tour guide. Its arms stretch out to embrace a dizzying view of Rio, and of the shanty town that tumbles down the hillside below. On the wall behind it is a Michael Jackson mosaic.

It was here that director Spike Lee filmed scenes for the video to Jackson's 1996 hit *They Don't Care About Us*. Rio authorities originally opposed the video because they felt filming in a favela would show a negative side of the city, which at the time was bidding to host the 2004 Olympics. Nearly two decades later, with both the 2014 World Cup final and the 2016 Olympics set to be staged here, Rio is no longer quite so ashamed of its favelas. Officially, it has 763 of them, (according to the 2010 census), and they are home to almost 1.4 million people, or 22% of the city's population.

Lee's video plays on a loop in the little tourist shop that Thiago's parents run on the square, Praça Cantão. The alleyways in which Jackson danced seem little changed but lower down, a square at the foot of the favela has been brightened up with a 7,000-square-metre lick of paint. [The Favela Painting art project](#), created by Dutch duo Haas&Hahn, with the aim of boosting community pride, has seen 34 houses painted in a rainbow of bright colours.

In 2008, Santa Marta was the first favela in Rio to be "pacified" under a state programme to expel its drug gangs by installing a police base and initiating social change projects. Since then, another 34 favelas have been pacified. Santa Marta is held up as the model and has become a stop-off for visiting celebrities, Madonna, Beyoncé and Alicia Keys included.

They come to see the effects of pacification: creches, new houses, concrete steps instead of treacherous muddy tracks, and a free tram that glides up at a 45% angle to help its 6,500 or so residents get up and down what is essentially a 1,000m mountain covered in rough brick, breezeblock and even wooden houses, just below the Christ the Redeemer statue.

In what used to be one of Rio's most violent slums, residents are turning to tourism. That day, Thiago's clients were two Dutch tourists from Utrecht, and he had recruited student Pedro Monteiro, 18, to translate. The Dutch visitors wandered wide-eyed through the favela.



Michael Jackson filming the video for *They Don't Really Care About Us* at the Santa Marta favela in 1996. Photograph: Globo/ages

"I like it very much," said Mirko van Denderen, 33, a teacher. "The strange buildings ..."

Both peeked into Thiago's house, impressed by the contrast between its rugged raw-brick exterior, and its neat living room, fitted kitchen and flat-screen TV.

"The majority of houses are cool inside, all done up," said Thiago. "It demystifies it."

Tours like Thiago's offer a glimpse of another side of Brazilian life. But tourists should be aware that these are tours of places where very poor people live – which some might find difficult. It's very useful to have guide who lives in the area: they'll be accepted by local people, and are unlikely to gloss over issues the favela faces.

Pedro pointed out handmade signs protesting at the forced removals of dwellings that perch precariously at the very top of Santa Marta. "Property speculation," said Thiago.

This used to be one of Rio's most violent slums, and was controlled by the Commando Vermelho (Red Command) drug gang. Now, like Thiago, residents of pacified favelas such as this are turning to tourism. "I had to accept the work because so many people were coming," Thiago said.

Roberto de Conceição, 48, was carrying his shopping up the hill. He likes the tours, he said: "We meet new people. Thiago is from here," he said. Paulo Roberto, 45, was selling mobile phone cases, pens and Santa Marta T-shirts designed by his 11-year-old son, on a little stall. "We are more and more involved. I live from this now," he smiled.

The alleyways got narrower as we descended. Chickens clucked in a drain. Purple flowers sprouted near bags of gravel. Children in flip-flops pushed past talking football. An old woman was carried past on a chair. Humanity teemed in the narrow alleys. Everything was tiny: a barber shop, an electrical products stall, a bedroom with three small bunk beds.

"Every part of the community has a name," said Pedro, as he paused in front of a wall. "This was called Beirut." The building behind which traffickers used to hide is now used for boxing and judo.

At the foot of the favela, outside the Bar Cheiro Bom (Good Smell Bar) Pedro pointed out bullet holes in a wall.

"This was a conflict zone," said Thiago. "Now there is always a police car and a camera."

The Dutch visitors were taken back up the hill on the tram. "It feels a little strange to be wandering around taking pictures," concluded bank worker Willem van Duuren, 41. "It feels a bit voyeuristic, seeing how poor the people are, but it is part of the country."

• *Local resident Thiago Firmino offers two-hour tours of Santa Marta from around £15 in Portuguese or £20 in English (+55 21 9177 9459, favelasantamartatour.blogspot.com.br)*

Vidigal



The best view in town ... Vidigal overlooks Leblon beach. Photograph: Getty Images

Vidigal is Rio's most foreigner-friendly favela, with *pousadas* (guesthouses), bars, restaurants and even a sushi joint aimed at the tourist market. It is relatively small and picturesque, with spectacular views over the Atlantic, and an hour-long walking trail that winds from its upper limits to the top of the Dois Irmãos (Two Brothers) mountain.

When pacified in 2012, Vidigal was already popular with artists, young Brazilians and foreigners. Scottish school librarian Graeme Boyd, 34, lived there for two six-month periods, in 2009 and 2011. "As long as foreigners respect the locals, make a contribution and use the businesses inside the favela, they will be welcomed," he said. "People reacted to me as if I had lived there all my life."

Today Vidigal is compared to Rio's bohemian Santa Teresa district. This is a favela undergoing a gentrification process, with all the property speculation that entails. Critics say locals are the losers in this process. A legal battle over ownership of its most famous pousada, [Casa Alto Vidigal](#) – between Austrian proprietor Andreas Wielend and its previous German owner – even made the newspapers. But that hasn't diminished its popularity.

Casa Alto Vidigal looks like a squat transplanted from Dalston, east London, and offers rough-and-ready accommodation. But its all-night electronic music parties and Sunday sunset DJ sessions on a terrace with breathtaking views over Leblon and Ipanema beaches have made it a landmark. On weekend nights, young tourists queue for motorbike taxis to climb the hill to Alto Vidigal and other electronic music parties such as Morro Eletronico – an Ibiza-style lounge bar, whose outdoor dance floors and terraces cling to a tropical hillside.

• *Carioca Free Culture* (+21 99800 6278, cariocafreeculture.com) is run by Brazilian Rodrigo, who grew up in the neighbouring Rocinha favela, and his partner, American Mary Ellen. Their *Dois Irmãos Trail in English* lasts three to four hours and costs £15pp (minimum two people). It starts and ends in Vidigal and includes a hike up the mountain

Tavares Bastos



Jazz night at Maze pousada in Tavares Bastos

Vidigal is not the only favela with nightlife credentials. Monthly jazz nights at the [Maze Pousada](#) have put the Tavares Bastos favela in Catete, central Rio, on the city's nightlife circuit. Staff hold up signs to direct the hundreds of partygoers who flock down the favela alleys. The live music is excellent but the 40 reais (£11) cover charge makes it too expensive for most locals; instead foreigners and richer Brazilians cram in. The pousada is owned by British expat Bob Nadkarni, and his son also runs a monthly alternative rock night, called Labirinto.

Bob has been tinkering with and expanding the building for the 30 years he has lived there, and opened the pousada seven years ago. It now teeters over the favela like a Gaudí castle, full of stairways and corridors and hidden nooks and crannies, with panoramic views over Guanabara Bay from its ample terraces. It has five double rooms and a dorm.

The neighbouring police training base has long made this favela relatively safe – on a recent visit, officers holding automatic weapons were practising combat drills in the alleys around the pousada.

"People who come here don't want a common, tourist hotel that might be more comfortable, with air conditioning and TV," said Bob's wife, Mariluce da Silva. "It is very tranquil."

Complexo do Alemão



Mariluce, centre, with a group of tourists in Complexo do Alemão. Photograph: Dom Phillips

Mariluce was our guide to the Complexo do Alemão favela in north Rio. When soldiers and police invaded in 2010, a TV Globo helicopter showed dramatic live footage of bandits brandishing rifles and machine guns as they fled up a dirt track from advancing security forces. Now Alemão, a vast complex of 13 favelas, has a six-station cable car that has become a tourist attraction. The little gondolas glide silently over the concrete roofs, water tanks and satellite dishes of this vast favela, while sounds of dogs and chickens drift upwards. The *teleférico*, as it is called, opened in 2011 and a ride costs £1.40 for tourists (residents pay just 28p). And while some complain that the opening hours – 6am-9pm weekdays and 8am-8pm weekends – suit tourists rather than locals, the cable car is still better than cramming into the rickety minibuses that criss-cross the favelas for twice the price.

Complexo do Alemão, literally "the Complex of the German" was actually founded by a Pole – but blond, blue-eyed gringos are invariably referred to as "Germans" in Brazil. At the cable car's last stop, Palmeiras, resident Jackson Menezes, 74, was sitting in the sun. "God blessed all the residents who live here who use the cable car. It really helps the community," he said. Menezes supported pacification, but said that the drug trade for which Alemão was notorious continues surreptitiously: "It doesn't stop. It never stops. It stays hidden."

Beside him a boy was selling water. He said in English that he was 11 and his name was João. He was barefoot. João said he goes to school in the mornings and sells at the station in the afternoons. "It's good. It's profitable," he said.

Cleber Araújo, 36, was minding his souvenir store. "I am against cable-car tourism," he said. "It is a safari."

Instead he organises group walking tours of favelas. A group of 70 have just been from a South African university, and 107 Spanish visitors have booked for the World Cup.



The cable car in Complexo do Alemão has become a tourist attraction. Photograph: Dom Phillips

Out here in Rio's gritty, dirty, industrial Zona Norte, far from the beaches of Copacabana and Ipanema in Zona Sul, the community is clearly much poorer than in Vidigal. Many roads are just dirt. Three rangy horses were grazing on waste ground. Children passed with a horse and cart. Mariluce advised us not to take photographs as we looped through one alleyway in a part of the favela called Inferno Verde (Green Hell).

Tourist Alejandro Barreneche, 31, from Colombia, stopped to buy beer at a hole-in-the-wall bar. "It's like going into a reality TV show," he said, "like a zoo feeling. But again, it allows you to be closer to reality."

Barman Leoni Franco, 24, shrugged: "It's good that tourists come. After pacification it is 100% better."

Other residents seemed more surprised by the visitors than the visitors were by them. Police were patrolling the streets, hands on the triggers of their automatic weapons, like an occupying army. Residents averted their eyes: from them, from us.

Mariluce stopped to point out an electricity meter, installed by the Rio electricity company after pacification. Previously, residents hooked up illegally with homemade tangles of cables called *gatos* (cats). The electricity meter is called a *tigre* (tiger). "We used to steal from them," smiled Mariluce. "Now they steal from us."

For decades, the people of Rio's favelas lived in gang-controlled isolation. Fear of the drugs trade that dominated so many of these neighbourhoods kept middle-class Brazilians away. Now that is changing. And the rest of the world is arriving. This throws up interesting questions – for those living there, and for those visiting. A curtain has come down.

"We didn't have all these visitors," said the owner of a tiny shop. "But no one gets annoyed. I hope it continues."

On a little high street similar to many in Brazil. Mariluce shooed her tourists out of the way of a minibus. "As you can see, this is a neighbourhood like any other," she said.

• Cleber Araújo (+55 21 96736 9353, complexoalemao.rj@gmail.com) offers group tours for £15pp, with English translation and cultural options such as capoeira and samba, and even lunch at a new favela bistro